

ANEXO AO CADERNO DE TEXTOS

42º CONGRESSO do ANDES-Sindicato Nacional

Fortaleza (CE), 26 de fevereiro a 1º de março de 2024

Tema Central: “Reverter as contrarreformas, em defesa da educação, dos serviços públicos, das liberdades democráticas e direitos sociais”.

**SINDICATO
ANDES
NACIONAL**

**Sindicato Nacional dos Docentes
das Instituições de Ensino Superior**

SCS – Setor Comercial Sul, Q. 2, Bloco C, Ed. Cedro II, 5º andar

Brasília - DF

Fone: (61) 3962-8400

<http://www.andes.org.br>

E-mail: secretaria@andes.org.br

Gestão 2023/2025

Presidente: Gustavo Seferian Scheffer Machado

Secretária-Geral: Francieli Rebelatto

1ª Tesoureira: Jennifer Susan Webb

Diretor responsável por Imprensa e Divulgação: Fernando Lacerda Júnior

SUMÁRIO

TEMA II – PLANOS DE LUTAS DOS SETORES	
<p>Texto 48 – Apoiar as lutas nas IEES/IMES/IDES para ajudar na resistência e na conquista de direitos e reivindicações - Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Ailton Cotrim Prates (ADUFAL), Alberto Handfas (ADUNIFESP), Alexandre Curtiss (ADUFES), Amália Catharina Santos Cruz (AdUNEB), Ana Lúcia Pereira (ADUNIFESP), Andréa Emilia Marques Stinghen (APUFPR), Andrea Sampaio (ADUR), Antônio Joaquim Rodrigues (ADUFPB), Arlen Beltrão (APUR), Ascísio Pereira (SEDUFMS), Azamor Cirne de Azevedo Filho (ADUFPB), Benedito Gomes dos Santos Filho (ADUFRA), Benerval Santos (ADUFU), Belkis Souza Bandeira (SEDUFMS), Cássia Hack (Sindufap), Celi Nelza Zulke Taffarel (APUB/BA), Célia Rocha Calvo (ADUFU), Cláudio Eduardo Félix dos Santos (ADUSB), Clovis Piáu (AdUNEB), David Romão (APUR), Dimas Neves (ADUNEMAT), Domingos Sávio da Cunha Garcia (ADUNEMAT), Edilene Toledo (ADUNIFESP), Eduardo Jorge Souza da Silva (AdUFERPE), Elaine Lourenço (ADUNIFESP), Eleonora Ziller (ADUFRJ), Eliene Novaes Rocha (ADUnB), Elisa Guaraná de Castro (ADUR), Erika Suruagy (AdUFERPE), Everaldo de Oliveira Andrade (Adusp), Eunice Lea de Moraes (ADUFPA), Fábio Venturini (ADUNIFESP), Fernando José de Paula Cunha (ADUPB), Flávio Dantas Albuquerque Melo (ADUFAL), Frederico Costa (SINDUECE), Gabriel Gualhanone Nemirovsky (ADUFMS), Geversson Grzeszczeszyn (ADUNICENTRO), Giovane Mota (ADUFPA), Janne Freitas (Adupe), Isabelle Meunier (AdUFERPE), Jader Muniz (ADUFAC), Jailton Lira (ADUFAL), Jocimar Lomba Albanez (ADUEMS), John Kennedy Ferreira (APRUMA), José Arlen Beltrão (APUR), José Eudes Baima Bezerra (SINDUECE), José Eugenio de Jesus Cardoso Graúdo (ApesJF), José Tarcísio de Lima (ADUFLA), Juanito Vieira (ApesJF), Julio Cezar Zorzenon da Costa (ADUNIFESP), Lenúcia Moura (SINDUECE), Leonardo da Rocha Botega (SEDUFMS), Liane de Souza Weber (SEDUFMS), Lilian Fatima Barnisa Marinho (AdUNEB) Lisleandra Machado (ApesJF), Lucas Mendes Ferreira (APESJF), Lucila Pesce (ADUNIFESP), Luigi Biondi (ADUNIFESP), Luis Antonio Pasquetti (ADUnB), Luiz do Nascimento Carvalho (ADCAC/AD), Luiz Felipe Silva (ADUNIFEI), Márcia Morschbacher (SEDUFMS), Maria Caraméz Carlotto (ADUFABC), Maria do Rosário Barbato (APUBH), Maria Jaqueline de Grammont (ADUFSJ), Maria Onete Lopes Ferreira (Aduff), Marina de Gusmão Mendonça (ADUNIFESP), Mariuza Aparecida Camillo Guimarães (ADUFMS), Marize Carvalho (APUB/BA), Marlene Menezes (ADUFMAT), Martin-Léon-Jacques Ibáñez de Novion (ADUnB), Mayra Goulart da Silva (ADUFRJ), Melina Silva Alves (ADUPB), Michel Costa (ADUERN), Nicole Louise Macedo Teles de Pontes (AdUFERPE), Nides Raimunda Pitombo Leite (ADUNIFESP), Noêmia Moura (ADUFDOURADOS), Paulo José Riela Tranzilo (ADUFS), Pedro Silva (SINDUECE), Pere Petit (ADUFPA), Rogério Añez (ADUNEMAT), Sarah Muck Vieira (ApesJF), Serginei Liberato (ADUFERPE), Silma do Carmo Nunes (ADUFU), Sonia Tomasoni (AdUNEB), Silvina Liliana Carrizo (ApesJF), Sylvia Helena Souza da Silva Batista (ADUNIFESP), Tarcísio Augusto Alves da Silva (ADUFERPE), Teresinha Weiller (SEDUFMS), Tiago Fávero de Oliveira (ApesJF), Magno Pinheiro de Almeida (ADUFMS), Noêmia dos Santos Pereira Moura (AdufDourados).</p>	15
<p>Texto 49 – Plano de luta das IEES/IMES: combater a precarização e o arrocho salarial em unidade com o funcionalismo; lutar por um único sistema público, gratuito e sob o controle de quem estuda e trabalha; defesa do governo tripartite -Contribuição dos sindicalizados: Adilson Aquino Silveira Júnior (ADUFEPE), Alessandro Teixeira Nóbrega (ADUERN), Evaristo Colmán Duarte (SINDIPROL/ADUEL), Fernando César Paulino Pereira (ADCAC), Gisele Cardoso Costa (ADUA), Maria das Graças de Araújo (ADUNIR), Raphael Góes Furtado (ADUFES), Soraia de Carvalho (ADUFEPE), Valdir Anhucci (SINDUNESPAR) e Valdeci Luiz Fontoura dos Santos (ADUFMS - Três Lagoas).</p>	18
<p>Texto 50 – Lutar pelos IFS, CEFETS, CAPS (Colégios de Aplicação) e as reivindicações da carreira EBTT - Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s Ailton Cotrim Prates (ADUFAL), Alberto Handfas (ADUNIFESP), Alexandre Curtiss (ADUFES), Amália</p>	21

<p><i>Catharina Santos Cruz (AdUNEB), Ana Lúcia Pereira (ADUNIFESP), Andréa Emilia Marques Stingham (APUFPR), Andrea Sampaio (ADUR), Antônio Joaquim Rodrigues (ADUFPB), Arlen Beltrão (APUR), Ascísio Pereira (SEDUFMS), Azamor Cirne de Azevedo Filho (ADUFPB), Benedito Gomes dos Santos Filho (ADUFRA), Benerval Santos (ADUFU), Belkis Souza Bandeira (SEDUFMS), Cássia Hack (Sindufap), Celi Nelza Zulke Taffarel (APUB/BA), Célia Rocha Calvo (ADUFU), Cláudio Eduardo Félix dos Santos (ADUSB), Clovis Piáu (AdUNEB), David Romão (APUR), Dimas Neves (ADUNEMAT), Domingos Sávio da Cunha Garcia (ADUNEMAT), Edilene Toledo (ADUNIFESP), Eduardo Jorge Souza da Silva (AdUFERPE), Elaine Lourenço (ADUNIFESP), Eleonora Ziller (ADUFRJ), Eliene Novaes Rocha (ADUnB), Elisa Guaraná de Castro (ADUR), Erika Suruagy (AdUFERPE), Everaldo de Oliveira Andrade (Adusp), Eunice Lea de Moraes (ADUFPA), Fábio Venturini (ADUNIFESP), Fernando José de Paula Cunha (ADUPB), Flávio Dantas Albuquerque Melo (ADUFAL), Frederico Costa (SINDUECE), Gabriel Gualhanone Nemirovsky (ADUFMS), Geverson Grzeszczeszyn (ADUNICENTRO), Giovane Mota (ADUFPA), Iraildes Correia (ADUFAL), Isabelle Meunier (AdUFERPE), Janne Freitas (Adupe), Jader Muniz (ADUFAC), Jailton Lira (ADUFAL), Jocimar Lomba Albanez (ADUEMS), John Kennedy Ferreira (APRUMA), José Arlen Beltrão (APUR), José Eudes Baima Bezerra (SINDUECE), José Eugenio de Jesus Cardoso Graúdo (ApesJF), José Tarcísio de Lima (ADUFLA), Juanito Vieira (ApesJF), Julio Cezar Zorzenon da Costa (ADUNIFESP), Lenúcia Moura (SINDUECE), Leonardo da Rocha Botega (SEDUFMS), Liane de Souza Weber (SEDUFMS), Lilian Fatima Barnisa Marinho (AdUNEB) Lisleandra Machado (ApesJF), Lenucia Moura (SINDUECE), Letícia Squeff (ADUNIFESP), Lucas Mendes Ferreira (APESJF), Lucila Pesce (ADUNIFESP), Luigi Biondi (ADUNIFESP), Luis Antonio Pasquetti (ADUnB), Luiz do Nascimento Carvalho (ADCAC/AD), Luiz Felipe Silva (ADUNIFEI), Magno Almeida Pinheiro (ADUFMS), Márcia Morschbacher (SEDUFMS), Maria Caraméz Carlotto (ADUFABC), Maria do Rosário Barbato (APUBH), Maria Jaqueline de Grammont (ADUFSJ), Maria Onete Lopes Ferreira (Aduff), Marina de Gusmão Mendonça (ADUNIFESP), Mariuza Aparecida Camillo Guimarães (ADUFMS), Marize Carvalho (APUB/BA), Marlene Menezes (ADUFMAT), Martin-Léon-Jacques Ibáñez de Novion (ADUnB), Mayra Goulart da Silva (ADUFRJ), Melina Silva Alves (ADUPB), Michel Costa (ADUERN), Nicole Louise Macedo Teles de Pontes (AdUFERPE), Nides Raimunda Pitombo Leite (ADUNIFESP), Noêmia Moura (ADUFDOURADOS), Paulo José Riela Tranzilo (ADUFS), Pedro Silva (SINDUECE), Pere Petit (ADUFPA), Rogério Añez (ADUNEMAT), Sandra Lira (ADUFAL), Sarah Muck Vieira (ApesJF), Serginei Liberato (ADUFERPE), Silma do Carmo Nunes (ADUFU), Sonia Tomasoni (AdUNEB), Silvina Liliana Carrizo (ApesJF), Sylvia Helena Souza da Silva Batista (ADUNIFESP), Tarcísio Augusto Alves da Silva (ADUFERPE), Teresinha Weiller (SEDUFMS), Tiago Fávero de Oliveira (ApesJF).</i></p>	
<p>Texto 51 – Pelo reposicionamento dos(as, es) docentes já integrantes da carreira do magistério federal aprovados(as, es) em outros concursos públicos - Contribuição da Assembleia Geral da ADUR-RJ</p>	25
<p>Texto 52 – Pelo pagamento imediato de todos os coordenadores de curso! Contribuição da Assembleia da APUR</p>	26
<p>Texto 53 – Desafios para a construção da carreira única de professor(a) federal de acordo com o projeto do ANDES-SN - Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: André Rosa Martins (SINDOIF); Carlos Alberto Saraiva Gonçalves (ANDES/UFRGS); Cláudio Enrique Fernández Rodríguez (SINDOIF); Cristina Pereira Carvalho (ANDES/UFRGS); Elaine da Silva Neves (ADUFPEL); Flávia Maria Teixeira dos Santos (ANDES/UFRGS); Guilherme Dornelas Camara (ANDES/UFRGS); Gustavo Borba de Miranda (APROFURG); Jefferson Marçal da Rocha (ANDES/UFRGS); Loiva Mara de Oliveira Machado (ANDES/UFRGS); Maria Augusta Martiarena de Oliveira (SINDOIF); Stefan Chamorro Bonow (SINDOIF).</p>	27
<p>Texto 54 – Plano de lutas do setor das IFES: pela revogação da portaria 983/2020 - Contribuição da Assembleia Geral da Adcefet-rj Seção Sindical e das/os sindicalizadas/os Adelson Fernandes Moreira (SINDCEFET-MG), Ana Lúcia Barbosa Faria (SINDCEFET-MG), Katalin Carrara Geocze (SINDCEFET-MG), Adilson Mendes Ricardo (SINDCEFET-MG), Marcos Prado Amaral (SINDCEFET-MG), Sidney Maia Araújo (SINDCEFET-MG), Milney</p>	36

<p><i>Chasin (SINDCEFET-MG), Claudio Enrique Fernández Rodríguez (SINDOIF), Igor Mota Morici (SINDCEFET-MG), Maria das Graças de Almeida (SINDCEFET-MG), Luiz Alberto Ornellas Rezende (SINDCEFET-MG), Bráulio Silva Chaves (SINDCEFET-MG), Gabriel Fagundes Camargo (SINDCEFET-MG), André Rosa Martins (SINDOIF) e Karine Fernandes de Carvalho (APES-IFSudesteMG).</i></p>	
<p>Texto 55 – Organizar a greve unificada do funcionalismo federal contra a política de arrocho salarial e restrição do direito de greve do governo burguês de Lula/Alckmin! - <i>Contribuições dos sindicalizados: Adilson Aquino Silveira Júnior (ADUFEPE), Alessandro Teixeira Nóbrega (ADUERN), Evaristo Colmán Duarte (SINDIPROL/ADUEL), Fernando César Paulino Pereira (ADCAC), Gisele Cardoso Costa (ADUA), Maria das Graças de Araújo (ADUNIR), Raphael Góes Furtado (ADUFES), Soraia de Carvalho (ADUFEPE), Valdir Anhucci (SINDUNESPAR) e Valdeci Luiz Fontoura dos Santos (ADUFMS - Três Lagoas).</i></p>	37
<p>Texto 56 – Plano de Lutas do Setor das IFES: pela dispensa do controle de frequência de servidores ocupantes da carreira do magistério do ensino básico, técnico e tecnológico - <i>Contribuição da Assembleia Geral da Adcefet-rj Seção Sindical.</i></p>	41
<p>TEMA III – PLANO GERAL DE LUTAS</p>	
<p>Texto 57 – Política Agrária, Urbana e Ambiental - <i>Diretoria do ANDES-SN</i></p>	47
<p>Texto 58 – Qual o papel da universidade no combate à crise climática? - <i>Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Adriana Lourenço da Silva (Adufpel); Agripino Alves Luz Júnior (Sindufap); Alessandra Nicodemos Oliveira Silva (ADUFRJ); Alexandre Adalberto Pereira (Sindufap); Alexandre José Medeiros do Nascimento (Adufpi); Alexandre Macedo (Adufpb); Alyne Maria Barbosa de Sousa (SINDIFPI); Ana Lúcia Costa de Oliveira (Adufpel); Ananda Machado (Sesduf-RR); André Rodrigues Guimarães (Sindufap); Ângela Siqueira (Aduff); Antônia Costa Andrade (Sindufap); Antônio Francisco Lopes Dias (Adcesp); Antônio Lisboa L. de Souza (Adufcg); Arthane Menezes Figueiredo (Sindufap); Beatriz Franchini (Adufpel); Carlos Rerisson Rocha da Costa (Adcesp); Carlos Rinaldo Nogueira Martins (Sindufap); Carlos Rogério Mauch (Adufpel); Carlos Silva (Adunir); Carlos Vicente Joaquim – (SESDUF-RR); Carlos Vicente Joaquim (Sesduf-Rr); Cássio Alves (Apufpr); Celeste Pereira (Adufpel); Célio Ribeiro Coutinho (Sinduece); Cenira Andrade de Oliveira (Adufes); Ceres Torres (Adufpel); Danielle Dias da Costa (Sindueap); David Junior De Souza Silva (Sindufap); Deise Arenhart (ADUFRJ); Edivaldo José Bortoleto (Adufes); Elaine da Silva Neves (Adufpel); Elda Maria Freire Maciel (Sinduece); Eliane Fazolo (Adur-Rj); Eptácio Macário Moura (Sinduece); Erlenias Sobral do Vale (Sinduece); Fabiana Fátima Cherobin (Adufes); Fábio Duarte (SESDUFT); Fábio Wosniak (Sindufap); Fabiola Kato (Adufpa); Fernanda Hernandes Figueira (Adufpel); Franci Gomes Cardoso (APRUMA); Francisco Carlos Jacinto Barbosa (Sinduece); Francisco Santiago (Sindufap); Gean Cláudio de Souza Santana (Adufs-Ba); Gelta Xavier (ADUFF); Gihad Mohamad (Sedufsm); Gisele Masson (Sindiprol/Aduel); Helvio Mariano (Adunicentro); Henrique Andrade F. Mendonça (Adufpel); Hugo Blois (SEDUFMS); Ilma de Andrade Barleta (Sindufap); Isabel Florentino (Adufpa); Ivana de Oliveira Gomes e Silva (Adufpa); Janete Brito (Adcesp); Jefferson Marçal da Rocha (Seção Sindical do ANDES-UFRGS); João Batista Farias Junior (Sindifpi); João Carlos Gilli Martins (SEDUFMS); João Negrão (APUFPR); José Carlos Marques Volcato (Adufpel); José dos Santos Souza (Adur-Rj); José Raphael Bokehi (Aduff); Juliana Iglesias Melim (ADUFES); Júlio Quevedo (SEDUFMS); Lalo Watanabe Minto (Adunicamp); Leandro Machado dos Santos (Adur-Rj); Leila Maria Costa Sousa (UFPA); Levy Paes Barreto (ADUFERPE); Liliane Soares (Sindufap); Lorena Moraes (Adcesp); Luciana Menezes Carvalho (SEDUFMS); Luciana Peil (Adufrj); Luciano Coutinho (Adufrj); Luis Carlos Riggo (Adufpel); Luiz Fernando Reis (Adunioeste); Luiz Henrique Schuch (Adufpel); Luiz Paiva Carapeto (Adufpel); Marcelo Barreto Cavalcanti (ADUFEPE); Marcelo Moreira (ADEUG); Marco Antonio Perruso (Adur-Rj); Maria Amélia Dalvi (Adufes); Maria Angélica da Gama Coutinho (Adur-Rj); Maria Conceição Rosa Cabral (Adufpa); Maria da Conceição dos Santos Costa (Adufpa); Maria do Carmo Lobato da Silva (Sindufap); Maria Edilene S. Ribeiro (Adufpa); Maria Gabriela Guillén Carías</i></p>	54

<p>(Adufdourados); Maria Jacqueline Girão (Adufrj); Maria Suely Soares (Apufpr); Marielson Rodrigues Guimarães (Adufpa); Marise Fonseca dos Santos (Apufpr); Maristela da Silva Souza (SEDUFMS); Milena Martinez (Apufpr); Monica de Souza Hourí (ADUFRJ); Monica Ribeiro Pirozi (ASPUV); Norlai Alves Azevedo (Adufpel); Odete da Cruz Mendes (Adufpa); Olgaíses Maués (Adufpa); Oneize Amoras de Araújo (ADUFS); Paulo Afonso da Silva Oliveira (Sesduf-Rr); Paulo Cesar Centoducatte (ADunicamp); Paulo Marcelo Cambraia da Costa (Sindufap); Priscila Monteiro Chaves (Adufes); Ranoel José de Sousa Gonçalves (Adufcg); Raquel Angela Speck (Apufpr); Regiana Blank Wille (Adufpel); Rhoberta Santana de Araújo (Adufpb); Ricardo Heli Rondinel Cornejo (SEDUFMS); Roberto Santos Ramos (APRUMA); Robison Raimundo Silva Pereira (Adcesp); Rosana Maria Gemaque Rolim (Adufpa); Rosana Mendes Éleres de Figueiredo (APRUMA); Rosângela Assunção (Adcesp); Rosenverck Estrela Santos (APRUMA); Sandra Alessi (Apufpr); Sandra Lucia Escovedo Selles (ADUFF); Sandra Moreira (ADUFPA); Savana Diniz Gomes Melo (Apubh); Sidney da Silva Lobato (Sindufap); Suly Rose Pereira Pinheiro (APRUMA); Tadeu Lopes Machado (Sindufap); Valdelaine Mendes (Adufpel); Vera Lúcia Jacob Chaves (Adufpa); Veronica Fernandez (Aduff); Vilson Aparecido da Mata (Apufpr); Vitor Benvindo (Apub); Viviane Narvaes (Adunirio); Waldir Ferreira de Abreu (Adufpa); Wanderley Padilha (Sindunifesspa); Welbson do Vale Madeira (APRUMA); Yurgel Pantoja Caldas (Sindufap).</p>	
<p>Texto 59 – Aspectos da ideologia da defesa abstrata do “índio” - Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s Adriana Posso (ADUFMS), Ary Gertes Carneiro Júnior (Adunemat), Alaide Pereira Japecanga Aredes (ADUEMS), Bartolina Ramalho Catanante (ADUEMS), Fábio Venturini (ADUNIFESP), Fábio Souza (ADUFMS), Gabriel Gualhanone Nemirovsky (ADUFMS), Jocimar Lomba (ADUEMS), Kaelly Virgínia Saraiva (ADUFMS), Lilian Fatima Barnisa Marinho (Aduneb), Magno Almeida Pinheiro (ADUFMS), Marcelo Salles Batarce (ADUEMS), Maria Onete Lopes (ADUFF), Mariuza Aparecida Camillo Guimarães (ADUFMS), Marlene Menezes (ADUFMAT), Noêmia dos Santos Pereira Moura (Adufdourados), Sheila Denise Guimarães Barbosa (ADUFMS).</p>	59
<p>Texto 60 – Política de Comunicação e Arte - Diretoria do ANDES-SN</p>	62
<p>Texto 61 – Questão da Palestina – um conflito entre colonizador e colonizado - Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Gihad Mohamad (SEDUFMS), Giuliana Redin (SEDUFMS), Luciana Menezes Carvalho (SEDUFMS), Maristela da Silva Souza (SEDUFMS), Carlos Alberto da Fonseca Pires (SEDUFMS), Julio Ricardo Quevedo dos Santos (SEDUFMS), Angela Isabel dos Santos Dullius (SEDUFMS), Fabiane Adela Tonetto Costas (SEDUFMS), Adriano Severo Figueiró (SEDUFMS), Liane de Souza Weber (SEDUFMS), Ricardo Rondinel (SEDUFMS), Leonardo da Rocha Botega (SEDUFMS), Márcia Morschbacher (SEDUFMS), Terezinha Weller (SEDUFMS), Simone Freitas da Silva Gallina (SEDUFMS), Marcos Piccin (SEDUFMS), Marcio Rossato Badke (SEDUFMS), Sérgio Alfredo Massen Prieb (SEDUFMS), Marian Noal Moro (SEDUFMS), Francisco Estigarribia de Freitas (SEDUFMS), Hugo Blois Filho (SEDUFMS), Ascísio dos Reis Pereira (SEDUFMS), Carlos Fernando de Mello (SEDUFMS), João Carlos Gilli Martins (SEDUFMS), Graziela Lucci de Angelo (SEDUFMS), Helvio Mariano (ADUNICENTRO), Paulo Henrique Costa Mattos (APUG-UNIRG), Sandra Marinho Siqueira (APUB), Marcelo Barreto Cavalcanti (ADUFEPE), Sandra Bernadete da Silva Moreira (ADUFPA), Celeste Pereira (ADUFPEL), Ceres Torres (ADUFPEL), Luiz Henrique Schuch (ADUFPEL), Luiz Paiva Carapeto (ADUFPEL), Norlai Alves Azevedo (ADUFPEL), Regiana Blank Wille (ADUFPEL), Elaine da Silva Neves (ADUFPEL), Fernanda Hernandes Figueira (ADUFPEL), Savana Diniz Gomes Melo (APUBH), André Rodrigues Guimarães (SINDUFAP), Isabel Florentino (ADUFPA), Gelta Xavier (ADUFF), Levy Paes Barreto (ADUFERPE), Catarina Malcher Teixeira (APRUMA), Franci Gomes Cardoso (APRUMA), Welbson do Vale Madeira (APRUMA), Cláudia Alves Durans (APRUMA), Rosana mendes Éleres de Figueiredo (APRUMA), Juliana Melim (ADUFES), Waldir Bertúlio (ADUFMAT), Tamara Cardoso André (ADUNIOESTE), Priscila Monteiro Chaves (ADUFES), Osmar Gomes de Alencar Júnior (UFDPar/ADUFPI), Alyne Maria Barbosa de Sousa (SINDIFPI), Olgaíses Maués (ADUFPA), Raimundo Sérgio de Farias Júnior (SINDUEPA), Maria Goretti Cabral Barbalho (ADURN), Marco Antonio Perruso (ADUR-UFRJ), Paulo Cesar Centoducatte (ADUNICAMP),</p>	81

<p><i>Carlos Silva (ADUNIR), Otávio Aranha (ADUFPA), Sinoélia Silva Pessôa (ADUNEB), Antônio Lisboa Leitão de Souza (ADUFCEG), Wanderley Padilha (SINDUNIFESSPA), Geraldo do Nascimento Carvalho (ADUFPI), Antônio Sérgio Darwich (SINDUEPA), Fabiano Bringel (SINDUEPA), Daniel Vasconcelos Solon (ADCESP), João Batista Farias Junior (SINDIFPI), Egmar Oliveira Souza Junior (SINDIFPI), Maria da Conceição Rosa Cabral (ADUFPA), Irenilda Angela dos Santos (ADUFMAT), José Vitório Zago (ADUNICAMP), Ana Lúcia Barbosa Faria (SINDCEFET), Mônica Vermes (ADUFES), Luiz Fernando da Silva (ADUNESP), Aderaldo Alexandrino de Freitas (ADUFERPE), Suly Rose Pereira Pinheiro (APRUMA), Maria Suely Soares (APUFPR), Simone Contente (UNIFESSPA), Vitor Wagner Neto de Oliveira (ADUFMS), Magnus José Barros Gonzaga (ADUFERSA), Tarcísio Luiz Pereira (ADUFMS), Maria Daniela Corrêa de Macedo (ADUFRJ), Wilson Camilo Chaves (ADUFSJ), Fábio Ruela de Oliveira (ADUNICENTRO), Ivana de Oliveira Gomes e Silva (ADUFPA).</i></p>	
<p>Texto 62 – Contribuições para o debate sobre a baixa taxa de novas sindicalizações, a desfiliação e impactos nas seções sindicais do ANDES-SN: o que fazer? - <i>Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s Antoniana Defilippo (Aduff SSind), Arley Costa (Aduff SSind), Carlos Augusto Aguilar Júnior (Aduff SSind), Eblin Farage (Aduff SSind), Elizabeth Barbosa (Aduff SSind), Isabella Vitória Castilho Pimentel Pedroso (Aduff SSind), Jacqueline Aline Botelho Lima (Aduff SSind), João Claudino Tavares (Aduff SSind), Kate Lane Costa de Paiva (Aduff SSind), Maria Cecília Sousa de Castro (Aduff SSind), Marina Cavalcanti Tedesco (Aduff SSind), Sonia Lúcio Rodrigues de Lima (Aduff SSind), Susana Maia (Aduff SSind), Victor Leonardo Figueiredo Carvalho de Araujo (Aduff SSind), Wanderson Fabio de Melo (Aduff SSind).</i></p>	87
<p>Texto 63 – Contribuição ao debate sobre o classismo no movimento sindical - <i>Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s, Cláudio Souza Mendonça – APRUMA, Micael Carvalho – APRUMA, Daniel Rodrigues - ADUFPE, Fernando Antônio Castelo Branco Sales Júnior – SINDURCA, Francisco Augusto Silva Nobre -SINDURCA, José Gonçalves de Araújo Filho – SINDURCA, Zuleide Fernandes de Queiroz –SINDURCA, Zózina Maria Rocha de Almeida - ADUNEB, Juliana Fiuza Cislighi – ASDUERJ, Elaine Rossetti Behring – ASDUERJ , Aline Caldeira – ADUFRJ, Fernanda Kilduff – ADUFRJ, Marco Pestana – ADUFF, Gustavo França Gomes - ADUFF , Sonia Lucio R de Lima- ADUFF, LANA BLEICHER-APUB, Aruã Silva de Lima – ADUFAL, Heleni Duarte Dantas de Ávila – APUR, Jorgetânia da Silva Ferreira – ADUFU, José Luciano de Queiroz Aires- ADUFCEG, Nelson Aleixo da Silva Junior – ADUEPB</i></p>	95
<p>Texto 64 – Que o 42º Congresso do ANDES-SN aprove um real plano geral de lutas e recupere os métodos de ação direta - Contribuições dos sindicalizados: Adilson Aquino Silveira Júnior (ADUFEPE), Alessandro Teixeira Nóbrega (ADUERN), Evaristo Colmán Duarte (SINDIPROL/ADUEL), Fernando César Paulino Pereira (ADCAC), Gisele Cardoso Costa (ADUA), Maria das Graças de Araújo (ADUNIR), Raphael Góes Furtado (ADUFES), Soraia de Carvalho (ADUFEPE), Valdir Anhucci (SINDUNESPAR) e Valdeci Luiz Fontoura dos Santos (ADUFMS - Três Lagoas).</p>	98
<p>Texto 65 – Por uma política de enfrentamento às violações dos direitos humanos - <i>Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Alexandre José Medeiros do Nascimento (GTPCEGDS ADUFPI), Ana Ester Maria Melo Moreira (GTPCEGDS – ADUFPI), Barbara Cristina Mota Johas (GTPCEGDS – ADUFPI), Flávio Furtado Farias (ADUFPI), Grasiela Maria de Sousa Coelho (GTPCEGDS ADUFPI), Luciana Barbosa Amancio (GTPCEGDS – ADUFPI), Marli Clementino Gonçalves (GTPCEGDS – ADUFPI), Márcio Silva Costa (GTPCEGDS ADUFPI)</i></p>	106
<p>Texto 66 – Por uma universidade verdadeiramente brasileira, ou seja, negra! - <i>Contribuição da Diretoria e Base da ASDUERJ</i></p>	108
<p>Texto 67 – Para avançarmos na luta anticapacitista! - <i>Contribuição da Diretoria e Base da ASDUERJ</i></p>	110
<p>Texto 68 – Política educacional no terceiro governo Lula: para além do aparelho de Estado - <i>Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Adriana Lourenço da Silva (Aduffpel); Agripino Alves Luz Júnior (Sindufap); Alessandra Nicodemos Oliveira Silva (ADUFRJ); Alexandre</i></p>	113

<p>Adalberto Pereira (Sindufap); Alexandre José Medeiros do Nascimento (Adufpi); Alexandre Macedo (Adufjb); Alyne Maria Barbosa de Sousa (SINDIFPI); Ana Lúcia Costa de Oliveira (Adufpel); Ananda Machado (Sesduf-RR); André Rodrigues Guimarães (Sindufap); Ângela Siqueira (Aduff); Antônia Costa Andrade (Sindufap); Antônio Francisco Lopes Dias (Adcesp); Antônio Lisboa L. de Souza (Adufcg); Arthane Menezes Figueiredo (Sindufap); Beatriz Franchini (Adufpel); Carlos Rerisson Rocha da Costa (Adcesp); Carlos Rinaldo Nogueira Martins (Sindufap); Carlos Rogério Mauch (Adufpel); Carlos Silva (Adunir); Carlos Vicente Joaquim – (SESDUF-RR); Carlos Vicente Joaquim (Sesduf-Rr); Cássio Alves (Apufpr); Celeste Pereira (Adufpel); Célio Ribeiro Coutinho (Sinduece); Cenira Andrade de Oliveira (Adufes); Ceres Torres (Adufpel); Danielle Dias da Costa (Sindueap); David Junior De Souza Silva (Sindufap); Deise Arenhart (ADUFRJ); Edivaldo José Bortoleto (Adufes); Elaine da Silva Neves (Adufpel); Elda Maria Freire Maciel (Sinduece); Eliane Fazolo (Adur-Rj); Epitácio Macário Moura (Sinduece); Erlenias Sobral do Vale (Sinduece); Fabiana Fátima Cherobin (Adufes); Fábio Duarte (SESDUFT); Fábio Wosniak (Sindufap); Fabiola Kato (Adufpa); Fernanda Hernandez Figueira (Adufpel); Franci Gomes Cardoso (APRUMA); Francisco Carlos Jacinto Barbosa (Sinduece); Francisco Santiago (Sindufap); Gean Cláudio de Souza Santana (Adufs-Ba); Gelta Xavier (ADUFF); Gihad Mohamad (Sedufsm); Gisele Masson (Sindiprol/Aduel); Helvio Mariano (Adunicentro); Henrique Andrade F. Mendonça (Adufpel); Hugo Blois (SEDUFISM); Ilma de Andrade Barleta (Sindufap); Isabel Florentino (Adufpa); Ivana de Oliveira Gomes e Silva (Adufpa); Janete Brito (Adcesp); Jefferson Marçal da Rocha (Seção Sindical do ANDES-UFRGS); João Batista Farias Junior (Sindifpi); João Carlos Gilli Martins (SEDUFISM); João Negrão (APUFPR); José Carlos Marques Volcato (Adufpel); José dos Santos Souza (Adur-Rj); José Raphael Bokehi (Aduff); Juliana Iglesias Melim (ADUFES); Júlio Quevedo (SEDUFISM); Lalo Watanabe Minto (Adunicamp); Leandro Machado dos Santos (Adur-Rj); Leila Maria Costa Sousa (UFPA); Levy Paes Barreto (ADUFERPE); Liliane Soares (Sindufap); Livia de Cássia Godoi Moraes (Adufes); Lorena Moraes (Adcesp); Luciana Menezes Carvalho (SEDUFISM); Luciana Peil (Adufrj); Luciano Coutinho (Adufrj); Luis Carlos Riggo (Adufpel); Luiz Fernando Reis (Adunioeste); Luiz Henrique Schuch (Adufpel); Luiz Paiva Carapeto (Adufpel); Marcelo Barreto Cavalcanti (ADUFEPE); Marcelo Moreira (ADEUG); Marco Antonio Perruso (Adur-Rj); Maria Amélia Dalvi (Adufes); Maria Angélica da Gama Coutinho (Adur-Rj); Maria Conceição Rosa Cabral (Adufpa); Maria da Conceição dos Santos Costa (Adufpa); Maria do Carmo Lobato da Silva (Sindufap); Maria Edilene S. Ribeiro (Adufpa); Maria Gabriela Guillén Carías (Adufdourados); Maria Jacqueline Girão (Adufrj); Maria Suely Soares (Apufpr); Marielson Rodrigues Guimarães (Adufpa); Marise Fonseca dos Santos (Apufpr); Maristela da Silva Souza (SEDUFISM); Milena Martinez (Apufpr); Monica de Souza Hourri (ADUFRJ); Monica Ribeiro Pirozi (ASPUV); Norlai Alves Azevedo (Adufpel); Odete da Cruz Mendes (Adufpa); Olgaíses Maués (Adufpa); Oneize Amoras de Araújo (ADUFS); Paulo Afonso da Silva Oliveira (Sesduf-Rr); Paulo Cesar Centoducatte (ADunicamp); Paulo Marcelo Cambraia da Costa (Sindufap); Priscila Monteiro Chaves (Adufes); Rafael Bellan Rodrigues de Souza (Adufes); Ranoel José de Sousa Gonçalves (Adufcg); Raquel Angela Speck (Apufpr); Regiana Blank Wille (Adufpel); Robertha Santana de Araújo (Adufjb); Ricardo Heli Rondinel Cornejo (SEDUFISM); Roberto Santos Ramos (APRUMA); Robison Raimundo Silva Pereira (Adcesp); Rosana Maria Gemaque Rolim (Adufpa); Rosana Mendes Éleres de Figueiredo (APRUMA); Rosângela Assunção (Adcesp); Rosenverck Estrela Santos (APRUMA); Sandra Alessi (Apufpr); Sandra Lucia Escovedo Selles (ADUFF); Sandra Moreira (ADUFPA); Savana Diniz Gomes Melo (Apubh); Sidney da Silva Lobato (Sindufap); Silvanete Pereira dos Santos (Adufes); Suly Rose Pereira Pinheiro (APRUMA); Tadeu Lopes Machado (Sindufap); Valdelaine Mendes (Adufpel); Vera Lúcia Jacob Chaves (Adufpa); Veronica Fernandez (Aduff); Vilson Aparecido da Mata (Apufpr); Vitor Benvindo (Apub); Viviane Narvaes (Adunirio); Waldir Ferreira de Abreu (Adufpa); Wanderley Padilha (Sindunifesspa); Welbson do Vale Madeira (APRUMA); Yurgel Pantoja Caldas (Sindufap).</p>	
<p>Texto 69 – Por um ensino público, gratuito e universal em todos os níveis – por que abandonamos a bandeira da universalização de políticas públicas? - Contribuição dos(as) sindicalizados(as) Adriano Severo Figueiró (SEDUFISM); Albany Mendonça (APUR.); Aloízio Soares (ASPUV); Ana Lucia B. Faria (SINDCEFET/MG); Angela M. Soares Ferreira (ASPUV); Angelica Lovatto (ADUNESP); Angelo Antonio Abrantes (ADUNESP); Antônio Cláudio M. Costa (ADUFU); Antônio Luis de Andrade – Tato (ADUNESP); Antônio José Mahye (ADUR-RJ); Célia Otranto (ADUR-RJ); Dayse dos Santos (ADUNESP);</p>	118

<p><i>Fábia Heluy Caram (SINDCEFET/MG); Fabiane Costas (SEDUFMS); Fábio Ocada (ADUNESP); Francisco Vitória (ADUFPEL); Gabriel Muñoz (ADUFU); Igor Morici (SINDCEFET/MG); Janete Luzia Leite (ADUFRJ); José Domingues G. Filho (ADUFMAT); Juliana de Segadas Vianna (ADUR-RJ); Luís Mauro Magalhães (ADUR-RJ); Milton Vieira do Prado Júnior (ADUNESP); Monica Pirozi (ASPUV); Oneize Amoras de Araújo (ADUFS); Rosimê Meguins (ADUFPA); Samuel França Alves (SINDCEFET/MG); Sueli Guadalupe (ADUNESP); Zenilde Moreira (ADUFERPE).</i></p>	
<p>Texto 70 – A Conferência Nacional de Educação 2024-2034 - Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s Ailton Cotrim Prates (ADUFAL), Alberto Handfas (ADUNIFESP), Alexandre Curtiss (ADUFES), Amália Catharina Santos Cruz (ADUNEB), Ana Lúcia Pereira (ADUNIFESP), Andréa Emilia Marques Stinghen (APUFPR), Andrea Sampaio (ADUR), Antônio Joaquim Rodrigues (ADUFPB), Arlen Beltrão (APUR), Ascísio Pereira (SEDUFMS), Azamor Cirne de Azevedo Filho (ADUFPB), Benedito Gomes dos Santos Filho (ADUFRA), Benerval Santos (ADUFU), Belkis Souza Bandeira (SEDUFMS), Cássia Hack (Sindufap), Celi Nelza Zulke Taffarel (APUB/BA), Célia Rocha Calvo (ADUFU), Cláudio Eduardo Félix dos Santos (ADUSB), Clovis Piáu (ADUNEB), David Romão (APUR), Dimas Neves (ADUNEMAT), Domingos Sávio da Cunha Garcia (ADUNEMAT), Edilene Toledo (ADUNIFESP), Eduardo Jorge Souza da Silva (ADUFERPE), Elaine Lourenço (ADUNIFESP), Eleonora Ziller (ADUFRJ), Eliene Novaes Rocha (ADUnB), Elisa Guaraná de Castro (ADUR), Erika Suruagy (ADUFERPE), Everaldo de Oliveira Andrade (Adusp), Eunice Lea de Moraes (ADUFPA), Fábio Venturini (ADUNIFESP), Fernando José de Paula Cunha (ADUPB), Flávio Dantas Albuquerque Melo (ADUFAL), Frederico Costa (SINDUECE), Gabriel Gualhanone Nemirovsky (ADUFMS), Geverson Grzeszczeszyn (ADUNICENTRO), Giovane Mota (ADUFPA), Iraíldes Correia (ADUFAL), Isabelle Meunier (ADUFERPE), Janne Freitas (Adupe), Jader Muniz (ADUFAC), Jailton Lira (ADUFAL), Jocimar Lomba Albanez (ADUEMS), John Kennedy Ferreira (APRUMA), José Arlen Beltrão (APUR), José Eudes Baima Bezerra (SINDUECE), José Eugenio de Jesus Cardoso Graúdo (ApesJF), José Tarcísio de Lima (ADUFLA), Juanito Vieira (ApesJF), Julio Cesar Zorzenon da Costa (ADUNIFESP), Lenúcia Moura (SINDUECE), Leonardo da Rocha Botega (SEDUFMS), Liane de Souza Weber (SEDUFMS), Lilian Fatima Barnisa Marinho (ADUNEB) Lisleandra Machado (ApesJF), Lenucia Moura (SINDUECE), Letícia Squeff (ADUNIFESP), Lucas Mendes Ferreira (APESJF), Lucila Pesce (ADUNIFESP), Luigi Biondi (ADUNIFESP), Luis Antonio Pasquetti (ADUnB), Luiz do Nascimento Carvalho (ADCAC/AD), Luiz Felipe Silva (ADUNIFEI), Magno Almeida Pinheiro (ADUFMS), Márcia Morschbacher (SEDUFMS), Maria Carames Carlotto (ADUFABC), Maria do Rosário Barbato (APUBH), Maria Jaqueline de Grammont (ADUFSJ), Maria Onete Lopes Ferreira (Aduff), Marina de Gusmão Mendonça (ADUNIFESP), Mariuza Aparecida Camillo Guimaraes (ADUFMS), Marize Carvalho (APUB/BA), Marlene Menezes (ADUFMAT), Martin-Léon-Jacques Ibáñez de Novion (ADUnB), Mayra Goulart da Silva (ADUFRJ), Melina Silva Alves (ADUPB), Michel Costa (ADUERN), Nicole Louise Macedo Teles de Pontes (ADUFERPE), Nides Raimunda Pitombo Leite (ADUNIFESP), Noêmia Moura (ADUFDOURADOS), Paulo José Riela Tranzilo (ADUFS), Pedro Silva (SINDUECE), Pere Petit (ADUFPA), Rogério Añez (ADUNEMAT), Sandra Lira (ADUFAL), Sarah Muck Vieira (ApesJF), Serginei Liberato (ADUFERPE), Silma do Carmo Nunes (ADUFU), Sonia Tomasoni (ADUNEB), Silvina Liliana Carrizo (ApesJF), Sylvia Helena Souza da Silva Batista (ADUNIFESP), Tarcísio Augusto Alves da Silva (ADUFERPE), Teresinha Weiller (SEDUFMS), Tiago Fávero de Oliveira (ApesJF).</p>	121
<p>Texto 71 – Eleitoralismo e governismo são os maiores obstáculos à luta pela revogação do novo ensino médio e contra os cortes na educação - Contribuição dos sindicalizados: Adilson Aquino Silveira Júnior (ADUFEPE), Alessandro Teixeira Nóbrega (ADUERN), Evaristo Colmán Duarte (SINDIPROL/ADUEL), Fernando César Paulino Pereira (ADCAC), Gisele Cardoso Costa (ADUA), Maria das Graças de Araújo (ADUNIR), Raphael Góes Furtado (ADUFES), Soraia de Carvalho (ADUFEPE), Valdir Anhucci (SINDUNESPAR) e Valdeci Luiz Fontoura dos Santos (ADUFMS - Três Lagoas).</p>	124
<p>Texto 72 – Ampliar e fortalecer a CONEDEP, e construir e enraizar o IV ENE na perspectiva da reorganização da classe e da universidade popular - Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Alcides Pontes Remijo (Ufg), Alexandre Barba (Aduff), Aline Faé Stocco (Adufjym), Ana Cristina Albuquerque (Sindiprol/Aduel), Anderson Deo</p>	130

<p>(Adunesp), Atenágoras Oliveira Duarte (Adufpe), Bianca Novaes de Mello (Aduff), Bruno Souza Bechara Maxta (Apubh), , Caio Martins (Adufrj), Camila Leite Oliver (Aduneb), Carla Daniel Sartor (Adunirio), Carlos Augusto Aguilar Júnior (Aduff), César Maranhão (Adufrj), Cláudia Lúcia da Costa (Ufcat), Cleusa Santos (Adufrj), David Albuquerque de Menezes (Sinduece), Douglas Ribeiro Barboza (Aduff), Eduardo Serra (Adufrj), Elza Peixoto (Apub- Ufba), Fabio Bezerra (Sindcefet-Mg), Fernanda Scholnick (Asduerj), Fernando Leitão Rocha Junior (Adufvjm), Fernando Medeiros (Adufal), Fernando Santos (Uff), Filipe Boechat (Adufrj), Gustavo Miranda (Aprofurg), Hilbeth Parente Azikri de Deus (Sindutf-Pr), Isabella Vitória Castilho Pimentel Pedroso (Aduff), Ivna Nunes (Adufmat), Janaynna de Moura Ferraz (Adurn), Jaqueline Botelho (Aduff), , João Paulo Chaib (Sindcefet), , Juliana Bohnen Guimarães (Aduemg), Juliane Larsen (Sesunila), Júlio César Pereira Monerat (Apes), Kate Lane Costa de Paiva (Aduff), Katia Melo (Adufal), Kathiucha Bertollo (Adufop), Leandro Cristino Pereira (Sindcefet), Leandro Rocha (Aduge), Leonardo Santos (Adufmat), Leonardo Segura Moraes (Adufu), Leonardo Silva Andrada (Apes), Leônidas de Santana Marques (Adufal), Lucas Gama Lima (Adufal), Manoel Estébio Cavalcante da Cunha (Adufac), Marcelo “Russo” Ferreira (Adufpa), Marcelo Hungaro (Adunb), Márcia Lemos (Adufb), Marcos Botelho (Adufrj), Maria de Fátima Almeida (Asduerj), Matheus Kuchenbecker (Adufvjm), Mauricio Silva (Sesduft), Mauro Iasi (Adufrj), Michael Melo Bocádio (Sinduece), Milton Pinheiro (Aduneb), Moisés Lobão (Adufac), Osvaldo Maciel (Adufal), Otávio Cabral (Adufal), Pablo Lima (Apubh), Paulo Roberto Felix dos Santos (Adufs), Rafael Vieira Teixeira (Adufes), Raquel Brito (Adufmat), Raquel de Azevedo (Adufu), Renato Domingues Fialho Martins (Adcefet-RJ), Roberto Silva de Oliveira (Adufb), Robson Pereira Calça (Aduff), Rodolfo Sanches (Sindiprol/Aduel), Rodrigo Bichoff (Sindiprol/Aduel), Rodrigo Castelo (Adunirio), Roger Domenech Colacios (Sesduem), Rogério Giuliano Gimenez (Sesunila), Rogério Massarotto (Sesduem), Rosalve Lucas Marcelino (Adufb), Rubens Ragone (Apesjf), Saulo Henrique Souza Silva (Adufs), Sócrates Oliveira Menezes (Adufb), Sofia Manzano (Adufb), Solange Struwka (Adunir-Ssind), Thais Godoi Souza (Sesduem), Tarcila Mantovan Atolini (Adufvjm), Thiago Fanelli Ferraiol (Sesduem), Túlio Lopes (Aduemg), Victor Neves de Souza (Adufes), Vinícius Correia Santos (Adufb), Walcyr de Oliveira Barros (Adufrj), Wellington Augusto Silva (Adur-Rj) e Wladimir Nunes Pinheiro (Adufpa).</p>	
TEMA IV – QUESTÕES ORGANIZATIVAS E FINANCEIRAS	
Texto 36 – Acréscimo ao TR 36 - homologações de constituição de seções sindicais e reincorporação - Diretoria do ANDES-SN	137
Texto 47 – Substituir o texto 47 publicado no Caderno de Textos pela nova versão enviada pelo(a)s proponentes - Contribuição da Assembleia Geral da Adcefet-rj e das/os sindicalizadas/os Valena Ribeiro Garcia Ramos (Adcefet-rj) e Rômulo de Souza Castro (Adcefet-rj).	138
Texto 73 – Continuidade da parceria com a editora expressão popular - Diretoria do ANDES-SN	143
Texto 74 – Doação em favor do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio de Janeiro (SEPE-RJ) - Diretoria do ANDES-SN	144
Texto 75 – Grupos de Trabalho no ANDES/SN: por uma participação de fato democrática! Legitimação de reuniões e encontros remotos e híbridos, já! - Contribuição da Assembleia Geral da ADUR-RJ	146
Texto 76 – Apoio às seções sindicais com menos de 50 filiados - Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s do SindIFsuldeminas: Bruno Ferreira Alves, Camila Guedes Codogno, Cleiton Hipólito Alves, Júlio César da Silva, Lícia Frezza Pisa, Mariana Eliane Teixeira, Rildo Borges Duarte, Rodrigo Cardoso Soares de Araújo, Thomaz Alvisi de Oliveira, Wendell Lopes de Azevedo Braulio.	147

<p>Texto 77 – Questões da diretoria do andes-sn, organização sindical e respeito a estrutura sindical - <i>Contribuição dos(as) sindicalizados(as) Adriano Severo Figueiró (SEDUFMS); Albany Mendonça (APUR.); Aloízio Soares (ASPUV); Ana Lucia B. Faria (SINDCEFET/MG); Angela M. Soares Ferreira (ASPUV); Angelica Lovatto (ADUNESP); Angelo Antonio Abrantes (ADUNESP); Antônio Cláudio M. Costa (ADUFU); Antônio Luis de Andrade – Tato (ADUNESP); Antônio José Mahye (ADUR-RJ); Célia Otranto (ADUR-RJ); Dayse dos Santos (ADUNESP); Fábria Heluy Caram (SINDCEFET/MG); Fabiane Costas (SEDUFMS); Fábio Ocada (ADUNESP); Francisco Vitória (ADUFPE); Gabriel Muñoz (ADUFU); Igor Morici (SINDCEFET/MG); Janete Luzia Leite (ADUFRJ); José Domingues G. Filho (ADUFMAT); Juliana de Segadas Vianna (ADUR-RJ); Luís Mauro Magalhães (ADUR-RJ); Milton Vieira do Prado Júnior (ADUNESP); Monica Pirozi (ASPUV); Oneize Amoras de Araújo (ADUFS); Rosimê Meguins (ADUFPA); Samuel França Alves (SINDCEFET/MG); Sueli Guadalupe (ADUNESP); Zenilde Moreira (ADUFERPE).</i></p>	149
<p>Texto 78 – O elefante está na sala e não pode ser ignorado. É preciso mudar urgentemente as regras de eleição da diretoria do ANDES-SN. - <i>Contribuições dos sindicalizados: Adilson Aquino Silveira Júnior (ADUFEPE), Alessandro Teixeira Nóbrega (ADUERN), Evaristo Colmán Duarte (SINDIPROL/ADUEL), Fernando César Paulino Pereira (ADCAC), Gisele Cardoso Costa (ADUA), Maria das Graças de Araújo (ADUNIR), Raphael Góes Furtado (ADUFES), Soraia de Carvalho (ADUFEPE), Valdir Anhucci (SINDUNESPAR) e Valdeci Luiz Fontoura dos Santos (ADUFMS - Três Lagoas).</i></p>	153

Os Textos Resolução (TR) receberam a mesma numeração que os Textos Apoio (TA) correspondentes.

SUMÁRIO DOS TRs

RETIFICAÇÃO NO SUMÁRIO DOS TRs DO CADERNO DE TEXTOS DO 42º CONGRESSO	
Onde se lê TEXTO 46 e TEXTO 47, leia-se TR 46 e TR 47	
TEMA II – PLANOS DE LUTAS DOS SETORES	
TR 48 – Apoiar as lutas nas IEES/IMES/IDES para ajudar na resistência e na conquista de direitos e reivindicações	18
TR 49 – Plano de luta das IEES/IMES: combater a precarização e o arrocho salarial em unidade com o funcionalismo; lutar por um único sistema público, gratuito e sob o controle de quem estuda e trabalha; defesa do governo tripartite	21
TR 50 – Lutar pelos IFS, CEFETS, CAPS (Colégios de Aplicação) e as reivindicações da carreira EBTT	23
TR 51 – Pelo reposicionamento dos(as, es) docentes já integrantes da carreira do magistério federal aprovados(as, es) em outros concursos públicos	26
TR 52 – Pelo pagamento imediato de todos os coordenadores de curso!	27
TR 53 – Desafios para a construção da carreira única de professor(a) federal de acordo com o projeto do ANDES-SN	34
TR 54 – Plano de lutas do setor das IFES: pela revogação da portaria 983/2020	37
TR 55 – Organizar a greve unificada do funcionalismo federal contra a política de arrocho salarial e restrição do direito de greve do governo burguês de Lula/Alckmin!	40
TR 56 – Plano de Lutas do Setor das IFES: pela dispensa do controle de frequência de servidores ocupantes da carreira do magistério do ensino básico, técnico e tecnológico	45
TEMA III – PLANO GERAL DE LUTAS	
TR 57 – Política Agrária, Urbana e Ambiental	53
TR 58 – Qual o papel da universidade no combate à crise climática	58
TR 59 – Aspectos da ideologia da defesa abstrata do “índio”	62
TR 60 – Política de Comunicação e Arte	73

TR 61 – Questão da Palestina – um conflito entre colonizador e colonizado	86
TR 62 – Contribuições para o debate sobre a baixa taxa de novas sindicalizações, a desfiliação e impactos nas seções sindicais do ANDES-SN: o que fazer?	95
TR 63 – Contribuição ao debate sobre o classismo no movimento sindical	98
TR 64 – Que o 42º Congresso do ANDES-SN aprove um real plano geral de lutas e recupere os métodos de ação direta	104
TR 65 – Por uma política de enfrentamento às violações dos direitos humanos	107
TR 66 – Por uma universidade verdadeiramente brasileira, ou seja, negra!	109
TR 67 – Para avançarmos na luta anticapacitista!	113
TR 68 – Política educacional no terceiro governo Lula: para além do aparelho de Estado	117
TR 69 – Por um ensino público, gratuito e universal em todos os níveis – por que abandonamos a bandeira da universalização de políticas públicas?	120
TR 70 – A Conferência Nacional de Educação 2024-2034	123
TR 71 – Eleitoralismo e governismo são os maiores obstáculos à luta pela revogação do novo ensino médio e contra os cortes na educação	129
TR 72 – Ampliar e fortalecer a CONEDEP, e construir e enraizar o IV ENE na perspectiva da reorganização da classe e da universidade popular	135
TEMA IV – QUESTÕES ORGANIZATIVAS E FINANCEIRAS	
TR 36 - Acréscimo ao TR 36 - homologações de constituição de seções sindicais e reincorporação	137
TR 47 – Substituir o texto 47 publicado no Caderno de Textos pela nova versão enviada pelo(a)s proponentes	142
TR 73 – Continuidade da parceria com a editora expressão popular	144
TR 74 – Doação em favor do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio de Janeiro (SEPE-RJ)	145
TR 75 – Grupos de Trabalho no ANDES/SN: por uma participação de fato democrática! Legitimação de reuniões e encontros remotos e híbridos, já!	147
TR 76 – Apoio às seções sindicais com menos de 50 filiados	149
TR 77 – Questões da diretoria do andes-sn, organização sindical e respeito a estrutura sindical	152
TR 78 – O elefante está na sala e não pode ser ignorado. É preciso mudar urgentemente as regras de eleição da diretoria do ANDES-SN.	155

TEMA II – PLANOS DE LUTAS DOS SETORES

TEXTO 48

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Ailton Cotrim Prates (ADUFAL), Alberto Handfas (ADUNIFESP), Alexandre Curtiss (ADUFES), Amália Catharina Santos Cruz (AdUNEB), Ana Lúcia Pereira (ADUNIFESP), Andréa Emilia Marques Stingenhen (APUFPR), Andrea Sampaio (ADUR), Antônio Joaquim Rodrigues (ADUFPB), Arlen Beltrão (APUR), Ascísio Pereira (SEDUFMS), Azamor Cirne de Azevedo Filho (ADUFPB), Benedito Gomes dos Santos Filho (ADUFRA), Benerval Santos (ADUFU), Belkis Souza Bandeira (SEDUFMS), Cássia Hack (Sindufap), Celi Nelza Zulke Taffarel (APUB/BA), Célia Rocha Calvo (ADUFU), Cláudio Eduardo Félix dos Santos (ADUSB), Clovis Piáu (AdUNEB), David Romão (APUR), Dimas Neves (ADUNEMAT), Domingos Sávio da Cunha Garcia (ADUNEMAT), Edilene Toledo (ADUNIFESP), Eduardo Jorge Souza da Silva (AdUFERPE), Elaine Lourenço (ADUNIFESP), Eleonora Ziller (ADUFRJ), Eliene Novaes Rocha (ADUnB), Elisa Guaraná de Castro (ADUR), Erika Suruagy (AdUFERPE), Everaldo de Oliveira Andrade (Adusp), Eunice Lea de Moraes (ADUFPA), Fábio Venturini (ADUNIFESP), Fernando José de Paula Cunha (ADUPB), Flávio Dantas Albuquerque Melo (ADUFAL), Frederico Costa (SINDUECE), Gabriel Gualhanone Nemirovsky (ADUFMS), Geversson Grzeszczeszyn (ADUNICENTRO), Giovane Mota (ADUFPA), Janne Freitas (Adupe), Isabelle Meunier (AdUFERPE), Jader Muniz (ADUFAC), Jailton Lira (ADUFAL), Jocimar Lomba Albanez (ADUEMS), John Kennedy Ferreira (APRUMA), José Arlen Beltrão (APUR), José Eudes Baima Bezerra (SINDUECE), José Eugenio de Jesus Cardoso Graúdo (ApesJF), José Tarcísio de Lima (ADUFLA), Juanito Vieira (ApesJF), Julio Cezar Zorzenon da Costa (ADUNIFESP), Lenúcia Moura (SINDUECE), Leonardo da Rocha Botega (SEDUFMS), Liane de Souza Weber (SEDUFMS), Lilian Fatima Barnisa Marinho (AdUNEB) Lisleandra Machado (ApesJF), Lucas Mendes Ferreira (APESJF), Lucila Pesce (ADUNIFESP), Luigi Biondi (ADUNIFESP), Luis Antonio Pasquetti (ADUnB), Luiz do Nascimento Carvalho (ADCAC/AD), Luiz Felipe Silva (ADUNIFEI), Márcia Morschbacher (SEDUFMS), Maria Caraméz Carlotto (ADUFABC), Maria do Rosário Barbato (APUBH), Maria Jaqueline de Grammont (ADUFSJ), Maria Onete Lopes Ferreira (Aduff), Marina de Gusmão Mendonça (ADUNIFESP), Mariuza Aparecida Camillo Guimaraes (ADUFMS), Marize Carvalho (APUB/BA), Marlene Menezes (ADUFMAT), Martin-Léon-Jacques Ibáñez de Novion (ADUnB), Mayra Goulart da Silva (ADUFRJ), Melina Silva Alves (ADUPB), Michel Costa (ADUERN), Nicole Louise Macedo Teles de Pontes (AdUFERPE), Nides Raimunda Pitombo Leite (ADUNIFESP), Noêmia Moura (ADUFDOURADOS), Paulo José Riela Tranzilo (ADUFS), Pedro Silva (SINDUECE), Pere Petit (ADUFPA), Rogério Añez (ADUNEMAT), Sarah Muck Vieira (ApesJF), Serginei Liberato (ADUFERPE), Silma do Carmo Nunes (ADUFU), Sonia Tomasoni (AdUNEB), Silvina Liliana Carrizo (ApesJF), Sylvia Helena Souza da Silva Batista (ADUNIFESP), Tarcísio Augusto Alves da Silva (ADUFERPE), Teresinha Weiller (SEDUFMS), Tiago Fávero de Oliveira (ApesJF), Magno Pinheiro de Almeida (ADUFMS), Noêmia dos Santos Pereira Moura (AdufDourados).

APOIAR AS LUTAS NAS IEES/IMES/IDES PARA AJUDAR NA RESISTÊNCIA E NA CONQUISTA DE DIREITOS E REIVINDICAÇÕES.

TEXTO DE APOIO

As lutas das companheiras e companheiros das seções sindicais do setor tem sido muito difícil e desgastante. As diferentes situações em que se encontram, com diferentes níveis de organização, com pautas com prioridades diferentes e confrontados com governos de diferentes perspectivas políticas, fazem com que seja mais difícil articular uma ação unitária a nível nacional, de forma a conformar uma campanha semelhante à dos/das docentes das instituições federais. No entanto, a conformação de uma pauta unificada nacional continua a ser uma necessidade, para que também possamos ir construindo na luta do setor a universidade pública, gratuita, democrática e socialmente referenciada que defendemos.

Nos últimos congressos do ANDES, foram aprovadas resoluções importantes, que armam as seções sindicais do setor para seguir a lutas pelos direitos e reivindicações. Essas resoluções continuam a serem muito atuais porque a maioria de seu conteúdo continua a integrar as pautas de reivindicações das seções sindicais e provavelmente continuarão a sê-lo no próximo período. Vale a pena repeti-la aqui:

“RESOLUÇÕES DO 41º CONGRESSO DO ANDES-SN

I – PLANO DE LUTAS DO SETOR DAS IEES-IMES

O 41º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

- 1. Realizar a Semana de Lutas do Setor das IEES-IMES na semana de 22 a 27 de maio de 2023, com tema a ser definido posteriormente em reunião do setor.*
- 2. Realizar o XIX Encontro do Setor das IEES-IMES para o segundo semestre de 2023, com tema e local a serem definidos posteriormente em reunião do setor.*
- 3. Que a Diretoria Nacional do ANDES-SN, em articulação com as Seções Sindicais, atualize e divulgue os dados da pesquisa sobre financiamento das IEES-IMES.*
- 4. Fomentar e/ou estimular a criação de GTs Verbas locais, com o objetivo de realizar estudos sobre o financiamento das IEES-IMES, construindo e divulgando séries históricas para entender a forma de repasse às universidades e faculdades.*
- 5. Que as Seções Sindicais, com apoio das Secretarias Regionais, intensifiquem a luta pelo financiamento público das IEES-IMES:*
 - 5.1. promovendo debates com a comunidade acadêmica e audiências públicas internas e externas sobre o financiamento das IEES-IMES com vistas à apropriação sobre a gestão orçamentária da universidade. Que os debates abordem autonomia de gestão financeira, fontes de financiamento, execução orçamentária nas IES, garantia de repasse dos duodécimos e legislações específicas que tratem de subvinculação orçamentária, e que denunciem e combatam as renúncias fiscais;*
 - 5.2. lutem por autonomia de gestão financeira e pedagógica e promovendo a realização de audiências públicas sobre autonomia universitária nas Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais, convidando entidades e instituições envolvidas com a temática.*
- 6. Que as Seções Sindicais, em articulação com as Secretarias Regionais, ampliem a luta pela recomposição das perdas salariais da categoria, pela garantia dos direitos de carreira atacados a pretexto das medidas tomadas por conta da pandemia, e dos prejuízos decorrentes das implicações da EC 106/2020.*
- 7. Que as Seções Sindicais criem estratégias de divulgação e enraizamento da campanha “Universidades Estaduais e Municipais, quem conhece defende”.*
- 8. Que as Seções Sindicais, em articulação com as Secretarias Regionais, lutem por processos estatuintes no mínimo paritários, buscando a democracia interna, o fim da lista tríplice e de qualquer interferência do poder executivo nas escolhas do(a)s dirigentes das universidades.*
- 9. Que as seções sindicais ampliem e defendam a autonomia universitária e lutem pela democratização interna com servidore(a)s docentes e técnico-administrativo(a)s e discentes.*
- 10. Intensificar a luta sobre seguridade social - assistência, previdência e saúde - que são reivindicações do conjunto do(a)s servidore(a)s estaduais, como prioridade na luta em defesa das reivindicações do(a)s aposentado(a)s.*
- 11. Que o ANDES-SN, em conjunto com as seções do setor:*
 - 11.1. Intensifiquem a defesa do financiamento público para as IEES-IMES, contra planos de privatizações por dentro dessas instituições;*
 - 11.2. Lutem pela revogação da Lei Kandir e EC 95/2016 (Teto de Gastos) e pela garantia do pagamento da dívida da cota-parte dos estados pela União;*

11.3. Tome o salário mínimo calculado pelo DIEESE como referência para o estabelecimento do piso da remuneração do(a)s docentes em fase inicial de carreira, para o regime de trabalho de 20 horas;

11.4. Lute para que os eixos e princípios do plano de carreira do sindicato seja a referência na luta pelo estabelecimento de planos de carreiras das IEES-IMES onde esse plano de carreira ainda não foi definido ou onde o atual plano de carreira é incompatível com as necessidades da categoria;

11.5. Defenda o regime de trabalho em Dedicção Exclusiva (DE) como prioritário para a carreira docente, defendendo a DE ali onde esse regime de trabalho está sendo atacado e lutando contra a sua retirada quando da aposentadoria;

11.6. Intensifique a luta pela realização regular de concursos públicos para docentes, superando a atual situação de crescimento acelerado da precarização do trabalho docente, que atinge as IEES-IMES;

11.7. Intensifique as campanhas tanto de combate ao assédio sexual e moral, quanto de adoecimento docente, e a luta pela implementação de comissões e ouvidorias nas IEES-IMES, com composição majoritária de representação docente, de PTES e estudantil, para apuração dos casos.

12. Que o ANDES-SN, na reunião do setor das Estaduais e Municipais ou na Semana de Lutas das IEES-IMES, debata o Sistema Nacional de Educação. ”

Essa resolução chama atenção pela abrangência e por sua atualidade, ainda que varie de seção para seção do setor. Com fazemos em geral em nossas lutas nas ADs, um ponto de pauta não atendido em uma campanha salarial anual, deve ser retomado na seguinte, reiterando a reivindicação, muitas vezes agravada pela situação. Dessa forma, essa resolução do 41º Congresso deve ser reiterada nos próximos congressos, com as devidas adaptações decorrentes da experiência das lutas em curso no período anterior.

Além da atuação das regionais, a presença da direção executiva do ANDES deve ser um fator importante pela implementação dessa resolução nas lutas concretas nas seções do setor.

Como a realidade das lutas de cada seção sindical varia muito, é fundamental que a direção do ANDES esteja presente nessas lutas sistematicamente, apoiando as Regionais. Por presença estamos falando da diretoria executiva, através de seus integrantes, participando das mobilizações mais importantes nos Estados e Municípios, nas negociações com os governos e nas articulações para a definição das estratégias das lutas. Quando falamos da importância da presença da diretoria executiva é porque dá força para a mobilização, para a continuidade da luta, reforçando a confiança e dando segurança para as direções das seções sindicais.

Essa questão ganha relevância nas lutas do setor das IEES/IMES/IDES porque há uma tendência ao seu isolamento, à invisibilização pela imprensa local, em geral controlada pelos governos estaduais, além de ações repressivas e de pressão desmobilizadora (como corte de ponto e desconto de dias parados em eventual paralização).

Essa presença da direção executiva do ANDES nas mobilizações do setor também ajudará a reduzir um sentimento disseminado entre as IEES de que a direção do ANDES trata com desprezo as suas mobilizações, se concentrando na mobilização do setor das federais. Nesse sentido, ganha destaque a divulgação sistemática na mídia do ANDES-SN das lutas que se desenvolve nos estados, reforçando o seu caráter nacional.

De outro lado, a articulação do setor das IEES/IMES/IDES com o setor das IFES nas lutas gerais, reforçam essas lutas e ajudam a integrar os diferentes setores do ANDES-SN. A luta contra a PEC 32 foi um exemplo dessa integração, onde o ANDES cumpriu papel importante e o setor das IEES/IMES/IDES esteve bastante presente.

TR - 48

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Pela atualidade do plano de lutas para o setor aprovado no 41º Congresso do ANDES-SN, cujos pontos devem ser tomados como referência no encaminhamento das reivindicações das suas seções sindicais;
2. Que a Direção Executiva do ANDES-SN intensifique, junto com as regionais, o acompanhamento das lutas das seções do setor das IEES/IMES/IDES, ajudando de forma presencial na organização, nas mobilizações e nas negociações desenvolvidas;
3. Que o setor ganhe mais destaque na mídia nacional do ANDES, procurando sempre que possível, aproximar as lutas das diferentes seções sindicais do setor, dando-lhes um caráter nacional.

TEXTO 49

Contribuição dos sindicalizados: Adilson Aquino Silveira Júnior (ADUFEPE), Alessandro Teixeira Nóbrega (ADUERN), Evaristo Colmán Duarte (SINDIPROL/ADUEL), Fernando César Paulino Pereira (ADCAC), Gisele Cardoso Costa (ADUA), Maria das Graças de Araújo (ADUNIR), Raphael Góes Furtado (ADUFES), Soraia de Carvalho (ADUFEPE), Valdir Anhucci (SINDUNESPAR) e Valdeci Luiz Fontoura dos Santos (ADUFMS - Três Lagoas).

PLANO DE LUTA DAS IEES/IMES: COMBATER A PRECARIZAÇÃO E O ARROCHO SALARIAL EM UNIDADE COM O FUNCIONALISMO; LUTAR POR UM ÚNICO SISTEMA PÚBLICO, GRATUITO E SOB O CONTROLE DE QUEM ESTUDA E TRABALHA; DEFESA DO GOVERNO TRIPARTITE

TEXTO DE APOIO

Nas universidades estaduais e municipais, o ano 2023 foi marcado por lutas de docentes e estudantes, apesar do alinhamento do nosso sindicato ao governismo e o imobilismo decorrente desse alinhamento. Greves no Maranhão, no Paraná e em São Paulo ocorreram em defesa da reposição salarial e, no caso da USP, apoiando a greve estudantil demandando contratação de professores.

Como consequência das contrarreformas impostas pelos governos Temer e Bolsonaro, acompanhada de modo entusiasta pelos governadores, desde 2016, o arrocho salarial chegou a patamares absurdos, variando entre 40% e mais de 60%.

Além do arrocho salarial há que acrescentar o ataque aos regimes próprios de previdência que replicaram – e em alguns casos agravaram – as alterações impostas pela Reforma da Previdência, reduzindo benefícios, dificultando o acesso aos mesmos e aumentando a contribuição de ativos e aposentados. Também se agravou a precarização do trabalho docente com as restrições para realização de concursos públicos, aumento dos temporários e terceirizados e a manutenção do EaD. Combinado com isto, ataca-se a

autonomia das universidades de modo a transformá-las em dependências dos governos e ainda paira o fantasma da reforma administrativa que deve ser retomada em 2024 com a intenção de liquidar mais direitos do funcionalismo público de todos os níveis: municipal, estadual e federal.

Trata-se, pois, de um conjunto de ataques que compõem a reação do grande capital e do Estado semicolonial diante da profunda crise do capitalismo que não tem outra resposta que não seja a destruição de forças produtivas. O ataque às universidades é parte desse movimento do capital contra as massas trabalhadoras e contra as nações oprimidas, por isso as guerras estão na ordem do dia, mas não apenas as guerras. Todas as contrarreformas implementadas, e as que se farão, objetivam a liquidação de parte da força de trabalho – componente fundamental das forças produtivas – ou a sua brutal precarização. Nesse quadro torna-se supérflua a formação de profissionais, técnicos, cientistas, artistas e intelectuais, pelo contrário, é necessário restringir a sua formação, desqualificá-la.

A resposta a esses ataques, por parte de um sindicato em que seus dirigentes alardeiam serem classistas, deveria fundamentar-se nessa compreensão e no entendimento da impossibilidade da universidade de um país atrasado e semicolonial propiciar o desenvolvimento das forças produtivas, o conhecimento, a ciência e a cultura. De modo que a resistência aos ataques deveriam ser uma ponte para a luta pela liquidação do capitalismo e não ser usada para criar ilusões de que podem acontecer reformas progressivas, “valorização” do trabalho docente ou coisa do tipo desde que se altere a política de “desfinanciamento” ou se impeça o ingresso dos estados no regime de recuperação fiscal.

Infelizmente não foi isso que ocorreu. Ao invés de se procurar a maior unidade com os outros setores do funcionalismo e os estudantes, organizando grandes lutas coletivas para arrancar a reposição das perdas que afetam a todos e avançar na politização das massas, o movimento docente ficou preso ao corporativismo ou à ilusão de os governos podem ser “sensíveis” às demandas dos professores. Pior que isso, assistimos a um retrocesso de algumas seções sindicais substituírem a luta pela reposição salarial para todos – nos mesmos índices – por alterações pontuais nos planos de cargos e salários – com índices diferenciados – como aconteceu no Paraná.

Na última campanha salarial das estaduais paranaenses, no momento em que os professores das sete universidades estavam em greve, e o movimento estava na sua fase ascendente, no começo de junho, as diretorias das seções sindicais, sem consultar os comandos de greve abandonaram a reivindicação de 42% de reposição, comum a todo o funcionalismo estadual, e passaram a apoiar uma iniciativa dos reitores e do secretário de ciência e tecnologia do governo para alterar o adicional por titulação/ATT, proposta que meses antes do início da greve havia sido caracterizada pelas mesmas burocracias sindicais como algo que “escancara a tentativa do governo de frear a mobilização unitária dos servidores pelo data-base”. De junho a dezembro suspenderam a greve e mantiveram a “mobilização” em apoio à tramitação dessa alteração do ATT sobre o qual não tiveram nenhuma influência, pois a tramitação ficou restrita a negociações internas dentro do próprio governo, mas, alardearam a “luta” que estavam fazendo. Essa “luta” eram conversas intermináveis e humilhantes com deputados e com o secretário de ciência e tecnologia que os enrolavam, mas mantinham a chantagem de que só tramitaria a alteração se não houvesse greve. Quando finalmente o secretário de ciência e tecnologia conseguiu arrancar do governo a alteração do ATT – em troca do qual as reitorias tiveram que cortar outras despesas de pessoal, pois o Governador só concordou em aprovar se as

universidades cortassem na própria carne – os dirigentes dessas ADs cantaram como vitória deles um incremento pífio, longe dos 42% de perdas, diferenciado de acordo com a titulação (no máximo 12% para os doutores) e passaram a justificar o abandono da luta pela reposição geral de vencimentos para todos e sua substituição por esse infame atalho de alterar um ponto do plano de cargos e salários, medida divisionista empregada pelos governos mas que agora é defendida pela burocracia sindical. É a atualização do “sindicalismo de resultados” tão criticado no passado, mas que agora se tornou uma “alternativa”.

Na USP os professores entraram a reboque da greve estudantil deflagrada para exigir a contratação de professores. Mas o papel dos docentes no conflito foi irrelevante, chegando ao ponto da reitoria negociar diretamente com os estudantes sem a presença da representação docente. Perdeu-se a oportunidade de contribuir decisivamente com a luta unificada em oposição aos cortes que vêm sendo realizados nas universidades paulistas e de se avançar na defesa da autonomia universitária.

Aliás, o ataque à autonomia universitária ocorre em todos os estados e isso nada mais demonstra que o capitalismo putrefato não precisa de uma instituição vigorosa que contribua ao desenvolvimento das forças produtivas, como foi na Europa quando o capitalismo desempenhou um papel progressivo em face da velha ordem feudal. Na época imperialista em que estamos, a continuidade desse regime só pode significar a barbárie e destruição em massa. Por isso, a defesa das bandeiras democráticas de universidade pública e gratuita e da autonomia universitária devem levar o movimento docente e a comunidade universitária à compreensão da necessidade de enterrar o capitalismo, pois para defender conseqüentemente essas bandeiras é necessário em primeiro lugar a completa estatização de toda a rede privada e a constituição de um único sistema público e gratuito do pré-escolar à universidade, sob controle de quem estuda e trabalha. Colocada dessa forma, a defesa histórica da universidade e autonomias universitárias poderá ser incorporada ao programa das massas que buscam superar o capitalismo.

Na medida em que não assume essa perspectiva, o movimento docente tende a considerar progressiva a medida do governo Lula de acabar com a lista tríplice nas universidades federais, como se fosse um avanço da autonomia universitária, escondendo que mesmo sem a lista tríplice quem nomeia o reitor é o governo e não a própria comunidade universitária.

Um outro entendimento presente no movimento docente acerca da autonomia é o “modelo” das universidades paulistas, que tem conseguido renovar a cada ano a assinatura de um percentual do ICMS arrecadado para custeio das três universidades. A manutenção dessa assinatura e/ou dos índices está sob ameaça, mas, mesmo que se mantenha não significa de fato autonomia da comunidade universitária, não significa o autogoverno senão a autonomia da alta cúpula da universidade invariavelmente subordinada ao governo do Estado, fazendo a política do governo. É o que se viu na greve dos estudantes da USP, que desmascarou a brutal precarização e falta de docentes a que levou a política “autônoma” dos reitores. Sem esquecermos a militarização crescente dos campi.

A própria LGU – Lei Geral das Universidades no Paraná, concebida para provocar um enxugamento no quadro de servidores, atacar frontalmente a autonomia das universidades e socavar o caráter público e gratuito das IES é uma consequência da renúncia da burocracia universitária a exercer a autonomia. Há anos, no mínimo desde o ano 2000, as reitorias e os conselhos superiores permitem a ingerência dos governos federal e estadual na gestão e até nos regimes acadêmicos, achando que agradando o governo nas suas

investidas contra as universidades, conseguirão algumas migalhas para gerenciar a universidade e favorecer os projetos das camarilhas que estão no poder.

Quer dizer, na estrutura atual, as reitorias são o canal mediante o qual os governos socavam sistematicamente a autonomia, por isso, o movimento docente deve incorporar como bandeira a necessária alteração das relações de poder dentro das universidades. A continuidade do comando das burocracias universitárias encasteladas no poder é a continuidade do controle governamental sobre elas, a liquidação de sua autonomia. Conseqüentemente, o que se coloca é a substituição da atual estrutura política pelo Governo Tripartite de docentes, estudantes e técnicos, subordinado às Assembleias Gerais Universitárias com poder de revogar os mandatos e voto universal. Somente uma estrutura baseada no efetivo autogoverno da comunidade universitária pode garantir a autonomia universitária.

TR – 49

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o ANDES-SN faça a campanha, nas IEES/IMES, pela estatização de toda a rede privada e constituição de um único sistema público e gratuito de ensino, sob controle de quem estuda e trabalha.
2. Que o ANDES-SN defenda a substituição da burocracia universitária pelo governo tripartite (de estudantes, professores e técnico-administrativos) subordinado à Assembleia Geral Universitária, que delibera pelo voto universal.
3. Exigir do Estado o financiamento integral das IEES/IMES conforme orçamento aprovado pelas Assembleias Gerais Universitárias.
4. Que o Sindicato Nacional faça uma campanha por salário e direitos iguais para trabalho igual e defenda a efetivação dos atuais professores temporários.
5. Pela organização de movimentos de greve unificados com o conjunto dos servidores estaduais e municipais pela reposição das perdas salariais e contra todas as formas de precarização.
6. Pela luta unitária com o conjunto do funcionalismo para revogar as contrarreformas da previdência nos estados e municípios.

TEXTO 50

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s Ailton Cotrim Prates (ADUFAL), Alberto Handfas (ADUNIFESP), Alexandre Curtiss (ADUFES), Amália Catharina Santos Cruz (AdUNEB), Ana Lúcia Pereira (ADUNIFESP), Andréa Emilia Marques Stingenhen (APUFPR), Andrea Sampaio (ADUR), Antônio Joaquim Rodrigues (ADUFPB), Arlen Beltrão (APUR), Ascísio Pereira (SEDUFISM), Azamor Cirne de Azevedo Filho (ADUFPB), Benedito Gomes dos Santos Filho (ADUFRA), Benerval Santos (ADUFU), Belkis Souza Bandeira (SEDUFISM), Cássia Hack (Sindufap), Celi Nelza Zulke Taffarel (APUB/BA), Célia Rocha Calvo (ADUFU), Cláudio Eduardo Félix dos Santos (ADUSB), Clovis Piáu (AdUNEB), David Romão (APUR), Dimas Neves (ADUNEMAT), Domingos Sávio da Cunha Garcia (ADUNEMAT), Edilene Toledo (ADUNIFESP), Eduardo Jorge Souza da Silva (AdUFERPE), Elaine Lourenço (ADUNIFESP), Eleonora Ziller (ADUFRJ), Eliene Novaes Rocha (ADUnB), Elisa Guaraná de Castro (ADUR), Erika Suruagy (AdUFERPE), Everaldo de Oliveira Andrade (Adusp), Eunice Lea de Moraes (ADUFPA), Fábio Venturini (ADUNIFESP), Fernando José de Paula Cunha (ADUPB), Flávio Dantas Albuquerque Melo (ADUFAL),

Frederico Costa (SINDUECE), Gabriel Gualhanone Nemirovsky (ADUFMS), Geverson Grzeszczeszyn (ADUNICENTRO), Giovane Mota (ADUFPA), Iraíldes Correia (ADUFAL), Isabelle Meunier (ADUFERPE), Janne Freitas (Adupe), Jader Muniz (ADUFAC), Jailton Lira (ADUFAL), Jocimar Lomba Albanez (ADUEMS), John Kennedy Ferreira (APRUMA), José Arlen Beltrão (APUR), José Eudes Baima Bezerra (SINDUECE), José Eugenio de Jesus Cardoso Graúdo (ApesJF), José Tarcísio de Lima (ADUFLA), Juanito Vieira (ApesJF), Julio Cezar Zorzenon da Costa (ADUNIFESP), Lenúcia Moura (SINDUECE), Leonardo da Rocha Botega (SEDUFMS), Liane de Souza Weber (SEDUFMS), Lillian Fatima Barnisa Marinho (AdUNEB) Lisleandra Machado (ApesJF), Lenucia Moura (SINDUECE), Letícia Squeff (ADUNIFESP), Lucas Mendes Ferreira (APESJF), Lucila Pesce (ADUNIFESP), Luigi Biondi (ADUNIFESP), Luis Antonio Pasquetti (ADUnB), Luiz do Nascimento Carvalho (ADCAC/AD), Luiz Felipe Silva (ADUNIFEI), Magno Almeida Pinheiro (ADUFMS), Márcia Morschbacher (SEDUFMS), Maria Caraméz Carlotto (ADUFABC), Maria do Rosário Barbato (APUBH), Maria Jaqueline de Grammont (ADUFSJ), Maria Onete Lopes Ferreira (Aduff), Marina de Gusmão Mendonça (ADUNIFESP), Mariuza Aparecida Camillo Guimarães (ADUFMS), Marize Carvalho (APUB/BA), Marlene Menezes (ADUFMAT), Martín-Léon-Jacques Ibáñez de Novion (ADUnB), Mayra Goulart da Silva (ADUFRJ), Melina Silva Alves (ADUPB), Michel Costa (ADUERN), Nicole Louise Macedo Teles de Pontes (ADUFERPE), Nides Raimunda Pitombo Leite (ADUNIFESP), Noêmia Moura (ADUFDOURADOS), Paulo José Riela Tranzilo (ADUFS), Pedro Silva (SINDUECE), Pere Petit (ADUFPA), Rogério Añez (ADUNEMAT), Sandra Lira (ADUFAL), Sarah Muck Vieira (ApesJF), Serginei Liberato (ADUFERPE), Silma do Carmo Nunes (ADUFU), Sonia Tomasoni (AdUNEB), Silvina Liliana Carrizo (ApesJF), Sylvia Helena Souza da Silva Batista (ADUNIFESP), Tarcísio Augusto Alves da Silva (ADUFERPE), Teresinha Weiller (SEDUFMS), Tiago Fávero de Oliveira (ApesJF).

LUTAR PELOS IFs, CEFETs, CAPs (COLÉGIOS DE APLICAÇÃO) E AS REIVINDICAÇÕES DA CARREIRA EBTT

TEXTO DE APOIO

Desde 2016, a educação brasileira sofreu mudanças que merecem alerta máximo para qualquer pessoa minimamente preocupada com o futuro do país. As influências e interesses empresariais seguidas das visões mercadológicas, os costumes conservadores e as posições políticas reacionárias associadas a uma atroz incompetência de agentes do Estado, a Emenda Constitucional 95 (proposta que condiciona investimentos em políticas sociais até o limite do teto de gastos), a contrarreforma da previdência e trabalhista, a tentativa de cobrança de mensalidade nas UFs (universidades federais), o Novo Ensino Médio (NEM) proposto pela contrarreforma, as influências empresariais na construção da BNCC, os sucessivos cortes no orçamento que inviabilizam a manutenção das instituições federais de ensino, a extinção de programas essenciais, a indicação de interventores nas UFs e IFs (institutos Federais) e a proposta de reordenamento da Rede Federal EPT: todas essas medidas visaram o enfraquecimento da atuação política dessas instituições, interromperam o avanço e até destruiu as conquistas educacionais baseadas em orientações críticas, valores democráticos e processos participativos da nossa história.

De acordo com as Diretrizes para a EPT no Brasil, a Rede Federal conta com 656 campi, mais de 81 mil servidores, mais de 5.3 mil cursos técnicos (integrados ao EM e concomitante/subsequentes), mais de 2.4 mil cursos de graduação e 856 cursos de pós-graduação. Pela sua lei de criação onde prevê a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, a Rede também desenvolve mais de 11 mil projetos de pesquisa aplicada, 7 mil projetos de extensão e conta com 400 depósitos de patente (Oliveira, 2022), urge a necessidade de recomposição orçamentária para os IFs, pois em 4 de agosto de 2023 a Secretaria de Planejamento e Orçamento do MEC divulgou um ofício apresentando uma proposta orçamentária para as unidades que compõem a rede e os valores apresentados estão abaixo das necessidades e expectativas das instituições.

O orçamento dos IFs está no valor de 2,5 bilhões, basicamente, repetiu-se o que foi em 2022, haja vista que a tendência histórica que ao chegar no congresso, o valor diminui. No entanto, para rodar a matriz são necessários de 4,1 bilhões (valor minimamente justo para a rede). Em 2023 conseguimos o incremento do IPCA e mais um aumento com a PEC da transição e para este ano existem também possibilidades, mas não temos garantias. Além do que precisa ser empenhado em compromissos assumidos para 2024, os nossos estudantes estão evadindo porque estão sem uma robusta política de permanência. Os 4.1 bilhões significam 40% de reajuste para a Assistência Estudantil (AE). Com 2.5 bi, metade da rede fica abaixo de 2023, se rodarmos a matriz, portanto a solução é replicar os mesmos valores do ano passado, basicamente.

Para que tenham uma ideia, em nosso IF Sudeste MG – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (com a reitoria em Juiz de Fora/MG e composição de 7 campus + 3 campi avançados), o custeio total sem assistência, na LOA/2023 foi de R\$ 36.557.246,00 e a PLOA/2024 é de R\$ 37.607.896,00. Já a AE é o mesmo valor PLOA/24 e LOA/23 de 8.033.489,00.

Importante lembrar que o trabalho do/a professor/a da carreira EBTT (educação básica técnica e tecnológica), que atua nos IFs e CEFETs, engloba não só o ensino (com enorme Carga Horária, uma vez que atuamos desde o ensino técnico integrado ao ensino médio, concomitante/subsequente, graduação e pós-graduação), mas também a pesquisa, a extensão, a capacitação ao trabalho, a formação continuada e a administração acadêmica, incluindo direção, coordenação, chefia e representação sindical. Além disso, é fundamental destacar que o desenvolvimento de pesquisa e extensão tem a mesma importância que o ensino na carreira EBTT, e não deve ser visto como uma atividade secundária ou uma sobra de carga horária do ensino. A pesquisa e a extensão são fundamentais para a produção de conhecimento e para a conexão do ensino com a sociedade e a realidade local, logo, precisam ser valorizadas e incentivadas, por meio de políticas institucionais. Assim, é necessário assegurar a contratação de professores substitutos pelo tempo necessário para que os os/as EBTTs realizem a formação continuada para o desenvolvimento ao longo da carreira, possibilitando a atualização de conhecimentos e práticas pedagógicas, bem como a formação em novas áreas e habilidades com o afastamento remunerado, para qualificação em cursos de Pós-Graduação *stricto sensu* e estágio Pós-Doutoral.

TR - 50

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. - Lutar pelos IFs e pelas Reivindicações da carreira EBTT.
 - 1.1 * Pelo Fim do NEM - Novo Ensino Médio;
 - 1.2 * Pela Revogação da BNCC – Base Nacional Comum Curricular;
 - 1.3 * Pela Construção de um projeto curricular que substitua a BNCC;
 - 1.4 * Pela Educação em Tempo Integral;
 - 1.5 * Pela manutenção do direito ao RSC – Reconhecimento de Saberes e Competências, que é um direito específico para a carreira de EBTT;
 - 1.6 * Pela Revogação da Portaria 983 (haja um entendimento quanto às horas necessárias para o pleno desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão, de modo a não prejudicar o funcionamento integral das atividades acadêmicas, evitando prejuízos

irreparáveis à formação dos estudantes, bem como à capacitação e às atividades dos docentes e a manutenção da sua saúde física e mental);

1.7 * Pela autorização para designação de Função Comissionada de Coordenador de Curso (FCC) para pós-graduação lato sensu e para cada curso técnico médio presencial ou EaD (separando o integrado, concomitante e subsequente);

1.8 * Pela Recomposição orçamentária das UFs, dos IFs e CEFETs (Reparação das perdas inflacionárias do período de 2010 a 2022)

1.8.1 **Dados da reunião do CONIF (30/01/2024 a 01/02/2024):** Sobre o Orçamento 2024 para os IFs - Após a LOA aprovada, segue o primeiro o posicionamento com relação aos cortes: a LOA 2024 está menor que a LOA 2023. O Forplan (Fórum de Pró-reitores de Planejamento, Administração e Desenvolvimento Institucional da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica) fez a análise das perdas que aconteceram e cabe destacar que este valor foi reduzido por meio de ato no Congresso. Contudo, no envio da PLOA já existia a preocupação com a diminuição dos valores, pois a PLOA de 2024 foi com o mesmo valor da LOA 2023, culminando em uma Lei Orçamentária menor que a do ano anterior. Houve uma perda de 20 milhões em termos de assistência estudantil, em torno de 200 a 400 mil por instituição. E mais de 100 milhões de custeio (média de 4% por instituição). A própria SETEC não conseguiu as explicações para estes cortes. Precisaremos pressionar o MEC. Em dados atuais, temos um orçamento que tivemos em 2019 (Diniz, 2024).

1.9 * Pela Recomposição salarial e organização das carreiras dos servidores (Em função dos salários extremamente defasados, muitas áreas da docência não conseguem professores/as substitutos/as, o que dificulta a licença capacitação);

1.10 * Pela Equiparação em relação aos docentes da carreira do Magistério Superior para dispensa do controle de frequência para os docentes EBTT através de inclusão no Decreto 1867/1996;

1.11 * Pela Modificação da Emenda Constitucional 103/2019, que alterou as regras de aposentadorias, tirou direitos dos servidores, esvaindo-se a aspiração de poder aposentar e receber salários com paridade e integralidade (a proposta seria que para todos que entraram antes da reforma, que sejam mantidos na regulamentação que estava em vigor quando entrou);

1.12 * Pela Revogação do Decreto 10.620/2021 (que visa transferir a gestão de aposentadorias dos servidores públicos do executivo para o INSS).

TEXTO 51

Contribuição da Assembleia Geral da ADUR-RJ

PELO REPOSICIONAMENTO DOS(AS, ES) DOCENTES JÁ INTEGRANTES DA CARREIRA DO MAGISTÉRIO FEDERAL APROVADOS(AS, ES) EM OUTROS CONCURSOS PÚBLICOS

TEXTO DE APOIO

Nos últimos anos, com a reestruturação e a ampliação das vagas docentes nas IFEs, muitos (as, es) colegas optaram por realizarem novos concursos públicos, como meio de se inserirem em departamentos e cursos de outras instituições de ensino federais.

Ao tomarem posse nas instituições de destino, os (as, es) colegas são na maioria das vezes obrigados (as, es) a voltarem para classe e níveis iniciais, como se estivessem retornando ao início de suas carreiras docentes. Trata-se de uma interpretação restritiva da Lei 12.772/2012 (atual Lei de carreira do Magistério Federal), feita por PROGEPs e Departamentos de Pessoal/RHs, normalmente complementadas com argumentos de natureza financeira pouco consistentes. Algumas instituições reconhecem o direito ao reposicionamento dos docentes, como no caso da Universidade Federal Fluminense. O quadro geral é de incerteza e de controvérsia jurídica instalada por conta de posicionamentos diferentes das IFEs, e decisões judiciais esparsas e contraditórias.

A luta histórica do ANDES-SN é pela carreira única do magistério federal. Devemos reconhecer que a negativa de reconhecimento do direito ao reposicionamento é uma forma de enfraquecer a unidade de nossa carreira, já fragmentada pela distinção entre MS e EBTT. É como se os (as, es) colegas estivessem ingressando em nova carreira ao ingressar em nova instituição, quando sabemos que, mesmo pela lógica da legislação atual, as carreiras do Magistério Superior ou da EBTT são as mesmas, distribuídas em várias instituições.

Adicionalmente, é de se notar a particularidade de ser a realização de concursos públicos um meio comum de mobilidade interinstitucional dos (as, es) docentes. De fato, como a viabilidade da mobilidade via redistribuição ou remoção está associada a uma série de fatores não relacionados ao trabalho e mérito docentes, a prestação de novo concurso é um meio típico de movimentação dos professores e professoras.

A controvérsia jurídica instalada não é obstáculo para que a correta interpretação da lei seja uniformizada pela via administrativa, em favor dos (as, es) docentes. Razão pela qual é urgente incorporar ao Plano de Lutas das IFEs e à nossa pauta de negociação o reconhecimento do direito ao reposicionamento dos (as, es) docentes já integrantes da carreira do magistério federal nas instituições para qual tenham sido aprovados (as, es) em concurso, para seguirem nas classes e níveis já alcançados nas instituições de origem.

TR – 51

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1 - Incorporar ao Plano de Lutas do Setor das IFEs e à pauta da campanha salarial de 2024 o reconhecimento do direito ao reposicionamento dos (as, es) docentes já integrantes da carreira do magistério federal admitidos em outras IFEs por meio de concursos públicos.

TEXTO 52

Contribuição da Assembleia da APUR

PELO PAGAMENTO IMEDIATO DE TODOS OS COORDENADORES DE CURSO!

TEXTO DE APOIO

Como é de amplo conhecimento, os coordenadores de colegiados de cursos nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) têm direito a receber respectiva gratificação por assumir essa função. Do ponto de vista legal, a lei n. 12.677/2012 trouxe uma novidade ao criar gratificação específica para os coordenadores de colegiado de curso, distinguindo da FG1 até então utilizada para essa finalidade.

A Função Comissionada de Coordenação de Curso (FCC) é exercida, exclusivamente, por servidores que desempenhem atividade de coordenação acadêmica de cursos técnicos, tecnológicos, de graduação e de pós-graduação *stricto sensu*, regularmente instituídos no âmbito das instituições federais de ensino.

Importante registrar que, ao autorizar a criação e o funcionamento de um novo curso, cabe ao Ministério da Educação (MEC) oferecer as condições plenas para o seu funcionamento, redistribuindo às universidades, dentre outras, as FCC necessárias.

Ocorre que desde o governo Temer muitos cursos foram autorizados pelo MEC sem a devida redistribuição de FCC. Em levantamento realizado pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Gestão de Pessoas (FORGEPE/ANDIFES), no ano de 2021, em 56 universidades federais, foi constatado que há pelo menos 948 FCC faltantes para o quadro das Universidades. A Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) e a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), por exemplo, não possuem nenhum FCC.

Essa situação foi agravada pelo governo Bolsonaro ao publicar o decreto n. 9.725/2019, que extinguiu cargos em comissão e funções de confiança e limitou a ocupação, a concessão ou a utilização de gratificações, compreendendo as FCC.

As medidas implementadas pelos últimos governos buscaram realizar minis reformas administrativas no estado brasileiro, atacando direitos dos trabalhadores, particularmente do setor público, e limitando a autonomia de nossas universidades.

Na prática, há alguns anos, centenas de docentes vêm exercendo a função de coordenador de colegiado de curso sem perceber a devida gratificação. Consequentemente, acumulam-se prejuízos de ordem financeira a esses colegas. Por outro lado, instalou-se na rede

federal duas categorias de coordenadores, aqueles que recebem FCC e aqueles que não recebem FCC, contrariando o princípio da isonomia.

É imprescindível intensificarmos a luta para que os colegas coordenadores tenham condições isonômicas e recebam todos os valores devidos.

TR - 52

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o ANDES-SN, em conjunto com as seções do setor:

1.1 Intensifique a luta pelo pagamento das FCC, inserindo na pauta de prioridades para 2024 e exigindo do MEC a redistribuição imediata de todas as FCC faltantes a todas as IFES;

1.2 Reivindique ao governo federal que todos os docentes que exerceram a função de coordenador de curso sem a devida gratificação sejam remunerados retroativamente;

1.3 Realize campanha e dia nacional de luta pelo pagamento das FCC no primeiro semestre de 2024.

TEXTO 53

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: André Rosa Martins (SINDOIF); Carlos Alberto Saraiva Gonçalves (ANDES/UFRGS); Claudio Enrique Fernández Rodríguez (SINDOIF); Cristina Pereira Carvalho (ANDES/UFRGS); Elaine da Silva Neves (ADUFPEL); Flávia Maria Teixeira dos Santos (ANDES/UFRGS); Guilherme Dornelas Camara (ANDES/UFRGS); Gustavo Borba de Miranda (APROFURG); Jefferson Marçal da Rocha (ANDES/UFRGS); Loiva Mara de Oliveira Machado (ANDES/UFRGS); Maria Augusta Martiarena de Oliveira (SINDOIF); Stefan Chamorro Bonow (SINDOIF).

DESAFIOS PARA A CONSTRUÇÃO DA CARREIRA ÚNICA DE PROFESSOR(A) FEDERAL DE ACORDO COM O PROJETO DO ANDES-SN

TEXTO DE APOIO

A proposição histórica de carreira única do ANDES-SN, aprovada no 30º Congresso ocorrido em 2011 em Uberlândia/MG, previa uma única carreira para todas as instituições da base do Sindicato Nacional a partir de uma etapa inicial que seria a conquista de uma carreira única de professor(a) federal. Passados 13 anos daquela histórica aprovação congressual, faz-se necessário atualizar o texto da referida proposição tendo em vista as mudanças que ocorreram nas carreiras federais no período recente. Aprovada como proposta de projeto de lei (PL), a proposição congressual de 2011 se vincula às estruturas de carreiras da época e não contempla aspectos das carreiras vigentes do magistério federal. O texto aprovado no 30º Congresso, por estar desatualizado inclusive no que se

refere aos quadros de equivalência e correlação das atuais carreiras federais, é inadequado para ser apresentado pelo nosso Sindicato Nacional em uma mesa de negociação.

A realização de um Conad Extraordinário para debater carreira em 2024, conforme proposição da Diretoria do Sindicato Nacional (TR 34), ampliará o debate nas bases de nossas seções sindicais sobre a estrutura necessária para a carreira docente, certamente mantendo a convicção histórica em defesa da carreira única, sem classes, com 13 níveis e com uma única linha de remuneração salarial.

A presente proposta objetiva apresentar um caminho para alcançar a carreira única do magistério federal, como etapa inicial para uma só carreira em toda a base do ANDES-SN. Para alcançar esse objetivo, o pressuposto fundamental é que a negociação da carreira única deve estar desatrelada do debate sobre a imediata reposição salarial para professoras e professores federais.

Na atual conjuntura nacional, com um governo que prioriza o ajuste fiscal em detrimento do serviço público, inclusive cortando o orçamento da saúde, da educação e da ciência, não podemos centrar nossa luta na ilusão da garantia de recomposição salarial a partir da reestruturação da carreira. A luta pela reposição salarial em 2024, para ser exitosa, deverá seguir um rumo unitário e ampliado, em conjunto com outras categorias do serviço público federal. O diálogo na Mesa Nacional de Negociação Permanente (MNNP) nos garantiu, até o momento, ZERO de reposição em 2024. E nada aponta para obtenção de índices muito maiores em uma mesa sobre reestruturação de carreira.

O objetivo do presente texto é debater uma estrutura de carreira do magistério federal que contenha a espinha dorsal da proposta do ANDES-SN, aprovada no 30º Congresso do Sindicato Nacional, e possa ser aplicada sem a necessidade de uma complexa implementação em diferentes etapas. Esse passo inicial poderá ser atingido sem renunciar ao objetivo futuro de uma carreira devidamente estruturada e com abrangência em todas as instituições públicas da base do ANDES-SN, de acordo com as decisões do Conad Extraordinário sobre carreira.

A desconstrução das carreiras federais

A carreira docente que foi negociada no final dos anos 1980 pelo ANDES-SN previa a adequada equivalência entre os diferentes regimes de trabalho garantindo o mesmo valor de hora-trabalhada para os regimes de 20h e de 40h semanais, bem como a devida valorização à dedicação exclusiva (DE) tendo em vista o impedimento legal de exercício de outra atividade remunerada.

A lógica da construção dessa carreira estava pautada na premissa da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como política de Estado, proposição que o movimento docente conseguiu consignar na Constituição Federal, indicando que o regime de dedicação exclusiva tinha a função de viabilizar tal política nas diferentes instituições públicas de ensino superior do país.

No segundo mandato do presidente Lula foi aprovada a Lei 11.784/08 que criou a carreira do magistério do ensino básico, técnico e tecnológico (EBTT), substituindo a antiga carreira federal do magistério de 1º e 2º grau, dentre outras mudanças. A referida Lei ainda mantinha alguma coerência entre a estrutura das carreiras. Para o vencimento básico (VB) foi mantida a relação em que o regime de trabalho de 40h receberia o dobro do regime de 20h e o regime de dedicação exclusiva receberia 3,1 vezes o valor do regime

de 20h, tal como previa o Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos (PUCRCE).

Na época da greve de 2012, liderada pelo ANDES-SN, a entidade cartorial denominada Proifes Federação assinou um acordo com o governo federal para encerrar aquele forte e exitoso movimento. O acordo assinado, em contraposição aos encaminhamentos defendidos pelo ANDES-SN e pelo SINASEFE, modificou em definitivo o quadro de isonomia em ambas as carreiras do magistério federal e acentuou o processo de desestruturação do regime de dedicação exclusiva.

O acordo assinado pela Federação cartorial Proifes para encerrar aquela expressiva greve resultou na Lei 12.772/12 que desestruturou a malha remuneratória das carreiras docentes passando a organizar o magistério superior (MS) e o magistério do ensino básico, técnico e tecnológico (EBTT) como se fossem “carreiras por tabelas”. A Lei 12.772/12 foi remendada em duas oportunidades, pelas Leis 12.863/13 e 13.325/16, sempre com negociações entre a Federação cartorial Proifes e o governo federal, sendo o primeiro acordo assinado no governo da presidenta Dilma e o segundo na época do golpista Temer. Nenhum desses acordos foi chancelado pelo ANDES-SN, já que visavam manter e acentuar a desestruturação das carreiras docentes.

A carreira desestruturada negociada entre o governo federal e a Federação cartorial Proifes, em pouco mais de uma década, desvalorizou os níveis de ingresso, desestimulou a qualificação docente e desqualificou o regime de dedicação exclusiva.

Para alcançar o objetivo da carreira única é fundamental garantir, inicialmente, que apenas organizações sindicais com representatividade, com cartas sindicais vigentes e sem qualquer impedimento legal participem da mesa de negociação com o governo federal. Esse não é o caso da Federação cartorial Proifes que, além de não possuir carta sindical, está impedida desde outubro de 2022 de participar de mesas de negociação e assinar acordos com o governo sobre a carreira EBTT, por decisão judicial definitiva do TST.

A premissa básica para obtenção de uma carreira única do magistério federal é, portanto, garantir o respeito à decisão judicial e à legislação vigente, exigindo do governo federal que apenas o ANDES-SN e o SINASEFE sejam interlocutores das professoras e dos professores federais em uma mesa setorial de negociação de carreira docente.

A abrangência das atuais carreiras federais

É importante lembrar que uma carreira única de professor(a) para todas as instituições federais de ensino tem repercussão não apenas na rede vinculada ao Ministério da Educação, como universidades federais, institutos federais, centros federais de educação tecnológica, INES, Colégio Pedro II e outras instituições do MEC, mas também naquelas instituições ligadas ao Ministério da Defesa, como é o caso de colégios e academias militares que contam com docentes da atual carreira EBTT.

A rede das Instituições Federais de Ensino Superior é constituída, atualmente, por 68 universidades federais, sendo que muitas possuem unidades acadêmicas de ensino básico, como escolas e colégios de aplicação. A rede das Instituições Federais de Educação Profissional, Científica e Tecnológica é formada por 38 institutos federais, 2 centros federais de educação tecnológica (CEFET) e pelo Colégio Pedro II, totalizando 41 instituições. A rede do Ministério da Defesa é formada por 16 instituições do exército, 6

da marinha e 4 da aeronáutica, totalizando 26 instituições de ensino, todas com docentes civis da carreira EBTT.

A viabilidade de uma proposta de carreira única federal passará, portanto, pela construção de uma alternativa que possa ser defendida junto aos representantes do MEC e do MD, preferencialmente em uma proposição encaminhada de forma unitária pelo ANDES-SN e pelo SINASEFE.

Entre docentes federais da ativa, atualmente, somos cerca de 87 mil professore(a)s na carreira MS e cerca de 48 mil na carreira EBTT, indicando que mais de 35% das e dos colegas da ativa estão da carreira EBTT. O quantitativo de aposentado(a)s é de aproximadamente 43 mil docentes MS e 18 mil EBTT. É fundamental reconhecer que parcela significativa das aposentadas e dos aposentados estão enquadrados de forma incorreta em relação as estruturas atuais em ambas as carreiras.

Etapa inicial para alcançar a carreira única

Apesar da necessidade de atualização da proposta de carreira única, algumas premissas aprovadas no 30º Congresso são atemporais e compõem o eixo central da concepção de carreira docente do ANDES-SN, com destaque para a proposição de uma única carreira com 13 níveis e sem classes e com apenas uma única linha de remuneração salarial no contracheque. Uma proposição inicial de carreira única de professor(a) federal, de acordo com o projeto histórico do ANDES-SN, deverá necessariamente prever:

- carreira única do magistério federal a partir da equivalência entre as atuais carreiras MS e EBTT;
- estrutura com 13 níveis e sem classes, com interstício de 2 anos para progressão entre cada nível;
- uma única linha de remuneração salarial no contracheque.

Apenas as mudanças citadas, fusão das carreiras MS e EBTT em uma única carreira do magistério federal com 13 níveis e sem distinção de classes e a criação de um único valor remuneratório salarial a partir da soma dos atuais valores de vencimento básico (VB) e de retribuição por titulação (RT), ou do somatório de vencimento básico (VB) e do Reconhecimento de Saberes e Competências (RSC), no caso de docente EBTT que tenha direito adquirido através de processo de RSC, poderiam criar as condições iniciais para pavimentar as demais modificações de carreira no futuro. Tais mudanças podem ser realizadas sem demandar suplementação orçamentária para sua implementação, desatrelando a proposta de carreira única da luta imediata por reposição salarial de docentes federais.

A presente proposta defende, portanto, a superação das 5 classes atuais tanto da carreira MS (A-auxiliar, B-assistente, C-adjunto, D-associado e E-titular) quanto da carreira EBTT (DI, DII, DIII, DIV e titular), mantendo o quantitativo de 13 níveis atualmente existentes. Outro ponto fundamental é a proposição de uma linha única de remuneração salarial que implicaria no somatório dos valores de vencimento básico (VB) e de retribuição por titulação (RT). Para docentes da carreira EBTT que possuem Reconhecimento de Saberes e Competências (RSC), a linha única seria formada pelo somatório dos valores de VB e de RSC.

Dessa forma seria possível apresentar na negociação com o governo federal uma proposta que teria o seguinte quadro de correlação e equivalência para reestruturação das carreiras atuais do magistério federal.

Figura 1. Quadro de correlação e equivalência para a carreira única de professor(a) federal

Magistério Superior			Magistério EBTT		Única
E	Titular	Único	Titular	1	13
D	Associado	4	D IV	4	12
		3		3	11
		2		2	10
		1		1	9
C	Adjunto	4	D III	4	8
		3		3	7
		2		2	6
		1		1	5
B	Assistente	2	D II	2	4
		1		1	3
A	Adjunto A - se doutor	2	D I	2	2
	Assistente A - se mestre Auxiliar - se graduado ou especialista			1	1

Quais seriam as vantagens da criação de uma carreira única do magistério federal, com 13 níveis e sem classes, e da viabilização de uma única linha de remuneração salarial no contracheque se, a partir de tais proposições, a malha salarial e a própria carreira seguiriam desestruturadas? Seguem algumas ponderações para contribuir com o debate:

- ✓ a presente proposta simplificaria a estrutura do magistério federal, que atualmente é composta por duas carreiras (MS e EBTT) e dois cargos isolados (titular MS e titular EBTT);
- ✓ o magistério federal ficaria com um único cargo de professor(a) federal e ingresso através de concurso público de provas e títulos, com posicionamento inicial de acordo com a titulação do(a) ingressante;
- ✓ o corpo docente seria constituído por integrantes da carreira única do magistério federal além de professore(a)s visitantes e professore(a)s substituto(a)s;
- ✓ a presente proposta propiciaria uniformidade no desenvolvimento na carreira, eliminando o conceito de mudança de classe conhecido como “promoção funcional”, com a simplificação no processo de progressão inclusive no que se refere à passagem para o topo da carreira (atual titular);
- ✓ a presente proposta propiciaria mobilidade funcional, permitindo que qualquer professor(a) da ativa possa participar de permuta ou concorrer em edital de redistribuição para qualquer instituição federal de ensino, sem prejuízo remuneratório ou no posicionamento na carreira reestruturada;
- ✓ a presente proposta propiciaria que qualquer professor(a) federal da ativa possa migrar de rede (seja do ensino superior para a educação profissional e tecnológica, ou vice-versa), via concurso público, sem prejuízo remuneratório ou no posicionamento da carreira reestruturada;
- ✓ a presente proposta possibilitaria negociar a equiparação imediata de direitos para todo o magistério federal, como a abrangência da norma que trata da frequência (Decreto nº 1867/96), atualmente aplicável apenas à carreira MS, e a conseqüente extinção de

entulhos específicos, como a Portaria MEC nº 983/20 e a Instrução Normativa SGP/SEDGG/ME nº 66/22;

✓ a presente proposta possibilitaria negociar o posicionamento na nova estrutura respeitando direitos adquiridos tal como o Reconhecimento de Saberes e Competências (RSC), no caso específico da carreira EBTT, bem como viabilizar o devido enquadramento de aposentado(a)s de acordo com a posição relativa à época da aposentadoria.

A presente proposta dialoga com a proposição histórica do ANDES-SN no que se refere à carreira docente em nível federal. A sua aplicação poderia ocorrer sem necessidade inicial de suplementação orçamentária, na perspectiva da simplificação da carreira docente e da valorização do trabalho de professoras e professores.

A conquista da carreira única a partir dos pressupostos da presente proposta abriria espaço para a negociação de uma segunda etapa de estruturação da carreira, após os debates e encaminhamentos do Conad Extraordinário de 2024, conforme proposição contida no TR 34 apresentado pela Diretoria do Sindicato Nacional.

É fundamental avançar e conquistar a carreira única, retirando o entrave das duas linhas de remuneração, como etapa fundamental para superação do conceito de “carreira por tabelas” criado pela Federação cartorial Proifes. Qualquer proposta que preveja percentuais de valorização entre níveis e para cada titulação, por exemplo, necessitará da conquista prévia da linha única de remuneração salarial para ser adequadamente aplicada.

Com apenas as alterações apresentadas, carreira única do magistério federal com 13 níveis e sem classes e com uma única linha de remuneração salarial no contracheque, as tabelas para os atuais regimes de trabalho ficariam como apresentadas na Figura 2, de acordo com os valores estabelecidos em maio de 2023.

Figura 2. Tabelas de remuneração para a carreira única de professor(a) federal (valores de maio de 2023)

REGIME DE TRABALHO DE TEMPO PARCIAL DE 20 HORAS SEMANAIS

Única	Graduação	Aperfeiçoamento	Especialização	Mestrado	Doutorado
13	R\$ 5.204,12	R\$ 5.464,32	R\$ 5.724,53	R\$ 6.505,15	R\$ 8.196,49
12	R\$ 4.731,01	R\$ 4.967,56	R\$ 5.204,11	R\$ 5.913,77	R\$ 7.451,34
11	R\$ 4.549,05	R\$ 4.776,50	R\$ 5.003,95	R\$ 5.686,31	R\$ 7.164,76
10	R\$ 4.374,09	R\$ 4.592,80	R\$ 4.811,50	R\$ 5.467,61	R\$ 6.889,19
9	R\$ 4.205,85	R\$ 4.416,14	R\$ 4.626,44	R\$ 5.257,32	R\$ 6.624,22
8	R\$ 3.364,69	R\$ 3.532,92	R\$ 3.701,16	R\$ 4.205,86	R\$ 5.299,39
7	R\$ 3.235,27	R\$ 3.397,04	R\$ 3.558,79	R\$ 4.044,09	R\$ 5.095,55
6	R\$ 3.110,84	R\$ 3.266,38	R\$ 3.421,93	R\$ 3.888,56	R\$ 4.899,57
5	R\$ 2.991,19	R\$ 3.140,75	R\$ 3.290,31	R\$ 3.738,98	R\$ 4.711,12
4	R\$ 2.835,25	R\$ 2.977,02	R\$ 3.118,78	R\$ 3.544,07	R\$ 4.465,52
3	R\$ 2.700,25	R\$ 2.835,26	R\$ 2.970,28	R\$ 3.375,31	R\$ 4.252,89
2	R\$ 2.559,47	R\$ 2.687,45	R\$ 2.815,41	R\$ 3.199,33	R\$ 4.031,17
1	R\$ 2.437,59	R\$ 2.559,47	R\$ 2.681,35	R\$ 3.046,99	R\$ 3.839,21

REGIME DE TRABALHO DE TEMPO INTEGRAL DE 40 HORAS SEMANAIS

Única	Graduação	Aperfeiçoamento	Especialização	Mestrado	Doutorado
13	R\$ 7.285,77	R\$ 7.832,20	R\$ 8.378,64	R\$ 10.017,93	R\$ 13.569,74
12	R\$ 6.623,43	R\$ 7.120,19	R\$ 7.616,94	R\$ 9.107,21	R\$ 12.336,13
11	R\$ 6.368,67	R\$ 6.846,32	R\$ 7.323,97	R\$ 8.756,93	R\$ 11.861,65
10	R\$ 6.123,73	R\$ 6.583,01	R\$ 7.042,28	R\$ 8.420,13	R\$ 11.405,44
9	R\$ 5.888,20	R\$ 6.329,81	R\$ 6.771,43	R\$ 8.096,28	R\$ 10.966,77
8	R\$ 4.710,55	R\$ 5.063,84	R\$ 5.417,13	R\$ 6.477,01	R\$ 8.773,41
7	R\$ 4.529,39	R\$ 4.869,09	R\$ 5.208,80	R\$ 6.227,90	R\$ 8.435,98
6	R\$ 4.355,18	R\$ 4.681,82	R\$ 5.008,46	R\$ 5.988,37	R\$ 8.111,52
5	R\$ 4.187,67	R\$ 4.501,74	R\$ 4.815,82	R\$ 5.758,04	R\$ 7.799,54
4	R\$ 3.969,35	R\$ 4.267,05	R\$ 4.564,75	R\$ 5.457,85	R\$ 7.392,92
3	R\$ 3.780,34	R\$ 4.063,87	R\$ 4.347,39	R\$ 5.197,97	R\$ 7.040,98
2	R\$ 3.583,26	R\$ 3.852,00	R\$ 4.120,75	R\$ 4.926,98	R\$ 6.673,82
1	R\$ 3.412,63	R\$ 3.668,57	R\$ 3.924,53	R\$ 4.692,37	R\$ 6.356,02

REGIME DE TRABALHO DE TEMPO INTEGRAL DE 40 HORAS SEMANAIS COM DEDICAÇÃO EXCLUSIVA

Única	Graduação	Aperfeiçoamento	Especialização	Mestrado	Doutorado
13	R\$ 10.408,24	R\$ 11.449,06	R\$ 12.489,89	R\$ 15.612,36	R\$ 22.377,72
12	R\$ 9.462,03	R\$ 10.408,24	R\$ 11.354,43	R\$ 14.193,04	R\$ 20.343,37
11	R\$ 9.098,11	R\$ 10.007,92	R\$ 10.917,73	R\$ 13.647,16	R\$ 19.560,93
10	R\$ 8.748,19	R\$ 9.623,01	R\$ 10.497,83	R\$ 13.122,28	R\$ 18.808,60
9	R\$ 8.411,72	R\$ 9.252,89	R\$ 10.094,06	R\$ 12.617,57	R\$ 18.085,19
8	R\$ 6.729,37	R\$ 7.402,30	R\$ 8.075,25	R\$ 10.094,06	R\$ 14.468,14
7	R\$ 6.470,55	R\$ 7.117,61	R\$ 7.764,66	R\$ 9.705,82	R\$ 13.911,69
6	R\$ 6.221,68	R\$ 6.843,85	R\$ 7.466,01	R\$ 9.332,52	R\$ 13.376,61
5	R\$ 5.982,39	R\$ 6.580,63	R\$ 7.178,87	R\$ 8.973,58	R\$ 12.862,13
4	R\$ 5.670,51	R\$ 6.237,56	R\$ 6.804,61	R\$ 8.505,76	R\$ 12.191,60
3	R\$ 5.400,48	R\$ 5.940,53	R\$ 6.480,57	R\$ 8.100,73	R\$ 11.611,04
2	R\$ 5.118,95	R\$ 5.630,85	R\$ 6.142,74	R\$ 7.678,42	R\$ 11.005,73
1	R\$ 4.875,18	R\$ 5.362,69	R\$ 5.850,22	R\$ 7.312,77	R\$ 10.481,64

Essa proposta traz ao menos dois pontos que merecem avaliação e ponderação em relação aos procedimentos existentes no desenvolvimento das carreiras MS e EBTT:

- ✓ uma carreira única significaria o fim do processo de Reconhecimento de Saberes e Competências (RSC), que atualmente é aplicado exclusivamente para a carreira EBTT;
- ✓ em uma carreira única não haveria espaço para a chamada “aceleração da promoção” que acontece após o final do estágio probatório, tanto na carreira MS quanto na carreira EBTT, porque o conceito de promoção não existiria na carreira reestruturada.

No que se refere ao RSC, a qualquer tempo e por qualquer formato de migração para uma carreira única, seja a partir da presente proposta ou a partir de qualquer outra proposição,

deverá ser garantido o posicionamento adequado na nova estrutura respeitando o direito adquirido de professoras e professores. Cabe para o RSC o mesmo cuidado que nosso sindicato deverá ter em relação ao posicionamento de aposentados e aposentadas durante as negociações para reestruturar a carreira. Igualmente é fundamental resguardar todos os benefícios, direitos, garantias e vantagens pessoais anteriormente adquiridos por ocupantes dos cargos das carreiras reestruturadas, como é o caso dos antigos anuênios.

Quanto à chamada “aceleração da promoção”, que hoje propicia que docente com titulação de doutorado possa ser promovido para Adjunto nível 1, na carreira MS, ou para DIII nível 1, na carreira EBTT, imediatamente após aprovação no estágio probatório, não haveria motivos para manter em uma carreira única a possibilidade de um “salto” entre diferentes níveis. A garantia do ingresso no posicionamento adequado à titulação de cada docente e a própria inexistência de classes na carreira única propicia a superação do conceito de “promoção” e, ainda mais, de uma promoção que avance de forma simultânea sobre diferentes níveis, gerando desequilíbrio no desenvolvimento e redução acentuada no tempo de percurso das e dos ingressantes na carreira reestruturada.

Conquistar uma carreira única de professor(a) federal que possa viabilizar um acordo de imediata superação dos problemas de enquadramento de aposentado(a)s, além de garantir isonomia no que se refere a controle de frequência e superação das amarras sobre o trabalho docente, em especial às normativas que afetam escolas e colégios vinculados às universidades federais, institutos federais e centros federais de educação tecnológica, bem como a superação de entraves em relação a progressão funcional das atuais carreiras do magistério superior (MS) e do magistério do ensino básico, técnico e tecnológico (EBTT), propiciaria um avanço significativo para toda a categoria de docentes federais, pavimentando o caminho para a futura estruturação da carreira a partir das propostas apontadas pelo Conad Extraordinário.

TR – 53

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o ANDES-SN apresentará ao governo federal uma proposta de carreira única do magistério federal que contemple as seguintes premissas:

1.1 Criar uma carreira única de professor(a) federal que expresse os princípios previstos nos artigos 206 e 207 da Constituição Federal, em especial a garantia do padrão de qualidade do ensino, a valorização do(a)s profissionais da educação, a garantia de piso salarial nacional e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, estabelecendo o regime de trabalho de dedicação exclusiva (DE) como preferencial na carreira reestruturada.

1.2 Constituir a carreira federal reestruturada a partir da correlação e equivalência entre as atuais carreiras do magistério superior (MS) e do magistério do ensino básico, técnico e tecnológico (EBTT), sem distinção de classes, com 13 níveis e com interstício de 2 anos para progressão entre níveis.

1.3 Estabelecer uma única linha de remuneração salarial, em cada nível, a partir do somatório dos valores de vencimento básico (VB) e de retribuição por titulação (RT), de acordo com a titulação ou com a devida equivalência entre titulação e Reconhecimento de Saberes e Competências (RSC), de cada integrante da carreira reestruturada.

1.4 Definir o corpo docente da carreira reestruturada como sendo constituído exclusivamente por integrantes da carreira de professor(a) federal, com os efeitos da

reestruturação afetando os vínculos emergenciais e/ou temporários de professore(a)s visitantes e professore(a)s substituto(a)s, e com a consequente extinção de cargos isolados e a garantia da destinação de seus respectivos códigos de vaga à carreira reestruturada.

1.5 Garantir isonomia salarial assegurada por remuneração uniforme do trabalho prestado por professor(a) federal do mesmo nível, regime de trabalho e titulação, bem como pela uniformidade de critérios gerais para progressão e para ingresso, obrigatoriamente por concurso público de provas e títulos.

1.6 Resguardar todos os benefícios, direitos, garantias e vantagens pessoais anteriormente adquiridos por ocupantes dos cargos das carreiras reestruturadas, inclusive de aposentado(a)s e pensionistas, decorrentes de norma em vigor à época de sua concessão ou de decisão judicial, garantindo-se, para todos os efeitos, a irredutibilidade remuneratória.

1.7 Garantir na carreira reestruturada o enquadramento de aposentado(a)s e pensionistas da mesma forma que o(a)s ativo(a)s, resguardada a equivalência em relação ao topo da estrutura da carreira em vigor na data da sua aposentadoria.

1.8 Garantir na carreira reestruturada o reconhecimento ao exercício de atividades inerentes ao cargo de professor(a) federal, em especial no que se refere à dispensa do registro de frequência, nos termos do Decreto nº 1867/1996, respeitando as especificidades da atuação e do trabalho docente.

1.9 Garantir na carreira reestruturada o direito à aposentadoria especial para professor(a) federal com atuação na educação básica.

1.10 Valorizar na carreira reestruturada, inclusive durante o estágio probatório, a participação em sindicatos, associações e entidades científicas, artísticas e culturais, sem qualquer prejuízo remuneratório ou no que se refere à continuidade na contagem do tempo de serviço.

1.11 Garantir negociação com prazo até dezembro de 2025 para reorganizar a carreira única com objetivo de:

- a) definir percentual fixo entre cada nível da carreira;
- b) definir percentual fixo para cada titulação na carreira;
- c) definir percentual entre os diferentes regimes de trabalho da carreira;
- d) definir o piso salarial da carreira e a data-base anual da categoria.

TEXTO 54

Contribuição da Assembleia Geral da Adcefet-rj Seção Sindical e das/os sindicalizadas/os Adelson Fernandes Moreira (SINDCEFET-MG), Ana Lúcia Barbosa Faria (SINDCEFET-MG), Katalin Carrara Geocze (SINDCEFET-MG), Adilson Mendes Ricardo (SINDCEFET-MG), Marcos Prado Amaral (SINDCEFET-MG), Sidney Maia Araújo (SINDCEFET-MG), Milney Chasin (SINDCEFET-MG), Claudio Enrique Fernández Rodríguez (SINDOIF), Igor Mota Morici (SINDCEFET-MG), Maria das Graças de Almeida (SINDCEFET-MG), Luiz Alberto Ornellas Rezende (SINDCEFET-MG), Bráulio Silva Chaves (SINDCEFET-MG), Gabriel Fagundes Camargo (SINDCEFET-MG), André Rosa Martins (SINDOIF) e Karine Fernandes de Carvalho (APES-IFSudesteMG).

PLANO DE LUTAS DO SETOR DAS IFES: PELA REVOGAÇÃO DA PORTARIA 983/2020

TEXTO DE APOIO

Em novembro de 2020, o Ministério da Educação (MEC) publicou a Portaria 983 daquele ano. A finalidade alegada em sua ementa é regulamentar as atividades docentes no âmbito da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT). A Constituição Federal não autoriza o Ministro de Estado a legislar, mas tão somente a expedir instruções para execução do que já está legislado.

Segundo o Art. 57 da Lei n. 9394/1996 (LDB), “[n]as instituições públicas de educação superior, o professor ficará obrigado ao mínimo de oito horas semanais de aulas”. A Lei n. 11892/2008 - que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica - e o Decreto 5224/2004 estabelecem, respectivamente, Institutos Federais e CEFETs como Instituições de Educação Superior, equiparadas às universidades federais no que concerne à regulação, avaliação e supervisão de suas atividades. Neste sentido, não há dúvida de que a carga horária mínima de ensino em sala de aula de docentes do Magistério Federal, tanto do Magistério Superior (MS) como do magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) é de 8h, independentemente da instituição de educação superior em que atuam. Apesar disso, a Portaria 983/2020 estabelece, em seu item 7.2, carga horária mínima em sala de aula no patamar de 14 horas semanais no regime de tempo integral (40 horas semanais) e de 10 horas semanais no regime de tempo parcial (20 horas) para um grupo bem específico de docentes: os professores do EBTT lotados na RFEPCT. Ou seja, a Portaria 983/2020 altera a Lei 9394/1996 (LDB), além de desrespeitar as atribuições da carreira de EBTT determinadas pela lei que dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreiras e Cargos de Magistério Federal (Lei 12772/2012).

Uma portaria não pode ter poder de lei, nem, tampouco, pode diferenciar dois grupos de professores da mesma carreira EBTT: os lotados na RFEPCT e aqueles que atuam em Colégios de Aplicação, Colégios Técnicos vinculados a universidades, entre outros casos, que teriam cargas horárias mínimas em sala de aula com valores diferentes. Ademais, na atribuição da carreira EBTT estão também previstas as dimensões de pesquisa, extensão e gestão, além do ensino. Tais dimensões são avaliadas e exigidas em processos de progressão e promoção funcional dos docentes do EBTT, assim como as instituições da RFEPCT têm como missão a realização de ensino, pesquisa e extensão.

Assim, conclui-se que a Portaria 983/2020 é ilegal. Ela impede o cumprimento da missão institucional de Institutos Federais e CEFETs. Ela também impossibilita o desenvolvimento de pesquisa, extensão e gestão pelos docentes do EBTT, dada a alta carga horária dedicada ao ensino, o que inviabiliza a realização, com qualidade, das outras dimensões do tripé. Como consequência, isso impacta diretamente nas progressões e promoções funcionais de docentes do EBTT, que não conseguem realizar todas as dimensões do trabalho docente na RFEPCT.

Diante do exposto, defendemos a tese de **que o ANDES-SN lute pela revogação imediata da Portaria MEC 983/2020, que aumenta a carga horária mínima em sala de aula de docentes do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) lotados em instituições pertencentes à Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e impede a realização de pesquisa e extensão.**

TR – 54

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN APROVA:

1. A inclusão no Plano de Lutas do Setor das IFE, da luta pela revogação imediata da Portaria MEC 983/2020, que aumenta a carga horária mínima em sala de aula de docentes do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) lotados em instituições pertencentes à Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e impede a realização de pesquisa e extensão.

TEXTO 55

Contribuições dos sindicalizados: Adilson Aquino Silveira Júnior (ADUFEPE), Alessandro Teixeira Nóbrega (ADUERN), Evaristo Colmán Duarte (SINDIPROL/ADUEL), Fernando César Paulino Pereira (ADCAC), Gisele Cardoso Costa (ADUA), Maria das Graças de Araújo (ADUNIR), Raphael Góes Furtado (ADUFES), Soraia de Carvalho (ADUFEPE), Valdir Anhucci (SINDUNESPAR) e Valdeci Luiz Fontoura dos Santos (ADUFMS - Três Lagoas).

ORGANIZAR A GREVE UNIFICADA DO FUNCIONALISMO FEDERAL CONTRA A POLÍTICA DE ARROCHO SALARIAL E RESTRIÇÃO DO DIREITO DE GREVE DO GOVERNO BURGUESES DE LULA/ALCKMIN!

TEXTO DE APOIO

A prioridade do governo burguês de frente ampla de Lula/Alckmin é garantir os interesses do capital financeiro e demais frações da burguesia. Sua política econômica foi talhada conforme os objetivos de garantir a sustentação do parasitismo financeiro, o que se nota, sobretudo, na substituição do já furado teto de gastos por um “novo arcabouço fiscal”. Tal compromisso é incompatível com o reajuste do salário do funcionalismo, recomposição do orçamento da educação e demais áreas sociais, revogação das contrarreformas, interrupção da política de privatizações, etc. Evidencia-se que, apesar da política de colaboração de classes entre as direções sindicais e o governo, é impossível

compatibilizar os interesses de patrões e trabalhadores, da burguesia e da classe operária e demais assalariados e oprimidos. Essa explicação está na base da análise do evidente fracasso da Mesa Nacional de Negociação Permanente (MNNP). Qualquer análise séria, desde o início, deveria chamar os servidores públicos a não depositarem nenhuma confiança nas manobras e enrolações do governo. Porém, as direções sindicais celebraram a montagem da MNNP por si só e fizeram parte de uma encenação de negociação, que garante ao governo a máscara de mudança de política em relação aos governos Temer e Bolsonaro, ao mesmo tempo em que dá continuidade aos seus fundamentos.

A afrontosa resposta do governo de reajuste zero ao funcionalismo, em 2024, anunciada por meio do Ofício SEI nº 153993/2023/MGI, de 21/12/2023 fez com que as direções do Fórum Nacional de Servidores Federais (FONASEFE) passassem a falar em greve, inclusive o ANDES-SN. De fato, é inaceitável a manutenção do arrocho, com algumas migalhas como um reajuste de cerca de 50% no auxílio alimentação e assistência pré-escolar (excluindo os aposentados), e no per capita de saúde suplementar (restrito aos servidores com condições de pagar um plano de saúde). O reajuste nos benefícios é uma forma do governo discriminar os aposentados e não reajustar o essencial, que é o valor do vencimento básico. Para 2025 e 2026, o governo anunciou um mísero reajuste de 9%, dividido em duas parcelas de 4,5%, que provavelmente não vai repor sequer as perdas inflacionárias do período (2023-2025). O anúncio antecipado das parcelas expressa o compromisso com o capital financeiro de garantir as metas de superávit primário, às custas da manutenção do arrocho salarial do funcionalismo, da política privatista, do corte de verbas nos serviços públicos e ataques às condições de vida do funcionalismo.

É preciso elevar a politização do movimento, apontar que a luta do funcionalismo integra a luta de classes, expressa o antagonismo entre a nação oprimida e o imperialismo, entre as massas exploradas e oprimidas e a burguesia. Essa compreensão joga por terra qualquer ilusão de solução eleitoral para os problemas dos trabalhadores em geral e dos servidores públicos em particular. Constatar que trata-se de uma luta anti-imperialista condiciona a definição de nossos métodos de luta. Compreender que o governo federal e o Congresso Nacional expressam o poder da burguesia determina que não obteremos nossas reivindicações com ações nos aeroportos de Brasília, corredores do Congresso Nacional e gabinetes dos Ministérios. A construção da greve, forte, ativa e radicalizada, é o ponto de partida necessário para recuperar nossos salários e direitos. É preciso recusar qualquer bravata, como as de 2022 que só levam à desmoralização. Diante do anúncio do governo Bolsonaro de que concederia reajuste à polícia federal, as entidades do FONASEFE saíram da paralisia e anunciaram seguidas datas para início da greve. Porém, de forma leviana, sem real construção na base, sem real intenção de fazer uma greve de verdade. Na ocasião, os trabalhadores do INSS e algumas instituições de ensino aprovaram a greve, enquanto o FONASEFE recuou e os deixou isolados.

Defender o direito irrestrito de greve

Paralelamente ao anúncio de reajuste zero, o governo Lula, por meio do Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (MGI), aprovou no fim de 2023 a Instrução Normativa 49, que mantém a essência da IN 54/2021, publicada pelo governo Bolsonaro, que impõe o desconto imediato dos salários dos servidores em greve, e traz piores, ampliando o prazo de comunicação da greve de 48 para 72 horas de antecedência.

A "resposta" unilateral do governo à pauta de reivindicações, e seu ataque ao direito de greve do funcionalismo, são a demonstração clara de que, sem uma greve unificada do

funcionalismo, não há negociação real. O governo fez das mesas de negociação verdadeiras mesas de "enrolação", para, no final do ano, dar a sua "resposta" por meio de ofício.

As direções sindicais do ANDES, SINASEFE e FASUBRA, após a entrega da pauta de reivindicações em 18 de julho, apostaram na via das mesas de negociação, sem organizar a greve. A fragmentação do funcionalismo federal nas mesas de negociação específicas e a limitação da mobilização a dias de paralisação pontuais deixou o governo de mãos livres para aprovar tranquilamente o orçamento de 2024 sem incluir o reajuste do funcionalismo. A política das direções é expressão da capitulação ao governismo, que leva as direções a bloquearem a mobilização direta da categoria, mesmo que eventualmente emitam um ou outro posicionamento crítico. Os partidos que predominam nas direções do funcionalismo, inclusive, integram o governo ou estão em sua órbita.

É preciso extrair as lições das derrotas que temos sofrido até o momento em nossa campanha salarial e na luta pela revogação das contrarreformas. Foram o pior tipo de derrota, a derrota sem luta. É preciso reafirmar o óbvio: sem luta não há vitória. É preciso recuperar princípios básicos do sindicalismo classista como o que nos diz que nenhum governo burguês está do lado dos trabalhadores. Devemos apresentar em nossas reivindicações o índice correspondente às perdas integrais acumuladas. A apresentação de índices "emergenciais" ou "parciais" deseduca a base. Oculta a distância entre o que é direito de todo trabalhador, a recuperação daquilo que a inflação corroe dos salários, e as miseráveis ou nulas propostas do governo.

A Frente Única Andes-SN Classista, composta pela Corrente Proletária na Educação - CPE/POR e Aliança Revolucionária dos Trabalhadores (ART) tem defendido a necessidade de responder às mesas de enrolação do governo por meio da construção da greve unificada do funcionalismo federal pela recomposição integral e imediata das perdas salariais. Está mais do que na hora recompor as forças do movimento. É somente por meio da greve unificada, forte e radicalizada, que o funcionalismo federal conseguirá combater a política do governo burguês de frente ampla de Lula de arrocho salarial e restrição do direito de greve.

Erguer uma oposição revolucionária ao governo burguês de Lula/Alckmin

A luta do funcionalismo é parte da luta geral dos trabalhadores. É preciso fazer um chamado às centrais sindicais, sindicatos e movimentos sociais para se aprovar um verdadeiro dia nacional de lutas, com bloqueios e paralisações, pelos empregos, salários e direitos. Pela revogação das contrarreformas e contra as privatizações. As direções sindicais iludiram os trabalhadores com a promessa de conquistar a reposição das perdas salariais e reverter os ataques de Temer e Bolsonaro junto com o governo Lula. Porém, confirma-se que essa luta só pode se dar contra o governo que dá continuidade aos ataques e amplia a ofensiva sobre os explorados.

As manifestações por delegação, em Brasília; o "lobby" nos aeroportos e corredores do Congresso Nacional e as ações virtuais comprovadamente não servem para garantir nossos direitos. Mais do que nunca é necessário recuperar os métodos próprios de luta da classe operária, os piquetes, assembleias, manifestações massivas e ocupações.

Que as centrais sindicais e sindicatos convoquem um verdadeiro dia nacional de lutas, com bloqueios e paralisações. Ponto de partida para retomar a luta de massas.

Insistimos, o governismo é a principal causa da paralisia do movimento sindical. Essa linha colaboracionista tem se camuflado sob o discurso “antifascista” ou de independência sem ser oposição. O Congresso precisa aprovar uma política cristalina, que ajude a categoria a romper com qualquer ilusão que ainda permaneça e que recupere a confiança nos métodos de luta históricos do proletariado. Algumas organizações tentarão reavivar a linha da oposição de esquerda, que tem um conteúdo eleitoreiro, reedita as promessas reformistas, ocasionalmente mescladas com algumas formulações revolucionárias. Nós da Frente Única Andes-SN Classista defendemos que nosso sindicato nacional contribua com a construção de uma oposição revolucionária ao governo burguês de Lula/Alckmin, o que significa não abrir mão das reivindicações da categoria e dos demais trabalhadores e vincular essas reivindicações com a estratégia da revolução socialista.

TR - 55

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que os ANDES e as seções sindicais trabalhem para a construção de uma greve geral do funcionalismo federal pela recomposição imediata e integral das perdas salariais, revogação das contrarreformas, derrubada de qualquer projeto de reforma administrativa e garantia irrestrita do direito de greve.
2. Que as seções sindicais das IFES convoquem imediatamente os comitês unificados de mobilização, convidando as entidades representativas dos técnico-administrativos e dos estudantes.
3. Que o ANDES-SN defenda a substituição da burocracia universitária pelo governo tripartite (de estudantes, professores e técnico-administrativos) subordinado à Assembleia Geral Universitária, que delibera pelo voto universal.
4. Que a diretoria do ANDES-SN faça uma carta com um chamado às centrais sindicais e sindicatos pela convocatória de um verdadeiro dia nacional de lutas, com bloqueios e paralisações, em defesa dos empregos, reposição inflacionária dos salários, fim das privatizações e revogação das contrarreformas.
5. Que a direção nacional do Andes-SN envie esforços para constituir uma frente de oposição revolucionária ao governo burguês de Lula/Alckmin.

PLANO DE LUTAS DO SETOR DAS IFES: PELA DISPENSA DO CONTROLE DE FREQUÊNCIA DE SERVIDORES OCUPANTES DA CARREIRA DO MAGISTÉRIO DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO

TEXTO DE APOIO

Apresentam-se argumentos que afirmam a legalidade e a necessidade – para a melhor consecução de atribuições docentes comandadas em Lei, e a consequente qualificação da atuação funcional, do exercício vocacional e dos processos formativos que substanciam a Educação nacional – da isenção de controle de frequência para docentes do EBTT.

Neste contexto, assumem-se como centrais os princípios constitucionais de isonomia, de indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão e de liberdade de cátedra, estes dois últimos consagrados no Capítulo III, Seção I, Da Educação, da Constituição Federal de 1988, respectivamente nos artigos 207 e 206, não podendo ser negligenciados em análise da atuação de protagonistas da Educação nacional, status inegável aos docentes da carreira do EBTT.

Para além dos comandos constitucionais, importa considerar a Lei 12772/2012, que reúne as definições e atribuições das duas carreiras do Magistério Federal civil, a saber, a do Magistério Superior e a do EBTT. Em foco, os dois decretos presidenciais, já longevos, que estabelecem os mecanismos de controle de frequência e assiduidade para o espectro maior e geral dos servidores públicos federais, os Decretos 1590/95 e 1867/96, este último editado para produzir alterações no primeiro. Estas alterações destinaram-se a estabelecer rol de exceções à sistemática geral, aplicada a todas as carreiras do funcionalismo, que importou em controle eletrônico de frequência. As exceções preveem isenção de (qualquer) controle de frequência apenas e tão somente para duas carreiras e um cargo de uma terceira carreira, singularizando esses exercícios no espectro amplo do serviço público federal.

Há duas observações irrecusáveis, quando a atenção volta-se à análise dos mencionados decretos: i) ainda que caibam normativas de amplo alcance para a devida organização da atuação de servidores públicos (neste cenário, pode-se apontar a Lei 8112/90), e, em consequência, da realização plena do interesse público no efetivo desempenho de competências delineadas em cada Lei de carreira, ali comandadas porque necessárias à sociedade e ao seu bem-estar, justamente essa numerosa coleção de especificidades de atuação – carreiras – impõe que legisladores e a alta administração revisitem e reestudem eventuais entraves que normas gerais podem trazer a determinados exercícios funcionais, por obstar e/ou dificultar o devido desempenho das atribuições enunciadas em Lei de carreira; ii) essa necessidade de revisão aqui se reafirma por redundância, haja vista que define a própria gênese do Decreto 1867/96, que, em seu artigo 4º, parágrafo 7º, define as carreiras e cargo que se excetuarão ao controle de frequência, inscrevendo-os no parágrafo 7º do artigo 6º do Decreto 1590/95. Presume-se e resta evidente que o legislador produz essas exceções no melhor interesse público, o que se traduz em reconhecer que o

controle de frequência gera obstáculos burocráticos contraproducentes ao exercício das atribuições das carreiras e cargo excetuados, ou seja, que a prevalência da norma geral diante das especificidades dessas carreiras e cargo afastaria a sociedade de receber, em qualificação máxima, o resultado do trabalho desses servidores. E, aqui, o plural importa, e demonstra definitivamente que o legislador, em sua lista de exceções, considerou e submeteu a peça normativa a um dos princípios constitucionais que aqui se invoca, o **princípio da isonomia**.

Portanto, de partida, é mandatório reconhecer a prevalência do **princípio constitucional de isonomia** como **elemento constitutivo do conjunto de Decretos 1590/95 e 1867/96**, em harmonia com o ordenamento, o que afasta definitivamente qualquer alegação de impropriedade em se falar de isonomia entre carreiras distintas, porque justamente assim o fez o par de Decretos em tela. O Decreto 1590/95, com a redação dada pelo Decreto 1867/96, não confere isenção de controle de frequência a uma carreira, mas a estende a três, mais precisamente, a duas diferentes carreiras e, restritivamente, a um cargo em uma terceira carreira, localizadas essas funções, à época da edição dos Decretos, em dois Planos de carreiras distintos (PUCRCE, Lei 7596, de 10 /04/87 e Decreto 94664 de 23/07/87, para o Magistério Superior, e Lei de Carreiras de Ciência e Tecnologia, Lei 8691 de 28/07/93, para a carreira de Pesquisa, e o cargo de Tecnologista, inscrito na carreira de Desenvolvimento Tecnológico).

Dado que respeito a preceito constitucional é exigível de qualquer peça normativa que integre o ordenamento, torna-se mandatório analisar se, dada a evolução do conjunto normativo associado aos servidores públicos, dada a inscrição de novas carreiras – novas demandas de competências pela sociedade e por seus representantes legisladores – no espectro da administração pública, o preceito da isonomia ainda resulta plenamente atendido, ou se há inequidades a resolver. As duas carreiras do Magistério Federal civil, Magistério Superior (MS) e Ensino Básico Técnico e Tecnológico (EBTT), reúnem-se em uma única Lei de carreira, a Lei 12772/2012. De pronto, **cade enfatizar que as atribuições das duas carreiras são definidas em um texto único, o caput do artigo 2º, de prevalência comum ao MS e ao EBTT:**

“...Art. 2º São atividades das Carreiras e Cargos Isolados do Plano de Carreiras e Cargos de Magistério Federal aquelas relacionadas ao ensino, pesquisa e extensão e as inerentes ao exercício de direção, assessoramento, chefia, coordenação e assistência na própria instituição, além daquelas previstas em legislação específica...”.

E, ainda que o parágrafo 1º desse mesmo artigo destine a carreira de MS a “..profissionais habilitados em atividades acadêmicas próprias do pessoal docente no âmbito da educação superior”, e o parágrafo 2º associe a carreira do EBTT a “...profissionais habilitados em atividades acadêmicas próprias do pessoal docente no âmbito da educação básica e da educação profissional e tecnológica, conforme disposto na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e na Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.”, a citada Lei 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em seu artigo 39, parágrafo 2º, define esse âmbito de atuação do EBTT não só ao segmento formativo do ensino médio, mas à graduação e pós-graduação, ensino superior. Portanto, está clara a isonomia de atribuições entre as carreiras do MS e do EBTT, o que impõe que a regulação do desempenho dessas atribuições siga também isonômica, aí inscrito o controle de frequência.

A leitura atenta do caput do Artigo 2º da Lei 12772/2012 traz a percepção de que **o legislador substanciou esse comando com a observância de outro princípio constitucional, o da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão**, próprio da atuação de profissionais da Educação, conforme previsão do caput do artigo 207 da CF 88. Originalmente redigido para o âmbito das universidades, o Artigo 207 tem prevalência estendida pela EC 11/96, traduzida em seu parágrafo 2º, que, por força da Lei 10973/2004, em seu inciso V do artigo 2º, consideradas alterações posteriores, **alcança efetivamente também as instituições constituintes da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, lugar típico (mas não exclusivo) de atuação de docentes do EBTT**. Esta observação de prevalência de comando constitucional não se motiva por mera constatação, **mas para afirmar categoricamente que o legislador, na Lei 12772/2012, decidiu não produzir hierarquia entre ensino, pesquisa e extensão**, e, em contraste histórico, de fato, **a Lei 12772/2012 rejeita, explícita e reiteradamente, em abundância, qualquer hierarquia dentro do trinômio indissociável de atividades ensino, pesquisa e extensão, tanto para a carreira do MS quanto para a do EBTT**. O contraste histórico é relevante porque a prospecção do cenário prevalente na administração pública federal à época da edição dos Decretos 1590/95 e 1867/96 deixa evidente que, no momento de construir a lista de exceções ao controle de frequência, o legislador não entendeu por isonomia de atribuições entre a carreira do MS e a carreira que atuava em domínios presentemente ocupados pelo exercício de docentes do EBTT, a carreira do professor de 1º e 2º graus. À época da publicação daqueles decretos, essas eram as carreiras docentes civis do Magistério Federal, compondo o PUCRCE, e percebiam disciplina diferenciada sobre suas atribuições, com o MS já realizando indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, mesmo em previsão legal pré-constitucional, enquanto o professor de 1º e 2º graus obrigava-se a atividades predominantemente de ensino. Assim rezava o (pré-constitucional) Decreto 94664/87:

“...Art. 3º São consideradas atividades acadêmicas próprias do pessoal docente do ensino superior;

I - **as pertinentes à pesquisa, ensino e extensão que, indissociáveis**, visem à aprendizagem, à produção do conhecimento, à ampliação e transmissão do saber e da cultura;(...)(grifo nosso);

“...Art. 4º São consideradas atividades próprias do pessoal docente de 1º e 2º Graus:

I - as relacionadas, **predominantemente, ao ensino**, no âmbito das instituições de 1º e 2º Graus e as relacionadas à pesquisa, bem como as que estendam à comunidade atividades sob a forma de cursos e serviços especiais;(grifo nosso)...”

Fica evidente o caráter subsidiário, não central, da atividade de pesquisa na carreira de 1º e 2º graus, e é este o cenário em que o legislador dos Decretos 1590/95 e 1867/96 não reconheceu isonomia para controle de frequência entre as carreiras docentes, em que pese **ter reconhecido essa isonomia entre o docente do MS e a carreira de Pesquisa e o cargo de Tecnologista, estes dois últimos exercícios abrigados em outro Plano de Carreiras, distantes, portanto, funcionalmente, do MS**.

Portanto, **demonstra-se que o legislador, na Lei 12772/2012, por contraste histórico, conhecedor da legislação anterior, removeu intencionalmente a hierarquia entre atividades de ensino, pesquisa e extensão, que já prevalecia para o MS, fazendo prevalecer essa indissociabilidade também para o EBTT.** Importa afirmá-lo porque, na luta histórica, política e judicial, para que fosse reconhecida a isonomia entre MS e EBTT para controle de frequência, decisões de indeferimento calcaram-se em duas falácias, a primeira, óbvia, e a segunda, algo mais sutil, mas também irrazoável: i) a de que não cabe estabelecer isonomia para carreiras distintas – contraditoriamente, os próprios decretos o fazem; ii) a de que o rol de exceções, como toda previsão legal de excepcionalidade, só merece interpretação restritiva, jamais extensiva, merecendo cumprimento em conformidade literal. Esta segunda visão, fundamentada no registro de que o legislador já elegeu as exceções à regra geral e que, portanto, não se pode inscrever, em rebeldia, outros elementos na lista, desconsidera o fato de que houve considerável evolução normativa desde as edições dos Decretos, que, assim, inevitavelmente, resultam anacrônicos, e que o legislador jamais julgou a eventual exceção ao controle de frequência para a carreira do EBTT, haja vista que a carreira inexistia à época. O legislador também não rejeitou, apenas não havia por considerar, por inexistência da carreira do EBTT, que o respeito ao interesse público e ao princípio constitucional de isonomia alcançasse incluir uma carreira, a do EBTT, hoje organizada na mesma Lei 12772/2012 em que se disciplina o MS, com as mesmas atribuições do MS, no rol de exceções em que, em isonomia ao MS, esse legislador pôde incluir carreiras de outro Plano de carreiras do funcionalismo federal. As perguntas que a melhor responsabilidade administrativa e jurídica precisa responder são evidentes: dada a anacronia, e buscando respeitar o princípio de isonomia, i) qual foi a razão fundamental que levou o legislador a isentar do controle de frequência carreiras distintas do serviço público federal, ou seja, qual foi o motivo de isonomia e, entendido esse motivo, ii) a carreira do EBTT, se existente à época dos decretos, teria mérito nessa isonomia?

De início, resta evidente que a literal convergência de atribuições entre as carreiras do MS e do EBTT as aproximam em melhor medida do que qualquer proximidade que o legislador dos decretos 1590/95 e 1867/96 tenha julgado – e julgou - suficiente para afirmar isonomia entre as duas carreiras e o cargo isentados do controle de frequência pelos decretos de sua lavra. De qualquer modo, que proximidade foi reconhecida pelo legislador para mover a isonomia? Leitura isenta responde de imediato que se trata da **centralidade das atividades de pesquisa**, prevalente, já em 1996, em função da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, na atuação do docente do MS, e, nominalmente, na atividade definidora da carreira de Pesquisa e do cargo de Tecnologista (como se lê, inclusive dos pré-requisitos de investidura no cargo). **Essa centralidade da atividade de pesquisa, como aqui já se demonstrou, não prevalecia para o professor do 1º e 2º graus, o que explica a recusa de isonomia à época da edição dos Decretos em tela, mas prevalece irrecusavelmente para a carreira do docente do EBTT, como se observa do caput do Artigo 2º da Lei 12772/2012, que rejeita hierarquia entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão, e o faz em cumprimento de princípio constitucional. Portanto, o espírito das exceções inscritas no Decreto 1867/96, se respeitado, e não há outro a fazer na leitura da norma, impõe a isonomia no controle de frequência entre as carreiras do MS, de Pesquisa, de Tecnologista e do EBTT.**

O Decreto 1867/96 teve o mérito de evitar que a regra geral terminasse por oferecer entraves burocráticos à plena qualificação das atividades de pesquisa em carreiras – e apenas nessas – do serviço público federal que as exibiam, à época de sua edição, em seu núcleo de atribuições. Houve, portanto, reconhecimento, pelo legislador, de que a

atividade de pesquisa, como prática universal, de fato, não pode reduzir-se, em suas várias manifestações, em suas dimensões teórica e experimental e suas correlações, por pretensa previsibilidade de tempo de desenvolvimento e de concentração no espaço. A atividade de pesquisa é, intrinsecamente, um exercício delocalizado, cooperativo, plural, interinstitucional, e de alcance universal. Regulá-la por controle de frequência que pressupõe local fixo e período pré-determinado de desempenho proíbe seu exercício, ou, se não proíbe, sobrecarrega o erário pelas horas imprevistas, típicas da atividade e não excepcionais, e, neste viés, se a norma não excetuasse as carreiras que têm a atividade de pesquisa como elemento central de suas atribuições, estaria o legislador provocando o contrassenso não só de desarmonia, mas de antagonismo ao que leis maiores, as leis de carreira, preconizavam como atividade – dever na função - para os respectivos servidores.

Pode-se questionar se outras motivações, outras especificidades de outras carreiras do serviço público federal, mereceriam análise e eventual modulação da norma geral. Mas esse questionamento não pode servir de óbice à imediata percepção e consagração na norma da isonomia imperativa, na isenção do controle de frequência, entre as carreiras docentes do EBTT e do MS, acompanhadas da carreira de Pesquisa e do cargo de Tecnologista, os três últimos já providencialmente isentos de tal controle, reconhecidamente contraproducente.

Ainda que o que aqui se argumenta se pautar em estrita razoabilidade e observância da legislação, algumas decisões judiciais, não vinculadas entre si, em antagonismo ao que aqui se valoriza, têm trazido imposição de controle eletrônico de frequência a docentes do EBTT, o que leva à precarização da atuação desses servidores, com claro prejuízo ao interesse público. Diante de autoridades que preferem a literalidade sustentada per se e ad aeternum, e que não se preocupam, muito menos se ocupam, com o espírito das exceções que buscam preservar o interesse público pelo melhor e mais qualificado desempenho funcional, **resta reivindicar à competência na inscrição normativa correspondente a alteração do Decreto 1867/96, que reside na Presidência da República, a inclusão da carreira do EBTT na lista das exceções ao controle de frequência que aquele Decreto estabelece.**

Em apreciação final, a alteração do Decreto 1867/96, com a inclusão da isenção do controle de frequência aos docentes do EBTT, o que significará adesão ao próprio espírito da referida norma, harmoniza-se com uma coleção de princípios de consagração constitucional, nomeando-se o de isonomia (mais uma vez, manifesto nos Decretos em tela), o da indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão, e o da liberdade de cátedra, este último claramente constrangido por controle de frequência de caráter fiscalista, em lugar de se conceber uma percepção da atividade laboral de natureza finalística, geminada, assim, ao retorno social do exercício docente.

TR – 56

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. O 42º Congresso do ANDES-SN aprova a inclusão, no Plano de Lutas do Setor das IFE, da luta pela alteração do Decreto 1867/1996, adicionando ao § 7º do Art. 4º a previsão de dispensa do controle de frequência de servidores ocupantes da Carreira do Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico.

TEMA III – PLANO GERAL DE LUTAS

POLÍTICA AGRÁRIA, URBANA E AMBIENTAL

TEXTO DE APOIO

O momento no qual instalamos o 42º Congresso do ANDES-SN, em Fortaleza, está marcado no cenário nacional por intensas ondas de calor; eventos antropogênicos extremos, tais como enchentes nas cidades brasileiras e a ação criminosa da Brasken em Maceió; desastres antrópicos em diversas regiões do país, sobretudo as vultosas chuvas nos municípios do Rio Grande do Sul e secas que assolam territórios das regiões Norte e Nordeste provocando, conseqüentemente, o assoreamento de rios amazônicos. Esse cenário contabiliza 5,8 milhões de brasileiros impactados por desastres em 2023, assim como, o conjunto dos biomas do país foi afetado.

Mais de 124 milhões vivem nas cidades brasileiras (61% da população), com particular concentração, pois mais de 70,3 milhões vivem em regiões metropolitanas. Um traço comum da realidade metropolitana é a gritante desigualdade socioterritorial, em que as periferias tornam-se “bantustões” de pobreza e de restrição aos bens públicos e aos direitos à cidade. As áreas reservadas para tais trabalhadoras e trabalhadores, muitas vezes, são permeadas por morros, várzeas e áreas de mananciais. Do mesmo modo, as cidades concentram e são assoladas por picos de calor, enchentes, deslizamentos em morros, que atingem moradias, trânsito e poluição do ar. A reforma urbana deve ter como princípios previsão de moradia digna, direitos universais aos bens públicos e novas formas de transportes intermodais, com ampliação do deslocamento não poluente. Infelizmente, os instrumentos do Estatuto da Cidade contra a especulação imobiliária em áreas com infraestrutura pública raramente saem do papel e o governo federal aposta, como no passado, na cultura de privilégio do carro.

No Brasil, nove ondas de calor manifestaram-se em 2023 e, seguindo a tendência mundial, o país continuará com a sucessão de altas recordes de temperatura em 2024. A onda de calor é caracterizada por período desconfortável e de calor extremo, que pode se estender por vários dias ou até mesmo semanas, em síntese, a temperatura excede os 32°C em pelo menos 10 estados e permanece pelo menos cinco graus acima da média naquela região por um período mínimo de dois dias, cujas conseqüências se expressam como impactos negativos em saúde, economia e agricultura. Os impactos diretos comuns das mudanças climáticas antropogênicas na saúde humana geram problemas de saúde pública aumentando consideravelmente a mortalidade e a morbidade por diversas causas.

É nesse cenário que a 28ª sessão da Conferência das Partes (COP28) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (UNFCCC) ocorreu em um “Petro-Estado”, Emirados Árabes Unidos, sob a presidência de um executivo da estatal petrolífera, o sultão Al Jaber, que anteriormente questionou a ciência “por trás” da defesa do fim do consumo de combustíveis fósseis, e como o espaço com a maior presença de lobistas das petrolíferas registradas. É verdade que a COP alertou e inseriu os combustíveis fósseis como um problema pela primeira vez no relatório final da 28ª sessão, mas negou a posição política de eliminação gradual dos combustíveis fósseis (Fossil fuel phase-out). Vivemos em um mundo que fala, midiaticamente, em transição energética,

mas que aumenta consideravelmente a produção do petróleo com subsídios dos Estados e a demanda mundial em 2024, inclusive no Brasil.

Em síntese, o conjunto das Partes não se contrapõe aos interesses do capital em defesa dos limites do planeta. As COPs simbolizam a incapacidade dos Estados capitalistas, sobretudo das nações capitalistas centrais, em concretizar iniciativas efetivas contrárias ao aquecimento global. Os descumprimentos das metas estipuladas no Acordo de Paris (2015), sobretudo a redução de 50% da emissão de gases estufa em 2030 e a descarbonização (neutralidade de emissão) até 2050, são frustrantes e expressam a impossibilidade de conciliar o movimento predatório de acumulação de capital e sua reprodução ampliada com o caráter expansivo sobre a natureza-humanidade e os patamares mínimos de respeito aos limites do planeta.

Não se trata de questão recente, mas histórica dos últimos 50 anos, pois o desequilíbrio energético entre a prevalência da energia incidente, geradora de calor, em relação à dissipada, que configura o aquecimento global, é reconhecido desde a década de 1970. Há um aceleração do aquecimento global e, conseqüentemente, de interferências no sistema climático do planeta e dos problemas envolvidos. Nesse contexto, o aumento da temperatura média global tornou-se uma grande preocupação para a sociedade. Nos últimos 50 anos, a temperatura global apresentou um crescimento alarmante, mais do que em qualquer outro período anterior. Estima-se que, nesse ritmo, a temperatura média do mundo aumentará em 1,5°C antes da metade do século (IPCC, 2021). Diante disso, os Estados capitalistas proveram as condições de expansão para o capital em sua crise da queda da taxa de lucro e, desse modo, configuraram uma crise civilizatória sem precedentes, de ordem humanitária-ambiental e econômica.

Do ponto de vista do debate público, a inclusão da temática ambiental na agenda de governos burgueses é uma realidade, embora, globalmente, o negacionismo climático esteja presente em diversos países. Contudo, a tônica daqueles que reconhecem as alterações é a dos discursos ideológicos do “capitalismo verde”, a ser supostamente regulado pelo Estado e pela “consciência do consumo” dos cidadãos cada vez mais interessados na “preservação” do planeta do que por qualquer medida efetiva ou contundente.

Desse modo, contraditoriamente, o movimento do capital sob a égide do motor a combustão segue funcionando: o aumento do consumo de combustíveis ocorre em paralelo às propagandas de uso de energias renováveis; a globalização do sistema alimentar, com centralidade das gigantes corporações alimentícias financeirizadas, segue expandindo as fronteiras agropecuárias baseada em agrotóxicos, fertilizantes e degradação do solo e da biodiversidade combinados à comercialização de produtos orgânicos “saudáveis”; a produção de lixo, resíduos sólidos e, sobretudo, de itens desnecessários socialmente é concomitante à visão ingênua da reciclagem; desmatamento e queimadas acompanham as preocupações burguesas pela “preservação” de florestas. Na geopolítica atual há guerras por territórios entre as potências presentes no Conselho de Segurança da ONU, mas essas mesmas potências utilizam “veto prático” das reduções de emissão de gases, assinam declarações, mas não se comprometem efetivamente.

No atual quadro de emergência climática, poluição, impactos na atmosfera e perda da biodiversidade são problemas globais, assim como o superaquecimento dos oceanos, que atravessa as questões nacionais, mas não podem ser resolvidos nesse âmbito. A disparidade entre os responsáveis pelos efeitos em relação àqueles que sofrem a emergência é gritante. Seguimos numa tônica em que as grandes potências capitalistas

são responsáveis pela parte majoritária da emissão de gases que produzem o superaquecimento, enquanto os povos mais afetados por seus efeitos localizam-se em países ou regiões pobres. Em síntese, Europa, Ásia e América do Norte concentram 92,8% das emissões de CO₂, configurando o racismo ambiental global. Do mesmo modo, diversos povos são assolados por empreendimento capitalistas sobre suas terras, água e modos de vida. Dentre os povos afetados no Sul Global, os que mais sofrem impactos são as mulheres, responsáveis pelas atividades reprodutivas na divisão sexual do trabalho; negras e negros, sob as marcas do racismo histórico; e os migrantes, em particular os refugiados ambientais pela desertificação e erosão das condições de vida na agricultura, no extrativismo de subsistência ou na pesca.

Por um lado, o governo Lula protagonizou na COP28 uma postura pública crítica, exigindo menos investimento em guerra, cujos custos alcançaram valores superiores a US\$ 2 trilhões em 2022, e maior destinação ao combate à fome e às mudanças climáticas, apontando a falta de comprometimento dos Estados centrais com os acordos climáticos, muitos não cumpridos, a negligência com as metas de redução dos gases do efeito estufa e de carbono e a não efetivação de auxílio financeiro aos países pobres. Por outro lado, o governo brasileiro trabalhou para que o país integrasse a OPEP+ (países amigos dos Estados exportadores de petróleo). Esse cartel é responsável pela produção do principal problema ambiental global e, em nome do desenvolvimentismo, visa aumentar a extração de petróleo em 2025, para que a produção de petróleo possa atingir o seu ápice em 2029, sobretudo na expansão da extração na margem equatorial brasileira, segundo o Ministério de Minas e Energias com “mão firme” pela extração do Petróleo na foz do Amazonas”.

Com as presenças das ministras do Meio Ambiente e dos Povos Indígenas, Marina Silva e Sonia Guajajara, inclusive, passando a palavra primeira com os dizeres “vou quebrar o protocolo... a floresta viesse falar por si só, ... eu tenho no meu governo alguém da floresta...”. Contudo, “dentro de casa” os dois ministérios foram combatidos por setores do governo e tiveram redução de peso político. O do Meio Ambiente enfrentou a política petrolífera e o incentivo ao consumo de petróleo via desoneração fiscal das indústrias automobilísticas. Embora tenha sido responsável pela redução da taxa de desmatamento na Amazônia, que caiu pela metade em 2023 em relação a 2022, último ano do governo Bolsonaro, no cerrado o desmatamento cresceu 43%.

A lógica do crescimento econômico e do desenvolvimento como possibilidade de melhora de vida das populações desconsidera a absoluta emergência climática que vivemos e projeta o futuro de modo linear à experiência do passado, ignorando a finitude dos recursos naturais e o aquecimento global. Se por um lado reconhecemos a redução do desmatamento e a retomada do sistema de vigilância em 2023, por outro, observamos que a embocadura desenvolvimentista do governo Lula, baseada na exportação de *commodities*, reforça o lugar do país, na divisão internacional do trabalho, como um complexo agrário-extrativista-exportador. Desse modo, a dinâmica do campo é dirigida pelo agronegócio em detrimento da agricultura familiar e da reforma agrária.

No Brasil a opção é, sem dúvida, pelo modelo agroexportador-pecuarista e latifundiário, responsável por definir alguns poucos produtos como prioritários ao mercado global de alimentos. Soja e proteínas animais lideram este modelo em detrimento da natureza. Tal utilização do território nega o florescimento da agricultura familiar e da produção diversificada e descentralizada de produtos para saciar a fome do brasileiro. Tal opção é concentradora de renda, absorve pouca mão-de-obra, necessita de grandes extensões de terra, acarreta o uso excessivo de agrotóxicos, pesticidas e outros defensivos e contribui

substancialmente para aniquilar ecossistemas e biomas, principalmente o cerrado brasileiro e a Amazônia.

O agronegócio apresenta preocupações “ambientais” quando há oscilações dos lucros oriundos da produção, particularmente das “quebras de safra”, mas ao lado da mineração conforma a locomotiva da destruição, ao passo que o aquecimento global que preocupa é o mesmo produzido na produção dos fertilizantes, na destruição da biodiversidade e na expansão agropecuária. É importante dizer com todas as letras que, no Brasil, a atividade agropecuária, em sentido amplo, responde por 74% de toda a poluição climática brasileira, pelo desmatamento e pela emissão do gás metano dos rebanhos bovinos, mas, ainda assim, a atividade pecuária continua a ter incentivos estatais e se materializou enquanto um dos setores mais corruptos da República brasileira.

Atualmente, no congresso, a bancada ruralista chantageia o governo para um marco “anti” regulatório dos agrotóxicos. Em síntese, trata-se do ‘PL do Veneno’ que colocou ‘vidas brasileiras em risco’ conforme apreciação. Do ponto de vista da segurança alimentar, o Brasil segue priorizando ser um grande exportador de carne e grãos, *commodities*, concentrando as terras agricultáveis para que soja, milho e cana de açúcar dominem 80% dos hectares em detrimento do conjunto de gêneros alimentícios (exceto *commodities*) direcionados para a mesa de brasileiras e brasileiros. A reforma agrária é pauta central no século XXI para a distribuição de terras e uma reorganização da produção agrícola do país, pois as monoculturas exportadoras erodem o solo, a vida e empobrecem a alimentação.

Infelizmente, episódios drásticos da mineração seguem ocorrendo no país na esteira das tragédias dos rompimentos de Barcarena, Mariana e Brumadinho (Hydro Alunorte, Samarco e Vale). Estamos diante do afundamento de cinco bairros da cidade de Maceió, a interdição de 14 mil imóveis e o deslocamento de 60 mil pessoas pela ação criminosa da Brasken, porquanto as minas de extração de sal gema continuaram a ser exploradas durante décadas sem a mínima preocupação com a segurança ambiental por parte da mineradora, cujo único interesse era manter sua valorização e os ganhos financeiros para os acionistas. Tal situação é acompanhada, também por décadas, da omissão do Estado brasileiro ao caráter predatório da extração do sal gema na região, ano após ano, tragédia após tragédia. Assim, torna-se nítido que, sob a ordem da valorização dos ativos financeiros, não existe “mineração sustentável” para um crescimento econômico com um país mais humano e justo. Atualmente as famílias vivenciam dificuldades de encontrar imóveis nas proximidades devido ao processo de valorização dos imóveis na cidade, da escassez provocada pelas interdições e dos imóveis destinados ao turismo na cidade.

Em sentido semelhante, vivenciamos o episódio da privatização da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (SABESP) pelo governo ultraliberal de Tarcísio de Freitas. A falta de diálogo na assembleia legislativa e a truculência diante dos movimentos sociais, com a prisão arbitrária de lutadores sociais, representam o avanço do capital, sob a ótica da predominância financeira, na privatização de bens públicos e na lógica de acumulação sob espoliação. O domínio do financeiro, já presente na SABESP, causou anteriormente escassez nunca antes vista, ao não ter realizado obras de infraestrutura em períodos de abundância de água, pois isso alteraria seu faturamento. O governo Tarcísio, ignorando a história recente, avança para ceder a majoritariedade das ações ao setor rentista, em detrimento da realidade da distribuição de água. Do ponto de vista do saneamento básico, o modelo não apresentará obrigatoriedade ou incentivo para manutenção e ampliação da rede de saneamento básico em territórios com infraestrutura precária.

As consequências deste modelo de desenvolvimento capitalista conservador, reforçado pela ditadura empresarial militar, que via e vê a Amazônia como uma “fronteira”, um “vazio demográfico”, que deveria ser incorporada (sic), ao restante do Brasil, mostram sua face mais perversa diante das populações amazônicas, dentre elas quilombolas, povos originários, ribeirinhos, castanheiros, seringueiros, pescadores, pequenos agricultores, quebradeiras e quebradores de cocos etc. Esta importante parte da população sofre, obviamente, em um Brasil que não comporta essa diversidade, pois o projeto eugenista nunca foi banido das mentes de parcelas significativas das elites político-empresariais-militares e religiosas do país.

Os avanços das “frentes” pecuária, mineradora e monoagrícola, aliados à produção de energia hidráulica (com a construção de hidrelétricas e a formação de grandes lagos), à abertura de estradas para dar consequência aos projetos de assentamento e à visão geopolítica de acesso rápido às fronteiras com outros países, não só provocaram e provocam um profundo ecocídio, como desestruturaram os modos de vida das populações desses espaços. Os desmatamentos, as queimadas, a contaminação de rios, lagos, igarapés e até mesmo de lençóis freáticos, com mercúrio e agrotóxicos, destroem as condições de sobrevivência, impondo uma “limpeza” geográfica e humana programada e programática.

Desse modo, a “repavimentação” da rodovia BR 319, que atravessa a floresta amazônica de Manaus a Porto Velho, segue a mesma lógica de construção de estradas da ditadura, que objetivava a exploração predatória da região amazônica. A aprovação no Congresso Nacional visa afrouxar licenças ambientais para executar a pavimentação e possibilitar a destruição de fauna e flora ao redor, pois a floresta retomou o seu espaço em praticamente metade da rodovia (400 km). Os objetivos da proposta são nítidos: 1- Escoação da produção agropecuária; 2- possibilitar a exploração de terras griladas; e 3- Produção ilegal de madeira e extrativismo irregular. Estima-se que 28 unidades de conservação e 60 territórios indígenas serão impactados e, em termos de expansão territorial, a área de floresta atingida será de 300 mil km², a título de ilustração essa área é maior do que o estado de São Paulo.

Vale ressaltar que as “porteirolas abertas” pelo Ministro do Meio Ambiente do governo Bolsonaro não foram fechadas no governo Lula. As ações contra o garimpo ilegal nas terras indígenas e toda a demonstração midiática das condições das populações yanomamis não foram suficientes para a tomada de medidas mais efetivas contra esse tipo de invasão. Não há um programa de ação estruturado para combater o garimpo ilegal e o narcotráfico na região. Ações isoladas não vão conter os exércitos de garimpeiros instilados por anteparo político e econômico a continuarem suas atividades.

Embora, o Ministério dos Povos Indígenas e as lideranças estivessem presentes na COP28, no cenário nacional, a lei 14.701/2023, conhecida amplamente como marco temporal, que adota como referência a data da promulgação da Constituição Federal para garantia da ocupação tradicional da terra pelas comunidades indígenas foi aprovada pelo Congresso. Ou seja, relativizam-se ocupações baseadas nos direitos originários sobre as terras em mais de três décadas, por uma suposta legitimidade da data da Constituição. Diante da ofensiva ruralista, comprovada pela atuação da bancada do agronegócio e dos setores da mineração, a presidência vetou parcialmente os itens, enquanto o movimento indígena demandava o veto total da lei e apontava que o governo negociou os direitos originários para transacionar a Reforma Tributária com o “centrão” - direitão.

Na tese reacionária do marco temporal está prevista a suposta regulamentação da cooperação entre indígenas e não indígenas para exploração de atividades econômicas, em síntese, constrói-se uma legislação para ameaça e agressão do capital aos territórios e

povos indígenas, assim como, para a relativização do usufruto exclusivo perante à soberania nacional. Tal formulação desenha os povos indígenas enquanto potenciais inimigos externos sujeitos à intervenção das forças armadas, estamos diante de inconstitucionalidades.

O Estado brasileiro segue ignorando tratados internacionais sobre direitos humanos e a Constituição Federal. Embora o episódio anti-humanitário do território yanomami em fevereiro de 2023 tenha chocado o conjunto dos brasileiros pela ação criminosa dos garimpeiros e do Estado sob o governo Bolsonaro, é necessário apontar que se trata do cotidiano das comunidades indígenas as invasões da mineração e do agronegócio, os assassinatos e agressões acompanhados da devastação ambiental e do seu modo de vida. O ANDES-SN em apoio aos movimentos indígenas posiciona-se contrário ao “genocídio legislado”.

Em diversas regiões do campo a emergência climática solapa o modo de vida das comunidades atingidas, quilombolas, ribeirinhas, povos da floresta. Mas os movimentos sociais, em particular os povos mais atingidos pelo racismo ambiental e pela erosão das condições de vida, em seu presente denunciam e disputam o caráter do amanhã concretamente porque não tergiversam em dizer que o colapso ambiental produzido nos dois últimos séculos foi acelerado nas últimas décadas. Na realidade brasileira, os movimentos seguem sendo duramente combatidos e sofrem a tentativa de sua criminalização por parte do Estado, a exemplo da busca de criminalização do MST promovida pela extrema direita. O Brasil segue sendo um péssimo exemplo de perseguições, prisões e assassinatos de lideranças populares ambientais, como no recente assassinato da Dona Bernadete Pacífico, Mãe Bernadete, ialorixá do Quilombo Pitanga dos Palmares, que enfrentou os fazendeiros na luta pela regularização fundiária.

O Estado brasileiro tem reservado a dinâmica da repressão e da criminalização em referência a populações originárias, comunidades tradicionais e movimentos sociais no campo. Historicamente, a Nova República e a Constituição “Cidadã” não garantiram as liberdades democráticas, mantendo, desde a Ditadura civil-empresarial-militar, características autocráticas. Em período recente, sob o ápice do governo Bolsonaro, ocorreu o agravamento de opressão, violência, morte e assassinatos de lideranças de populações indígenas, comunidades tradicionais, povos originários e movimentos sociais. Todavia, a mudança de governo não alterou a posição autocrática do Estado brasileiro de defesa dos setores proprietário e do “desenvolvimento” em relação aos de baixo, em síntese, seguem em vigor a criminalização dos movimentos e a violência do Estado.

A violência no campo impacta, sobretudo, mulheres, crianças e jovens, bem como povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, posseiros e trabalhadores e trabalhadoras rurais sem-terra, segundo os dados da CPT.

No esteio desse processo de luta dos povos, enfrentar e superar a violência no campo se impõe como objetivo a partir da articulação e unidade das várias frentes de resistência e de defesa da vida. Assim, frente a essa realidade, organizações sociais lançaram a “Campanha Contra a Violência no Campo: em defesa dos povos do Campo, das Águas e das Florestas”. Em 2023, o MST (Movimento de Trabalhadores Sem Terra) protagonizou duas situações importantes no avanço da construção da resistência na “luta por terra e direitos”. Em Abril, o movimento denunciou “O jaguncismo jurídico da bancada ruralista”. Em dezembro, foi reafirmado o legado e a memória de “35 anos do assassinato de Chico Mendes: a luta pela biodiversidade e direito à vida”. Uma história de luta desse caboclo amazônico, que cedo compreendeu seu papel diante da vida, da luta pela preservação da floresta e por condições mais dignas aos sujeitos que nela vivem.

As questões ambientais do século XXI materializam-se enquanto uma disjuntiva para a história da humanidade, na qual movimentos sociais e conjunto de trabalhadoras e trabalhadores são expressões de um futuro possível. A ideologia capitalista de necessidade do crescimento econômico é vinculada a concentração de riqueza e erosão da natureza, enquanto, para aqueles que configuram esse futuro possível, é necessário produzir menos e de forma estrategicamente orientada para as necessidades humanas e da natureza a começar pelos mais atingidos pelas desigualdades.

O ANDES-SN deve seguir em solidariedade ativa aos povos indígenas, do campo e da cidade e disputar o caráter da universalidade brasileira de modo a não ser uma ferramenta funcional para o avanço destrutivo do capital, mas atuar rumo às transformações necessárias na mudança de vida em relação à natureza. Diante do exposto até aqui, conclamamos os(as) docentes das instituições públicas de ensino no Brasil vinculados ao ANDES-SN, em conjunto com os movimentos socioambientais no campo e na cidade, às mobilizações nacionais e globais, vinda dos de baixo, dos excluídos, dos marginalizados, dos periféricos, dos povos da floresta e ribeirinhos, dos quilombos e de toda uma massa de trabalhadoras e trabalhadores cotidianamente explorada no Brasil.

Reivindicamos e compartilhamos o legado de Chico Mendes, irmão da solidariedade e da utopia, que apostava no poder transformador da juventude. Chico Mendes dedicou o seguinte bilhete “Atenção jovens do futuro! 06 de setembro do ano de 2120, aniversário do primeiro centenário da revolução socialista mundial, que unificou todos os povos do planeta, num só ideal e num só pensamento de unidade socialista e que pôs fim a todos os inimigos da nova sociedade. Aqui fica somente a lembrança de um triste passado de dor, sofrimento e morte. Desculpem. Eu estava sonhando quando escrevi estes acontecimentos, que eu mesmo não verei, mas tenho o prazer de ter sonhado...”. Se pudéssemos responder, diríamos ao camarada Chico Mendes siga em paz, nos inspirando sempre! Aqui seguiremos como guardiões da biodiversidade, dos direitos e da vida, construindo no dia a dia do tempo presente a sociedade do futuro!

TR – 57

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que as seções sindicais do ANDES-SN promovam no mês de junho (em referência ao dia mundial do meio ambiente), a partir do GTPAUA, onde houver, debates e discussões sobre problemáticas ambientais no campo e na cidade que estejam em voga nas escalas locais, regionais e nacionais;
2. Que o ANDES-SN, secretarias regionais e seções sindicais apoiem agendas de luta em que populações, no campo e na cidade, sejam atingidas pelos crimes socioambientais praticados por grandes empresas privadas;
3. Que o GTPAUA e GTPCEGDS realizem uma reunião conjunta, contemplando um painel com o tema: “Racismo Ambiental, Justiça Climática e o Modelo Desenvolvimentista no Brasil”.

TEXTO 58

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Adriana Lourenço da Silva (Adufpel); Agripino Alves Luz Júnior (Sindufap); Alessandra Nicodemos Oliveira Silva (ADUFRJ); Alexandre Adalberto Pereira (Sindufap); Alexandre José Medeiros do Nascimento (Adufpi); Alexandre Macedo (Adufpb); Alyne Maria Barbosa de Sousa (SINDIFPI); Ana Lúcia Costa de Oliveira (Adufpel); Ananda Machado (Sesduf-RR); André Rodrigues Guimarães (Sindufap); Ângela Siqueira (Aduff); Antônia Costa Andrade (Sindufap); Antônio Francisco Lopes Dias (Adcesp); Antônio Lisboa L. de Souza (Adufcg); Arthane Menezes Figueiredo (Sindufap); Beatriz Franchini (Adufpel); Carlos Rerisson Rocha da Costa (Adcesp); Carlos Rinaldo Nogueira Martins (Sindufap); Carlos Rogério Mauch (Adufpel); Carlos Silva (Adunir); Carlos Vicente Joaquim – (SESDUF-RR); Carlos Vicente Joaquim (Sesduf-Rr); Cássio Alves (Apufpr); Celeste Pereira (Adufpel); Célio Ribeiro Coutinho (Sinduece); Cenira Andrade de Oliveira (Adufes); Ceres Torres (Adufpel); Danielle Dias da Costa (Sindueap); David Junior De Souza Silva (Sindufap); Deise Arenhart (ADUFRJ); Edivaldo José Bortoleto (Adufes); Elaine da Silva Neves (Adufpel); Elda Maria Freire Maciel (Sinduece); Eliane Fazolo (Adur-Rj); Epitácio Macário Moura (Sinduece); Erlenias Sobral do Vale (Sinduece); Fabiana Fátima Cherobin (Adufes); Fábio Duarte (SESDUFT); Fábio Wosniak (Sindufap); Fabiola Kato (Adufpa); Fernanda Hernandez Figueira (Adufpel); Franci Gomes Cardoso (APRUMA); Francisco Carlos Jacinto Barbosa (Sinduece); Francisco Santiago (Sindufap); Gean Cláudio de Souza Santana (Adufs-Ba); Gelta Xavier (ADUFF); Gihad Mohamad (Sedufsm); Gisele Masson (Sindiprol/Aduel; Helvio Mariano (Adunicentro); Henrique Andrade F. Mendonça (Adufpel); Hugo Blois (SEDUFMS); Ilma de Andrade Barleta (Sindufap); Isabel Florentino (Adufpa); Ivana de Oliveira Gomes e Silva (Adufpa); Janete Brito (Adcesp); Jefferson Marçal da Rocha (Seção Sindical do ANDES-UFRGS); João Batista Farias Junior (Sindifpi); João Carlos Gilli Martins (SEDUFMS); João Negrão (APUFPR); José Carlos Marques Volcato (Adufpel); José dos Santos Souza (Adur-Rj); José Raphael Bokehi (Aduff); Juliana Iglesias Melim (ADUFES); Júlio Quevedo (SEDUFMS); Lalo Watanabe Minto (Adunicamp); Leandro Machado dos Santos (Adur-Rj); Leila Maria Costa Sousa (UFPA); Levy Paes Barreto (ADUFERPE); Liliane Soares (Sindufap); Lorena Moraes (Adcesp); Luciana Menezes Carvalho (SEDUFMS); Luciana Peil (Adufrj); Luciano Coutinho (Adufrj); Luis Carlos Riggo (Adufpel); Luiz Fernando Reis (Adunioeste); Luiz Henrique Schuch (Adufpel); Luiz Paiva Carapeto (Adufpel); Marcelo Barreto Cavalcanti (ADUFEPE); Marcelo Moreira (ADEUG); Marco Antonio Perruso (Adur-Rj); Maria Amélia Dalvi (Adufes); Maria Angélica da Gama Coutinho (Adur-Rj); Maria Conceição Rosa Cabral (Adufpa); Maria da Conceição dos Santos Costa (Adufpa); Maria do Carmo Lobato da Silva (Sindufap); Maria Edilene S. Ribeiro (Adufpa); Maria Gabriela Guillén Carías (Adufdourados); Maria Jacqueline Girão (Adufrj); Maria Suely Soares (Apufpr); Marielson Rodrigues Guimarães (Adufpa); Marise Fonseca dos Santos (Apufpr); Maristela da Silva Souza (SEDUFMS); Milena Martinez (Apufpr); Monica de Souza Houry (ADUFRJ); Monica Ribeiro Pirozi (ASPUV); Norlai Alves Azevedo (Adufpel); Odete da Cruz Mendes (Adufpa); Olgaíses Maués (Adufpa); Oneize Amoras de Araújo (ADUFS); Paulo Afonso da Silva Oliveira (Sesduf-Rr); Paulo Cesar Centoducatte (Adunicamp); Paulo Marcelo Cambraia da Costa (Sindufap); Priscila Monteiro Chaves (Adufes); Ranoel José de Sousa Gonçalves (Adufcg); Raquel Angela Speck (Apufpr); Regiana Blank Wille (Adufpel); Rhoberta Santana de Araújo (Adufpb); Ricardo Heli Rondinel Cornejo (SEDUFMS); Roberto Santos Ramos (APRUMA); Robison Raimundo Silva Pereira (Adcesp); Rosana Maria Gemaque Rolim (Adufpa); Rosana Mendes Éleres de Figueiredo (APRUMA); Rosângela Assunção (Adcesp); Rosenverck Estrela Santos (APRUMA); Sandra Alessi (Apufpr); Sandra Lucia Escovedo Selles (ADUFF); Sandra Moreira (ADUFPA); Savana Diniz Gomes Melo (Apubh); Sidney da Silva Lobato (Sindufap); Suly Rose Pereira Pinheiro (APRUMA); Tadeu Lopes Machado (Sindufap); Valdelaine Mendes (Adufpel); Vera Lúcia Jacob Chaves (Adufpa); Veronica Fernandez (Aduff); Vilson Aparecido da Mata (Apufpr); Vitor Benvindo (Apub); Viviane Narvaes (Adunirio); Waldir Ferreira de Abreu (Adufpa); Wanderley Padilha (Sindunifesspa); Welbson do Vale Madeira (APRUMA); Yurgel Pantoja Caldas (Sindufap).

As notícias não são boas para o planeta Terra. A humanidade – e todo o restante da vida que a acompanha – encontra-se agora no limiar do que os cientistas do Sistema Terra chamam de “mudança de estado”. Esse momento está representado na consciência crescente acerca das mudanças climáticas – entre pesquisadores e também entre um amplo público preocupado

(MOORE, 2022, p. 13)

QUAL O PAPEL DA UNIVERSIDADE NO COMBATE À CRISE CLIMÁTICA?

TEXTO DE APOIO

No caderno de textos do 42º Congresso do ANDES, praticamente todos os textos de conjuntura sinalizam para a gravidade e atualidade da emergência climática, que coloca em risco a sobrevivência da humanidade e de todas as formas de vida, tanto pela perda de biodiversidade quanto pela deterioração dos ecossistemas naturais (com destaque para a Amazônia). A crise climática pode ser avaliada a partir de um fator exponencial decorrente de políticas, ações e inações que dizem respeito à produção, distribuição e consumo de alimentos, produção de mercadorias, perda de direitos da classe trabalhadora, patriarcado, enfim, ao capitalismo em sua fase mais bárbara e desumana. Estamos em transição para uma realidade totalmente desconhecida pela experiência humana que assombra até mesmo cientistas do clima, tal a velocidade e a imprevisibilidade das transformações em curso. Essa crise está profundamente relacionada à opressão e à exploração inescrupulosa de todos os componentes do que podemos chamar de “natureza barata”, fundamental para a manutenção da economia política capitalista.

Dito isso, fica evidente que, nos marcos do capitalismo, não há possibilidade de reversão significativa das consequências da emergência climática, que, por sua vez, não afeta a todas as pessoas da mesma maneira. As enchentes em Petrópolis e no Rio de Janeiro (RJ) em 2022, 2023 e 2024, os crimes de Mariana e Brumadinho (MG), a epidemia da COVID 19 e outros eventos que afetaram, sobretudo, mulheres, povos indígenas, trabalhadores/as, pessoas em situação de rua, pessoas negras e periféricas não nos deixam mentir. Podemos afirmar que vivemos em um quadrante histórico crucial para o futuro da humanidade, a partir de fatos amplamente divulgados na mídia e em pesquisas científicas. A Amazônia caminha a passos largos para o ponto de não retorno, impactada pelo garimpo, pela exploração de madeiras e pelo agronegócio; genocídios, refugiados do clima e de guerras, extinções, doenças, miséria e desigualdades se aprofundam, mas nada disso é capaz de sensibilizar líderes de países centrais, que insistem em manter e até aumentar suas emissões de CO₂ e metano na atmosfera.

No Brasil, as medidas adotadas pelos governos federais, estaduais e municipais para o enfrentamento dessa crise não chegam nem a tangenciá-la, pois buscam manter intactas (ou quase) as bases do agronegócio, da mineração, do uso de energias fósseis e da produção frenética de mercadorias, rapidamente descartadas, em nome do lucro. Governos de centro-esquerda e de direita seguem cortando verbas, descumprindo leis e revogando políticas públicas fundamentais para a sobrevivência da classe trabalhadora. Não há previsão de planos de proteção à população contra as consequências das mudanças climáticas, tais como ondas de calor, enchentes, epidemias, fome e secas. A tragédia mais que anunciada segue seu curso, quase sem freio ou limite de velocidade.

As pesquisas arqueológicas em curso no continente americano, principalmente na América Latina Caribenha, revelam que este continente que se inscreveu na história em 1492 desde a lógica ocidental, quando da invasão/colonização/encobrimento pelos europeus, chamando-o de Novo Mundo, é, na realidade, muito mais denso de história e com uma sobrecarga de passado que bem pouco ainda sabemos.

No Brasil, os Jesuítas, para além de uma visão redutora que foram construídas sobre eles, já portavam o cuidado para os registros arqueológicos que cessaram quando da supressão da Companhia de Jesus em 1759. Mas, a despeito disso, o desenvolvimento das

investigações arqueológicas foram ganhando, ao longo de nossa história, grandes significados e avanços, a tal ponto de as Universidades, hoje, ocuparem um papel importante e decisivo no que tange os descobrimentos dos novos sítios arqueológicos como arte rupestre, objetos de artes, sambaquis, cemitérios, esqueletos humanos e territórios de cidades, principalmente indígenas, inscrevendo, assim, nossos povos originários em uma linha temporal muito mais distante no passado. Dessa forma, podemos recuar nossos olhares para bem mais longe desde uma temporalidade arqueológica, portanto.

E por que iniciamos nossa reflexão sobre a questão ambiental e a questão climática, sabendo que, ambas as questões estão ligadas às questões social, política, econômica e cultura, com as pesquisas arqueológicas em curso? Justamente porque, nossos povos originários ganham uma conexão, um novo elo com o passado arqueológico, revelando o quão estes povos foram os que preservaram e seguem preservando as florestas em nosso Continente e, principalmente, no Brasil. Assim, sem os povos originários e, sem esta sobrecarga de tempo arqueológico, as florestas não estariam em pé.

Paradoxalmente, com a chegada dos europeus no *Novo Mundo*, chamado também de *Paraíso*, nos chega a lógica capitalista e sua dinâmica de produção de manufatura sob o peso da escravidão indígena e, depois, africana. O capitalismo de manufatura sociometabolizou a América e a África, fazendo da natureza e dos povos originários e africanos as primeiras mercadorias em mercadoria de troca, desde o século XV ao XVIII na lógica do comércio internacional.

Do século XVIII ao XIX e inícios do XX, com a Revolução Industrial, em que o operário emergente começa a ter sua alma degolada, o capitalismo industrial, com a divisão internacional do trabalho nas novas formas de colônias e metrópoles, inaugurou não só o degolamento da alma do operário, mas o degolamento da própria natureza para colocar em funcionamento toda a maquinaria necessária, primeiro com a matriz energética a vapor, depois a carvão e a óleo de baleias e, posteriormente, o petróleo.

Do século XX ao XXI, o capitalismo financeiro – Lênin formulou isso em Imperialismo, fase superior do capitalismo – e o capitalismo informacional – formulação do sociólogo espanhol Manuel Castells – encontra-se em sua fase global, sociometabolizando a natureza, os trabalhadores e toda a existência humana, pois o capitalismo se impõe como uma religião sem dogma, nas palavras de W. Benjamin. Assim, o capitalismo se impôs, já desde seus primeiros germens no século XI na Idade Média com o advento do comércio e das relações de troca até hoje como um grande paradigma, enquanto um núcleo duro que vai saturando a natureza e a as nações, principalmente, as mais periféricas, mas no interior das nações ricas também. Essa sintaxe da lógica da produção não pode ser desconectada da sintaxe da barbárie. As lutas operárias – anarquistas e comunistas – emergem no século XIX, portanto, para enfrentarem a barbárie do capitalismo. Capitalismo-barbárie são dois elementos lógicos que se conectam e se desbordam de maneira quase que absoluta em todas as dimensões da natureza e da vida humana, portanto. Logo, não há duas crises, uma ambiental e uma outra social, pois ambas têm raiz no mesmo tronco lógico e material.

A Universidade, portanto, mesmo que recentíssima no Brasil, em sua história um pouco mais que centenária, é o *locus* de construção de conhecimento e saberes possibilitadores de um possível processo de permanente de revolução, pois, se a Universidade é o lugar de produção e reprodução do conhecimento e dos saberes, ela o é tão somente quando responde às necessidades postas pela materialidade da vida, sobretudo quando articula, de forma crítica e criativa, ensino-pesquisa-extensão. Nessa lógica da indissociabilidade

ensino-pesquisa-extensão, a Universidade pode se inscrever no enfrentamento da crise climática e ambiental se se colocar em diálogo com a história de sobreposição temporal dos povos originários, que tem uma duração temporal arqueológica, juntamente com os povos ribeirinhos, com os povos das florestas e os povos quilombolas. Daí advém um saber ancestral associado ao *bem viver*, o qual a Universidade também precisa integrar. Esses saberes ancestrais – vale reconhecer que astecas, maias e incas já faziam o emprego do número zero, ao mesmo tempo que indianos e árabes já o empregavam na antiguidade e medievalidade – podem desferir mudanças paradigmáticas aos campos de saberes já estabelecidos no pluriverso da Universidade.

Esse *locus* de parte do processo da revolução permanente que pode ser a Universidade é uma das maneiras que nossa categoria tem para enfrentar o quadro da crise climática, que se associa ao processo de pandemia e ao processo de guerras totais que estão a eclodir. Em território brasileiro, Mariana, Brumadinho, Brasken, Belo Monte, Samarco, Abreu e Lima, as possibilidades de construção de Poços de Petróleo na região Norte, inclusive Essequibo (conflito entre Venezuela e Guiana) apontam como a matriz energética do petróleo ainda se impõe e segue no horizonte do governo Lula, o qual não porta um projeto de país efetivamente e nem afetivamente, indo assim na contramão de todas as Conferências Climáticas realizadas.

A crise dos povos Yanomamis se apresenta como a crise mais desastrosa de nossa história, revelando o lado mais perverso da elite do Boi, da Bala e da Bíblia, que tem assento no governo, articulam-se em alianças com o governo atual e estendem seus tentáculos pela lógica do agronegócio em curso bem como pela lógica dos costumes, ambos os processos galvanizados pela ultradireita em sentido tanto internacional quanto nacional. Esse caminho, esse processo em curso, leva a Amazônia, que é latino-americana-caribenha, para um colapso ambiental e social, pondo tudo no chão em fração de segundos, sendo que nossos povos originários, arqueologicamente, sustentaram em sua duração temporal um santuário global de espécies as mais diversas, de povos, de culturas, de saberes, de estruturas linguístico-idiomáticas, de formas outras de organização da vida, de sabedorias, de religiões, de ciências.

É com isso tudo, com essa longa duração temporal densa de história, de cultura e de vida que a Universidade, em sua pluriversidade, de breve tempo no Brasil, tem de se haver. É com isso tudo que nossa luta sindical tem de se haver. É com isso tudo que nossa práxis pedagógico-educacional tem de se haver no cotidiano da sala de aula, do espaço universitário.

Nesse contexto, é fundamental que o ANDES-SN promova debates sobre o papel das Universidades Públicas, Institutos Federais e CEFETs na produção de conhecimentos e políticas que contribuam para superar essa crise, que nos atinge em cheio – inclusive, pelo corte brutal de verbas anunciado para 2024. Setores mais conservadores da categoria docente insistem em blindar o governo, jogando toda a responsabilidade dos problemas ao congresso nacional, mas o arcabouço fiscal, que asfixia a população e impede investimentos fundamentais no combate à pobreza e à crise climática, não sofre qualquer tipo de crítica ou censura por parte desses setores.

Como pesquisadoras/es e docentes, não podemos nos calar diante do arrocho salarial, da exploração de petróleo na foz do Amazonas, de hidrelétricas (ex: Belo Monte) e hidrovias (ex: Araguaia Tocantins) desastrosas, da mineração e do agronegócio que impactam de forma brutal ecossistemas e povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas e populações urbanas periféricas. Sabemos que, por exemplo, o aumento colossal do desmatamento no cerrado e a liberação criminosa de agrotóxicos são crimes ambientais que contam com a

aprovação de setores (ditos) progressistas do governo e da sociedade, que dão as mãos à direita para garantir lucros e vantagens em negociatas espúrias. Como aceitar que 15.000 m² de área verde do campus da Praia Vermelha (UFRJ) sejam entregues por 30 anos à iniciativa privada com contrapartidas pírias, em uma cidade com um déficit de um milhão de árvores? Como aceitar que nossos hospitais universitários sejam geridos pela Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), que passa a contratar profissionais de saúde via CLT e não mais por concurso público, precarizando as relações e condições de trabalho e dificultando o acesso da população a esses serviços? Como aceitar que o genocídio do povo Yanomami tenha números semelhantes aos do governo Bolsonaro? Como aceitar que a educação ambiental tenha sido banida da BNCC (política curricular para o ensino fundamental) e substituída pela “educação para o desenvolvimento sustentável”, a cartilha do capitalismo verde? A COP 30 será realizada em Belém (PA), coração da Amazônia. Como vamos nos preparar para não sermos, mais uma vez, cooptados e atropelados por corporações e interesses do capital, “pintados de verde”? Como vamos explicar às juventudes que nos omitimos deste debate, deixando de abordá-lo em sua amplitude e profundidade? Não nos é permitido somente observarmos o céu cair sobre nossas cabeças, como alerta o líder Yanomami Davi Kopenawa!

Essas e outras questões nos impelem a fazer deste texto um apelo ao ANDES-SN e a toda a comunidade acadêmica: é urgente que pautemos a crise climática em todos os debates, congressos e assembleias, para que se presentifique nos currículos da graduação e da pós, bem como projetos de extensão e de pesquisa. Urge produzirmos um diagnóstico, em nível nacional, sobre como a classe trabalhadora entende e enfrenta a crise climática, para, em seguida, planejarmos ações junto aos movimentos sociais e lutarmos por políticas de educação, ambiente, saúde, habitação, segurança, gestão de território e previdência que façam frente aos imensos desafios postos pelo capitaloceno. Finalizamos com as palavras de outra liderança indígena:

Os humanos estão aceitando a humilhante condição de consumir a Terra. Os Orixás, assim como os ancestrais indígenas e de outras tradições, instituíram mundos onde a gente pudesse experimentar a vida, cantar e dançar, mas parece que a vontade do capital é empobrecer a existência. O capitalismo quer um mundo triste e monótono em que operamos como robôs, e não podemos aceitar isso (KRENAK, 2022, p. 38).

TR – 58

O 42º CONGRESSO DO ANDES SN DELIBERA:

1. Que o ANDES e suas ssind pautem a crise climática e seus desdobramentos socioambientais como temática fundamental em todas as IES, dialogando com movimentos sociais e lideranças indígenas, quilombolas e ribeirinhas;
2. Que o ANDES e suas ssind convoquem o GTPAUA para ampliar o debate;
3. Que o ANDES e suas ssind promovam uma campanha nacional contra a destruição ambiental, o etnocídio e o epistemicídio, em articulação com entidades que atuam na defesa e preservação do meio ambiente, seus povos e culturas, culminando com um ato nacional em defesa da vida;
4. Que o ANDES convoque, em 2024, uma conferência social popular, junto a movimentos sociais, como meio de aglutinação de forças com vistas à construção de uma COP 30 popular em 2025;

5. Que um número da revista Universidade e Sociedade deste ano seja dedicado à crise climática, convidando movimentos sociais, lideranças indígenas, quilombolas e estudantes para enviarem suas contribuições.

TEXTO 59

Contribuição do(a)s sindilizado(a)s Adriana Posso (ADUFMS), Ary Gertes Carneiro Júnior (Adunemat), Alaide Pereira Japecanga Aredes (ADUEMS), Bartolina Ramalho Catanante (ADUEMS), Fábio Venturini (ADUNIFESP), Fábio Souza (ADUFMS), Gabriel Gualhanone Nemirovsky (ADUFMS), Jocimar Lomba (ADUEMS), Kaelly Virgínia Saraiva (ADUFMS), Lilian Fatima Barnisa Marinho (Adunemat), Magno Almeida Pinheiro (ADUFMS), Marcelo Salles Batarce (ADUEMS), Maria Onete Lopes (ADUFF), Mariuza Aparecida Camillo Guimarães (ADUFMS), Marlene Menezes (ADUFMAT), Noêmia dos Santos Pereira Moura (AdufDourados), Sheila Denise Guimarães Barbosa (ADUFMS).

ASPECTOS DA IDEOLOGIA DA DEFESA ABSTRATA DO “ÍNDIO”

TEXTO DE APOIO

Chamados a uma descrição da situação dos indígenas no Mato Grosso do Sul, consideramos de início e de modo breve, aspectos um pouco mais teóricos. Por todos os lados hoje e até dos mais suspeitos, levantaram-se os defensores e apoiadores da causa indígena. Da esquerda à extrema direita, de Petistas a Bolsonaroistas encontramos quem diga defender os indígenas. Há indígenas deputados do PSol como há deputados do PL.

Se por um lado uma parcela significativa dos indígenas vive em situações de extrema pobreza, sofre violência física e é assassinada pelo Estado e por milícias do latifúndio, no campo das ideias e boas intenções não há quem se posicione pelo extermínio dos índios - ao menos que sejam fascistas autodeclarados.

Além disso, assim como na última novela da Globo - onde ao final os fazendeiros entregam suas terras para os índios reconhecendo que lhes é de direito - de modo mais explícito ou sutil, acredita-se que a defesa da causa indígena possa existir acima de todas as supostas divergências políticas destes grupos, forjada como uma causa comum. Essa ideia está muito presente, por exemplo, na tentativa de uma bancada que reúna indígenas de diferentes partidos (bancada do cocar).

Antes de tudo, tentar apresentar uma unidade acima das divergências de campos de ideologias extremamente distintas, é em si uma contradição. Ou esses grupos não são tão divergentes como se apresentam, ou a unidade é uma falsificação, ou as duas coisas.

A falsa unidade que denunciemos é na verdade uma construção abstrata do índio. E a defesa abstrata do índio não passa de uma ideologia, que não é outra senão justamente aquela criticada por Marx, notadamente nas teses sobre Feuerbach da qual destacamos a seguinte passagem, entre tantas outras possíveis para designar essa ideia: “A disputa sobre a realidade ou não realidade de um pensamento que se isola da praxe é uma questão puramente escolástica”.

A “questão do índio” - designamos provisoriamente o tema assim - é talvez hoje uma das pautas onde melhor se assentou o “idealismo burguês”. Esse apego demagógico da burguesia à “questão do índio” não é casual, ele tem motivos e implicações bastante

concretas. A demagogia em torno do índio é uma porta para o Imperialismo impor suas políticas, notadamente contra os países dominados, como é o caso do Brasil.

Da constituição desta entidade abstrata, segue uma defesa também abstrata, particularmente no caso dos indígenas, muitas vezes na forma de tutela e romantização. De um modo ou de outro, queremos deixar dito já de início que a posição que defendemos aqui é a de que não há um modo neutro de descrever a situação da comunidade indígena, nem de entender, propor e participar da luta em defesa dos destas.

E mais do que isso, sentimos que é necessário denunciar e se opor à demagógica defesa dos indígenas que se constitui como forma política de dominação do Imperialismo. Essa breve consideração se faz necessária porque estamos desde o início, e é daí que é preciso partir, diante de uma disputa sobre o tema tanto do ponto de vista teórico como prático.

O campo midiático e burocrático

No campo midiático e burocrático muitos movimentos têm ocorrido nos últimos anos, basicamente ao redor da ideia de inclusão e representação. No Governo Lula foi criado o Ministério dos Povos Indígenas e alguns indígenas foram eleitos, impulsionados por setores da classe média, de ONGs internacionais e até partidos de direita como deputados.

Embora se possa considerar um avanço, o campo da burocracia burguesa não é o mesmo da luta dos indígenas na terra e pela sobrevivência. Portanto, este possível avanço não serve para balizar a descrição daquilo que ocorre na luta do indígena comum que é a imensa maioria. Muito pelo contrário, esses supostos avanços ofuscam a realidade desta luta.

A questão do marco temporal ganhou muita repercussão na imprensa burguesa, mas obviamente com o viés desta classe. Tentou-se mostrar o STF como um órgão democrático e progressista, a favor da luta histórica dos indígenas pela terra originária. Apresentou-se a votação do marco temporal como uma vitória para estes povos. No entanto, a inclusão da indenização de terras no processo de demarcação deve ser compreendida como um cavalo de tróia em todo o processo.

No campo concreto, no Mato Grosso do Sul, nenhum avanço foi feito em relação à demarcação das terras, mas isso não é o mais grave, o mais grave são os retrocessos. A política instalada via MPI e Funai é de buscar negociação com o latifúndio. Essa é justamente a aplicação da ideologia da novela da Globo, como denunciada no início deste texto.

Na prática, o erro fundamental desta estratégia é que no campo institucional burguês o latifúndio tem todo o poder, enquanto os indígenas não têm nenhum. Aceitar participar de uma negociação sem ter nenhum respaldo tem um óbvio resultado, como tem sido, completamente desfavorável até este momento. A política levada adiante por essas instituições corre o risco de impor uma derrota histórica aos povos indígenas no processo de sua luta pela terra. Citamos como exemplo aqui três áreas de retomadas onde houve tentativas deste tipo de negociações: Laranjeira nhanderu, Kurupi e Avaete.

Longe do show midiático da votação do STF, essas negociações objetivas afetam radicalmente de maneira negativa a demarcação das terras ancestrais da comunidade indígena. Deve-se dizer que há, portanto, um processo paralelo de demarcação das terras, neste processo a votação do STF não tem nenhuma interferência que favoreça este grupo humano. Essa realidade reforça o fato de que a votação do STF não passou de uma distração em relação aos problemas reais.

Um caso recente entre tantos outros para exemplificar a realidade

De um modo ou de outro, enquanto não há uma definição mais concreta na questão da demarcação das terras, a posição de “neutralidade” e silêncio do MPI, de alinhamento com a falsa política do STF, tem favorecido as ações violentas do latifúndio contra as comunidades indígenas, que não cessaram de ocorrer em paralelo a tudo isto.

Em 22 de novembro de 2023, um jornalista canadense, uma cineasta e um militante do Partido da Causa Operária (PCO) foram cercados por camionetes de fazendeiros/pistoleiros e agredidos violentamente nas proximidades da aldeia Pyelito Kue. Além da agressão, os fazendeiros roubaram todos os materiais de trabalho das vítimas. O ataque a não-indígenas de classe média e especialmente ao jornalista canadense fez com que a notícia rapidamente alcançasse a grande imprensa.

O acampamento dos indígenas no Pyelito Kue já estava cercado há dias. Inclusive alguns indígenas já haviam sido raptados e torturados e a comunidade já dava conta do sumiço de alguns moradores, mas nenhuma informação havia alcançado a grande imprensa. Cabe ainda dizer, que a repercussão do caso na grande imprensa durou poucos dias e após isso, o conflito continuou até os dias de hoje sem mais divulgações.

O conflito na região do Pyelito Kue, no entanto, não é recente. Há mais de 10 anos, uma carta da comunidade que denunciava um iminente confronto sangrento, diante da ordem de despejo do Estado, também alcançou a grande imprensa. E se retornarmos ainda mais duas décadas, encontraremos outra ordem de despejo da comunidade, em 1992, após derrubada de liminar em favor dos indígenas dada pelo então Ministro da Justiça Jarbas Passarinho.

Como o Pyelito Kue há centenas de outras comunidades que vivenciam o mesmo drama por décadas. No entanto, na grande imprensa aparecem apenas episódios isolados no tempo e descontextualizados, quando momentos de acirramento ou tragédias transformam-se em notícias.

Uma parte relevante do que costumou-se chamar “apoiadores da causa indígena”, notadamente os partidos e movimentos de esquerda, seja por conveniência ou ingenuidade, defrontam-se com a questão apenas deste modo fragmentado. O suposto apoio destes grupos se manifesta na forma de um lamento impotente e desorientado, na entrega de recursos materiais, na promoção e mistificação de personalidades indígenas individuais, na ideia de inclusão (cooptação) no sistema capitalista, por exemplo via universidades, de alguns poucos supostos representantes dos índios, na busca pelas instituições burguesas, seja para fazer reivindicações ou pedir apoio, como por exemplo a polícia e a Força Nacional etc. Esta forma de atuar dos supostos grupos progressistas que defendem a causa indígena é extremamente limitada, muitas vezes são paliativos e tendem a iludir as comunidades e os retirar da luta concreta. A posição destes grupos, ainda que bem intencionada, acaba cúmplice com a situação de inércia do estado brasileiro.

Para superar essa política é preciso atuar de modo contínuo no interior das comunidades indígenas, não apenas em momentos isolados de movimentos nacionais, com ações permanentes por meio das ADs e daqueles que estão em contato direto com os movimentos locais.

TR - 59

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Executar planos e ações permanentes e regulares no território junto às comunidades indígenas, ao invés de ações pontuais e eventuais;
2. Garantir a transparência no aporte financeiro para as ações, com identificação de quem está recebendo o recurso, o valor total e quais os critérios de repasse;
3. Usar como critério para o aporte do recurso, por meio das ADs, para ações coordenadas por pesquisadores/as filiados/as às ADs que já desenvolvem o trabalho, seja de pesquisa e ou apoio regular em território indígena para realizar ações e desenvolvê-las de modo contínuo;
4. Fortalecer a organização das comunidades indígenas, compartilhando saberes, participando da articulação e das mobilizações pela garantia de direitos à terra e à cultura própria de cada etnia;
5. Prover apoio financeiro para a organização da luta por direitos e pela fixação nas terras tradicionais e nas retomadas, por meio de recursos do ANDES SN e ou das Regionais, com mediação e acompanhamento das ADs;
6. Promover estudos com vistas ao levantamento de dados sobre as áreas em disputa e as retomadas de terras originárias, de forma a fomentar ações das ADs, com ajuda financeira do ANDES SN, de apoio aos movimentos das comunidades indígenas;



Diretoria do ANDES-SN

POLÍTICA DE COMUNICAÇÃO E ARTE

TEXTO DE APOIO

Um movimento contra-hegemônico na disputa da comunicação

A comunicação, a arte e a cultura não ocupam lugar secundário na luta contra os interesses do grande capital e na defesa da classe trabalhadora. É fundamental compreender a importância dessas ferramentas na mobilização de nossa categoria e na construção da consciência de classe. Tendo em vista a produção e reprodução cotidiana da ideologia dominante, disseminada por diferentes meios e instrumentos, a comunicação tornou-se peça chave na sociedade capitalista. O ANDES-SN tem dedicado esforços para a constituição de uma comunicação contra-hegemônica em defesa da educação pública e dos(as) trabalhadores(as) da educação e na construção de outro projeto de sociedade.

Pensar numa comunicação contra-hegemônica requer questionar a concentração de poder das mídias na nossa sociedade. De acordo com a pesquisa Monitoramento da Propriedade da Mídia (Media Ownership Monitor/MOM), apenas cinco famílias controlam metade

dos 50 veículos de comunicação com maior audiência no Brasil. A mídia está intrinsecamente vinculada aos interesses do grande capital e, por isso, constantemente desinforma a classe trabalhadora, cumprindo a função que lhe confere o capital, bem como reproduz violências como o racismo, o machismo, a LGBTI+fobia, dentre outras.

No Brasil, coloca-se como central a luta pela democratização da mídia, por isso não podemos passar ao largo de discutir a regulação da mídia, uma medida eficaz para assegurar a pluralidade de opiniões, garantindo que os diferentes setores que compõem a sociedade possam se expressar. A regulação das mídias opõe-se, portanto, à censura e pode constituir-se numa ferramenta de ampliação das vozes da classe trabalhadora. É imperioso que a mídia possa expressar a pluralidade cultural, étnica, socioeconômica, religiosa, sexual e geográfica deste país continental que é o Brasil.

A cena da comunicação pública brasileira está tomada pela versão unilateral das grandes corporações, que, além de ocultar cotidianamente as inúmeras lutas e resistências da classe trabalhadora face aos processos de exploração e opressão, também “martela” nas mentes e corpos do povo os elementos ultraliberais da ideologia do capital, responsabilizando - e culpabilizando - os indivíduos pelos problemas cuja origem é social.

Desde os anos 1990 existem iniciativas que lutam pela democratização da comunicação no país, buscando a regulação da mídia, que poderia, ainda que nos marcos do capitalismo dependente e periférico, ampliar a pluralidade de vozes que compõem a sociedade brasileira e garantir espaço para a cultura popular em produções de rádio e audiovisuais brasileiras. Iniciativas como o Canal Brasil e a Telesur, guardadas suas significativas diferenças e alcances, criadas no início dos anos de 2000, são exemplos de construção de contra-hegemonia comunicacional, bem como as iniciativas do FNDC, da Fenaj e de sindicatos de jornalistas que têm buscado resistir, embora de forma tímida, ao avanço gigantesco dos grandes monopólios da informação.

Assim como em 2011, quando foi criado o Plano de Comunicação do ANDES-SN, contudo de forma mais urgente e radical, necessitamos fortalecer a luta pela democratização e construção daquilo que, naquele momento, chamamos de “comunicação alternativa” – e que hoje estamos chamando de contra-hegemônica -, buscando envolver e atingir o conjunto da classe trabalhadora, neste momento de sua urgente reorganização.

Destaca-se que, ao refletir exclusivamente os interesses do grande capital, a mídia hegemônica mais doutrina do que oportuniza a seus(uas) interlocutores(as) a formação de opinião. A regulação da mídia possibilita a construção de um projeto de comunicação democrático e socialmente referenciado que possa refletir as contradições existentes numa sociedade de classes marcada por opressões estruturais, possibilitando assim uma formação crítica orientada para a emancipação humana.

Para além da regulação da mídia, é fundamental que possamos construir e fortalecer projetos de comunicação popular, de jornais a rádios comunitárias, dentre outras iniciativas. É fundamental que a comunicação ultrapasse o universo restrito e fragmentado que subjaz às redes sociais (as chamadas “bolhas” ideológicas, marcadas por forte consenso e hostilidade para com as divergências), ou seja, evitar que a comunicação contra-hegemônica circule apenas entre aquelas pessoas que já se afiliam ideologicamente com a construção de outra sociedade. Intensificar a comunicação entre nossos(as) companheiros(as) não é uma tarefa menos importante, mas é vital “furar a bolha” para atingir cada vez mais a classe trabalhadora.

De certo modo, os desafios que atravessam a construção de uma comunicação contra-hegemônica dialogam com os desafios que enfrentamos como docentes em instituições de ensino na construção de uma educação crítica, laica e socialmente referenciada. Assim como na sala de aula, a prática de uma comunicação contra-hegemônica demanda a utilização de múltiplas estratégias, bem como uma conexão direta com a realidade para retirar o véu que oculta a raiz social da desigualdade social, do racismo, do machismo dentre outras opressões.

Enfrentar a grande mídia é vital na luta de classes. No Brasil, não apenas no caso da ditadura empresarial-militar, mas também em episódios recentes, a mídia fortaleceu projetos antidemocráticos financiados pelo capital estrangeiro, pelo agronegócio, por instituições cristãs, dentre outros setores conservadores e neofascistas.

Num mundo de plataformas digitais, atravessado por estratégias de engajamento, fácil difusão de *fake news* e no qual algoritmos determinam o que é visível ou não, é preciso disputar espaços, com estratégias alinhadas aos interesses da classe trabalhadora. Nesse contexto, precisamos *hackear* o sistema, driblar algoritmos e impulsionar a partir da organização de nossa classe a construção e a difusão da informação.

Frente a todos esses desafios impostos à construção de uma comunicação contra-hegemônica, o ANDES-SN, por meio do seu Plano de Comunicação, tem construído uma política de comunicação atenta à heterogeneidade da classe trabalhadora e em diálogo com os diferentes setores que compõem a luta popular.

Desafios da reorganização da classe trabalhadora e a contribuição da comunicação para as lutas do ANDES-SN

Desde o advento do “novo sindicalismo”, o tema da “comunicação sindical” tem sido parte importante daquelas e daqueles que vêm enfrentando o desafio de construir um movimento sindical democrático, independente de governos e patrões e classista. No entanto, a ideia de construção de uma comunicação contra-hegemônica mudou muito nos últimos anos.

De um lado, a perda de instrumentos históricos, que a classe trabalhadora construiu desde o final da ditadura empresarial-militar, resultou em um refluxo do movimento que fragilizou a disputa contra-hegemônica. A ausência de uma central sindical e popular classista, combativa e com enraizamento de massas na classe trabalhadora certamente contribuiu para que a extrema direita ocupasse o espaço da mídia “alternativa”.

Por outro lado, o surgimento de novas modalidades de comunicação – em especial, as redes sociais que concentram dados e informações nas mãos de corporações que resultam do processo de concentração e centralização do capital – mudou o cenário das disputas. Apesar da aparente ilusão de que houve uma “democratização da informação”, os usos e abusos que resultaram da concentração de dados nas mãos de corporações privadas demonstraram que as “redes sociais” são um terreno muito mais fértil para a extrema direita do que para a construção de uma comunicação contra-hegemônica.

Apesar de tudo isso, o ANDES-SN vem ampliando sua atuação em redes sociais e tentando utilizar as plataformas existentes para chegar na base da categoria e em setores mais amplos da classe trabalhadora. Apesar de ter ampliado significativamente sua presença nas redes sociais e hoje produzir uma diversidade de materiais que fortalece a comunicação sindical em nível nacional e em nível local, por meio das seções sindicais,

o fato é que isoladamente a política de comunicação do ANDES-SN não consegue sair da “bolha” criada pelos algoritmos e pelas corporações.

Um exemplo ilustrativo é a Campanha em Defesa da Educação Pública, promovida pelo ANDES-SN durante a pandemia. Criada durante o período de isolamento social da pandemia de Covid-19, a campanha buscou ser um contraponto ao processo de desqualificação cotidiana da educação pública pelo governo de Bolsonaro. A campanha produziu inúmeros materiais, reuniu apoio de figuras públicas e artistas e realizou diferentes atividades. Mas um balanço dos dados oferecidos pelas redes sociais demonstra que a campanha não ultrapassou os setores mais avançados que compõem o Sindicato Nacional. Isto demonstra que uma campanha mais ampla, capaz de furar a “bolha” depende de uma articulação mais aprofundada com outras entidades, em especial aquelas que vêm atuando em unidade na ação no último período, como o SINASEFE e a FASUBRA. Por isso, pensamos que o processo de continuidade da campanha depende de uma articulação mais profunda com outras entidades da educação e dos serviços públicos.

Outro desafio importante enfrentado pelas entidades da classe trabalhadora é o processo de dessindicalização da classe trabalhadora que está em curso desde 2016 e que, conseqüentemente, atingiu o ANDES-SN. Segundo dados do IBGE, em 2022, o número de trabalhadores e trabalhadoras sindicalizados atingiu, 9,2%, o menor patamar desde 2012. Em nosso Sindicato Nacional, o processo de endividamento da categoria por meio dos empréstimos consignados tem sido um elemento decisivo, já que, muitas vezes, docentes que precisam contrair empréstimos precisam descartar a contribuição sindical para aumentarem os valores dos empréstimos contraídos.

Os processos objetivos que atuam sobre o processo de dessindicalização da classe trabalhadora no Brasil não serão revertidos por processos e campanhas voluntaristas, mas certamente pode auxiliar a reduzir os danos provocados pelo aprofundamento das condições de trabalho. Pensamos que, da mesma forma que a Campanha em Defesa da Educação Pública, uma Campanha de Sindicalização promovida em unidade com diferentes entidades pode trazer conquistas importantes para nosso Sindicato Nacional.

Para uma comunicação contra-hegemônica: o necessário levantamento de dados sobre o nosso setor de comunicação

No ano de 2011, no 30º Congresso do ANDES-SN em Uberlândia (MG), tivemos um avanço importante na política de comunicação ao aprovarmos o Plano Geral de Comunicação, após um amplo debate na categoria. Naquele momento, delegou-se à diretoria a responsabilidade das iniciativas de constituição de uma política geral para nos comunicarmos com a categoria, o que possibilitou avanços importantes, como a ampliação da equipe de assessoria de comunicação do Sindicato Nacional, o trabalho em rede entre as assessorias de comunicação das seções sindicais, a publicação sistemática do InformANDES e a pactuação de uma concepção política acerca da comunicação afinada com nosso projeto de educação.

No Plano Geral de Comunicação apontou-se a importância da produção de dados sobre a realidade da comunicação nas diferentes seções sindicais do ANDES-SN. Neste sentido, logo após o congresso, entre 2011 e 2012, foi realizada a “1ª pesquisa sobre a comunicação nas seções sindicais e associações docentes do ANDES-SN”, levantando informações como: presença de produtos jornalísticos (jornal impresso, eletrônico, rádio, TV), existência de página eletrônica (atualização, acessos, se possui logomarca ANDES-SN e link do site ANDES-SN), reprodução nos veículos das seções sindicais de notícias/materiais do ANDES-SN (boletins, cartilhas etc.), existência de equipe de

imprensa, existência e tipo de equipamentos de imprensa, tipo de interação com outros movimentos, estrutura da IES (rádio, TV, curso de comunicação) e existência de *mailing* para imprensa.

Em julho de 2021, por meio da circular 250/21, foi realizada a 2ª edição da pesquisa, agora, como um “Levantamento sobre a comunicação das seções sindicais do ANDES-SN”. Na primeira edição, 32 seções sindicais responderam ao questionário, enquanto, em 2021, o número subiu para 67 seções sindicais, o que, por si só, demonstra a necessidade e potência do mecanismo de planejamento instituído pelo plano geral de comunicação. Buscando manter a base de consulta padrão para podermos construir médias históricas da situação da comunicação nas diferentes realidades e seções sindicais, foram mantidos os eixos temáticos, mas rearticulando-os entre si e introduzindo novas perguntas sobre as mídias sociais, grande novidade após o estudo de 2011/12. Os eixos do segundo estudo foram: 1- Meios de Comunicação da Seção Sindical, 2 - Relação com o ANDES-SN, 3 - Equipe de Comunicação da Seção Sindical, 4 - Compartilhamento de outros conteúdos, e 5 - Estrutura da IES.

Nos dias 7, 8, 9 e 10 de dezembro, no Maranhão, foi realizado o VII Encontro Nacional de Comunicação e Arte. Lá, foram apresentados os dados da 2ª edição do levantamento de 2021 (que ainda não tinham sido apresentados por efeito da pandemia de Covid-19). Pela primeira vez, tínhamos, embora com certa defasagem, as primeiras médias históricas sobre a situação da comunicação nas seções sindicais do ANDES-SN. Os dados indicavam que: as seções sindicais continuaram a utilizar jornais impressos, mas com certa diminuição em 2021, provavelmente por conta da pandemia; aumento significativo da utilização de programas radiofônicos/podcasts e de mídias como o *Youtube* como estratégia de comunicação/divulgação.

A média histórica revela, também, que já em 2021 as seções sindicais tinham se integrado à nova dinâmica de utilização das mídias e redes sociais, incorporando em suas estratégias de forma predominante: *facebook* e *instagram*, seguidos de grupos de *WhatsApp* e *Twitter*. Verificou-se que caiu, levemente, a utilização da logo do ANDES-SN nos sites das seções sindicais (a cada 10 seções, 7 utilizavam a logo). No mesmo sentido, diminuiu a existência do link do site do ANDES-SN nos sites das seções sindicais, entretanto, aumentou fortemente a reprodução dos materiais produzidos pela Diretoria Nacional do ANDES-SN pelas seções sindicais. A existência de equipes e/ou profissionais de comunicação estabilizou-se na média do estudo anterior: a cada 10 seções, 7 possuem equipes. No entanto, há diferentes realidades operacionais com grandes diferenças em números de profissionais, quantidade e tipo de equipamentos, nível de atividades terceirizadas etc.

Os dados indicam a importância estratégica dos levantamentos e também a necessidade de que sejam sistemáticos e realizados com intervalos temporais menores. Assim, poderemos conhecer melhor a realidade de cada seção sindical e aprofundar redes de cooperação para a potencialização de nossa ação em nível nacional.

Plano de Comunicação do ANDES-SN: necessidade de atualização

Como afirmado, o nosso Plano Geral de Comunicação foi aprovado há 13 anos. Um documento que apresenta nossa concepção política sobre a comunicação em nossa sociedade, assim como uma proposta de política sindical contra-hegemônica que tem como objetivo defender e divulgar nosso projeto de educação.

Nos últimos 13 anos, muitas mudanças ocorreram no campo da comunicação, em especial a intensificação do uso das redes sociais, a centralização dos oligopólios na comunicação em nível global, a digitalização de materiais, a plataformização, a necessidade de lidar com o debate sobre softwares livres, entre outros. Apesar da inequívoca qualidade do plano de comunicação aprovado em 2011, há a necessidade de atualizá-lo.

O processo de atualização do plano foi iniciado em 2021 nas reuniões nacionais do GTCA e seguiu em 2022 com a realização do Seminário Nacional “Comunicação Sindical e Mídias Digitais”. Em 2023, no 41º Congresso no Acre, que se concluiu no 66º CONAD de Campina Grande, foi aprovada a atualização do plano de comunicação de 2011:

3. Que o ANDES-SN atualize o Plano de Comunicação e de Arte do ANDES-SN em 2023, a partir dos debates realizados nos GTCA locais que serão aprofundados no VII encontro do GTCA nacional e apresentar propostas para o 42º Congresso em 2024. (41º Congresso do ANDES-SN)

Assim, o processo teve continuidade em 2023 nas reuniões do GT e durante o VII Encontro de Comunicação e Arte.

Considerando as mudanças históricas, os novos instrumentos de comunicação, a relação com plataformas mais difundidas entre a categoria e o modo como o plano pode contribuir para realizar o projeto histórico de educação do ANDES-SN, chegamos com um acúmulo importante no VII Encontro de Comunicação e Arte, que aconteceu entre 7 e 10 de dezembro de 2023, na UFMA, sediado pela APRUMA-Ssind. Neste espaço, sintetizamos as propostas de atualização da nossa política e do plano de comunicação. É importante destacar que a atualização manteve os princípios estruturantes do plano de 2011.

A proposta de atualização partiu dos seguintes debates:

- (1) Da análise de decretos e leis de Bolsonaro e outros governos sobre regulamentação das mídias, assim como de debates sobre a necessidade de revogar instrumentos legais privatistas e autoritários;
- (2) Do fortalecimento da Campanha de Defesa da Educação Pública e da Campanha de Sindicalização;
- (3) Da valorização de expressões culturais e artísticas do movimento docente;
- (4) Do aprofundamento dos acúmulos necessários para a elaboração de resoluções para o próximo Congresso.
- (5) Das discussões sobre a relação com as plataformas utilizadas em nossas universidades e de como a atualização do plano de comunicação pode contribuir na consolidação do projeto de educação do Caderno 2 do ANDES-SN.

No 30º Congresso aprovamos:

II - PLANO GERAL DE COMUNICAÇÃO DO ANDES-SN

O 30º Congresso do ANDES Sindicato Nacional delibera:

1. aprovar o Plano Geral de Comunicação do ANDES-SN;

2. delegar à diretoria do ANDES-SN a aprovação das iniciativas de ação e dos projetos executivos de cada instrumento destinados à implementação do Plano Geral de Comunicação, a partir da priorização das demandas identificadas e dos estudos realizados pelo GTCA, definindo os objetivos, a linha editorial, as responsabilidades, os prazos e os recursos envolvidos.

3. desenvolver até o próximo Congresso, um estudo sobre a viabilidade da criação de um estrutura de produção de audiovisual para o Sindicato Nacional;
4. avaliar a implementação do plano geral de comunicação no próximo congresso.
5. valorizar os trinta anos do ANDES-SN como elemento motivador para um planejamento especial de divulgação interna, assim como devem ser utilizadas datas previamente demarcadas no calendário anual;

TEXTO DOCUMENTO – Plano Geral de Comunicação do ANDES-SN

Título I

Base em que se assenta

A Comunicação no ANDES-SN está voltada para a disputa de hegemonia na categoria docente e na sociedade, organizando-se a partir – e como parte – das ações do plano de lutas estratégico do Sindicato e respeitando a estrutura horizontal, original da autonomia das Seções Sindicais.

Em sua concepção, expressará as particularidades de um Sindicato Nacional de Docentes de Instituições de Ensino Superior com os objetivos próprios do ANDES-SN, integrando as Seções Sindicais e os sindicalizados e imprimindo sentido de trabalho coletivo, sem comprometer a agilidade necessária.

Oferecerá as bases para que seja hierarquizada, por prioridades, uma combinação de iniciativas e ações articuladas de curto, médio e longo prazos.

Título II

Demandas imediatas

Devem ser concentrados os esforços em iniciativas dirigidas à categoria docente e as demandas mais imediatas são:

1. Articular as equipes de comunicação nacional e das Seções Sindicais, nas quais se incluem os dirigentes e os profissionais de comunicação;
2. Reformular a página eletrônica;
3. Estruturar a equipe de comunicação nacional;
4. Retomar a edição do *InformANDES* em um novo projeto de jornal, com periodicidade definida.

Título III

Estratégias gerais

1. Fortalecer a identidade do docente com o ANDES-SN e com suas Seções Sindicais, reconhecendo a pluralidade de concepções que se expressam na base;
2. Estimular o protagonismo do docente na construção da universidade pública e do ANDES-SN;
3. Conectar e divulgar as atividades dos Grupos de Trabalho, Setores, Regionais, Seções Sindicais e os eventos promovidos pelo Sindicato;
4. Buscar a articulação entre temas específicos e gerais, locais e nacionais, em ritmo que permita conquistar, pelos argumentos, a identidade do docente enquanto trabalhador da educação;
5. Realizar ações de comunicação informativa, formativa, socializadora e mobilizadora, a partir das demandas do Sindicato e levando em consideração as sensibilidades e disposição dos docentes, utilizando a pesquisa como mecanismo de planejamento dos instrumentos apropriados.
6. Potencializar a comunicação através do uso de mídias de redes sociais.

Título IV

Constituição de relações internas de comunicação

1. Estabelecer uma relação de articulação entre a assessoria de comunicação do ANDES-SN e as assessorias de comunicação das Seções Sindicais para trabalhar em rede;
 - 1.1 Quando da produção de reportagens especiais e dossiês em torno de grandes temas haverá coordenação e sistematização pela assessoria de comunicação do ANDES-SN.

2. Consolidar um sistema de intercomunicação das matérias editadas, respeitados os devidos créditos de autoria;
3. Estabelecer um espaço virtual tipo intranet para comunicação rápida entre diretores, membros do GTCA e profissionais de comunicação credenciados e um depósito, em banco de dados livre, das produções nacionais, regionais e locais que possam ser acessadas por todos;
4. Dirigentes, profissionais de comunicação contratados e prestadores de serviços ajustarão seus distintos papéis no processo de convivência, definindo o que cabe às direções e aos trabalhadores em comunicação. Terão como perspectiva que cabe ao dirigente apontar o rumo político do trabalho junto com o profissional de comunicação que dá a forma por meio da técnica jornalística sem abstrair a visão externa que deve ter. Além disto, o jornalista deve colocar-se como colaborador dos dirigentes para o trato com a comunicação.

Título V

Constituição de relações de comunicação com setores classistas

1. Articulação crescente na área de comunicação com o movimento classista e autônomo e com outros setores do movimento social, sindical, popular e estudantil, construindo projetos integrados a partir de uma visão alternativa de comunicação;
2. Definir política de associação e de apoio a projetos sociais de comunicação identificados com as prioridades definidas pelo Sindicato e comprometidos com a transformação social.

Título VI

Espaço nos meios de comunicação comerciais e alternativos

1. Buscar interação com as rádios comunitárias identificadas com os movimentos sociais em âmbito local. Nesta interação, atuar divulgando notícias, produzindo programas próprios ou até estabelecendo envolvimento com o projeto do veículo para fortalecer a implementação das propostas do Sindicato Nacional;
2. Ocupar o espaço das rádios e TVs Universitárias e comunitárias, sempre que possível, por articulação das assessorias de comunicação das Seções Sindicais, tendo como referência as propostas estratégicas do ANDES-SN;
3. Utilizar estratégias variáveis segundo a realidade de cada local para conquistar espaços na mídia, mesmo a que tem características comerciais, através de mecanismos que podem incluir reuniões com as editorias e articulistas, credenciando o Sindicato como fonte e referência de opinião, especialmente sobre temas que são importantes na política do Sindicato;
4. As iniciativas que impliquem em campanhas na grande mídia precisam ser muito bem localizadas quanto à oportunidade e conveniência. Deverão ter base na pauta de lutas concretas em curso e articulação com a política permanente de comunicação do Sindicato;
5. Acompanhamento das tendências editoriais dos meios de comunicação a respeito dos temas mais importantes ao Sindicato e, principalmente, monitoramento da repercussão das notícias geradas a partir do ANDES-SN e de suas Seções Sindicais, com objetivo de rebater prontamente os ataques.

Título VII

Público-alvo

A definição e a priorização do tipo de ação e instrumento a ser utilizado para cada segmento do público dependerá do momento político e do objetivo, com destaque aos seguintes segmentos: diretores; seções sindicais; membros das diretorias, dos conselhos de representantes e dos GT das seções sindicais; base da categoria em seus diversos perfis; outros segmentos universitários; movimento social e sindical; outros setores sociais; governantes e imprensa.

Título VIII

Perfil e Estratégias de comunicação

Para chegar à definição do perfil e a estratégia de como alcançar cada segmento do público-alvo, além da característica da ação ou do instrumento a ser utilizado, outros elementos devem ser considerados:

1. Entender quais são as concepções de universidade que estão em disputa na nossa base;

2. Definir como dizer ao docente que queremos chegar até ele;
3. Definir como facilitar o acesso do docente até nós;
4. Definir como medir o interesse de cada perfil do público-alvo;
5. A identificação de perfis e elementos de interesse, como a garantia de acessibilidade, poderá exigir consultas ou pesquisas estruturadas a serem feitas diretamente, ou por contratação de empresas especializadas;
6. Encontrar alternativas para os casos especiais em que há fragilidade da Seção Sindical ou obstrução ao fluxo de informações. Nestes casos, as peculiaridades para operacionalizar a comunicação serão ajustadas à estratégia política mais ampla, definidas para cada um deles.

Título IX **Instrumentos de comunicação**

Antes de apontar a necessidade de adotar novos instrumentos de informação, é preciso analisar os instrumentos e o volume de comunicação existentes e sua capacidade de geração de fatos dignos de nota. Conviver na era do intenso fluxo de informações, 24 horas por dia, exige a ponderação de que não será o volume de informações que produzirá a atração do docente ao Sindicato, mas sim a qualidade, a argumentação, a racionalidade, o ordenamento informativo, a diversidade temática, o atrativo e a identidade visual, entre outros fatores.

Este conceito deverá lastrear a definição de periodicidade dos instrumentos permanentes e a oportunidade dos instrumentos esporádicos.

Em linhas gerais, é preciso ter um diagnóstico da presença e da imagem do ANDES-SN na categoria e na sociedade, para subsidiar a diretoria do Sindicato nas decisões político-estratégicas sobre a priorização das ações e instrumentos concretos de comunicação. Haverá um elenco de instrumentos permanentes: circulares da secretaria, web, notícias diárias, InformANDES, InformANDES digital, redes sociais, revista Universidade e Sociedade, cartazes dos eventos. Outros poderão ter o caráter descontínuo ou esporádico: InformANDES especiais, cadernos, dossiês, cartilhas, murais, folders, audiovisuais, outdoors, banner, faixas, entre outros.

1. Criar projeto editorial e gráfico para um novo InformANDES nacional que expresse as seguintes características: design gráfico moderno e atrativo; periodicidade definida; pauta variada, que contemple os assuntos de interesse dos docentes; produção de reportagens especiais que surjam da relação com os movimentos sociais e das experiências políticas, culturais e sociais; chamamento à integração dos docentes por meio da publicação de pequenos artigos sobre temas do cotidiano ou crônicas; argumentação de qualidade, politizada, que, como método, procure partir da realidade concreta dos docentes, evitando linguagem hermética; constituir personalidade ao veículo de forma que passe a ser reconhecido pelo público alvo; elaborar matérias e realizar entrevistas exclusivas com nomes da cultura, das artes e do esporte; espaço para divulgar ações socializadoras produzidas pelos docentes em projetos nas suas universidades; divulgação na base docente e também junto aos movimentos sociais;

2. Valorizar e incrementar a utilização de mídias sociais como forma de manter contato permanente com os docentes que precisam sentir-se cativados a buscar conexão com o Sindicato através delas. Exercitar a criatividade e manter a atualidade para corresponder às exigências às novas mídias;

3. A página eletrônica deverá ser transformada em um Portal com identidade visual e com características de ser a expressão externa e o meio de interatividade dos diversos níveis de usuários. Espaço ao mesmo tempo politizado e atrativo que se constitua no centro da unidade comunicativa entre as Seções Sindicais, docentes e outros interessados. Deve ter objetivos amplos, construindo espaços de informações gerais, culturais, sociais e para a interatividade que envolva pesquisas e debates. Além disso, o Portal deve criar facilidades e atrativos para que os docentes desenvolvam o hábito de consulta e cadastrem-se para receber automaticamente as mensagens. A revista Universidade e Sociedade em meio eletrônico estará disponível no Portal;

4. Reformulação e atualização contínua do microblog do ANDES-SN;

5. Devem ser definidos projetos específicos para veículos relacionados com cada um dos eventos – boletins dos Congressos, CONAD e outros;

6. Desenvolver e incentivar experiências de produção para rádio e TV, produção de documentários, a fim de que a história ou fatos marcantes das Seções Sindicais sejam registrados, como, por exemplo, em vídeo;

7. *Estudar mecanismos para superar os entraves que dificultam a recepção pelo público-alvo dos instrumentos digitais;*
8. *Estudar mecanismos para superar os entraves que dificultam a melhor utilização dos instrumentos impressos, especialmente enfrentando o desafio da distribuição nacional;*
9. *Produção de audiovisuais de atividades promovidas pelo ANDES-SN, a critério da diretoria do Sindicato, através de contratação de serviços profissionais e produção de material editado próprio para a ação política;*
10. *Propor, criar e desenvolver instrumentos de comunicação multissensoriais;*
11. *Priorizar e anunciar no expediente, quando for o caso, o uso de software livre (código aberto) na produção editorial das diversas formas de comunicação do ANDES-SN, mencionando os softwares e suas respectivas licenças.*

Título X **Perfil editorial**

O perfil editorial de cada instrumento será definido no projeto executivo aprovado pela Diretoria, observando entre outras exigências:

1. *Foco na pauta editorial que justifica o instrumento;*
2. *Adequação da linguagem para que os diversos perfis do público a que se destina;*
3. *A utilização do lúdico e do político na produção de material de comunicação: utilizar o humor, as charges, o artístico e a mescla de elementos culturais;*
4. *A identidade multissensorial.*

Título XI **Identidade visual**

Atualmente, a gestão de marcas é uma das ferramentas de comunicação mais valorizada, pois ela é a grande responsável pela identificação de relações entre o público e a entidade. Sem um bom trato no uso da marca, fica mais difícil mobilizar para esta identificação e, pelo contrário, pode ser produzida repulsão ou indiferença, que o tempo se encarrega de transformar em esquecimento. Portanto é essencial:

1. *Criar identidade visual a partir do logotipo do ANDES-SN e de outros elementos de linguagem não verbal;*
2. *Fazer a conexão da identidade visual nas Seções Sindicais com seu logotipo;*
3. *Modernizar o logotipo do ANDES-SN, mantida a identidade, com o significado de uma renovação na imagem. O redesenho da marca deve ser acompanhado de um memorial descritivo e de uso, com indicações de posicionamento, tamanho e outros detalhes;*
4. *O ingresso no trigésimo ano do ANDES-SN impõe a utilização desse elemento temporal em marca própria, o que pode facilitar o processo de modernização do logotipo tradicional;*
5. *Utilização de produtos para fixar a identidade visual (calendários, camisetas, mousepad, lápis, caneta, pendrive, agenda, marcador de livro etc.);*
6. *Confecção de placas de identificação e banners do ANDES-SN para serem distribuídos para as Seções Sindicais;*
7. *Criar slogans que produzam o reconhecimento e estimule a vinculação do ANDES-SN com os seus propósitos;*
8. *Adotar e divulgar medidas emblemáticas de mínimo impacto ambiental em suas ações comunicativas.*

Título XII **Mediação dos espaços de interatividade**

A Diretoria definirá, em regulamento, a ser homologado no próximo CONAD, os critérios de moderação para os veículos de comunicação do Sindicato que impliquem interatividade e artigos de opinião, de forma a garantir a qualidade do veículo, a prevenção contra o ilícito e o espaço ao contraditório argumentativo.

Título XIII **Equipe de comunicação**

A equipe de comunicação do ANDES-SN é composta por diretores, profissionais de comunicação e profissionais que executam serviços contratados.

1. O GT de comunicação e artes, como os demais grupos de trabalho do ANDES-SN, não é instância deliberativa, mas tem função de formulação, produção de estudos e assessoria temática à diretoria do Sindicato, a partir do debate nos GT locais constituídos pelas Seções Sindicais. No caso específico, há características peculiares que justificam a presença, nas reuniões, além dos diretores do ANDES-SN e dos sindicalizados representantes das Seções Sindicais, dos jornalistas e dos especialistas na área, convidados pelas diretorias;
2. Profissionais de comunicação: 2 jornalistas e 1 programador visual compõem a equipe básica nacional. Poderá contar ainda com outros profissionais que, em conjunto, responderão por assessoria, editoria, reportagens cotidianas, reportagens investigativas, gerenciamento do portal, entre outras tarefas. O perfil dos profissionais da equipe é muito importante e precisa ser adequado às especificidades do trabalho, com preparo político e ético;
3. Os estagiários podem cumprir um papel importante, desde que o período de estágio seja organizado e tratado como uma prática de aprendizado sob orientação profissional, a partir de programa previamente traçado e acompanhado por sistemática de avaliação;
4. Os serviços contratados, tais como diagramação, ilustração, arte-publicidade, filmagens, entre outros, precisam ser avaliados quanto a sua necessidade e relação com as tarefas ordinárias, de modo a que as complementem sem sobreposição;
5. As reuniões do GTCA devem prever espaços de formação, aperfeiçoamento e troca de experiências. Além disso, devem ser previstos seminários periódicos de formação em comunicação do ANDES-SN.

Título XIV

Final

Este Plano Geral de Comunicação será a referência articuladora dos conceitos, iniciativas e ações do Sindicato no campo da comunicação. Desde a sua origem, traz o germe do debate, invoca a reflexão e a crítica, para que seja aperfeiçoado constantemente por decisão das instâncias deliberativas do ANDES-SN.

A partir das contribuições do 30º Congresso, das reuniões do GTCA entre os anos de 2021, 2022 e 2023; e do VII Encontro de Comunicação e Arte, apresentamos em formato de TR as contribuições para atualização do Plano Geral de Comunicação do ANDES-SN, indicamos ao 42º Congresso para debate e deliberação.

RESOLUÇÕES DO 66º CONAD DO ANDES-SN

I – POLÍTICA DE COMUNICAÇÃO E ARTE

O 66º CONAD DO ANDES-SN DELIBERA:

1. *Que o ANDES-SN realize o II Festival de Arte e Cultura do ANDES-SN no segundo semestre de 2023, na UFMA.*
2. *Que o ANDES-SN realize o VII Encontro de Comunicação e Arte do ANDES-SN no segundo semestre de 2023, na UFMA.*
 - 2.1. *Que o ANDES-SN incorpore nos debates do encontro a análise dos impactos dos decretos e leis aprovados no governo de Bolsonaro e em qualquer governo, o papel do ANDES-SN na regulamentação das mídias e na revogação de tais instrumentos legais privatistas e autoritários.*
3. *Que o ANDES-SN atualize o Plano de Comunicação e de Arte do ANDES-SN em 2023, a partir dos debates realizados nos GTCA locais que serão aprofundados no VII encontro do GTCA nacional e apresentar propostas para o 42º Congresso em 2024.*
4. *Que as Seções Sindicais envidem esforços para incluir em suas ações a participação de expressões artísticas e culturais (música, cinema, teatro, artes visuais, etc.) como forma de valorização da Arte e Cultura.*

5. *Que as Seções Sindicais envidem esforços para a criação do grupo de trabalho de Comunicação e Arte no sentido de contribuir com a política Nacional do sindicato.*

6. *Que o ANDES-SN aprove a realização do VIII Encontro de Comunicação e Arte do ANDES-SN e do II Seminário Nacional de Comunicação Social, em setembro de 2024, em Salvador, Bahia,*

7. *Viabilizar parceria com o Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.*

Recomendações:

1. *Recomenda ao GTCA incluir na pauta do VII Encontro de Comunicação e Arte iniciar um estudo sobre a viabilidade de se desenvolver em conjunto com outras entidades do movimento sindical, uma plataforma digital de mediação de comunicações digitais e construção de uma rede de comunicação digital envolvendo entidades dos movimentos sindical, estudantil e popular.*

2. *Recomenda que o canal podcast do ANDES-SN inclua um programa semanal para divulgação das pautas e ações do sindicato, bem como ampliar as estratégias de divulgação do mesmo.*

3. *Recomenda que o debate realizado pelas seções sindicais e no âmbito do GTCA para elaboração e atualização do plano de comunicação e arte considere a mediação da comunicação em plataformas digitais e uma rede comum de comunicação entre o movimento sindical, estudantil.*

TR – 60

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN, DELIBERA:

1. Realizar o planejamento e discutir com outras entidades da educação a retomada da Campanha Nacional em Defesa da Educação Pública.
2. Pautar nas reuniões nacionais do GTCA de 2024 a contribuição da comunicação e da arte na organização de uma campanha nacional de sindicalização.
3. Realizar novo levantamento sobre a comunicação das seções sindicais até o 67º CONAD, como forma de atualizar as informações sobre a situação da comunicação em nível nacional.
4. Construir/consolidar a rede de informação/divulgação e formação entre as seções sindicais em nível nacional como forma de consolidação de uma ação unificada do ANDES-SN.
5. Que o ANDES-SN possa utilizar software livres para a produção de materiais de comunicação do ANDES-SN, mas considerar que há situações que demandarão a utilização de outros recursos para incorporar os avanços das plataformas e softwares que qualifiquem nossos materiais, respeitando nossa política e plano geral de comunicação.

6. Atualizar os seguintes itens do Plano Geral de Comunicação:

6.1. Inclusão no Título I da proposta original do Plano Geral de Comunicação: A Comunicação no ANDES-SN está voltada para uma construção ideológica contra-hegemônica na categoria docente e na sociedade, organizando-se a partir - e como parte - das ações do plano de lutas estratégico do Sindicato e respeitando a estrutura horizontal, original da autonomia das seções sindicais.

6.2. Nova redação para o item 1 no Título II: 1. Construir e fomentar espaços de diálogos e rede de trocas de experiências entre as equipes de comunicação e dirigentes do ANDES e das Seções Sindicais, reconhecendo a pluralidade de concepções que se expressam na base.

6.3. Inclusão de novo item no Título II: Estabelecer estratégias permanentes de comunicação que divulguem a política sindical do ANDES-SN com objetivo de atingir e envolver docentes não sindicalizados de universidades, institutos federais e CEFETs para possibilitar sua sindicalização.

6.4. Suprimir os itens 3 e 4 no Título II

6.5. Inclusão de novo item no Título III: Estimular atividades formativas para profissionais de comunicação do ANDES-SN.

6.6. Alteração do Título V: Constituição de relações de comunicação com demais entidades e movimentos sociais classistas.

6.7. Alteração no Item 1 do Título V: Articulação crescente na área de comunicação com o movimento classista e autônomo e com outros setores do movimento social, sindical, popular e estudantil, construindo projetos integrados a partir de **uma concepção contra-hegemônica de comunicação.**

6.8. Nova redação para o item 2 do Título V: Construir e apoiar, a partir dos princípios do ANDES-SN, projetos de comunicação contra-hegemônica comprometidos com as prioridades definidas pelo Sindicato e com a transformação social.

6.9. Alteração no item 3 do Título VI: Utilizar estratégias variáveis segundo a realidade de cada local para conquistar espaços na mídia e redes sociais, mesmo as que têm características comerciais, através de mecanismos que podem incluir reuniões com as editorias e articulistas, credenciando o Sindicato como fonte e referência de opinião, e **participação em mídias e redes sociais (por exemplo: Podcasts, canais de Youtube), especialmente aquelas que dialoguem com as prioridades políticas do ANDES-SN.**

6.10. Suprimir os itens 2, 3 e 4 do Título VIII e substituir por: A diversidade da categoria docente para, segundo os princípios do ANDES-SN, construir um formato de comunicação que dialogue e analise: o perfil da categoria; o acesso a categoria; os interesses do nosso público alvo.

6.11. Substituir o item 2 do Título X: Adequação da linguagem para diversos perfis de público e veículos de comunicação, garantindo a acessibilidade para pessoas com deficiência nos materiais impressos, gráficos, audiovisuais, etc.

6.12. Modificar o Título XI, suprimindo todos os itens e transformando em item único: Fortalecer a logo/identidade visual do ANDES-SN junto às Seções Sindicais, com o envio da arte e materiais de comunicação do Sindicato Nacional para reprodução pelas Seções Sindicais (as bandeiras, por exemplo), considerando o manual de identidade visual do ANDES-SN.

6.13. Suprimir integralmente, por superação o Título XII

6.14. Substituir os itens 2 e 4 do Título XIII – Equipe de comunicação por:

6.14.1 - 2. Que as Seções Sindicais garantam, a partir de suas possibilidades, profissionais de comunicação para responder pela assessoria, editorial, reportagens investigativas, que gerenciem as redes sociais, dentre outras ações/atividades em conjunto com a direção e em diálogo com o nosso programa e plano de comunicação. As Seções Sindicais deverão garantir condições de trabalho e direitos trabalhistas sem precarização;

6.14.2 - 4. O ANDES-SN deverá garantir equipe que atenda as demandas do Sindicato Nacional, com equipe atualizada de acordo com as novas dinâmicas e linguagens.

6.15. Acrescentar ao final do Item 3: Os estagiários podem cumprir um papel importante, desde que o período de estágio seja organizado e tratado como uma prática de aprendizado sob orientação profissional, a partir de programa previamente traçado e acompanhado por sistemática de avaliação e **respeitando a legislação específica de estágio.**

6.16. Atualizar a redação do Título XIV com a seguinte redação: O Plano Geral de Comunicação será referência articuladora dos conceitos, iniciativas e ações do Sindicato no campo da comunicação, considerando o processo da sua construção e os avanços tecnológicos e nas formas de comunicar para dentro e para fora do Sindicato Nacional, que sua atualização seja objeto de debates e reflexões constantes, e, sendo necessária a atualização, que esta seja fruto da decisão das instâncias deliberativas do ANDES-SN.

6.17. Inclusão de novo título que trate da Articulação da Comunicação com a Arte: XV - Arte e comunicação - Que o ANDES-SN e suas Seções Sindicais promovam, em suas atividades, ações que articulem a arte como expressão política, incentivando a exposição e exibição de obras artísticas, como, por exemplo, poesias, documentários, composições musicais, etc., fortalecendo práticas culturais e artísticas nos espaços do Sindicato.

TEXTO DOCUMENTO

Plano Geral de Comunicação do ANDES-SN em vigor

6.18 - Título I - Base em que se assenta

A Comunicação no ANDES-SN está voltada para a disputa de hegemonia na categoria docente e na sociedade, organizando-se a partir – e como parte – das ações do plano de lutas estratégico do Sindicato e respeitando a estrutura horizontal, original da autonomia das Seções Sindicais.

Em sua concepção, expressará as particularidades de um Sindicato Nacional de Docentes de Instituições de Ensino Superior com os objetivos próprios do ANDES-SN, integrando as Seções Sindicais e os sindicalizados e imprimindo sentido de trabalho coletivo, sem comprometer a agilidade necessária.

Oferecerá as bases para que seja hierarquizada, por prioridades, uma combinação de iniciativas e ações articuladas de curto, médio e longo prazos.

6.19 - Título II - Demandas imediatas

Devem ser concentrados os esforços em iniciativas dirigidas à categoria docente e as demandas mais imediatas são:

1. Articular as equipes de comunicação nacional e das Seções Sindicais, nas quais se incluem os dirigentes e os profissionais de comunicação;
2. Reformular a página eletrônica;
3. Estruturar a equipe de comunicação nacional;

4. Retomar a edição do InformANDES em um novo projeto de jornal, com periodicidade definida.

6.20 - Título III - Estratégias gerais

1. Fortalecer a identidade do docente com o ANDES-SN e com suas Seções Sindicais, reconhecendo a pluralidade de concepções que se expressam na base;
2. Estimular o protagonismo do docente na construção da universidade pública e do ANDES-SN;
3. Conectar e divulgar as atividades dos Grupos de Trabalho, Setores, Regionais, Seções Sindicais e os eventos promovidos pelo Sindicato;
4. Buscar a articulação entre temas específicos e gerais, locais e nacionais, em ritmo que permita conquistar, pelos argumentos, a identidade do docente enquanto trabalhador da educação;
5. Realizar ações de comunicação informativa, formativa, socializadora e mobilizadora, a partir das demandas do Sindicato e levando em consideração as sensibilidades e disposição dos docentes, utilizando a pesquisa como mecanismo de planejamento dos instrumentos apropriados.
6. Potencializar a comunicação através do uso de mídias de redes sociais.

6.21 - Título IV - Constituição de relações internas de comunicação

1. Estabelecer uma relação de articulação entre a assessoria de comunicação do ANDES-SN e as assessorias de comunicação das Seções Sindicais para trabalhar em rede;
 - 1.1 Quando da produção de reportagens especiais e dossiês em torno de grandes temas haverá coordenação e sistematização pela assessoria de comunicação do ANDES-SN.
2. Consolidar um sistema de intercomunicação das matérias editadas, respeitados os devidos créditos de autoria;
3. Estabelecer um espaço virtual tipo intranet para comunicação rápida entre diretores, membros do GTCA e profissionais de comunicação credenciados e um depósito, em banco de dados livre, das produções nacionais, regionais e locais que possam ser acessadas por todos;
4. Dirigentes, profissionais de comunicação contratados e prestadores de serviços ajustarão seus distintos papéis no processo de convivência, definindo o que cabe às direções e aos trabalhadores em comunicação. Terão como perspectiva que cabe ao dirigente apontar o rumo político do trabalho junto com o profissional de comunicação que dá a forma por meio da técnica jornalística sem abstrair a visão externa que deve ter. Além disto, o jornalista deve colocar-se como colaborador dos dirigentes para o trato com a comunicação.

6.22 - Título V - Constituição de relações de comunicação com setores classistas

1. Articulação crescente na área de comunicação com o movimento classista e autônomo e com outros setores do movimento social, sindical, popular e estudantil, construindo projetos integrados a partir de uma visão alternativa de comunicação;
2. Definir política de associação e de apoio a projetos sociais de comunicação identificados com as prioridades definidas pelo Sindicato e comprometidos com a transformação social.

6.23 - Título VI - Espaço nos meios de comunicação comerciais e alternativos

1. Buscar interação com as rádios comunitárias identificadas com os movimentos sociais em âmbito local. Nesta interação, atuar divulgando notícias, produzindo programas próprios ou até estabelecendo envolvimento com o projeto do veículo para fortalecer a implementação das propostas do Sindicato Nacional;
2. Ocupar o espaço das rádios e TVs Universitárias e comunitárias, sempre que possível, por articulação das assessorias de comunicação das Seções Sindicais, tendo como referência as propostas estratégicas do ANDES-SN;
3. Utilizar estratégias variáveis segundo a realidade de cada local para conquistar espaços na mídia, mesmo a que tem características comerciais, através de mecanismos que podem incluir reuniões com as editorias e articulistas, credenciando o Sindicato como fonte e referência de opinião, especialmente sobre temas que são importantes na política do Sindicato;
4. As iniciativas que impliquem em campanhas na grande mídia precisam ser muito bem localizadas quanto à oportunidade e conveniência. Deverão ter base na pauta de lutas concretas em curso e articulação com a política permanente de comunicação do Sindicato;
5. Acompanhamento das tendências editoriais dos meios de comunicação a respeito dos temas mais importantes ao Sindicato e, principalmente, monitoramento da repercussão das notícias geradas a partir do ANDES-SN e de suas Seções Sindicais, com objetivo de rebater prontamente os ataques.

6.24 - Título VII - Público-alvo

A definição e a priorização do tipo de ação e instrumento a ser utilizado para cada segmento do público dependerá do momento político e do objetivo, com destaque aos seguintes segmentos: diretores; seções sindicais; membros das diretorias, dos conselhos de representantes e dos GT das seções sindicais; base da categoria em seus diversos perfis; outros segmentos universitários; movimento social e sindical; outros setores sociais; governantes e imprensa.

6.25 - Título VIII - Perfil e Estratégias de comunicação

Para chegar à definição do perfil e a estratégia de como alcançar cada segmento do público-alvo, além da característica da ação ou do instrumento a ser utilizado, outros elementos devem ser considerados:

1. Entender quais são as concepções de universidade que estão em disputa na nossa base;
2. Definir como dizer ao docente que queremos chegar até ele;
3. Definir como facilitar o acesso do docente até nós;
4. Definir como medir o interesse de cada perfil do público-alvo;
5. A identificação de perfis e elementos de interesse, como a garantia de acessibilidade, poderá exigir consultas ou pesquisas estruturadas a serem feitas diretamente, ou por contratação de empresas especializadas;
6. Encontrar alternativas para os casos especiais em que há fragilidade da Seção Sindical ou obstrução ao fluxo de informações. Nestes casos, as peculiaridades para operacionalizar a comunicação serão ajustadas à estratégia política mais ampla, definidas para cada um deles.

6.26 - Título IX - Instrumentos de comunicação

Antes de apontar a necessidade de adotar novos instrumentos de informação, é preciso analisar os instrumentos e o volume de comunicação existentes e sua capacidade de geração de fatos dignos de nota. Conviver na era do intenso fluxo de informações, 24 horas por dia, exige a ponderação de que não será o volume de informações que produzirá a atração do docente ao Sindicato, mas sim a qualidade, a argumentação, a racionalidade, o ordenamento informativo, a diversidade temática, o atrativo e a identidade visual, entre outros fatores.

Este conceito deverá lastrear a definição de periodicidade dos instrumentos permanentes e a oportunidade dos instrumentos esporádicos.

Em linhas gerais, é preciso ter um diagnóstico da presença e da imagem do ANDES-SN na categoria e na sociedade, para subsidiar a diretoria do Sindicato nas decisões político-estratégicas sobre a priorização das ações e instrumentos concretos de comunicação. Haverá um elenco de instrumentos permanentes: circulares da secretaria, web, notícias diárias, InformANDES, InformANDES digital, redes sociais, revista Universidade e Sociedade, cartazes dos eventos. Outros poderão ter o caráter descontínuo ou esporádico: InformANDES especiais, cadernos, dossiês, cartilhas, murais, folders, audiovisuais, outdoors, banner, faixas, entre outros.

1. Criar projeto editorial e gráfico para um novo InformANDES nacional que expresse as seguintes características: design gráfico moderno e atrativo; periodicidade definida; pauta variada, que contemple os assuntos de interesse dos docentes; produção de reportagens especiais que surjam da relação com os movimentos sociais e das experiências políticas, culturais e sociais; chamamento à integração dos docentes por meio da publicação de pequenos artigos sobre temas do cotidiano ou crônicas; argumentação de qualidade, politizada, que, como método, procure partir da realidade concreta dos docentes, evitando linguagem hermética; constituir personalidade ao veículo de forma que passe a ser reconhecido pelo público alvo; elaborar matérias e realizar entrevistas exclusivas com nomes da cultura, das artes e do esporte; espaço para divulgar ações socializadoras produzidas pelos docentes em projetos nas suas universidades; divulgação na base docente e também junto aos movimentos sociais;
2. Valorizar e incrementar a utilização de mídias sociais como forma de manter contato permanente com os docentes que precisam sentir-se cativados a buscar conexão com o Sindicato através delas. Exercitar a criatividade e manter a atualidade para corresponder às exigências às novas mídias;
3. A página eletrônica deverá ser transformada em um Portal com identidade visual e com características de ser a expressão externa e o meio de interatividade dos diversos níveis de usuários. Espaço ao mesmo tempo politizado e atrativo que se constitua no centro da unidade comunicativa entre as Seções Sindicais, docentes e outros interessados. Deve ter objetivos amplos, construindo espaços de informações gerais, culturais, sociais e para a interatividade que envolva pesquisas e debates. Além disso, o Portal deve criar facilidades e atrativos para que os docentes desenvolvam o hábito de consulta e cadastrem-se para receber automaticamente as mensagens. A revista Universidade e Sociedade em meio eletrônico estará disponível no Portal;
4. Reformulação e atualização contínua do microblog do ANDES-SN;
5. Devem ser definidos projetos específicos para veículos relacionados com cada um dos eventos – boletins dos Congressos, CONAD e outros;

6. Desenvolver e incentivar experiências de produção para rádio e TV, produção de documentários, a fim de que a história ou fatos marcantes das Seções Sindicais sejam registrados, como, por exemplo, em vídeo;
7. Estudar mecanismos para superar os entraves que dificultam a recepção pelo público-alvo dos instrumentos digitais;
8. Estudar mecanismos para superar os entraves que dificultam a melhor utilização dos instrumentos impressos, especialmente enfrentando o desafio da distribuição nacional;
9. Produção de audiovisuais de atividades promovidas pelo ANDES-SN, a critério da diretoria do Sindicato, através de contratação de serviços profissionais e produção de material editado próprio para a ação política;
10. Propor, criar e desenvolver instrumentos de comunicação multissensoriais;
11. Priorizar e anunciar no expediente, quando for o caso, o uso de software livre (código aberto) na produção editorial das diversas formas de comunicação do ANDES-SN, mencionando os softwares e suas respectivas licenças.

6.27 - Título X - Perfil editorial

O perfil editorial de cada instrumento será definido no projeto executivo aprovado pela Diretoria, observando entre outras exigências:

1. Foco na pauta editorial que justifica o instrumento;
2. Adequação da linguagem para que os diversos perfis do público a que se destina;
3. A utilização do lúdico e do político na produção de material de comunicação: utilizar o humor, as charges, o artístico e a mescla de elementos culturais;
4. A identidade multissensorial.

6.28 - Título XI - Identidade visual

Atualmente, a gestão de marcas é uma das ferramentas de comunicação mais valorizada, pois ela é a grande responsável pela identificação de relações entre o público e a entidade. Sem um bom trato no uso da marca, fica mais difícil mobilizar para esta identificação e, pelo contrário, pode ser produzida repulsão ou indiferença, que o tempo se encarrega de transformar em esquecimento. Portanto é essencial:

1. Criar identidade visual a partir do logotipo do ANDES-SN e de outros elementos de linguagem não verbal;
2. Fazer a conexão da identidade visual nas Seções Sindicais com seu logotipo;
3. Modernizar o logotipo do ANDES-SN, mantida a identidade, com o significado de uma renovação na imagem. O redesenho da marca deve ser acompanhado de um memorial descritivo e de uso, com indicações de posicionamento, tamanho e outros detalhes;
4. O ingresso no trigésimo ano do ANDES-SN impõe a utilização desse elemento temporal em marca própria, o que pode facilitar o processo de modernização do logotipo tradicional;
5. Utilização de produtos para fixar a identidade visual (calendários, camisetas, mousepad, lápis, caneta, pendrive, agenda, marcador de livro etc.);
6. Confecção de placas de identificação e banners do ANDES-SN para serem distribuídos para as Seções Sindicais;
7. Criar slogans que produzam o reconhecimento e estimule a vinculação do ANDES-SN com os seus propósitos;
8. Adotar e divulgar medidas emblemáticas de mínimo impacto ambiental em suas ações comunicativas.

6.29 - Título XII - Mediação dos espaços de interatividade

A Diretoria definirá, em regulamento, a ser homologado no próximo CONAD, os critérios de moderação para os veículos de comunicação do Sindicato que impliquem interatividade e artigos de opinião, de forma a garantir a qualidade do veículo, a prevenção contra o ilícito e o espaço ao contraditório argumentativo.

6.30 - Título XIII - Equipe de comunicação

A equipe de comunicação do ANDES-SN é composta por diretores, profissionais de comunicação e profissionais que executam serviços contratados.

1. O GT de comunicação e artes, como os demais grupos de trabalho do ANDES-SN, não é instância deliberativa, mas tem função de formulação, produção de estudos e assessoria temática à diretoria do Sindicato, a partir do debate nos GT locais constituídos pelas Seções Sindicais. No caso específico, há características peculiares que justificam a presença, nas reuniões, além dos diretores do ANDES-SN e dos sindicalizados representantes das Seções Sindicais, dos jornalistas e dos especialistas na área, convidados pelas diretorias;

2. Profissionais de comunicação: 2 jornalistas e 1 programador visual compõem a equipe básica nacional. Poderá contar ainda com outros profissionais que, em conjunto, responderão por assessoria, editoria, reportagens cotidianas, reportagens investigativas, gerenciamento do portal, entre outras tarefas. O perfil dos profissionais da equipe é muito importante e precisa ser adequado às especificidades do trabalho, com preparo político e ético;

3. Os estagiários podem cumprir um papel importante, desde que o período de estágio seja organizado e tratado como uma prática de aprendizado sob orientação profissional, a partir de programa previamente traçado e acompanhado por sistemática de avaliação;

4. Os serviços contratados, tais como diagramação, ilustração, arte-publicidade, filmagens, entre outros, precisam ser avaliados quanto a sua necessidade e relação com as tarefas ordinárias, de modo a que as complementem sem sobreposição;

5. As reuniões do GTCA devem prever espaços de formação, aperfeiçoamento e troca de experiências. Além disso, devem ser previstos seminários periódicos de formação em comunicação do ANDES-SN.

6.31 - Título XIV - Final

Este Plano Geral de Comunicação será a referência articuladora dos conceitos, iniciativas e ações do Sindicato no campo da comunicação. Desde a sua origem, traz o germe do debate, invoca a reflexão e a crítica, para que seja aperfeiçoado constantemente por decisão das instâncias deliberativas do ANDES-SN.

TEXTO 61

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Gihad Mohamad (SEDUFMS), Giuliana Redin (SEDUFMS), Luciana Menezes Carvalho (SEDUFMS), Maristela da Silva Souza (SEDUFMS), Carlos Alberto da Fonseca Pires (SEDUFMS), Julio Ricardo Quevedo dos Santos (SEDUFMS), Angela Isabel dos Santos Dullius (SEDUFMS), Fabiane Adela Tonetto Costas (SEDUFMS), Adriano Severo Figueiró (SEDUFMS), Liane de Souza Weber (SEDUFMS), Ricardo Rondinel (SEDUFMS), Leonardo da Rocha Botega (SEDUFMS), Márcia Morschbacher (SEDUFMS), Terezinha Weller (SEDUFMS), Simone Freitas da Silva Gallina (SEDUFMS), Marcos Piccin (SEDUFMS), Marcio Rossato Badke (SEDUFMS), Sérgio Alfredo Massen Prieb (SEDUFMS), Marian Noal Moro (SEDUFMS), Francisco Estigarribia de Freitas (SEDUFMS), Hugo Blois Filho (SEDUFMS), Ascísio dos Reis Pereira (SEDUFMS), Carlos Fernando de Mello (SEDUFMS), João Carlos Gilli Martins (SEDUFMS), Graziela Lucci de Angelo (SEDUFMS), Helvio Mariano (ADUNICENTRO), Paulo Henrique Costa Mattos (APUG-UNIRG), Sandra Marinho Siqueira (APUB), Marcelo Barreto Cavalcanti (ADUFEPE), Sandra Bernadete da Silva Moreira (ADUFPA), Celeste Pereira (ADUFPEL), Ceres Torres (ADUFPEL), Luiz Henrique Schuch (ADUFPEL), Luiz Paiva Carapeto (ADUFPEL), Norlai Alves Azevedo (ADUFPEL), Regiana Blank Wille (ADUFPEL), Elaine da Silva Neves (ADUFPEL), Fernanda Hernandez Figueira (ADUFPEL), Savana Diniz Gomes Melo (APUBH), André Rodrigues Guimarães (SINDUFAP), Isabel Florentino (ADUFPA), Gelta Xavier (ADUFF), Levy Paes Barreto (ADUFERPE), Catarina Malcher Teixeira (APRUMA), Franci Gomes Cardoso (APRUMA), Welbson do Vale Madeira (APRUMA), Cláudia Alves Durans (APRUMA), Rosana mendes Éleres de Figueiredo (APRUMA), Juliana Melim (ADUFES), Waldir Bertúlio (ADUFMAT), Tamara Cardoso André (ADUNIOESTE), Priscila Monteiro Chaves (ADUFES), Osmar Gomes de Alencar Júnior (UFDPar/ADUFPI), Alyne Maria Barbosa de Sousa (SINDIFPI), Olgaíses Maués (ADUFPA), Raimundo Sérgio de Farias Júnior (SINDUEPA), Maria Goretti Cabral Barbalho (ADURN), Marco Antonio Perruso (ADUR-UFRJ), Paulo Cesar Centoducatte (ADUNICAMP), Carlos Silva (ADUNIR), Otávio Aranha (ADUFPA), Sinoélia Silva Pessoa (ADUNEB), Antônio Lisboa Leitão de Souza (ADUFCEG), Wanderley Padilha (SINDUNIFESSPA), Geraldo do Nascimento Carvalho (ADUFPI), Antônio Sérgio Darwich (SINDUEPA), Fabiano Bringel (SINDUEPA), Daniel Vasconcelos Solon (ADCESP), João Batista Farias Junior (SINDIFPI), Egmar Oliveira Souza Junior (SINDIFPI), Maria da Conceição Rosa Cabral (ADUFPA), Irenilda Angela dos Santos (ADUFMAT), José Vitor Zago (ADUNICAMP), Ana Lúcia Barbosa Faria (SINDCEFET), Mônica Vermes (ADUFES), Luiz Fernando da Silva (ADUNESP), Aderaldo Alexandrino de Freitas (ADUFERPE), Suly Rose Pereira Pinheiro (APRUMA), Maria Suely Soares (APUFPR), Simone Contente (UNIFESSPA), Vitor Wagner Neto de Oliveira (ADUFMS), Magnus José Barros Gonzaga (ADUFERSA), Tarcísio Luiz Pereira (ADUFMS), Maria Daniela Corrêa de Macedo (ADUFRJ), Wilson Camilo Chaves (ADUFSJ), Fábio Ruela de Oliveira (ADUNICENTRO), Ivana de Oliveira Gomes e Silva (ADUFPA).

QUESTÃO DA PALESTINA – UM CONFLITO ENTRE COLONIZADOR E COLONIZADO

TEXTO DE APOIO

Todos nós estamos acompanhando as notícias sobre o conflito na faixa de Gaza a partir de uma ação do Hamas contra assentados em território israelense que antes pertencia à Palestina. Até o momento, na Faixa de Gaza, foram mais de 23.000 mortos, sendo, na sua grande maioria, civis inocentes, entre esses, crianças, mulheres e idosos. Do lado de Israel foram aproximadamente 1.200 mortos, incluindo jovens e crianças. Este foi o saldo de um conflito assimétrico, desproporcional e sem perspectivas de fim, pois os organismos de proteção internacional permanecem inertes e sem forças perante as máquinas de guerra dos EUA/Israel e não buscam soluções que possibilitariam a criação de um Estado palestino, laico, democrático e minimamente viável.

Sem entenderem as raízes do problema, muitos pensam esse conflito apenas como uma questão religiosa e não como uma questão de ocupação e colonização. Com a partilha das terras palestinas em 1948 e o estabelecimento da solução de dois Estados vivendo lado a lado, tem o início de um conflito que dura mais de 70 anos. A divisão das terras da Palestina histórica foi outorgada pela ONU para dois povos: um originário que lá viviam há séculos - no caso, os palestinos muçulmanos e cristãos - e outro de pessoas de origem judaica, grande parte emigrados de várias regiões do mundo. Por essência a solução de dois Estados era segregacionista, já que consolidava a ideia da criação de um lar nacional judeu na Palestina histórica, excluindo os povos ali existentes. Essa ideia de um lar nacional judeu na palestina histórica começou a ser discutido no final do século XIX com o movimento sionista conduzido pelo Húngaro Theodor Hertzl. Para conceituar, o sionismo é uma ideologia de pensamento político, que pode ser considerada como sendo parte de uma corrente política do judaísmo, pois associa a um grupo étnico baseado em dogmas da religião judaica, um movimento político organizado. Muitos pensadores judeus à época, contrários a Hertzl, acreditavam que a melhor solução não seria criar um Estado Judeu, mas promover a integração ou o entrosamento com os diferentes grupos étnicos com os quais viviam há séculos na palestina. Para esses pensadores, não se podia, à luz do direito internacional, apagar com a borracha um povo ali presente há milênios. O lema falacioso empregado pelo sionismo à época era uma “terra sem povo, para um povo sem terra”. No início, a opção sionista considerava criar um lar nacional judeu em algum lugar como a Uganda ou a Patagônia Argentina. Como deliberação do primeiro congresso sionista de 1897, foi aprovado o retorno judaico à Palestina histórica e bíblica, o que permitiria, de certa forma, uma aliança dos interesses do movimento sionista com os grupos religiosos judaicos que reclamavam a Palestina como uma terra prometida por Deus.

Nesse contexto, após os 2.000 anos da diáspora judaica, a região palestina sempre esteve ocupada por outros povos, dentre eles, os palestinos. Os judeus ali presentes naquele território compunham apenas 10% da população nativa, grande parte eram arabizados e integrados às comunidades locais.

Na Europa, para conduzir essa política do sionismo, algumas famílias judaicas ricas começaram a comprar terras na Palestina e a organizar a emigração. Em termos de apoio, o movimento sionista europeu contava com a Inglaterra, que rivalizava com o Império Otomano presente na região da Palestina histórica. Como parte da estratégia de apoio ao movimento sionista, o primeiro-ministro da Inglaterra, Winston Churchil, prometeu aos árabes locais o direito à independência caso se levantassem contra o Império Otomano. Após a primeira guerra mundial, o Reino Unido e a França dividiram os territórios árabes, ficando a Palestina sob o controle da Grã-Bretanha. Na nova divisão mundial do trabalho foram criados artificialmente territórios-nações no Oriente Médio, com o objetivo de se ter, sob o imperialismo, o controle dessa região responsável, à época, pela maior prospecção de petróleo no planeta. Com esse objetivo, o primeiro-ministro Winston Churchil conduziu a divisão geopolítica na região. Para enfraquecer as lideranças árabes, o Reino Unido continuou apoiando o sionismo, prometendo um lar nacional aos judeus na Palestina assim que acabasse a guerra, se utilizando, para isso, de uma carta datada em 1917 do então secretário geral britânico ao Barão Rothschild (o mais rico judeu à época). Essa carta foi chamada de declaração de Balfour. Os árabes da região, ao se darem conta disso, começaram a reagir contra a relação entre o Reino Unido e o movimento sionista.

Nesse momento, o sionismo já se preparava politicamente, financeiramente e militarmente para a construção de um Estado Judaico na Palestina histórica. Com o

Holocausto sobre a população judia da Europa na Segunda Guerra Mundial, a causa sionista toma ainda mais legitimidade acerca dos judeus terem seu próprio estado, com a solidariedade de vários países para a criação de um Estado judeu.

Terminada a segunda guerra mundial, os sionistas avançaram ainda mais sobre os árabes e sobre os britânicos que resistiam, até aquele momento, em efetivar o acordo firmado por Lord Balfour. O grupo de direita sionista chamado Irgum, sob o comando do futuro primeiro-ministro de Israel, Menahem Begin, precursor do partido de direita Likud (partido do atual primeiro-ministro Netanyahu), são responsáveis por brutais atos terroristas, como a explosão do Hotel King David, vitimando aproximadamente 90 pessoas. Além da explosão do hotel, outros grupos organizados fizeram os massacres nas aldeias de Deir Yassin e Kfar Kassem, assassinando barbaramente palestinos inocentes (mulheres, crianças e idosos).

Com apoio dos EUA, da Inglaterra e da Rússia, em novembro de 1947, a ONU, sob a presidência do brasileiro Osvaldo Aranha, aprova a partilha da Palestina, dividindo o território palestino histórico em dois Estados, um palestino com 47% do território e outro de Israel com um percentual de 53%. A população palestina, que lá vivia, não aceitou a partilha, pois significava perder a metade de um território que lhes pertenciam há séculos. Nesse contexto, o Estado de Israel é fundado em 14 de maio de 1948, começando, desde então, o êxodo dos palestinos na chamada Nakba - ou catástrofe - com a expulsão de mais de 800 mil palestinos de suas casas, a destruição de suas aldeias e o extermínio daqueles que resistissem à expulsão. Em dezembro de 1948, a Assembleia-Geral da ONU aprovou a Resolução 194, dando o pleno direito aos palestinos refugiados de voltarem para as suas terras, se assim desejassem. Porém, essa resolução nunca foi cumprida por Israel, ficando claro, naquele momento, a limpeza étnica empreendida pelo Estado de Israel contra a população palestina ali residente. Atualmente, apenas sob a proteção da UNRWA (agência da ONU específica para os refugiados palestinos) são mais de 6 milhões de refugiados vivendo na região.

No contexto da Nakba, acontece a primeira reação dos países árabes vizinhos à Palestina e, em janeiro de 1949, o exército de Israel, treinado e armado principalmente pela Tchecoslováquia, vence a primeira guerra contra os árabes da região. Depois do conflito de 1949, Israel com seu caráter expansionista, passa a dominar 79% do território da Palestina histórica, ou seja, cada vez mais se tornava clara a real intenção do Estado de Israel. Outras três guerras árabes/israelenses aconteceram em 1956, 1967 e 1973. Em 1956, Israel, com apoio do Reino Unido e da França, atacou o Egito, ocupando a Faixa de Gaza e o Sinai, contrariando orientações dos EUA e da União Soviética. O apoio da França e do Reino Unido à Israel, foi mais uma reação ao presidente do Egito (Abd el Nasser) por ter nacionalizado o canal do Suez.

Nos anos seguintes, começa a se organizar a resistência palestina com a criação da Organização pela Libertação da Palestina - a OLP - em 1964, liderada por Yasser Arafat. Em 1967 acontece o terceiro conflito árabe/israelense: o estado de Israel, no dia 05 de junho de 1967, organizou um ataque preventivo ao Egito em resposta ao bloqueio de embarcações israelenses no estreito de Tiran e a concentração de tropas egípcias, sírias e jordanianas no Sinai. O ataque israelense foi avassalador e esmagou as tropas árabes em seis dias. No armistício desse conflito, assinado pelos árabes, o estado sionista de Israel passou a controlar as colinas de Golã, a Cisjordânia, Jerusalém oriental e a península do Sinai.

A partir de então, avança a ocupação dos territórios palestinos e a legitimação desse processo de colonização, por meio da expansão dos assentamentos judaicos na

Cisjordânia e na Faixa de Gaza. Nesse processo, as várias resoluções das Nações Unidas seguiram não sendo cumpridas pelo Estado de Israel. Em 1973, diante dessa ocupação, os países árabes vizinhos tentam reverter a situação na guerra do Yom Kipur, mas foram duramente derrotados. A partir de então, Israel consolidou sua condição de estado colonial sobre os territórios dos palestinos da Cisjordânia. A partir deste momento, aos palestinos que vivem nos territórios ocupados e/ou aos refugiados expulsos de suas terras, resta apenas a solução pela resistência como a única forma legítima de reação contra o Estado colonial de Israel, uma decisão garantida pelo direito internacional contra a opressão colonial estipulado pela ONU que reconhece o direitos fundamental à autodeterminação dos povos, e a legitimidade dos movimentos de libertação nacional e de resistência à ocupação territorial por uma força estrangeira.

Os palestinos resistiram ao Estado de Israel empregando várias formas de luta, inclusive a luta armada organizada, inicialmente, pelo movimento de libertação da Palestina (OLP). Os anos de 1967 até 1993, constituem um período de 26 anos de resistência palestina coordenada pela OLP. A OLP é uma organização com várias correntes políticas, como a Al Fatah do atual presidente Mahmoud Abbas, a Frente Popular para a Libertação da Palestina, entre outros grupos minoritários. Nos anos 1980, com a inoperância da OLP com sua política de colaboração de classes, vão surgindo novas gerações de líderes nos territórios ocupados, insatisfeitas com as velhas lideranças capituladoras palestinas, com a miséria imposta pela ocupação, pelas restrições aos movimentos dos palestinos e a contínua expansão dos colonatos israelenses na Cisjordânia e em Jerusalém Oriental. O resultado disso foi a primeira Intifada ou a rebelião que ocorreu à margem de qualquer movimento organizado da OLP. Esse levante da população palestina, provocado pela desmoralização das velhas lideranças contrarrevolucionárias palestinas e, principalmente, devido à opressão israelense, promoveu o surgimento do grupo Hamas. Criado como uma corrente religiosa, islâmica, sunita, que se dispunha a ser uma organização de caridade e militar, o Hamas ganha apoio de massa na Faixa de Gaza, principalmente junto à população miserável da Palestina que contestava a política de capitulação do grupo Al Fatah, majoritário na OLP. Com o fim da União Soviética em 1991 e a OLP enfraquecida, Yasser Arafat decide por estabelecer uma negociação de Paz com o Estado de Israel, reconhecendo a impossibilidade do direito ao retorno dos palestinos refugiados expulsos de suas terras. Essa capitulação materializa-se nos acordos de Oslo em 1993 quando Israel e OLP aceitaram formalmente a ideia dos dois Estados. Os acordos de Oslo criaram um simulacro de Estado Palestino, sem dar-lhes condições, por exemplo, de recolher os seus impostos, de controlar a água, a energia, sem a soberania necessária, sem ter as suas próprias forças armadas, sem ter direito ao controle do comércio exterior e, o pior, com territórios totalmente descontínuos e vigiados. A capitulação de Yasser Arafat gerou uma divisão na resistência palestina entre a ala direita da OLP, liderada pelo Yasser Arafat, e aquelas que se contrapunham a essa capitulação, pela esquerda, como a Frente de Libertação Nacional da Palestina comandada por Jorge Habash. É nesse momento que o Hamas rompe com Yasser Arafat e continua a resistência armada contra o Estado colonial de Israel. A cada momento que passava, ficava cada vez mais claro para os palestinos que Israel não queria consumir o processo de paz, apenas ganhar tempo para a não implementação dos acordos de Oslo. Principalmente, porque Israel continuava o processo de expansão das colônias israelenses nos territórios palestinos da Cisjordânia e Faixa de Gaza. Isso leva a uma segunda intifada no início dos anos 2000 contra o Estado de Israel. A segunda intifada teve início com a provocação de Ariel Sharon (apelidado de “o açougueiro de beirute” por ser um dos responsáveis pelo massacre de Sabra e Chatila) invadindo a esplanada das mesquitas.

Com a intifada, começam muitas ações armadas contra militares e colonos em territórios israelenses que antes pertenciam aos palestinos. Esses atos passam a ser tratados pelos EUA e alguns aliados próximos de Israel como atos terroristas. Diante dessas ações, para impedir o ingresso de palestinos em Israel, o governo israelense resolve murar a faixa de Gaza e os territórios palestinos ocupados. Em 2005, Israel retira os assentamentos da Faixa de Gaza, cercando e isolando os palestinos com os muros, criando em pleno século XXI, o maior campo de concentração a céu aberto no mundo, com mais de 2,3 milhões de palestinos vivendo uma situação dramática. Nesse contexto, Israel enfrentou a segunda intifada palestina construindo muros de separação, rodovias que descontinuam os territórios palestinos, impondo assentamentos israelenses na Cisjordânia (declarados ilegais pela ONU) e impedindo a livre circulação dos palestinos nos territórios ocupados por Israel. Com os palestinos vivendo uma situação de vida cada vez pior, com a autoridade palestina cada vez mais humilhada e incapaz, com as ações brutais do exército de Israel contra os palestinos, com os constantes bombardeios, assassinatos seletivos e prisões arbitrárias da população, com a perspectiva de um Estado Palestino cada vez mais distante, foram criadas as condições para os atos do dia 07 de outubro de 2023. Tal realidade foi muito bem retratada nas palavras do Secretário Geral da ONU, Antonio Guterres, quando disse que “os atos de 7 outubro não aconteceram num vácuo”. A ação do Hamas para alguns analistas políticos foi tratada como uma contraofensiva às políticas de segregação e apartheid por parte de Israel. O Hamas, mesmo sendo um grupo ultraconservador, reacionário e fundamentalista, é consequência direta das políticas empreendidas pelos diferentes governos de Israel contra o povo Palestino na Faixa de Gaza e nos territórios ocupados da Cisjordânia. A ação do Hamas deu a justificativa que faltava ao governo sionista de Israel para a limpeza étnica na Palestina e a expansão da ocupação forçada dos territórios da Faixa de Gaza e da Cisjordânia.

Enganam-se as pessoas que pensam que a luta do Estado de Israel é contra o grupo Hamas, é contra todos os PALESTINOS, matando-os com os bombardeios, destruindo as escolas, os hospitais, as mesquitas e obrigando a migração forçada de 2,3 milhões de palestinos.

As ações do Estado de Israel em resposta aos ataques de 7 de outubro representam flagrante violação do direito humanitário internacional, pois os bombardeios incessantes não distinguem alvos civis e militares, destruindo moradias e a infraestrutura básica necessária para sobrevivência de uma população extremamente vulnerável por anos de bloqueio e controle de itens básicos como água, combustível e medicamentos. Punição coletiva, é a expressão usada pela comunidade internacional para definir as ações do Estado de Israel. Tais agressões, tanto as bélicas como de restrição à entrada de ajuda humanitária, demonstram um claro objetivo de eliminação de parte da população palestina, configurando com isso o crime de genocídio nos termos do Estatuto do Tribunal Penal Internacional: “o ato cuja intenção seja destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, enquanto tal, praticado por meio da sujeição intencional do grupo a condições de vida com vista a provocar a sua destruição física, total ou parcial, por meio do homicídio de membros do grupo, da ofensa grave à integridade física ou mental de membros do grupo”.

Além da atual tentativa de genocídio, praticada diante dos olhos da comunidade internacional, emergem denúncias de organismos internacionais de proteção de direitos humanos, como a Anistia Internacional e Humans Right Watch, demonstrando que a população palestina em Israel e nos territórios ocupados vive há décadas sob um regime de apartheid. Em fevereiro de 2022 a Anistia Internacional divulgou um relatório de 280 páginas detalhando como o regime de apartheid israelense promove a segregação,

expropriação e exclusão de não-judeus, sustentando tais ações a partir de um ordenamento jurídico que reconhece direitos não pelo vínculo de nacionalidade, mas pelo pertencimento à etnia judaica, configurando assim um Estado supremacista. Tais denúncias emergem inclusive de organizações israelenses de defesa de direitos humanos, como a B'Tselem que declara que Israel “não é uma democracia, é apartheid”.

Enquanto existir o estado sionista de Israel com sua política de ódio e de aniquilação étnica, não existirá solução para o conflito Israel/Palestina. Como devemos responder a tudo isso? Devemos, sempre, ser solidários à vida, à paz e às pessoas que sofrem com esse processo de genocídio. Mas, também, devemos ser antes de qualquer coisa antissionista: ser contra essa ideologia colonialista que promove o apartheid do povo palestino. Sempre devemos nos solidarizar, incondicionalmente, ao povo oprimido em todo planeta, aos que vivem há anos resistindo a um Estado opressor. Fica inviabilizada qualquer solução, sem colocar na mesa a condição de retorno, à Palestina, de todos os refugiados palestinos. O direito ao retorno dos refugiados palestinos é uma condição SINE QUA NON para os palestinos na diáspora. Por uma Palestina livre, laica e democrática do rio ao mar!

TR – 61

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o ANDES/SN promova um seminário nacional em Brasília a respeito da causa palestina, considerando os processos de libertação nacional e descolonização, assim como o combate ao regime de apartheid vigente em Israel. Promovendo e apoiando também a discussão destes tópicos nas suas seções sindicais.
2. Que o ANDES/SN e suas seções sindicais dêem apoio jurídico e de solidariedade a todos(as) docentes e jornalistas perseguidos por defenderem o povo palestino no Brasil.
3. Que o ANDES/SN e suas seções sindicais envidem esforços para promover o BDS (boicote, desinvestimento e sanções) acadêmico, político e financeiro ao Estado de Israel como forma de combate ao seu regime de apartheid.
4. Que o ANDES/SN e suas seções sindicais promovam uma campanha de combate ao regime de apartheid em Israel, por meio de: diálogos e pressões ao Governo Federal para que rompa relações diplomáticas com o Estado de Israel e apoie a reativação do Comitê da ONU contra o crime de apartheid; seminários locais nas universidades sobre a história e as práticas da comunidade internacional de combate ao apartheid na África do Sul;
5. Que o ANDES/SN e suas seções sindicais, em diálogo e construção com as demais categorias que compõem a comunidade universitária, estimulem o posicionamento das IES em solidariedade ao povo palestino, exigindo posicionamento do Governo Federal de acordo com os princípios constitucionais (PEB), diante das brutais violações ao Direito Humanitário Internacional, Direito Internacional dos Direitos Humanos e Direito Internacional dos Refugiados promovidas pelo regime de Apartheid de Israel e o genocídio em curso.

TEXTO 62

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s Antoniana Defilippo (Aduff SSind), Arley Costa (Aduff SSind), Carlos Augusto Aguilar Júnior (Aduff SSind), Eblin Farage (Aduff SSind), Elizabeth Barbosa (Aduff SSind), Isabella Vitória Castilho Pimentel Pedroso (Aduff SSind), Jacqueline Aline Botelho Lima (Aduff SSind), João Claudino Tavares (Aduff SSind), Kate Lane Costa de Paiva (Aduff SSind), Maria Cecília Sousa de Castro (Aduff SSind), Marina Cavalcanti Tedesco (Aduff SSind), Sonia Lúcio Rodrigues de Lima (Aduff SSind), Susana Maia (Aduff SSind), Victor Leonardo Figueiredo Carvalho de Araujo (Aduff SSind), Wanderson Fabio de Melo (Aduff SSind).

CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE SOBRE A BAIXA TAXA DE NOVAS SINDICALIZAÇÕES, A DESFILIAÇÃO E IMPACTOS NAS SEÇÕES SINDICAIS DO ANDES-SN: O QUE FAZER?

TEXTO DE APOIO

Este texto foi elaborado por militantes do núcleo da ALB na UFF. Tem por objetivo debater no âmbito do ANDES-SN a atual situação vivida pelas seções sindicais quanto ao baixo número de novas filiações e desfiliações, que impactam na organização política e financeira do Sindicato, para buscar alternativas coletivas de enfrentamento a essa realidade.

Parte-se da compreensão de que o objeto deste texto não pode ser visto como algo, unicamente, de âmbito local e, muito menos, como um problema de gestão. Neste intuito, apresentamos alguns aportes para o debate do conjunto do sindicato, desde a base até a sua instância máxima, a fim de buscar alternativas que viabilizem as frentes de atuação sindical e a manutenção de sua autonomia financeira.

O sindicalismo já enfrentou diversos contextos desfavoráveis, tendo que se reformular e buscar entender seu papel na história desta sociedade de classes diante das novas necessidades sociais. Tais reformulações, no entanto, não cerram o seu papel na história. Pelo contrário: reafirmam sua concreta necessidade de existência.

Diante do novo e terrível ciclo da ofensiva do capital contra o trabalho, a vida no planeta encontra-se marcada, predominante, pela regressão civilizatória e pela barbárie social. Constituem parte integrante dessa ofensiva as profundas mudanças na aparência da classe trabalhadora, ainda que, em essência, esta siga como explorada e oprimida – condição que serve de base concreta para revigorar as lutas e, dentre essas, a luta do movimento sindical.

É pouco provável que o movimento sindical volte aos seus áureos anos, até porque a retomada da mobilização da classe trabalhadora em condições de fazer frente à ofensiva do capital está determinada pela possibilidade de efetiva alteração na correlação de forças entre as classes fundamentais na sociedade capitalista. No entanto, os lutadores e lutadoras sindicais que se orientam pela independência de classe e pela busca da superação da sociedade regida sob a lógica do capital, seguirão buscando preservar a organização sindical como uma ferramenta de proteção dos que vivem do seu trabalho.

A experiência objetiva e subjetiva de trabalho dentro da dinâmica capitalista atual empurra os trabalhadores e trabalhadoras cada vez mais para a condição de indivíduo que labuta até o nível máximo do esgotamento das suas energias vitais (físicas e intelectuais).

No Brasil, essa ofensiva conservadora e reacionária do capital aprofunda, em muito, a imensa e estrutural desigualdade entre as classes sociais. Desigualdade essa, que vitimiza, sobretudo, as trabalhadoras/os negras e negros que são os principais responsáveis pelo pagamento da conta da crise.

Essa realidade implica no comprometimento da subjetividade da nossa classe, afetando, inclusive a crença em projetos coletivos, entre estes a atuação sindical, tanto na área da administração privada, quanto na área da administração pública.

As profundas transformações econômicas, políticas, sociais e culturais ocorridas a partir dos anos 1970 e consolidadas a partir dos anos 1980, resultantes tanto da reestruturação produtiva quanto da emergência do neoliberalismo e da financeirização do capital, foram viscerais para o movimento sindical, uma vez que acarretaram mudanças significativas no mundo do trabalho, entre estas o desemprego estrutural, que provocou perda de força do sindicalismo no cenário mundial. No Brasil essas transformações e suas conseqüências sobre a organização sindical dos trabalhadores e trabalhadoras se manifestam a partir do final da década de 1980.

Este quadro é diferente de quatro décadas atrás, quando do surgimento do chamado novo sindicalismo. Atualmente, o sindicalismo brasileiro atravessa um declínio de representação, tanto no que diz respeito ao número de filiados, como no teor, majoritariamente, defensivo das lutas da classe trabalhadora. Quando se forja o golpe, em 2016, o sindicalismo, já corroído pelos impactos da programática neoliberal e pela reestruturação do mundo do trabalho, sofre os impactos imediatos e históricos das sucessivas derrotas sofridas pela nossa classe e restringe suas ações ao âmbito defensivo. A tendência de lutas defensivas, que se manifestavam no início de 2010 se manteve ao longo da década, situam o Brasil entre os piores países para se trabalhar, em termos de direitos trabalhistas e relações de trabalho.

A burguesia utilizou-se da estagnação econômica e da instabilidade política para aprofundar as condições de exploração e recompor suas margens de lucro. Essa ofensiva burguesa obteve êxito com a aprovação dos projetos que mais lhe interessavam: a terceirização, a reforma trabalhista e a previdenciária.

Com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, intensificou-se o processo de desmonte de direitos. Nas instituições do serviço público ocorreu não só uma crescente redução da oferta de serviços públicos universais para a população, como também a piora gradativa das condições materiais laborais dos servidores do Estado, em todas as esferas e áreas de atuação, o que se deu de forma combinada com um terrível aprofundamento das idéias e práticas conservadoras e reacionárias, como o racismo, o machismo e a lgbtqiapn+fobia.

A aprovação da reforma trabalhista, em 2017 e da reforma da previdência, em 2019, trouxe importantes conseqüências para a organização sindical. Apesar da reforma trabalhista, aprovada no governo Temer, ter abolido a obrigatoriedade de contribuição sindical anual, tendo como foco os trabalhadores/as celetistas, os resultados mostram que a organização sindical como um todo foi afetada. *“Num primeiro momento, as atividades com mais contratos celetistas tiveram maiores quedas em 2018, porém a perda nos recursos e capacidade de organização e mobilização (...) também afeta o setor público”*, explica a analista do IBGE Adriana Beringuy.

A pesquisadora acrescentou que outro fator responsável pelas dificuldades para a organização sindical foi o aumento das aposentadorias: *“Diante da tramitação da reforma da Previdência, em 2019 vários servidores públicos que já reuniam alguns requisitos para aposentadoria adiantaram seus pedidos. No primeiro semestre de 2019,*

houve mais pedidos de aposentadoria no setor público do que em todo o ano de 2018. Os servidores mais antigos costumam ser associados a sindicatos, e suas aposentadorias representaram uma queda na taxa de sindicalização”. A pesquisa se refere à categoria de servidores públicos, em geral, e indica que, também, as entidades sindicais do setor público, onde se concentra a maior taxa de sindicalização no país, estão diante do desafio de se aproximar dos trabalhadores/as mais jovens e de renovar geracionalmente seus ativistas para manter condições de preservação da luta em defesa do serviço público universal e de qualidade. Fazendo um paralelo com a categoria de docentes do ensino superior público, vale destacar, a partir de relatos de diversas seções sindicais, que grande parte de seus filiados/as são aposentados/as. Destacamos o quanto esse percentual revela a baixa taxa de novas adesões de docentes da ativa.

Este dado é extremamente preocupante, sobretudo, associado a outros elementos que impactam o conjunto dos servidores públicos federais. O primeiro é a informação de que, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), dos cerca de 12 milhões de servidores no Brasil, metade não recebe mais do que R\$ 2.794 e, o segundo, é que o Banco Central em agosto de 2023 indicou que o consignado representa um terço do saldo de crédito para pessoas físicas. Os principais contratantes são servidores públicos (54,8%), seguidos de segurados pelo INSS (38,5%) e de trabalhadores do setor privado (6,7%).

Os servidores públicos representam a principal clientela dessa modalidade de crédito e os indicadores apontam crescimento de 68% no montante liberado para empréstimo nessa modalidade entre agosto de 2019 e agosto de 2023. Nesses quatro anos, o saldo total da carteira passou de R\$ 367,9 milhões para 618,7 milhões e hoje atende cerca de 44 milhões de pessoas. Trata-se de uma situação muito crítica porque, em muitos lares, o funcionário público, devido ao aumento do desemprego, se tornou o ‘arrimo de família’.

Importante frisar que a partir da reforma da Previdência de 2019, o cálculo da contribuição social tanto dos trabalhadores vinculados ao RGPS (Regime Geral de Previdência Social), quanto dos servidores inscritos no RPPS (Regime Próprio de Previdência Social), passou a ser progressivo, por faixa de renda tributável, variando de 7,5% a 22%. Vale destacar que os servidores públicos federais ficaram sem reajuste durante 07 anos e a categoria docente ficou sem reajuste salarial entre 2020 e 2022.

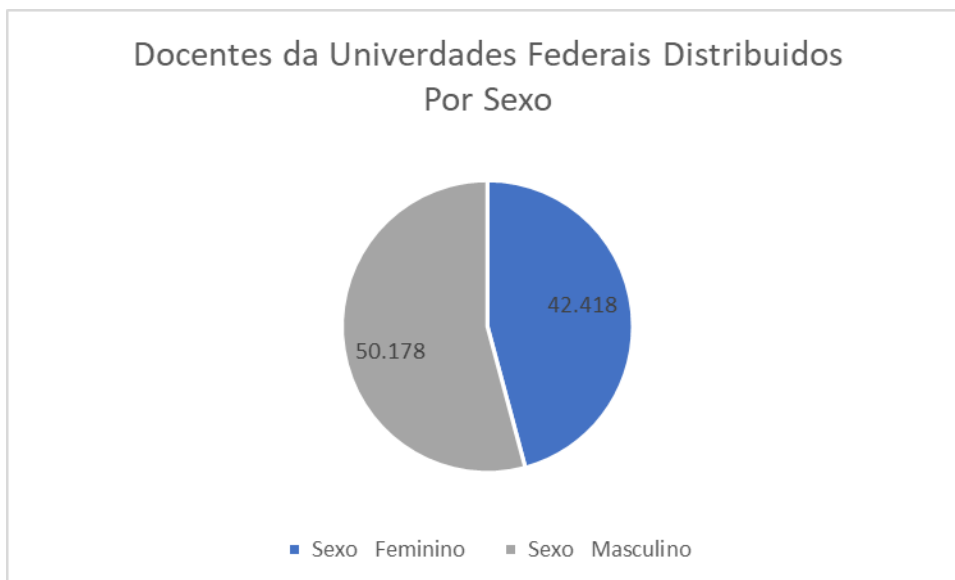
Apesar do reajuste de 9% em 2023, que está longe de recuperar o percentual de perdas históricas que o conjunto de servidores/as públicos/as sofreram, não conseguimos avançar no conjunto das negociações. O governo informou que não haverá reajuste salarial para os/as servidores/as públicos/as federais nesse ano e mais perverso ainda: apresentou uma proposta para 2024, que não contemplará aposentados/as.

Aliado a isso, temos o impacto do conjunto das reformas da previdência dos anos de 1998, 2003, 2005 e 2019 que retiram direitos dos/as trabalhadores/as e provocam condições desiguais no âmbito da categoria. Se extingue a regra de 5 anos a menos para docentes do magistério superior; modifica o cálculo para aposentadoria e retira o direito da integralidade e da paridade. Dentro dos ataques à previdência na perspectiva de seguridade social, um dos mais perversos foi a promulgação da Lei 12.618/12 que cria a possibilidade da instituição da previdência complementar. Com a criação do Funpresp em 2013, limita-se o valor da aposentadoria do regime próprio da previdência ao teto do INSS, empurrando os/as trabalhadores/as para a adesão a fundos de aposentadoria privada e complementar.

Diante do exposto, nosso maior desafio é compreender o tempo presente e as novas necessidades sociais diante das transformações que afetam as condições de vida da classe trabalhadora, com destaque para a categoria docente das instituições de ensino superior públicas.

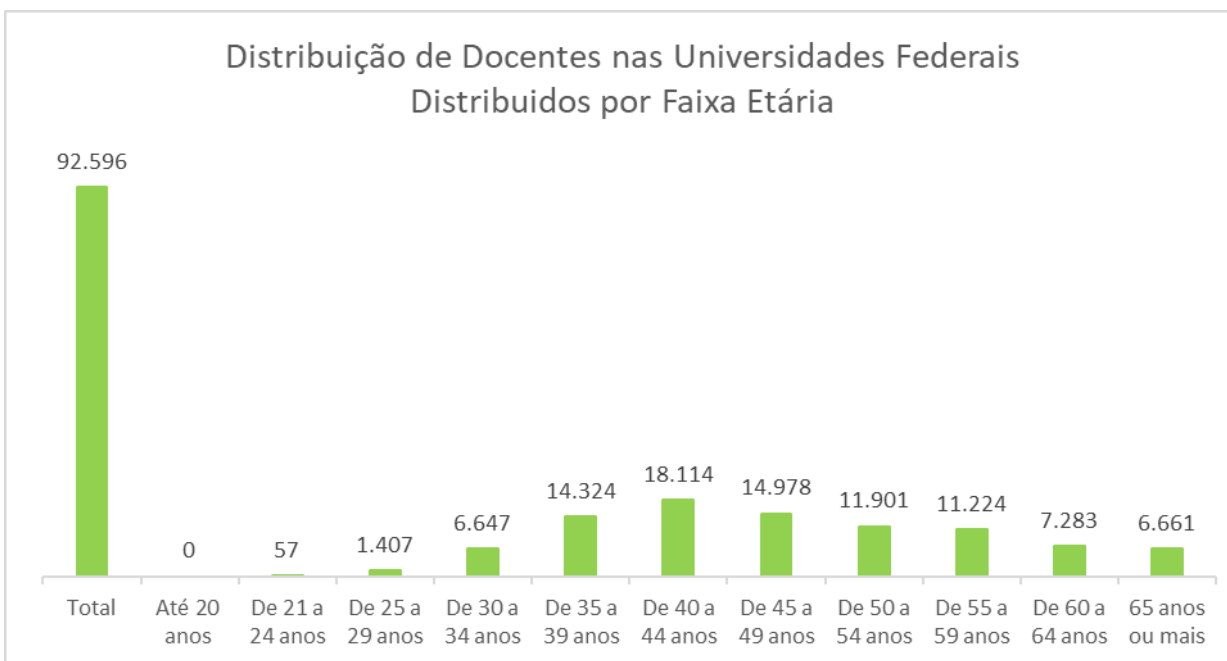
Nas últimas décadas temos assistido diversas formas de implementação da política neoliberal no interior das instituições públicas de ensino superior. Essas modificações têm gerado efeitos no perfil dos trabalhadores e trabalhadoras das instituições e no próprio fazer universitário, trazendo conseqüências negativas para a organização sindical.

Destacamos entre as mudanças no perfil dos docentes das universidades e faculdades, a exigência de um nível de formação acadêmica cada vez maior. O percentual de professores do ensino superior com doutorado cresceu tanto na rede pública (+38%) como na rede privada (+84%) (Fonte INEP/MEC). Mas, os dados do Censo da Educação Superior mostram que, mesmo em um cenário que se mantém desde 2012, no qual as mulheres são quase 60% dos estudantes universitários, o perfil-padrão de um docente da graduação, continua sendo mais masculino, ainda que haja um crescimento do número de docentes mulheres, conforme demonstra o gráfico a seguir. O censo do INEP 2022 informa que há 92.596 docentes em universidades federais. Destes, 42.418 docentes são mulheres e 50.178 são homens.



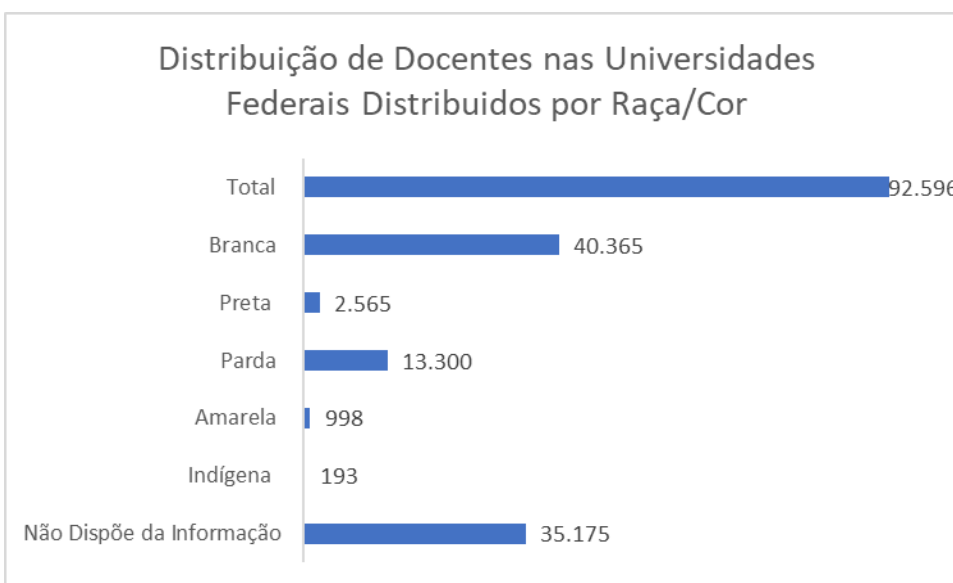
Fonte: elaboração própria

Em relação à faixa etária, os dados do Censo 2022 são: 57 docentes na faixa etária 21 a 24 anos; 1407 entre 25 a 29 anos; 6647 de 30 a 34 anos; 14.324 de 35 a 39 anos; 18.114 de 40 a 44 anos; 14.978 de 45 a 49 anos; 11.901 de 50 a 54 anos; 11.224 de 55 a 59 anos; 283 de 60 a 64 anos; 6661 de 65 a mais.



Fonte: elaboração própria

Quanto à raça/cor o Censo 2022 informa que dos 92.596 docentes: 40.365 se declaram brancos; 2565 pretos; 13.300 pardos; 998 amarelos; 193 indígenas e 35.175 não declararam.



Fonte: elaboração própria

O aumento do número de mulheres docentes e o pequeno número de docentes negros, negras e indígenas nas universidades públicas, ao lado do alto número de falta de informação sobre o dado raça /cor deve servir como algo a ser pautado com ainda maior atenção nos planos de atuação sindical. Ainda que seja necessário realizar uma pesquisa qualificada sobre as mudanças no perfil do docente nas universidades públicas, é possível afirmar, sobretudo pelo não cumprimento efetivo da lei de cotas raciais nos concursos

públicos, que a expansão das universidades federais não promoveu uma maior diversidade racial no âmbito da docência. Neste sentido, torna-se necessário, não só incrementar a luta pelo cumprimento da lei n. 12.990/2014, como é necessário haver uma ampliação do debate no interior do sindicato acerca das demandas específicas das mulheres docentes.

Essa mudança no perfil dos docentes se dá no interior de uma universidade que tem sofrido redução do financiamento público; grande expansão e incentivo da educação do setor privado com a adoção de processos de mercantilização dos serviços; processo crescente de privatização interna das universidades públicas com vendas de serviços, consultorias, fundações de apoio etc., além da introdução crescente de empresas que promovem o comércio de serviços educacionais, consórcios de instituições públicas e privadas, escolas autogestionadas, bem como novos mecanismos de avaliação, coordenação, controle, administração gerencial e competição entre os professores e professoras.

Com a diminuição dos recursos para as Universidades públicas, a pesquisa passa cada vez mais a se desenvolver a partir dos interesses dos financiadores e as atividades extensionistas são levadas a se tornarem captadoras de recursos externos. Agrega-se a isto, o contínuo processo de não reposição dos funcionários e uma constante reposição de substitutos. Conforme Leher e Lopes já sinalizavam, em 2008, os serviços de infraestrutura das universidades públicas estão, em grande parte, terceirizados, tais como: setor de limpeza, segurança, alimentação e, até mesmo, a docência na graduação vem sendo realizada por docentes substitutos, colaboradores e doutorandos.

Este quadro estimula a conformação de pequenas ilhas de excelência e tem contribuído para a intensificação do trabalho docente, exigindo maior competitividade e o aumento na rotina das atividades de ensino, pesquisa e extensão que compõe propriamente o fazer acadêmico - atividades constitutivas e inerentes à instituição.

Os indicadores de desempenho baseados no mercado têm servido de parâmetros para a premiação ou punição do trabalhador. O professorado precisa ser empreendedor que traz dinheiro para desenvolver não somente suas pesquisas, mas para também "manter" os departamentos, as pró-reitorias, a Universidade. Muitos docentes se veem acuados pelas demandas postas, com o qual virá também o *status*, a respeitabilidade acadêmica e a a premiação. Tornam-se reféns da ideologia da produtividade. Além do aumento do número de estudantes em sala de aula, há uma enorme quantidade de "produtos": livros, orientações concluídas, participação em eventos com apresentação de trabalho, organização de eventos, textos, emissão de pareceres para as agências de fomento e Revistas, participação em Banca de Defesa e de Concurso, disciplinas ministradas na Graduação e na Pós-Graduação, que vão balizar a avaliação desse trabalhador/a. Esta condição de trabalho tem levado ao aumento do desgaste físico e ao sofrimento mental, dificultando a participação dos docentes nas atividades sindicais e, até mesmo, a adesão dos professores/as recém ingressos ao sindicato, muitos destes sem experiência de luta coletiva e sindical, resultando no não reconhecimento do sindicato enquanto importante instrumento de luta.

A realidade da Universidade Federal Fluminense aponta o que retratamos ao longo do texto sobre a crise/situação dos sindicatos no Brasil. Como dado quantitativo importante, por exemplo, destaca-se que, em novembro de 2023, a UFF divulgou um número de 3350 docentes ativos na instituição (UFF, 2023).

Quando cruzamos essa informação com os dados dos sindicalizados na ADUFF/SSind, temos 1114 docentes ativos sindicalizados, isto é 33,25% dos docentes ativos na UFF são sindicalizados e 77,75 % dos docentes ativos na UFF não são sindicalizados. Essa situação já vem preocupando os dirigentes da ADUFF desde 2014, quando já percebíamos uma baixa adesão ao sindicato dos docentes que ingressavam na universidade.

Para além da não adesão, a desfiliação também é preocupante. Tomando o exemplo da ADUFF/SSind, em janeiro de 2020 tínhamos 2538 sindicalizados em folha entre aposentados e ativos; em novembro de 2023 esse número caiu para 2225 sindicalizados entre aposentados (1111) e ativos (1114). Uma queda de 313 sindicalizados que corresponde a 12,33%. Esse número representa um conjunto de situações. Desde saídas pontuais da folha por falta de prova de vida ou por limite em consignado, mortes¹ e solicitações de desfiliação. Situações que merecem um estudo minucioso para contribuir na construção de estratégias das seções sindicais junto ao conjunto de filiados. Todavia, nos chama atenção que o maior desafio que se abre para o conjunto do sindicato é construir estratégias para chegar à base, mobilizar a categoria para novas adesões ao sindicato de forma a manter sua vitalidade e força.

No que se refere à interiorização da universidade pública, caso da UFF, por exemplo, temos 09 Campus fora de sede, cada campus com particularidades bem distintas, em algum destes a utiliza-se a infraestrutura municipal com contêineres como locais para desenvolvimento de atividades universitárias. Em termos de organização sindical, temos a sede da ADUFF/SSind localizada em Niterói, colocando para as e os dirigentes sindicais e a base atuante a tarefa de empreender uma interiorização da organização e mobilização sindical, o que, em grande parte, sobrecarrega a vanguarda diante das condições objetivas e subjetivas.

Este quadro também impacta a organização sindical porque, embora tenhamos um crescimento no número de cursos e do acesso à universidade pública, o quantitativo docente interiorizado tem se mostrado insuficiente, acarretando sobrecarga de trabalho, alinhada a um desconhecimento, apatia e/ou indiferença diante do histórico de lutas do sindicato.

Vale destacar que esse ponto é extremamente contraditório porque ao passo que a interiorização permite uma maior inserção da classe trabalhadora na universidade pública, isso se faz, na maioria dos casos, de forma alinhada à perspectiva neoliberal de serviço público: sucateado e sem condições de manutenção da qualidade na oferta dos serviços, manutenção estudantil e condições dignas de trabalho para trabalhadoras e trabalhadores das instituições de ensino superior públicas, colocando, mais uma vez, a classe trabalhadora desse segmento na defensiva.

Essa realidade nos coloca um imenso desafio para a mobilização sindical, para novas filiações e para a adesão qualificada e consciente da categoria diante das lutas que se fazem necessárias no presente.

Existe uma avaliação entre ativistas e dirigentes sindicais de que é necessário estabelecer uma maior aproximação entre a diretoria e base da categoria, porém é importante observar que os docentes das IFS públicas não são liberados para realizar o trabalho sindical e sofrem a mesma intensificação do trabalho a qual está submetida o conjunto da categoria.

¹ No caso da Aduff/SSind tivemos nos anos de 2020 a 2023, respectivamente, 30, 43, 32 e 38 sindicalizados/as falecidos/as, muitos/as decorrentes do impacto da pandemia do Covid-19.

Considerações finais

A partir dos elementos desenvolvidos, consideramos importante ressaltar duas questões: i) partimos da avaliação de que a principal possibilidade de enfrentar as dificuldades aqui expostas requer compreender que estas são expressivas da crise do sindicalismo, neste momento, o que exige ampliar o diálogo com as bases representadas, com o conjunto do nosso sindicato nacional e com os movimentos sociais de luta da classe trabalhadora; ii) em sindicatos classistas, como o nosso, regidos pela concepção que defende, que os trabalhadores/as se organizem com total independência frente ao Estado e governos e com autonomia em relação aos partidos políticos, entende-se que cabe à categoria responder pela sustentação material de sua entidade.

Neste sentido, a única forma de manutenção da autonomia financeira se dá pela via da contribuição voluntária dos/as seus/suas associados/as e o que temos enfrentado nos últimos anos, é um processo de desfinanciamento dos sindicatos. Processo esse, que também atinge a base sindical do ANDES-SN. Tomando por exemplo a Aduff/SSind, é possível identificar nos últimos anos um desequilíbrio entre receitas e despesas. As contribuições diretas dos/as filiados/as não comporta a estrutura da seção, além disso, enfrentamos restrições para contribuir financeiramente para os processos de mobilização e lutas gerais da classe trabalhadora realizados no estado do RJ.

Nos últimos anos, a seção sindical recorreu a uma aplicação decorrente de ganhos de ações coletivas judiciais² que, de certa forma, possibilitaram o financiamento de um conjunto de ações e investimentos – o que ocorreu também com outras seções sindicais. Todavia, diante de seu esgotamento, a seção sindical se viu diante de um entrave financeiro para garantir a mesma estrutura política, administrativa e financeira. Nos debates realizados na seção sindical, apontamos que a crise financeira precisa encontrar uma saída política; “saída” essa que passa pela necessidade de discussão não somente com a base sindicalizada da ADUFF/SSind, mas com o conjunto das seções sindicais no âmbito do ANDES-SN que passam por situações similares.

Destarte, vale ressaltar que a alternativa frente à perda da arrecadação e ao equilíbrio financeiro das seções sindicais passa, necessária e prioritariamente, pela luta pela recomposição salarial do conjunto da categoria e pelo aumento da filiação, o que nessa conjuntura defensiva é algo que exige um enorme esforço de envolvimento dos filiados de cada seção sindical e do conjunto da vanguarda do sindicato nacional na construção de saídas frente a essa situação de crise sindical.

² Em 2011 tivemos um volume grande decorrente de ganho judicial da ação dos 3,17%, que nos possibilitou gerar uma “aplicação”. Essa aplicação foi sendo utilizada ao longo dos anos como “reserva” para despesas extras 8diversas, como greve, obra, aquisição de bens, promoção de 8eventos, apoio e solidariedade a lutas e movimentos. Ao longo dos anos essa “reserva” sempre foi acionada para cobrir gastos extras mensais, porém, diante a ausência de novos ganhos judiciais que pudessem “recompor” essa aplicação, a mesma se esgotou.

TR - 62

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o ANDES-SN organize, via GTPFS, um seminário nacional para debater as mudanças no movimento sindical e as questões relativas à baixa taxa de novas sindicalizações, desfiliações e os impactos nas seções sindicais. Para preparação do seminário propomos:

1.1 Que as seções sindicais enviem para a secretaria nacional o número dos/das seus/suas sindicalizados/as, diferenciando número de aposentados e ativos;

1.2 Que as secretarias regionais realizem seminários preparatórios, construídos junto com as seções sindicais.

2. Que o Seminário Nacional indique elementos para a construção de uma pesquisa sobre o perfil docente e sindicalização, a ser discutida no GTPFS e apreciada no próximo evento deliberativo nacional pós seminário.

TEXTO 63

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s, Cláudio Souza Mendonça – APRUMA, Micael Carvalho – APRUMA, Daniel Rodrigues - ADUFPE, Fernando Antônio Castelo Branco Sales Júnior – SINDURCA, Francisco Augusto Silva Nobre -SINDURCA, José Gonçalves de Araújo Filho –SINDURCA, Zuleide Fernandes de Queiroz –SINDURCA, Zózina Maria Rocha de Almeida -ADUNEB, Juliana Fiuza Cislaghi – ASDUERJ, Elaine Rossetti Behring – ASDUERJ , Aline Caldeira – ADUFRJ, Fernanda Kilduff – ADUFRJ, Marco Pestana – ADUFF, Gustavo França Gomes - ADUFF , Sonia Lucio R de Lima- ADUFF, LANA BLEICHER-APUB, Aruã Silva de Lima – ADUFAL, Heleni Duarte Dantas de Ávila – APUR, Jorgetânia da Silva Ferreira – ADUFU, José Luciano de Queiroz Aires- ADUFCG, Nelson Aleixo da Silva Junior - ADUEPB

CONTRIBUIÇÃO AO DEBATE SOBRE O CLASSISMO NO MOVIMENTO SINDICAL

TEXTO DE APOIO

O 42º Congresso do ANDES_SN reveste-se de enorme responsabilidade porque suas deliberações servirão para armar a luta da categoria de docentes das universidades, institutos federais e CEFET neste momento em que enfrentamos, ao mesmo tempo, dois projetos políticos adversos para a classe trabalhadora: o primeiro e mais temerário é o avanço e consolidação do neofascismo no país; e o segundo é o retorno do projeto de colaboração de classes.

A política neofascista e seus agentes são os inimigos principais a serem combatidos no atual momento histórico, uma vez que adquiriram força de massas, em vários países do mundo, e podem levar ao aniquilamento da esquerda, dos movimentos sociais e dos sindicatos. Consideramos que esse é o nosso principal embate hoje no Brasil também. No entanto, temos ainda outra tarefa, enfrentar as políticas de conciliação de classes, pois essas além de não responderem às expectativas populares de mudanças, em razão dos

estreitos limites permitidos pelos pactos com a burguesia, favorecem o avanço do fascismo e sua própria derrubada, seja por golpe ou derrota eleitoral, criando um imobilismo da classe trabalhadora. Para conquistar uma vitória efetiva contra a extrema direita e a classe dominante é preciso luta de massas e organização dos/as explorados/as e oprimidos/as.

Neste sentido, criticamos a concepção sindical que defende apoio e adesão aos governos de plantão, pois somente com autonomia política e independência de classe é possível construir uma política consistente e flexível para enfrentar situações de grande complexidade, como esta que enfrentamos. Como também, criticamos os setores que agem sem ter como baliza a análise rigorosa da correlação de forças entre as classes sociais, e, portanto, não levam em consideração o patamar de consciência e de capacidade de reação da nossa classe, frente aos limites políticos da conjuntura.

Em se tratando do governo Lula, consideramos que a defesa da legitimidade do governo democraticamente eleito e das instituições democráticas dos ataques da extrema direita deve ser combinada com a crítica às políticas regressivas, como fizemos no caso do Arcabouço Fiscal e com a exigência de que o governo atenda às pautas de interesse da nossa classe, tais como: o fim das privatizações, a revogação das reformas trabalhista e previdenciária e do Novo Ensino Médio.

A opção pela governabilidade conservadora com o Centrão e outras forças reacionárias, sem construir mobilização social massiva por um programa de mudanças estruturais, torna-se um perigo ainda maior em tempos de neofascismo. Reafirmamos que os movimentos sindicais e sociais, a esquerda como um todo, precisam apostar na construção da organização das lutas sociais, em frente única, para vencer a extrema direita, defender e arrancar conquistas.

O Andes-SN é reconhecido por se orientar pelos princípios do sindicalismo classista, pela perspectiva internacionalista, pelo respeito às deliberações de sua base e por sua autonomia política. Porém, não está isento das pressões das polêmicas que convivem no interior da esquerda neste momento da nossa história.

Embora a direção do sindicato tenha se mantido autônoma e classista, tanto por compromisso programático como por conta da forma de organização profundamente democrática do sindicato, a atuação de seções sindicais que experimentam a luta pela via do “sindicalismo de resultados” cria paradoxos para a organização da categoria.

Lembramos que o sindicalismo burocrático, em suas várias vertentes, desde os chamados sindicatos amarelos, pelegos, patronais, cartoriais, de resultados, que se limitam à criação de clube de descontos, aparece na história do Brasil como materialização da domesticação da luta de classes, retirando a combatividade, a independência classista com vistas a atrelar o sindicato a uma adaptação trágica à lógica de mercado. Reduz a luta sindical ao âmbito da institucionalidade, vincula-a a ganhos econômicos parciais e restritos à determinada categoria ou lugar de trabalho, rifa parte da categoria, como na experiência da greve de 2012, em que as bases não aceitaram a proposta de acordo por causa da perda para os futuros concursados e aposentados. Tendo como objetivo de sua ação os ganhos imediatos e só para parte da categoria, esse “sindicalismo de resultados” expressa uma política antissolidária, imediatista e adaptada à lógica da fragmentação da classe. Essa prática sindical vem ampliando seus contornos ao longo das últimas quatro décadas, tornando-se majoritária no movimento sindical brasileiro.

Considerando os desdobramentos dessa inflexão, na forma e no conteúdo, que as principais organizações sindicais passaram a praticar, é possível afirmar que o

“sindicalismo de resultados” é irmão siamês da conciliação de classes. Os organismos que compuseram os setores mais dinâmicos da classe trabalhadora brasileira nos anos 1980 atravessaram um processo de transformismo. Tendo se transformado naquilo que passaram a ser nos anos 1990 e 2000, uma esquerda para o capital, o “sindicalismo de resultados” virou tática e estratégia sindical associadas à pactuação com os governos de conciliação de classe.

O ANDES-SN não poderia passar incólume a esse estado de coisas. O principal paradoxo resulta na sabotagem que grupos associados num processo de perda de referência nas lutas, em diversas expressões de burocratização, praticam quando há negociações com o governo em torno de ganhos salariais e benefícios. A prática histórica do ANDES-SN é a defesa de uma carreira simples e transparente, baseada na formação continuada e nos princípios da ascensão por titulação, portanto, plenamente envolvida com o cotidiano da categoria. Além dessa defesa corporativa fundamental, o ANDES-SN historicamente envida esforços no sentido de galvanizar a unidade entre os servidores públicos federais, via FONASEFE, para garantir maior poder de pressão junto aos governos de plantão. Por outro lado, aqueles que advogam um sindicalismo não combativo julgam que dada a proximidade que possuem com este e outros governos, podem conseguir melhores acordos por uma via direta junto aos negociadores governistas sem consulta e decisão da base pela via da assembleia. Nesse último caso, as categorias mantêm-se no FONASEFE enquanto não conseguem, pelas vias dos jantares, chás e encontros com “tomadores de decisão”, supostamente melhores condições de negociação. Esse procedimento compromete a unidade no seu âmago, uma vez que, por meio da conciliação, entrega princípios caros de democracia sindical.

Não se trata, como pode parecer ao leitor desavisado, de principismo na defesa de um sindicalismo que se pretenda promotor de lutas contra o capital. Reconhecemos a legitimidade da luta tática; a necessidade de mostrar à base do sindicato que é possível obter ganhos imediatos a partir da luta sindical. Reconhecemos, por exemplo, a importância do uso tático da justiça para garantir melhores condições de vida, a partir de deliberações de base, amparada na mobilização da classe. Não se trata, portanto, de obstrução programática da tática para obtermos resultados para a categoria, e sim, entender o processo de negociação como resultado de uma luta maior de concepção de sociedade, de transformação da mesma. O fundamental é garantir o horizonte estratégico quando imersos na luta de classes.

Nossa compreensão é que essa concepção – o “sindicalismo de resultado” – deseduca a categoria quando é apresentada como única concepção possível. Ele, em suas vertentes mais adaptadas à lógica do mercado, substitui a luta, a formação e organização de base por oportunidades pessoais, individuais, destruindo a forma coletiva de organização para melhoria das condições de vida e trabalho docente. As táticas vinculadas a esta concepção podem ser empregadas em momentos muito específicos e devem estar alicerçadas num intenso trabalho pedagógico junto à categoria para que esta compreenda seu caráter transitório e relativo à situação defensiva para a classe trabalhadora. Mas é importante ressaltar que, embora estejamos vivendo um momento adverso, é possível, com organização e luta alcançar vitórias, a exemplo da recente conquista de trabalhadores/as da indústria automobilística estadunidense.

O esforço dos sindicatos classistas e autônomos deve ser manter-se enquanto espaço de construção da unidade da classe trabalhadora para enfrentar as agruras cotidianas e o processo de fragmentação e desmobilização por meio do trabalho de base. Sua ação deve ir muito além da defesa corporativa, deve conectar-se com as lutas mais abrangentes da

nossa classe e assumir um posicionamento educativo em direção à busca da transformação da sociedade.

Neste momento, é fundamental intensificar a luta contra o genocídio, que ocorre contra o povo palestino, contribuindo para a formação solidária e com um internacionalismo potente e transformador. Defender os povos indígenas contra o avanço nas suas terras, contra os fascistas organizados e assassinos do “ Invasão Zero”, que cresce no país, para construir um projeto de classe, ecológico em defesa dos povos e da própria vida do planeta terra. Assim como, é necessário ampliar a defesa da permanência da professora Jacyara Paiva na UFES, como parte da denúncia das perseguições políticas e do racismo institucional e nos solidarizar com a bela greve na UESPI e contra o corte de salários promovidos pelo governo estadual do Piauí. Todas essas constituem tarefas imediatas que fazem parte da construção de um sindicalismo que luta contra todas as formas de opressão, aqui e no mundo.

Nesse sentido, o ANDES-SN deve continuar orientando as suas seções sindicais a cerrarem fileiras no sindicalismo classista, na construção da unidade em defesa da educação pública, gratuita, de qualidade, socialmente referenciada e contra a opressão e exploração da nossa classe. Com desafios atualizados o movimento docente deve estar mergulhado na luta contra o racismo, o machismo, a lgbtfobia, o capacitismo, a xenofobia e todas as formas de opressão, cada vez mais, necessárias à reprodução das relações sociais capitalistas.

TR - 63

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o GTPFS incorpore na programação do II Seminário Nacional de Reorganização da Classe Trabalhadora o tema sobre a concepção sindical (sindicalismo de resultados X sindicalismo classista).

TEXTO 64

Contribuições dos sindicalizados: Adilson Aquino Silveira Júnior (ADUFEPE), Alessandro *Teixeira Nóbrega* (ADUERN), Evaristo Colmán Duarte (SINDIPROL/ADUEL), Fernando César Paulino Pereira (ADCAC), Gisele Cardoso Costa (ADUA), Maria das Graças de Araújo (ADUNIR), Raphael Góes Furtado (ADUFES), Soraia de Carvalho (ADUFEPE), Valdir Anhucci (SINDUNESPAR) e Valdeci Luiz Fontoura dos Santos (ADUFMS - Três Lagoas).

QUE O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN APROVE UM REAL PLANO GERAL DE LUTAS E RECUPERE OS MÉTODOS DE AÇÃO DIRETA

TEXTO DE APOIO

Um plano de lutas capaz de armar a categoria docente para os enfrentamentos do próximo período precisa estar assentado em uma análise da conjuntura internacional e nacional, indicando os desafios postos pelas tendências da economia mundial, seus impactos no

Brasil, as manifestações da luta de classes e os bloqueios que devem ser superados para que as massas possam lutar por suas reivindicações, avançando em sua consciência. As propostas que trazemos aqui, estão baseadas em nossas análises de conjuntura, já publicadas no caderno de textos *O capitalismo está levando a humanidade à extinção. Não existe futuro sem uma revolução socialista (da ART, texto 3, p. 57) e Por uma frente única anti-imperialista para responder às guerras, crises e ataques às condições de existência das massas. Que o movimento sindical rompa com o governismo para lutar por salários, empregos, direitos e contra as privatizações (da CPE/POR, texto 6, n. 72).. Erguer a oposição revolucionária ao governo Lula.* E está em conexão com os planos setoriais das instituições de ensino municipais, estaduais e federais, assim como das lutas da educação.

Chamamos a atenção para que, junto com cada bandeira, cada reivindicação, o Congresso analise também os métodos de luta correspondentes. É preciso fazer um balanço rigoroso sobre os métodos que têm prevalecido de substituir a mobilização e ação direta da categoria, em unidade com a juventude e demais trabalhadores, pelos atos “simbólicos”, por delegação, nos corredores e aeroportos de Brasília. É preciso rejeitar a ênfase nos meios virtuais, que devem ser complementares, mas nunca substitutivos da nossa real organização presencial. É preciso se integrar à luta geral dos trabalhadores, sem artificialidades, impulsionando comitês democráticos e trabalhando para superar o divisionismo que impera no movimento sindical.

Internacional

A Guerra na Ucrânia completou dois anos em 24 de fevereiro. Seu estopim foi o cerco militar do imperialismo, por meio da OTAN, à Rússia. É mais um sintoma do esgotamento da partilha do mundo, pós-Segunda Guerra Mundial, e do avanço dos Estados Unidos sobre países que integravam a URSS e sua área de influência. Como consequência da restauração capitalista, ao contrário do que alguns setores do movimento acreditam, o governo de Putin não atua em defesa do proletariado russo ou internacional, mesmo que de forma distorcida. Por isso a resposta russa não foi e nem poderia ter sido uma resposta com os métodos do internacionalismo proletário. Pelo contrário, Putin avançou com suas tropas sobre a Ucrânia, violando sua autodeterminação, um princípio fundamental para os revolucionários. A autodeterminação do povo ucraniano, porém, não será conquistada pelas mãos da oligarquia comandada por Zelensky, caso seja vitorioso na guerra, o que se obterá é a total submissão ao imperialismo. Por outro lado, as movimentações de Putin, com suas anexações, além de violar a autodeterminação do povo ucraniano, são incapazes de frear o cerco da OTAN, basta ver o ingresso da Suécia e da Finlândia. Cresce o armamentismo na Europa com declarações de que a OTAN se prepara para uma guerra com a Rússia, com manobras militares que não se viam desde o fim da guerra fria. Os custos da guerra recaíram sobre os explorados, com a alta dos combustíveis, alimentos e custo de vida. O movimento docente precisa se colocar sob uma linha internacionalista e proletária, defendendo uma paz sem anexações e sem a imposição do imperialismo, o que depende fundamentalmente da unidade do proletariado europeu, hoje indiferente ou dividido.

O genocídio palestino por parte de Israel também é expressão da escalada das tendências bélicas e disputas por uma nova partilha do mundo. Não há como o conflito ficar restrito ao território palestino, envolve os oprimidos de todo o Oriente Médio, seja pela sanha expansionista do colonialismo sionista, que se projeta também para o Líbano; seja pelos laços de solidariedade. O imperialismo, que posicionou navios de guerra direcionados aos

países do Oriente Médio para impedir que apoiassem a Palestina, tem enfrentado a resistência de outros povos, como os Houthis no Iêmen, que ao bloquear o tráfego marítimo no Mar Vermelho provocou grandes impactos econômicos no comércio mundial e até mesmo na produção industrial em alguns países europeus. Os Estados Unidos chegaram a bombardear o Iêmen. Uma série de conflitos envolvendo Irã, Paquistão, Iraque, Síria, etc. expressam as tendências bélicas correspondentes à crise geral do capitalismo.

Segue vigente o programa leninista para as guerras de transformar as guerras de dominação em guerras de libertação, é o único caminho para uma verdadeira paz.

Erguer a luta anti-imperialista também em nosso país

A classe operária no Brasil nasceu internacionalista, profundamente conectada com os acontecimentos mundiais, impactada pela Revolução Russa e outras lutas do proletariado mundial e dos oprimidos em todo o planeta. Porém, o nacionalismo e o reformismo foram arrancando do movimento operário e sindical esse internacionalismo. A ditadura militar, a serviço do imperialismo norte-americano, se encarregou de desfechar uma contrarrevolução preventiva e bloquear o desenvolvimento político da classe operária e da juventude. No pós-ditadura, sob os governos abertamente neoliberais o projeto privatista se espalhou, entregando ao capital estrangeiro grandes estatais brasileiras. Os governos pretensamente pós-neoliberais do PT, impulsionaram outras formas de privatização, como as PPPs, concessões, escalada na privatização do ensino superior e da previdência, por meio dos fundos de pensão. Temer e Bolsonaro pretenderam impulsionar um plano de privatização total, porém, os interesses das oligarquias políticas que parasitam as estatais alimentaram a crise política e, de certa forma, colocaram alguns limites ao privatismo. Ainda assim, houve privatizações de grande magnitude, como a Eletrobrás. E as contrarreformas como a Emenda Constitucional 95/2016 e Reforma da previdência, dentre outras, se deram sob o imperativo de atender aos interesses do capital financeiro, por meio do parasitismo da dívida pública. A reforma trabalhista e a lei da terceirização correspondem ao objetivo de rebaixar o valor da força de trabalho, estimulando a alta rotatividade, facilitando as demissões, deixando a força de trabalho mais desprotegida diante da exploração capitalista. O governo Lula/Alckmin é de continuidade das contrarreformas e privatizações. Não revogará nenhuma medida significativa de destruição de direitos e nem reestatizará nenhuma empresa outrora pública. Essas reivindicações, que se confrontam com o capital financeiro, só poderão ser obtidas por meio de uma ferrenha luta, com os métodos de ação direta. Isso se dá nos estados, com a privatização de metrô, trens, empresas de saneamento, etc. e no plano federal, com a manutenção de dezenas de empresas no Plano Nacional de Desestatização, a exemplo da CBTU e TrensUrb.

Esses pontos sinalizam que temos a necessidade de erguer uma frente única anti-imperialista em nosso país, que se organize em torno da luta contra as privatizações, em defesa dos empregos, salários e direitos. Uma luta dessa magnitude não será obtida pelas vias jurídico-parlamentares e muito menos pelos atos minoritários de dirigentes sindicais e meios virtuais. É preciso buscar incansavelmente a unidade com os trabalhadores das empresas estatais já privatizadas, em defesa da reestatização; das empresas públicas ameaçadas de privatização; com o funcionalismo público de todos os níveis, com seus salários arrojados e direitos atacados permanentemente; assim como com os trabalhadores do setor privado, sejam eles contratados diretos ou terceirizados. A luta anti-imperialista exige uma forte luta pelo não pagamento da dívida pública. É uma ilusão

democratizante considerar a possibilidade de o Estado burguês brasileiro realizar, por meio de suas instituições, uma auditoria da dívida pública. Além disso, é equivocada a ideia de que após uma auditoria se poderia aferir o que é justo e o que não é justo de ser pago. A experiência da Grécia, sob o comando do Syriza, demonstrou a impotência dos governos burgueses perante o capital financeiro.

Em defesa da autodeterminação dos povos indígenas, abaixo o marco temporal

Desenvolvemos também em nossa análise de conjuntura o avanço da desnacionalização das terras e o assédio do capital sobre as terras que ainda possuem alguma proteção legal à exploração desenfreada, como terras quilombolas, indígenas, reservas ambientais, etc. Nos últimos dias, tivemos mais episódios de extrema violência contra os povos indígenas, com o assassinato de Nega Pataxó, em uma ação de retomada. Os assassinos foram os fazendeiros da região que agiram livremente com o apoio da Polícia Militar da Bahia, estado governado há vários mandatos pelo PT. A linha de pressão parlamentar e judicial para impedir o Marco Temporal levou o movimento a assistir à tramitação dessa violenta legislação, que aprofundará a política genocida. É necessário desenvolver a compreensão de que as reivindicações indígenas não serão obtidas junto ao governo, mesmo que ele tenha criado um Ministério dos Povos Indígenas. É preciso erguer uma oposição revolucionária. A independência perante o governo é o caminho para retomar os métodos da ação direta capazes de garantir a autodeterminação dos povos indígenas. É preciso defender a criação de tribunais populares para julgar os crimes cometidos contra lideranças indígenas, quilombolas e camponesas, a exemplo do assassinato de mãe Bernardete e Nega Pataxó. A justiça burguesa é incapaz de punir todos os responsáveis por seus crimes de classe. O Estado burguês, no Brasil, foi erguido por cima da escravização do povo negro e do genocídio dos povos indígenas. Não há reforma, no capitalismo, capaz de democratizar o Estado e colocá-lo a serviço da maioria oprimida, de transformá-lo de algoz em protetor dos povos originários. É vigente a defesa revolucionária de enfrentamento a toda opressão nacional com o direito de autodeterminação, inclusive de separação e criação do próprio Estado, assim como a defesa da federação entre Estados, evidentemente como desdobramento das revoluções socialistas. A garantia da vida dos povos indígenas está ligada ao destino da classe operária e sua estratégia revolucionária.

Que nenhum trabalhador, inclusive os docentes, ganhe menos que um salário-mínimo vital

Os dados da Síntese de Indicadores Sociais, 2023, do IBGE revelam a brutal exploração da força de trabalho e a condição de miséria e fome dos trabalhadores, com grandes contingentes vivendo no desemprego, subocupação e informalidade. Mais de 60% da população vive com até 1 salário-mínimo per capita, muito abaixo do salário mínimo do DIEESE. Entre os servidores públicos, conforme cálculos do instituto República.org, com base em dados do IPEA e RAIS/MTE, metade recebe cerca de R\$3.400, ou seja, menos que três salários-mínimos. Caso se considere quem recebe menos de R\$5.000, chega-se a 70% do funcionalismo. Nas faixas de menores rendimentos e salários concentram-se as mulheres e os negros. Para nós, da Frente Única Andes-SN Classista, o que é fundamental, portanto, é que o sindicato tenha uma reivindicação capaz de unificar os trabalhadores docentes com os demais trabalhadores do setor público e privado e erguer

uma forte luta em defesa de que nenhum trabalhador receba menos que o salário-mínimo do DIEESE.

É um princípio classista, histórico do movimento operário, que nenhum trabalhador receba menos do que um salário suficiente para sustentar uma família trabalhadora, o salário-mínimo vital. No Brasil, há dois marcos legais importantes em relação ao salário-mínimo, o Decreto-lei n. 399/1938 e a Constituição Federal de 1988. É com base nessas legislações que o DIEESE calcula o salário-mínimo necessário, conforme a metodologia divulgada em seu site:

“Para calcular o Salário Mínimo Necessário, o DIEESE considera o preceito constitucional de que o salário mínimo deve atender as necessidades básicas do trabalhador e de sua família e cujo valor é único para todo o país. Usa como base o Decreto lei nº 399, que estabelece que o gasto com alimentação de um trabalhador adulto não pode ser inferior ao custo da Cesta Básica de Alimentos. A família considerada para o cálculo é composta por 2 adultos e 2 crianças, que por hipótese, consomem como 1 adulto.” Estima-se que as duas crianças consomem por 1 adulto, e assim chega-se à “ração” mínima de alimentos de uma família e infere-se que isso corresponde a 1/3 das despesas gerais, que abrangem habitação, vestuário, transporte etc. No passado, o movimento sindical reivindicava, de fato, que nenhum trabalhador deveria receber menos que o salário-mínimo do DIEESE, mas com a burocratização e estatização das organizações de massa, essa reivindicação básica, de cumprimento da legislação, foi abandonada em nome da política de “valorização do salário-mínimo”, a conta-gotas, conforme a vontade dos governantes, a partir dos limites aceitos pelo patronato e capital financeiro. Nem isso tem sido garantido nos últimos anos e a imensa maioria dos trabalhadores recebe um salário-mínimo de fome, escancarando o quadro de superexploração em que nem mesmo o necessário à reprodução da força de trabalho é garantido. Como desvincular essa questão dos problemas habitacionais, de saúde, das discriminações raciais, sexuais etc.

A referência ao salário-mínimo aparece nas teses da diretoria do Andes apenas para discutir a carreira. Note-se que não aparece para sustentar a reivindicação da luta unitária com todos os trabalhadores do país pelo salário-mínimo vital. Nem mesmo do salário-mínimo necessário do DIEESE, adotado na falta de cálculos feitos diretamente pelas assembleias de trabalhadores, que poderiam reconhecer mais necessidades do que aquelas estabelecidas no decreto de 1938. A diretoria debate a questão do salário-mínimo para definir o piso gerador da carreira. Apresenta 4 cenários: A proposta de piso de três salários-mínimos (R\$ 3.960) é rejeitada pela diretoria (assim como a equiparação com o piso do magistério – R\$ 4.420), principalmente por sua alta repercussão financeira, o que não seria uma análise “realística”. Caso o raciocínio se desse pautado no classismo, a proposta deveria ser rejeitada pelo princípio de que não devemos naturalizar a existência do salário-mínimo de fome, reivindicando somente para nós o seu triplo, mas sim lutar junto com os demais trabalhadores para que nenhum receba menos que o salário-mínimo vital (ou necessário). Apresenta também a proposta de piso gerador equivalente ao salário do DIEESE, porém, aponta como problema que, conforme a concepção de carreira do ANDES-SN, isso levaria a alcançar o teto salarial do funcionalismo antes do fim da carreira e, também, o alto impacto financeiro não seria “realístico”. Assim, a diretoria depura sua proposta de um piso gerador de meio salário-mínimo do DIEESE, argumentando tortamente que, se o piso do DIEESE é para uma jornada de 44 horas, o salário de 20 horas deveria ser metade, nem mesmo a conta fecha. Mas vamos nos ater ao raciocínio. O salário do DIEESE calcula as necessidades de uma família trabalhadora

conforme a legislação varguista e da CF de 1988. Do ponto de vista classista não devemos considerar a necessidade conforme as horas trabalhadas, mas sim conforme o que a família trabalhadora precisa. A concepção de carreira em que o “piso gerador” equivale a um décimo em relação ao salário do titular exige o rebaixamento do salário inicial, e grandes diferenciações no interior da categoria.

O direcionamento dos debates para a carreira tem ganhado espaço a partir da recusa do governo em garantir a reposição das perdas inflacionárias ao funcionalismo público federal. A manobra do governo é evidente, quebrar a luta unitária e reforçar o corporativismo. E qual a força de uma categoria isolada para dobrar os planos de ajuste fiscal da burguesia e seu governo? Nem mesmo as chamadas “pautas sem impacto orçamentário” têm sido atendidas. O mesmo cenário e os mesmos debates repercutem nas campanhas salariais nos estados, em que o deslocamento para os debates sobre carreira serve para quebrar a unidade do funcionalismo.

Ainda que as ilusões sejam alimentadas por algumas conquistas pontuais, no passado, para algumas categorias, o fato é que a competição entre setores do funcionalismo só favorecerá o governo. A total submissão de Lula/Alckmin e o Ministro da Fazenda Haddad ao capital financeiro está visível a olhos nus, com o compromisso prioritário com as metas de superávit primário, conquistadas com arrocho salarial, privatizações e cortes no orçamento das áreas sociais. Por isso, nós da Frente Única Andes-SN Classista (CPE-POR e ART) consideramos prioritária a luta junto ao funcionalismo pela recomposição de todas as perdas inflacionárias passadas, imediatamente, e junto aos demais trabalhadores pela revogação das contrarreformas e em defesa do salário mínimo vital, com valor não inferior ao salário do DIEESE.

A urgente unificação e centralização das lutas da classe operária e demais oprimidos

Completamos um ano da desfiliação do Andes-SN à CSP-Conlutas. Ação decorrente de uma unidade oportunista entre o Renova-Andes (PT) e as correntes que dirigem o nosso sindicato nacional (maioria do PSOL e PCB). Caracterizamos como oportunista pois a unidade na desfiliação não se deu sob princípios claros a respeito de o que fazer na sequência. O PT, obviamente, pretende levar o sindicato de volta ao interior da CUT. Enquanto o PSOL e PCB almejam construir seu próprio aparelho sindical, mas apenas conseguem levar a categoria a um beco sem saída, apontando apenas alternativas extremamente artificiais, como o natimorto Fórum Sindical, Popular e de Juventudes de Luta Pelos Direitos e Pelas Liberdades Democráticas ou articulações internacionais sem nenhuma capacidade de unificar os explorados e oprimidos.

A Corrente Proletária na Educação (CPE/POR) e a Aliança Revolucionária dos Trabalhadores (ART), que integram a Frente Única Andes-SN Classista, se opuseram à saída do Andes-SN da CSP-Conlutas, compreendendo que era uma ação movida por interesses aparelhistas, que não faz avançar um passo sequer a luta pela unificação dos trabalhadores em uma central sindical. Consideramos que, no interior da CSP, o Andes-SN poderia impulsionar a defesa de um congresso de unificação, constituindo uma única central, classista e democrática. Essa defesa não se deu por considerarmos que a CSP-Conlutas não cometeu erros graves, como se omitir na luta contra a derrubada de Dilma pela direita, para que Temer assumisse, aprofundando os ataques e as contrarreformas, bem como em seus alinhamentos internacionais, mas sim pela compreensão de que um novo divisionismo só aprofundará o problema. Chamamos a atenção, também, para a necessidade de analisar o movimento sindical de conjunto, com todas as

responsabilidades da direção da CUT, a maior central do país, no processo de burocratização, estatização e imobilismo perante os governos de Temer e Bolsonaro, fruto do eleitoralismo. Nesse momento em que a desfiliação se efetivou, não entraremos nas disputas interburocráticas sobre a refiliação do Andes-SN à CUT ou à CSP-Conlutas. Defendemos que o movimento docente contribua com a defesa da unificação dos trabalhadores em uma única central. Essa defesa deve ser voltada às bases dos movimentos, uma vez que as cúpulas da burocracia sindical se beneficiam da fragmentação, tendo cada uma seu “feudo” de onde se beneficia financeiramente e politicamente. Em vez de se opor a esse processo, as correntes que dirigem o Andes-SN querem criar seu próprio feudo. Assim, a bandeira do Encontro Nacional da Classe Trabalhadora, que conforme o conteúdo e objetivo pode ser correta, acaba encobrindo os apetites em criar um aparato próprio. A debilidade dessas correntes que têm sofrido cisões internas, sobretudo pelas crises abertas pela linha governista que têm adotado, atestam a incapacidade de liderarem uma “reorganização da classe trabalhadora”. Por isso, propomos que o movimento docente atue em favor da reversão da fragmentação e defenda o princípio da unificação dos trabalhadores em uma única central sindical, classista e democrática.

Essa unificação deve dar seus primeiros passos na articulação de um verdadeiro dia nacional de lutas, com a criação de comitês, com o uso dos métodos da ação direta. No dia 24 de janeiro, várias centrais sindicais e sindicatos brasileiros manifestaram seu apoio à greve geral na Argentina, contra o governo ultradireitista e ultraliberal de Milei. Chama a atenção o quanto a maior parte dessas mesmas entidades se recusaram a erguer uma luta dessa magnitude para derrotar os ataques de Temer ou Bolsonaro, por terem apostado no eleitoralismo. Chama a atenção a recusa da maior parte dessas organizações em construir uma forte luta, sob o governo Lula/Alckmin para derrubar as contrarreformas, garantir a reposição salarial, lutar pelos empregos, contra as privatizações, contra os cortes orçamentários e contra o Marco temporal. Que o movimento docente aprove esse chamado, ponto de partida para a unificação dos oprimidos e explorados.

Diante das crescentes restrições ao direito de greve e à continuidade da criminalização dos movimentos sociais, é preciso denunciar cada medida antissindical, cada prisão de manifestantes, manifestar a solidariedade ativa em cada caso de judicialização das greves. Não podemos deixar nenhuma luta cair no isolamento. Quando o movimento se subordina ao legalismo, com a proibição de piquetes e formas mais radicalizadas de luta, perde-se o poder coletivo da classe, que só se exerce pelos meios da ação direta coletiva. É preciso defender com unhas e dentes o direito de lutar.

TR - 64

O 42º CONGRESSO DO ANDES DELIBERA:

1. Que o Andes-SN aprove a linha política diante da Guerra da Ucrânia a defesa das seguintes bandeiras: Pelo fim da Guerra; Desmantelamento da OTAN e suas bases militares; Fora tropas russas da Ucrânia; Pela autodeterminação e integralidade territorial da Ucrânia. Por uma paz sem anexações e imposições do imperialismo.
2. Que as seções sindicais fortaleçam os comitês de solidariedade à Palestina ou contribuam para sua criação onde não existem. Que a direção nacional do Andes-SN contribua para unificar os comitês locais em um comitê nacional, que coordene as ações no Brasil.

3. Que o Andes-SN defenda, em seus espaços de atuação, uma frente única anti-imperialista em defesa da autodeterminação do povo palestino tendo como método a solidariedade ativa do proletariado internacional e demais oprimidos; o apoio ao armamento das massas da Palestina e Oriente Médio; e a estratégia de um único Estado Palestino, fruto da revolução socialista, parte da União das Repúblicas Socialistas do Oriente Médio.
4. Que a diretoria nacional e as seções sindicais do Andes-SN busquem as entidades representativas dos trabalhadores das empresas privatizadas e ameaçadas de privatização para construir a luta unitária pela extinção do Plano Nacional de Desestatização (PND); pela reestatização sem indenização das empresas privatizadas, como a Eletrobrás; pelo controle operário das empresas estatais.
5. Que o Andes-SN em suas publicações e articulações difunda a defesa de não pagamento da dívida pública.
6. Que o Andes-SN em suas publicações e articulações difunda a defesa da autodeterminação dos povos indígenas, inclusive com direito de constituírem seu próprio Estado.
7. Que o Andes-SN em suas publicações e articulações difunda a defesa dos tribunais populares para punir os crimes da burguesia.
8. Que a direção nacional do Andes-SN envie esforços para constituir uma frente de oposição revolucionária ao governo burguês de Lula/Alckmin.
9. Contra a criação de uma nova central sindical. Defender nas publicações e articulações um congresso de unificação dos trabalhadores em uma única central sindical, classista e democrática.
10. Que a direção nacional lance um chamado às centrais sindicais, sindicatos e movimentos pela realização de um verdadeiro dia nacional de lutas, com greves, bloqueios de avenidas, ocupações e manifestações massivas, em defesa dos empregos, salários e direitos, contra as privatizações e pela derrubada integral do marco temporal.
11. Que o Andes-SN e suas seções sindicais, em articulação com as demais entidades representativas de trabalhadores da esfera pública e privada, insiram na pauta de reivindicações que nenhum trabalhador receba menos do que o salário-mínimo do DIEESE.
12. Que a direção nacional difunda em suas publicações e articulações a defesa da liberdade de manifestação e greve, contra todas as legislações em contrário e com fortes campanhas de solidariedade contra as demissões de grevistas e prisões de manifestantes.

TEXTO 65

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Alexandre José Medeiros do Nascimento (GTPCEGDS ADUFPI), Ana Ester Maria Melo Moreira (GTPCEGDS – ADUFPI), Barbara Cristina Mota Johas (GTPCEGDS – ADUFPI), Flávio Furtado Farias (ADUFPI), Grasiela Maria de Sousa Coelho (GTPCEGDS ADUFPI), Luciana Barbosa Amancio (GTPCEGDS – ADUFPI), Marli Clementino Gonçalves (GTPCEGDS – ADUFPI), Márcio Silva Costa (GTPCEGDS ADUFPI)

POR UMA POLÍTICA DE ENFRENTAMENTO ÀS VIOLAÇÕES DOS DIREITOS HUMANOS

TEXTO DE APOIO

O Brasil e o mundo têm vivenciado transformações e ampliações no debate acerca de democracia, gênero, sexualidade e reprodução desde o início do século XXI. Nesse contexto, acompanhamos o fortalecimento dos movimentos feministas, LGBTQIAP+, assim como dos movimentos neoconservadores em defesa da vida (pró-vida) e pró-família. Vivenciamos uma transição democrática complexa e atravessada por contradições com múltiplos contornos nos âmbitos político, social, econômico e cultural, entre os quais destacamos: avanços dos movimentos feministas e LGBTQIAP+ voltados aos direitos humanos, à igualdade de gênero e ao direito à saúde e à educação; fortalecimento dos interesses político-econômicos de setores neoliberais no mercado financeiro e no mundo empresarial; o fortalecimento de composições políticas entre alguns setores do campo religioso e grupos políticos conservadores.

Os avanços da agenda de gênero conquistada pelos movimentos feministas e LGBTQIAP+ têm provocado um conjunto de reações de diferentes atores do espectro político, e em todas as dimensões do estado, com especial ênfase nos temas relacionados às questões de gênero, família, sexualidade e dos direitos sexuais e reprodutivos. As eleições de 2022 evidenciaram significativos desafios para a preservação do regime democrático brasileiro, especialmente devido à consolidação de ideologias antidemocráticas e neofascistas em diferentes segmentos da sociedade civil. Esse fenômeno foi explicitamente manifestado pelos ataques ocorridos em 8 de janeiro de 2023. Nesse ínterim, convém mencionar a acentuação das violências no campo e ausência de políticas para agricultura familiar e povos do campo. Tais violências incidem sobre as questões também de juventude e de gênero, sobre o acesso, uso, posse da terra e pertencimento aos territórios.

As distintas formas de violação de direitos quando pensadas sob as lentes de gênero nos permitem compreender as singularidades da vida das mulheres do campo e como os processos de trabalho são muitas vezes violentos, tais como: a invisibilização dos trabalhos das mulheres, menor acesso ao crédito e/ou assistência técnica etc. Outro aspecto a destacar é a forma como o sistema “responde” às pessoas que denunciam e/ou resistem aos processos em marcha, ou seja, a violência como ferramenta de silenciamento a exemplo da execução da Yalorixá Bernadete liderança do Quilombo Pitanga dos Palmares, em Simões Filho na Bahia em agosto/2023.

A violência de gênero, dessa forma, opera como uma forma de expressão histórica e cultural, dos mecanismos de controle que operam no Brasil desde a colonização e que se apresentam, sob outras roupagens, nos contextos da colonialidade, ou seja, de uma sociedade atravessada pela desigualdade de poder e de gênero, bem como pelas estratégias de vigilância e controle dos corpos das mulheres. Ademais, os feminicídios têm ocorrido em situações de negligência do Estado e representam um continuum das violências estruturais da sociedade brasileira. Nessa conjuntura, os cenários de violência de gênero e o aumento dos casos de feminicídio têm impactos na educação superior com o fortalecimento de diversas formas de violência nas Instituições de Ensino Superior (IES).

Essa conjuntura de fortalecimento do movimento da ideologia neofascista, do neoconservadorismo, da violência de gênero e do feminicídio aflora a importância de debater de forma orgânica as questões de gênero, sexualidade, raça/etnia, classe e diversidade no campo da educação superior, construindo políticas de enfrentamento dos direitos humanos e prevenção ao racismo, xenofobia, sexismo, capacitismo, etarismo, LGBTQIAP+fobia, intolerância religiosa, violência sexual e casos de assédio moral e sexual nas IES, consideramos que o Andes:

TR - 65

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Elaborar uma política de enfrentamento das violências e descriminalização que deve abranger direitos humanos, prevenção ao racismo, xenofobia, sexismo, etarismo, capacitismo, LGBTQIAP+fobia, intolerância religiosa, violência sexual e casos de assédio moral e sexual.
2. A construção da política de enfrentamento das violências e descriminalização deve ser um processo coletivo, com a participação ativa da comunidade acadêmica e da sociedade civil.
3. O reconhecimento de que o primeiro passo desse processo é a apresentação dos dados coletados pelo diagnóstico situacional de racismo, xenofobia, sexismo, capacitismo, LGBTQIAP+fobia, intolerância religiosa, violência sexual e casos de assédio moral e sexual em nossa instituição de ensino.
4. A proposição de fóruns para ouvir as necessidades de cada IES, centro e *campus*, a fim de garantir que as necessidades coletivas sejam consideradas a partir do território
5. Produção de documentos orientadores para a implementação, dentro dos sindicatos, de protocolos de acompanhamento das denúncias de casos de violências de gênero dentro das IES, nas suas mais variadas formas de expressão e de inter-relação.

POR UMA UNIVERSIDADE VERDADEIRAMENTE BRASILEIRA, OU SEJA, NEGRA!

TEXTO DE APOIO

No ano de 2023 tomamos contatos com os resultados preliminares do censo, que o Governo Genocida teimou em boicotar, cortando verbas e desmontando as instituições. Realizado depois do arrefecimento da maior pandemia vivida há mais de um século, o censo 2022 apontou que o Brasil é uma País Mestiço, não só de uma maioria de pessoas autodeclaradas Negras (junção dos dados de pessoas autodeclaradas pardas e pretas)³. Pela primeira vez a quantidade de brasileiras/os autodeclaradas/os pardas/os é superior ao de brasileiras/os brancas/os. Mudando os termos, somos um País de não brancas/os! Mas pela nossa experiência **escravocrata colonial** recente, estamos ainda sob a lógica **supremacisma branca, escravocrata, cis-hétero-normativa**, que tem o racismo e a violência de gênero enquanto tecnologia de controle, operando nas diferentes dimensões da vida em sociedade. Tomando como base estes marcadores, as desigualdades no Brasil têm cor, gênero e localização.

O *Atlas da Violência* é categórico ao afirmar que “Historicamente, pessoas negras são as maiores vítimas de violência no Brasil” (p. 47). Na intersecção cor /gênero aponta que “Entre 2020 e 2021, enquanto a taxa de homicídios para mulheres negras cresceu 0,5%, entre as mulheres não negras houve uma redução de 2,8%.” (p. 48)⁴. A desigualdade no mundo do trabalho é Negra. Os dados do IBGE demonstram que “O rendimento médio dos trabalhadores brancos (R\$3.099) superava muito o de pretos (R\$1.764) e pardos (R\$1.814) em 2021.”, e que “Mais da metade (53,8%) dos trabalhadores do país em 2021 eram pretos ou pardos, mas esses grupos, somados, ocupavam apenas 29,5% dos cargos gerenciais, enquanto os brancos ocupavam 69,0% deles.”⁵. Situação nada diferente no âmbito da nossa realidade enquanto categoria docente.

3

Censo 2010		Censo 2022	
Parda	43,42%	Parda	45,34%
Preta	7,52%	Preta	10,17%
Branca	47,51%	Branca	43,45%
Amarela	1,10%	Amarela	0,41%
Indígena	0,43%	Indígena	0,60%

<https://g1.globo.com/educacao/guia-de-carreiras/noticia/2018/11/20/negros-representam-16-dos-professores-universitarios.ghtml>

artigo 2022 - <https://www.scielo.br/j/rk/a/LvwKpGwBpzfTFtZkS3MygsL/>

⁴ Atlas da violência 2023 / coordenadores: Daniel Cerqueira; Samira Bueno – Brasília:

Ipea; FBSP, 2023. 115 p. : il., gráfs. <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/9350-223443riatlasdaviolencia2023-final.pdf>

⁵ <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35467-pessoas-pretas-e-pardas-continuam-com-menor-acesso-a-emprego-educacao-seguranca-e-saneamento>

Segundo os dados do Censo 2022 do Ensino Superior, considerando apenas as instituições públicas (correspondente a 38% do total de docentes do Ensino Superior), docentes autodeclaradas/os pretas/os e pardas/os correspondem à 27%, enquanto **brancas/os 70%** (**pretas/os 4%; pardas/os 23%**), havendo ainda um vácuo relativamente a estes dados uma vez que para quase a metade de docentes não há informações sobre cor/raça, 46% da nossa categoria.⁶

Sendo o cenário destacado acima estrutural e estruturante, muitos são os casos de racismo, discriminação racial, e epistemocídio⁷ ocorridos no âmbito das nossas instituições públicas de ensino. Muito recentemente a dirigente sindical da diretoria do ANDES-SN, professora Jacyara Paiva, docente negra foi vítima deste cenário. Por denunciar um caso de racismo que sofreu e engrossar as trincheiras em defesa das políticas de cotas na UFES, enfrentou perseguição política e tentativa de exoneração.

Alinhada a política sindical do ANDES-SN, reafirmada a cada instância deliberativa e expressa na sua agenda de lutas, se faz urgente aprofundarmos as estratégias de luta antirracistas, que devem passar pela capacidade coletiva de identificar os casos, acolher as/os docentes vítimas e dar encaminhamentos efetivos e conclusivos.

Outra estratégia de luta que deve tomar nosso horizonte organizativo é a defesa da lei de Cotas, Lei 12.990/14 que, neste ano deverá passar por avaliação e reestruturação. Para que seja possível alterar a violenta discrepância apontada no censo do Ensino Superior de 2022 no que se refere a categoria docente.

Nosso projeto de Universidade, classista, deve efetivamente representar a classe trabalhadora, e neste sentido deve ser Negro!

TR - 66

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o ANDES-SN construa material informativo e orientador, por meio da sua Assessoria Jurídica Nacional (AJN) em diálogo com os encontros jurídicos nacionais, com vistas ao acolhimento, acompanhamento e defesa de docentes da base do ANDES-SN que tenham sofrido casos de racismo nos seus locais de trabalho, para que sirva de base para as Assessorias Jurídicas das SSinds.

⁶ INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Superior 2022 Brasília: Inep, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/sinopses-estatisticas/educacao-superior-graduacao>

⁷ Imposição de apagamentos de diferentes proporções: históricos; culturais; e de produção de conhecimento, seguindo a compreensão de Sueli Carneiro: “Sendo um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, o epistemocídio se efetiva, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores racialmente, como uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade e que visa o controle de mentes e corações. (CARNEIRO, 2023, p. 89)”. CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

2. Que o ANDES-SN e todas as suas SSinds construam ações coordenadas em defesa da manutenção e ampliação da lei de cotas nos concursos públicas federais, lei 12.990/14, bem como das suas correspondentes no Estados, ampliando o debate no âmbito das IES, IFs e CEFETs públicas relativamente ao atendimento à reserva de vagas via editais únicos de concursos.

TEXTO 67

Contribuição da Diretoria e Base da ASDUERJ

PARA AVANÇARMOS NA LUTA ANTICAPACITISTA!

TEXTO DE APOIO

Como formulado pelos teóricos do modelo social, primeiros militantes com deficiência, na década de 1970, o capitalismo produz deficiência e a agrava, na medida em que impõe barreiras para a participação política e social das pessoas com deficiência. Sendo assim, enfrentar a opressão capacitista é também enfrentar o capitalismo em suas múltiplas formas de opressão e exploração. Partindo desta premissa, reforçamos a leitura de que a luta contra as opressões em nossa sociabilidade exploratória passa pelo amálgama das determinantes de nossa formação social em suas particularidades na totalidade capitalista.

O capacitismo é uma opressão estrutural, vigente desde a Antiguidade Clássica (GARCIA, 2011) até o tempo presente, e agravado com a hegemonia do sistema capitalista. De acordo com Anahi Guedes de Melo

Capacitismo é a discriminação ou violências praticadas contra as pessoas com deficiência. É a atitude preconceituosa que hierarquiza as pessoas em função da adequação de seus corpos a um ideal de beleza e capacidade funcional. Com base no capacitismo, discriminam-se pessoas com deficiência. Trata-se de uma categoria que define a forma como pessoas com deficiência são tratadas como incapazes (incapazes de trabalhar, de frequentar uma escola de ensino regular, de cursar uma universidade, de amar, de sentir desejo, de ter relações sexuais etc.). (MELO, p. 10, 2016).

Em nossa sociedade, debater a luta anticapacitista perpassa o debate sobre o trabalho de cuidado generificado e racializado, sendo necessário considerar a necessidade de um debate e luta interseccionais, tendo em vista que pessoas com deficiência também são negras, indígenas, mulheres e LGBTQs. No Brasil, mais da metade das pessoas com deficiência são mulheres e também negras – mais de 50% das pessoas com deficiência no país são mulheres e 54% são negras.

A luta anticapacitista também considera dimensões de acessibilidade em sentido amplo. A acessibilidade é pauta permanente na luta das pessoas com deficiência, e deve ser abordada na transversalidade com várias esferas, como os direitos à saúde, educação, livre circulação nos espaços rural e urbano, entre outros. No campo da Educação, ainda há

muito a avançar no que se refere ao acesso e permanência de pessoas com deficiência. Daí a importância da luta anticapacitista no debate sobre políticas educacionais.

A acessibilidade não se limita às questões arquitetônicas de um espaço, ela deve também ser entendida como a possibilidade de alcance e utilização, com autonomia, de todos os espaços, meios e instrumentos, na compreensão de que o direito à educação deve ser contemplado para que a inclusão seja de fato efetivada. Isso inclui a garantia de adaptação de materiais, disponibilização de recursos de tecnologia assistiva, como tablets e lupas eletrônicas, disponibilização de profissionais de apoio e de intérpretes de LIBRAS, mobiliário como cadeiras para pessoas obesas e mesas de estudo para cadeirantes, profissionais especializados para auxiliar no cuidado (higiene pessoal, alimentação, etc) de pessoas com certos tipos de deficiência, entre outras.

Ainda que tenhamos alguns avanços a partir da luta anticapacitista no que se refere ao acesso e permanência das pessoas com deficiência na educação básica e superior, necessitamos avançar ainda mais. Os dados mais recentes divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostram que, em 2019, 16,6% da população brasileira com deficiência possuía ensino médio completo ou superior incompleto, contra 37,2% das pessoas sem deficiência. Também se constatou que mais de 67,6% da população com alguma deficiência não tinha instrução ou tinha o ensino fundamental incompleto. Entre as pessoas sem nenhuma das deficiências investigadas, o índice era de 30,9%. Entre as pessoas negras com deficiência, apenas 0,6% tem acesso ao Ensino Superior em universidades públicas.

Quanto ao mundo do trabalho, dados da RAIS (2017) mostram que de todas as carteiras assinadas no país, 0,96% eram de pessoas com deficiência. De acordo com o relatório Pessoas Com Deficiência e as desigualdades sociais no Brasil (IBGE, 2022), em 2019, havia 17,2 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência no país. O mesmo relatório, que analisou dados da Pesquisa Nacional de Saúde (IBGE, 2019), informa que, também em 2019, a taxa de participação das pessoas com deficiência no mercado de trabalho era de 28,3%, enquanto a de pessoas sem deficiência era de 66,3%, a despeito da vigência da Lei 8213/91, que garantiria a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos concursos e processos seletivos. Mesmo com uma política afirmativa de mais de 30 anos, pessoas com deficiência ainda não têm o direito ao trabalho assegurado, como evidenciado pelas estatísticas.

No que diz respeito ao exercício da profissão docente no Ensino Superior por pessoas com deficiência, os poucos registros disponíveis mostram a ausência e a falta de estrutura e condições de trabalho e permanência dos mesmos. No âmbito da nossa categoria, docentes com alguma deficiência correspondem a 0,6% da nossa base, segundo os dados do Censo do Ensino Superior de 2022, a tabela abaixo escancara ainda mais esta realidade

Consolidação dos Dados sobre docentes com deficiência em instituições Públicas Censo 2022.										
Total	705	0,6% do total de docentes das Instituições Públicas								
Cegueira	Baixa Visão	Surdez	Auditiva	Física	Surdocegueira	Múltipla	Intelectual	Altas habilidades /superdotação	Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD)	
31	133	123	124	220	9	0	11	17	37	

Um exemplo da falta de estrutura para o trabalho das/os docentes é o caso de Douglas Ferrari, que é pessoa com deficiência visual e professor da Faculdade de Educação da UFES. Na reportagem “Terei que diminuir frentes de trabalho se não houver uma revolução na UFES: professor e PCD, Douglas Ferrari denuncia a exclusão provocada pela falta de acessibilidade na universidade”. Publicada no portal Século Diário em julho de 2022, fica evidente a precariedade e ausência de condições laborais para professoras/es com deficiência na universidade.

Os dados e a situação concreta acima referidos apontam para a alarmante perversidade da dinâmica do capacitismo na realidade concreta, sendo causador da exclusão das pessoas com deficiência do mundo do trabalho. Esta exclusão, expressa na resistência a contratá-las, as mantém fora deste espaço, consolidando a falsa ideia – e, ainda, hegemônica – de que pessoas com deficiência não teriam capacidade para ocupar cargos, exercer funções e desempenhar tarefas nas mais diversas áreas).

A continuidade de construção da luta anticapacitista no ANDES-SN deve ser permeada pelos acúmulos que tivemos no âmbito dos Seminários organizados pelo GTPCEGDS, incluindo o Seminário realizado no mês de novembro de 2023 em Aracaju que, dentre as questões debatidas e encaminhadas, destacou: a garantia da efetividade de instrumentos que garantem das Universidades, IFs e CEFETs, estrutura de trabalho e estudo para servidoras/es e estudantes com deficiência.

REFERÊNCIAS

GARCIA, Vinícius Gaspar. As pessoas com deficiência na história do mundo. 2011. Disponível em <http://www.bengalalegal.com>. Último acesso: 13/10/2019.

GOBBO, Elaine Dal. “Terei que diminuir frentes de trabalho se não houver uma revolução na UFES”. In: Século Diário, 2022. Disponível em <https://www.seculodiario.com.br/direitos/terei-que-diminuir-frentes-de-trabalho-se-nao-houver-uma-revolucao-na-ufes>. Último acesso: 25/03/2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).]Pessoas com deficiência e as desigualdades sociais no Brasil. Brasil, Set./2022.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANISIO TEIXEIRA.

Sinopse Estatística da Educação Superior 2022. Brasília: Inep, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/sinopses-estatisticas/educacao-superior-graduacao>

LEAL, Arthur. “Quase 70% das pessoas com deficiência no Brasil não concluíram o Ensino Fundamental e apenas 5% terminaram a faculdade”. In: O Globo, 26/08/2021.

Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/direitos-humanos/quase-70-das-pessoas-com-deficiencia-no-brasil-nao-concluíram-ensino-fundamental- apenas-5-terminaram-faculdade-25170593>.

Último acesso: 31/03/2023.

MELO, Anahi Guedes de. “O que é capacitismo?”. In: *Inclusive, inclusão e cidadania*. 02/12/2016. Disponível em <https://www.inclusive.org.br/arquivos/29958>. Último acesso: 04/12/2023.

<https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202311/novembro-negro-um-panorama-sobre-a-populacao-negra-com-deficiencia-no-brasil>

TR - 67

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o ANDES-SN, em articulação com as suas SSinds, intensifique as lutas pela garantia de cotas para as pessoas com deficiência (projeto de lei 3318/23).
2. Que o ANDES-SN em conjunto com as suas secretarias regionais e seções sindicais lutem pela garantia dos artigos 34 e 36 do estatuto das pessoas com deficiência, que exige que as Universidades, IFs e CEFETs deem estrutura de trabalho, material didático e auxílio para servidoras/es e estudantes com deficiência.

TEXTO 68

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Adriana Lourenço da Silva (Adufpel); Agripino Alves Luz Júnior (Sindufap); Alessandra Nicodemos Oliveira Silva (ADUFRJ); Alexandre Adalberto Pereira (Sindufap); Alexandre José Medeiros do Nascimento (Adufpi); Alexandre Macedo (Adufpb); Alyne Maria Barbosa de Sousa (SINDIFPI); Ana Lúcia Costa de Oliveira (Adufpel); Ananda Machado (Sesduf-RR); André Rodrigues Guimarães (Sindufap); Ângela Siqueira (Aduff); Antônia Costa Andrade (Sindufap); Antônio Francisco Lopes Dias (Adcesp); Antônio Lisboa L. de Souza (Adufcg); Arthane Menezes Figueiredo (Sindufap); Beatriz Franchini (Adufpel); Carlos Rerisson Rocha da Costa (Adcesp); Carlos Rinaldo Nogueira Martins (Sindufap); Carlos Rogério Mauch (Adufpel); Carlos Silva (Adunir); Carlos Vicente Joaquim – (SESDUF-RR); Carlos Vicente Joaquim (Sesduf-Rr); Cássio Alves (Apufpr); Celeste Pereira (Adufpel); Célio Ribeiro Coutinho (Sinduece); Cenira Andrade de Oliveira (Adufes); Ceres Torres (Adufpel); Danielle Dias da Costa (Sindueap); David Junior De Souza Silva (Sindufap); Deise Arenhart (ADUFRJ); Edivaldo José Bortoleto (Adufes); Elaine da Silva Neves (Adufpel); Elda Maria Freire Maciel (Sinduece); Eliane Fazolo (Adur-Rj); Eptácio Macário Moura (Sinduece); Erlenias Sobral do Vale (Sinduece); Fabiana Fátima Cherobin (Adufes); Fábio Duarte (SESDUFT); Fábio Wosniak (Sindufap); Fabiola Kato (Adufpa); Fernanda Hernandez Figueira (Adufpel); Franci Gomes Cardoso (APRUMA); Francisco Carlos Jacinto Barbosa (Sinduece); Francisco Santiago (Sindufap); Gean Cláudio de Souza Santana (Adufs-Ba); Gelta Xavier (ADUFF); Gihad Mohamad (Sedufsm); Gisele Masson (Sindiprol/Aduel); Helvio Mariano (Adunicentro); Henrique Andrade F. Mendonça (Adufpel); Hugo Blois (SEDUFMS); Ilma de Andrade Barleta (Sindufap); Isabel Florentino (Adufpa); Ivana de Oliveira Gomes e Silva (Adufpa); Janete Brito (Adcesp); Jefferson Marçal da Rocha (Seção Sindical do ANDES-UFRGS); João Batista Farias Junior (Sindifpi); João Carlos Gilli Martins (SEDUFMS); João Negrão (APUFPR); José Carlos Marques Volcato (Adufpel); José dos Santos Souza (Adur-Rj); José Raphael Bokehi (Aduff); Juliana Iglesias Melim (ADUFES); Júlio Quevedo (SEDUFMS); Lalo Watanabe Minto (Adunicamp); Leandro Machado dos Santos (Adur-Rj); Leila Maria Costa Sousa (UFPA); Levy Paes Barreto (ADUFERPE); Liliane Soares (Sindufap); Lívia de Cássia Godoi Moraes (Adufes); Lorena Moraes (Adcesp); Luciana Menezes Carvalho (SEDUFMS); Luciana Peil (Adufrj); Luciano Coutinho (Adufrj); Luiz Carlos Riggo (Adufpel); Luiz Fernando Reis (Adunioeste); Luiz Henrique Schuch (Adufpel); Luiz Paiva

Carapeto (Adufpel); Marcelo Barreto Cavalcanti (ADUFEPE); Marcelo Moreira (ADEUG); Marco Antonio Perruso (Adur-Rj); Maria Amélia Dalvi (Adufes); Maria Angélica da Gama Coutinho (Adur-Rj); Maria Conceição Rosa Cabral (Adufpa); Maria da Conceição dos Santos Costa (Adufpa); Maria do Carmo Lobato da Silva (Sindufap); Maria Edilene S. Ribeiro (Adufpa); Maria Gabriela Guillén Carías (Adufdourados); Maria Jacqueline Girão (Adufrj); Maria Suely Soares (Apufpr); Marielson Rodrigues Guimarães (Adufpa); Marise Fonseca dos Santos (Apufpr); Maristela da Silva Souza (SEDUFMS); Milena Martinez (Apufpr); Monica de Souza Houry (ADUFRJ); Monica Ribeiro Pirozi (ASPUV); Norlai Alves Azevedo (Adufpel); Odete da Cruz Mendes (Adufpa); Olgaíses Maués (Adufpa); Oneize Amoras de Araújo (ADUFS); Paulo Afonso da Silva Oliveira (Sesduf-Rr); Paulo Cesar Centoducatte (ADunicamp); Paulo Marcelo Cambraia da Costa (Sindufap); Priscila Monteiro Chaves (Adufes); Rafael Bellan Rodrigues de Souza (Adufes); Ranoel José de Sousa Gonçalves (Adufcg); Raquel Angela Speck (Apufpr); Regiana Blank Wille (Adufpel); Robertha Santana de Araújo (Adufpb); Ricardo Heli Rondinel Cornejo (SEDUFMS); Roberto Santos Ramos (APRUMA); Robison Raimundo Silva Pereira (Adcesp); Rosana Maria Gemaque Rolim (Adufpa); Rosana Mendes Éleres de Figueiredo (APRUMA); Rosângela Assunção (Adcesp); Rosenverck Estrela Santos (APRUMA); Sandra Alessi (Apufpr); Sandra Lucia Escovedo Selles (ADUFF); Sandra Moreira (ADUFPA); Savana Diniz Gomes Melo (Apubh); Sidney da Silva Lobato (Sindufap); Silvanete Pereira dos Santos (Adufes); Suly Rose Pereira Pinheiro (APRUMA); Tadeu Lopes Machado (Sindufap); Valdelaine Mendes (Adufpel); Vera Lúcia Jacob Chaves (Adufpa); Veronica Fernandez (Aduff); Vilson Aparecido da Mata (Apufpr); Vitor Benvindo (Apub); Viviane Narvaes (Adunirio); Waldir Ferreira de Abreu (Adufpa); Wanderley Padilha (Sindunifesspa); Welbson do Vale Madeira (APRUMA); Yurgel Pantoja Caldas (Sindufap).

POLÍTICA EDUCACIONAL NO TERCEIRO GOVERNO LULA: PARA ALÉM DO APARELHO DE ESTADO

TEXTO DE APOIO

Os quatro anos que vivemos sob um governo discricionário, de extrema direita, cruel – e as palavras acabam antes que exponhamos toda sua desumanidade – levaram movimentos sindicais, sociais e partidários componentes do genérico arco à esquerda a construir críticas contundentes sobre todos os aspectos de sua política para o controle físico e intelectual da classe trabalhadora. Subjacente ao extermínio deliberado de mais de um milhão de vidas por meio da pandemia da Covid-19, correram outras formas absurdas de controle, a exemplo da política educacional, cujo acirramento burguês se expressou com mais força a partir do Governo Temer. Tal conjuntura produziu, pelo menos, duas ações cruciais para o movimento sindical: a primeira foi uma vasta conjunção de forças políticas que desaguaram na candidatura de Lula para a Presidência da República; a segunda foi a proposição ao candidato, caso fosse eleito, de revogação imediata das decisões educativas dos governos anteriores.

No 66º Conad, nos primeiros meses do novo governo, apresentamos o texto 11, *Manter a autonomia sindical, defender a educação pública em todos os níveis e não renunciar às críticas*, com respectivo texto de resolução. Estavam claras as articulações em torno do novo Plano Nacional de Educação (PNE), da Lei do Sistema de Educação e possíveis alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, bastante retalhada. As alianças que resultaram na eleição de Lula e na indicação de Camilo Santana para o MEC, intimamente relacionado com a Fundação Lemann, ratificavam a necessidade de “não renunciar à crítica” e não ceder à blindagem do Governo Federal que então se vislumbrava assim como a proposta de **revogação**. Era necessário, ainda, revogar o Novo Ensino Médio; a BNCC; a BNC-Formação; o “ensino híbrido”; a EaDeização da

formação docente e do sistema público de ensino; a “alfabetização digital”; a curricularização da extensão; o Reuni Digital; o Marco de Ciência e Tecnologia; a Lei de Inovação Tecnológica; a Política Nacional de Educação Digital, entre outras políticas anteriores ao período Temer-Bolsonaro (2016-2022). Ademais, vivíamos – e vivemos – inúmeros outros problemas na escola pública, como a proliferação das *Edtechs* na Educação Básica, a oligopolização do Ensino Superior, os cortes sucessivos de recursos. Não ignorávamos que as negociações passariam pelo Congresso Nacional e lá enfrentariam forças conflitantes, o que vem sendo confirmado pela situação em que se encontra o Ensino Médio nas mãos do relator Mendonça Filho, ex-Ministro da Educação de Temer.

Ao lado do “novo arcabouço fiscal”, o recente governo recriou a SECADI, aprovou a Política Nacional de Educação Digital, consolidou-a em seu desdobramento, no Programa Educação Conectada, em associação direta com a Fundação Lemann e outros Aparelhos Privados de Hegemonia (APHs), possibilitou a existência das Escolas Cívico-Militares nas esferas estaduais e municipais e referendou a alteração da Política Nacional de Educação Especial, decisão tomada em 2020 pelo STF. Cientes desse cenário, seja no que compete ao cerceamento das nossas condições mais objetivas de trabalho e formação, seja nos modos como todas essas medidas reforçam as desigualdades no interior da classe, como as opressões de gênero, raça, sexualidade e o capacitismo, propusemos uma “frente nacional em defesa da escola pública” que organizasse sistematicamente a luta do movimento de educadores, a retomada da Coordenação Nacional das Entidades em Defesa da Educação Pública e Gratuita (CONEDEP) e a realização do IV Encontro Nacional de Educação (ENE), no segundo semestre deste ano.

Exceto o que referimos acima, nada foi revogado. No caso da Educação Básica, tomando o Ensino Médio por base, estão em andamento os Programas de Apoio ao Novo Ensino Médio (ProNem), de Fomento às Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral (EMTI), de Apoio à Implementação da Base Nacional Comum Curricular (ProBNCC), Itinerários Formativos. No âmbito da formação docente, estão em andamento cursos de formação continuada para certificação e o Programa Institucional de Fomento e Indução da Inovação da Formação Inicial Continuada de Professores e Diretores Escolares (PRIL), ambos lastreados na BNCC, o Programa Educação Empreendedora, o Programa Educação Financeira da Escola, entre outros.

No que diz respeito à formação profissional e tecnológica, consta na página do MEC, dentre muitos, o programa eduCA+, Educação Centrada na Aprendizagem para o Mundo 4.0, formação para o Itinerário da Formação Técnica e Profissional (IFPT), Fomento ao Empreendedorismo Inovador, Desenvolvimento de Novos Negócios em Tecnologia da Informação e Comunicação, Reformulação da Política de Certificação Profissional (Re-Saber), Rede Maker, Programa Oficinas 4.0, Projeto Profissionais do Futuro – Competências para a Economia Verde. Para o Ensino Superior aparecem na página, entre outros, o Sistema de Acesso Único, o FIES, o PROUNI, a Plataforma For: eficiência administrativa, o Programa Incluir, o Portal e a Plataforma Carolina Bori e vários ligados à área da saúde.

Do conjunto das ações do MEC podemos derivar três conclusões preliminares: traindo acordos e expectativas dos setores de esquerda, não houve revogação algum; há uma centralidade da dimensão tecnológica na formação de estudantes e profissionais do ensino a despeito as críticas acumuladas pelos sindicatos, movimentos de educadores e pesquisadores; há um superdimensionamento da gestão como estratégia de administração do sistema de ensino que redundava em formas específicas de controle da formação e do

trabalho docente. As duas últimas conclusões são evidências cristalinas das escolhas burguesas que assolam o Governo Lula no que tange à formação da classe trabalhadora no Brasil e merecem nosso olhar apurado. Contudo, nova leva de ilusões vem sendo formulada no rastro da parcial mobilização para o novo Plano Nacional de Educação (PNE) – e aqui fica também clara a divisão das águas políticas e a progressiva suspensão da crítica, seja aos atos do novo governo, seja ao grupo de intelectuais orgânicos burgueses que disputam o seu conteúdo no interior do Aparelho de Estado e fora dele.

A recomposição do Fórum Nacional de Educação, em março de 2023, pelo Ministro da Educação, foi cirúrgica na criação das condições objetivas para o debate acerca do PNE e, conseqüentemente, para a circunscrição das lutas ao campo institucional. O fato de a sua presidência ter sido entregue a Heleno Manoel Gomes de Araújo Filho, presidente da CNTE (Gestão 2017/2021 e 2022/2026), indica o espectro de forças que lhe darão direcionamento. O documento-referência *Conae 2024* tem o subtítulo “Plano Nacional de Educação 2024-2034: Política de Estado para garantir a educação como um direito humano com justiça social e desenvolvimento socioambiental sustentável” e foi discutido entre 28 e 31 de janeiro deste ano, em Brasília. Escusado referir que entre os nós dos sete eixos da CONAE estão o Sistema Nacional de Educação, incluindo o CAQ (Eixo I), o financiamento (Eixo VI) e a formação docente (Eixo V), nós estruturados pela perspectiva ampliada de gestão, inaugurada em nossa terra nos finais da década de 1980 e começo da de 1990 (Eixo IV).

O mantra que percorre o documento-referência assenta-se em palavras-chave comuns à algumas organizações internacionais e à *Teoria da Mudança* desfraldada pelo Centro Lemann, mentor do Todos pela Educação: equidade, desigualdade, justiça social, diversidade, gestão, avaliação, resultados... tudo somado ao desenvolvimento sustentável. Justiça Social, por exemplo, para a UNESCO (2021, p.63) significa remoção de obstáculos ao potencial educacional; inclusão; desenvolvimento de competências essenciais; aprendizagem; segurança de oportunidades; reparação das desigualdades; engajamento docente. Em síntese, fazendo coro com a UNESCO: *justiça epistêmica + cognitiva + reparadora* = bem-estar coletivo pacífico compartilhado em 2050!

Os tópicos sobre os quais discorreremos até o momento oferecem a dimensão do que é discutir e intervir na formulação das políticas educacionais e o modo pelo qual os interesses do capital operam por fora e além da ação do Aparelho de Estado. Mostramos brevemente o entrecruzamento de interesses ligados ao Aparelho de Estado, às organizações internacionais, aos APHs, a intelectuais orgânicos, todos empenhados na manutenção da hegemonia burguesa envernizada pela justiça social e embalada pela sustentabilidade. Tão-somente para exemplificar esta teia de relações econômico-instrumentais, chamamos a atenção para o Decreto n. 11.713, de 26 de setembro de 2023, que instituiu a Estratégia Nacional de Escolas Conectadas (ENEC) na Educação Básica. Participam do projeto os Institutos Península, Natura, Gesto, Reúna e Singularidade; a Fundação Lemann; a Nova Escola; o Grupo Mulheres do Brasil; a Cesar School; o Vetor Brasil; o Ensina Brasil (AMGEM/biofarmacêutica norte-americana); o Social Good Brasil e Fundos dos EUA. Estas organizações se compõem mutuamente, participando de outros APHs e intervindo em outras políticas educativas.

A hegemonia burguesa neoliberal, construída desde a Constituição de 1988, tem entre seus frutos privilegiados a emergência de capitais de ensino, especialmente após a gestão de Haddad no MEC, e com eles a oligopolização do Ensino Superior, hoje atingindo a Educação Básica. É o caso do Grupo Arco Educação, considerado unicórnio, que, a partir de 2006, investe (1) na dominância geográfica; (2) na distribuição diferencial e

combinada de tipos e qualidades de serviços educativos; (3) na abrangência dos produtos (bens e serviços) oferecidos às escolas como sistemas e plataformas de ensino (administração e gestão da empresa-escola; *marketing*, captação e fidelização de famílias; formação de professores e gestores; materiais didáticos e paradidáticos; educação profissional; comunicação; conteúdos, espaços e tempos pedagógicos/todos os aspectos e dimensões da atividade educacional). Embora apareça como empresa familiar, de fato, seus detentores são bancos e fundos cuja intenção explícita é tornar-se o maior monopólio de sistemas privados de educação do mundo e direcionar as grandes tendências de transformação da educação nacional.

Vemos, então, que a política educacional do terceiro Governo Lula se encontra em franco andamento e extrapola as fronteiras do Aparelho de Estado. Os compromissos que assumiu – tanto com setores à direita, quanto à esquerda – estão conduzindo a educação pública para um caminho dominado por formas padronizadas de gestão que vêm promovendo uma espécie de “higienização educativa”, chamada de administração técnica. Essa vasta aliança “pró-educação equitativa e justa” ataca diretamente a escola pública e nela os professores. Estamos vendo ainda mais esvaziada a formação dos profissionais da área, o “apagão de professores” vem sendo televisionado sem que suas causas político-econômicas mais radicais sejam problematizadas. À população, chega que apenas que mais da metade “dos alunos de cursos de licenciatura, destinados à formação docente, abandonaram a universidade”. A concentração de matrículas na educação a distância e nas instituições privadas de ensino deixou de ser dado novo e, ao que parece, nada diferente do que foi proposto pela expansão via Universidade Federal Digital (não arquivada) será apresentado para que esse quadro mude, sobretudo em conjuntura de teto de gastos. A banalidade e a promiscuidade dessas fusões são tão evidentes que até o MEC previu cobrar taxa de faculdades particulares para financiar o trabalho do novo órgão planejado pela pasta para fiscalizar o ensino superior privado.

Vimos, com isso, reforçadas a estandardização do trabalho docente e sua progressiva substituição por contratados sem formação e sem concurso público; a expropriação de nossos conhecimentos por vias indébitas; a realocação de partes de nossas atividades em formas de serviços e tecnologias digitais. Em curtas palavras, é com a subsunção do trabalho docente – e sua formação – às demandas do capital que seguimos lidando. A adesão de intelectuais e organizações acadêmicas, sindicais e partidárias a este ideário e ao governo atual acende nossas lanternas! Não podemos, de nenhuma forma, suspender a análise crítica radical às políticas lulistas nem deixar de fazer dessa análise direção para nossa ação política. Estamos em presença de um projeto de hegemonia burguesa justificado, não poucas vezes, por seu caráter civilizatório. Entretanto, encobertos pelas ferramentas técnicas da gestão e da tecnologia, dormita o projeto histórico burguês de controle e docilização da classe trabalhadora, para o qual o domínio da formação e do trabalho docente é vital.

TR – 68

O 42º CONGRESSO DELIBERA QUE O ANDES-SN:

1. Lute contra a criação de "agência reguladora" do ensino superior, seja em esfera pública ou privada;
2. Articule a criação de uma frente nacional em defesa da escola pública, enquanto unidade de ação política, pela revogação de programas, leis, decretos, resoluções

relacionadas especialmente ao Novo Ensino Médio, à Formação Docente (BNC Formação), à BNCC, à militarização das escolas;

3. Realize atividades, inclusive no âmbito das Secretarias Regionais, para a reativação da Coordenação Nacional em Defesa da Escola Pública (CONEDEP);
4. Realize o IV Encontro Nacional de Educação (ENE) no segundo semestre de 2024;
5. Lute pelo arquivamento do Reuni Digital e pela formação docente pública e presencial;
6. Lute pela valorização do trabalho docente em todos os níveis, em defesa de sua insubstituível relevância social para a educação no país, o que inclui formação, salário, carreira e liberdade acadêmica.
7. Denuncie largamente as consequências deletérias para a formação acadêmica e para o trabalho docente da ampliação de carga horária EaD nos cursos presenciais, autorizada pela Portaria n. 2.117/2019.
8. Realize um balanço da participação do Andes-SN como observador no Fórum Nacional Popular de Educação, tendo como parâmetro o método de construção da proposta de Plano Nacional de Educação da sociedade brasileira, o acúmulo do Andes-SN e nossos compromissos firmados na luta pela educação pública.
9. Inicie uma política de avaliação da proposta aprovada pela Conae 2024 e, com isso, sistematize e apresente a posição política deste sindicato quanto à Conferência.

TEXTO 69

Contribuição dos(as) sindicalizados(as) Adriano Severo Figueiró (SEDUFMS); Albany Mendonça (APUR.); Aloízio Soares (ASPUV); Ana Lucia B. Faria (SINDCEFET/MG); Angela M. Soares Ferreira (ASPUV); Angelica Lovatto (ADUNESP); Angelo Antonio Abrantes (ADUNESP); Antônio Cláudio M. Costa (ADUFU); Antônio Luis de Andrade – Tato (ADUNESP); Antônio José Mahye (ADUR-RJ); Célia Otranto (ADUR-RJ); Dayse dos Santos (ADUNESP); Fábria Heluy Caram (SINDCEFET/MG); Fabiane Costas (SEDUFMS); Fábio Ocada (ADUNESP); Francisco Vitória (ADUFPE); Gabriel Muñoz (ADUFU); Igor Morici (SINDCEFET/MG); Janete Luzia Leite (ADUFRJ); José Domingues G. Filho (ADUFMAT); Juliana de Segadas Vianna (ADUR-RJ); Luís Mauro Magalhães (ADUR-RJ); Milton Vieira do Prado Júnior (ADUNESP); Monica Pirozi (ASPUV); Oneize Amoras de Araújo (ADUFS); Rosimê Meguins (ADUFPA); Samuel França Alves (SINDCEFET/MG); Sueli Guadalupe (ADUNESP); Zenilde Moreira (ADUFERPE).

POR UM ENSINO PÚBLICO, GRATUITO E UNIVERSAL EM TODOS OS NÍVEIS – POR QUE ABANDONAMOS A BANDEIRA DA UNIVERSALIZAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS?

TEXTO DE APOIO

A ANDES nasceu no bojo da luta contra a ditadura militar, sendo fundada com a perspectiva da classe trabalhadora. Mesmo antes de se constituir como Sindicato, em seu I CONGRESSO, em FLORIANÓPOLIS, de 01 a 05/02/82, já defendia que:

A tarefa dos docentes nesta conjuntura compreende: a unificação interna do movimento e a unidade com todo o conjunto da classe trabalhadora na luta pelo ensino público, gratuito e UNIVERSAL EM TODOS OS NÍVEIS, a luta pela ampliação das dotações governamentais diretas para o ensino e sua aplicação na expansão da rede pública;

finalmente, a luta pela estabilidade do emprego e por condições de salário e trabalho adequados ao esforço de melhoria da qualidade do ensino. (destaque nosso em caixa alta)

No entendimento da base docente, para uma entidade classista, a luta para uma mudança efetiva na Educação deveria ser pela universalidade em todos os níveis, da educação infantil à pós-graduação, garantindo o fim de privilégios e da exclusão dos filhos dos trabalhadores, com um ensino público, gratuito e de qualidade. Estas bandeiras fazem sentido, se entendida a Educação como um processo completo e contínuo, e não por suas partes e/ou níveis de ensino. De acordo com as deliberações do Sindicato, a universalidade em todos os níveis deveria ser uma das consignas essenciais da classe trabalhadora para a Educação. E com este entendimento, foi defendida e mantida nos anos subsequentes.

No Preâmbulo do Estatuto, na fundação do ANDES-SN (RELATÓRIO FINAL II CONGRESSO EXTRAORDINÁRIO Rio de Janeiro, 25 a 27/11/88), lê-se que:

Este processo de privatização e deterioração do ensino na rede particular é acompanhado ainda de um progressivo e acelerado descompromisso da política oficial na dotação orçamentária da rede pública. Descompromisso que se revela na prática por uma regressão da participação pública na oferta global de matrículas no ensino superior no país. A UNIVERSALIZAÇÃO SOCIAL DA GRATUIDADE tem se demonstrado condição básica para a constituição de um sistema educacional não elitizante e discriminatório. (destaque nosso em caixa alta)

No difícil debate sobre a LDB (RELATÓRIO DO 8º CONGRESSO São Paulo, 14 a 18 de fevereiro de 1989 DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL Anteprojeto (parcial) elaborado como contribuição preliminar para a discussão, o ANDES defendeu que:

Art. 2º - A Educação Escolar é um direito fundamental, UNIVERSAL e inalienável. Todos devem ter oportunidades iguais de acesso à Educação Escolar e a seus frutos, entendidos como: o desenvolvimento pleno da personalidade humana, a aquisição de aptidões para o trabalho e a formação de uma consciência social crítica, visando à construção de uma sociedade igualitária e justa. (destaque nosso em caixa alta)

Nos anos 1990, a UNIVERSALIZAÇÃO EM TODOS OS NÍVEIS, de uma educação pública, gratuita, de qualidade e laica continuou a ser reafirmada nas resoluções congressuais, como uma bandeira fundamental para a classe trabalhadora. No entanto, a partir do primeiro quinquênio dos anos 2000, esta bandeira passou a ser requalificada, passou a constituir uma polémica, ficou cada vez mais distante das deliberações, até o momento atual, em que nem citada mais é, em nossos fóruns e documentos.

Em 2003, o 22º Congresso já trouxe, em suas resoluções, uma antinomia entre universalização e focalização intraclasses de políticas públicas (que se ... *explicita, no contexto das políticas públicas, a discussão sobre a universalização e as ações de focalização*); uma dicotomia que não foi aprofundada e nem explicitada nos debates posteriores.

No 24º Congresso, em 2005, passou-se a formular a antinomia focalização x universalização como uma fazendo parte da outra, já ressignificada como “políticas universalistas”: ***Lutar por políticas afirmativas, como parte de políticas universalistas, de acesso à educação em seus diferentes níveis e modalidades, com garantia de permanência, bem como o acesso à pesquisa, ao mercado de trabalho e à mídia.***

Nos primeiros anos da década de 2010, a luta por uma educação UNIVERSAL PARA TODOS OS NÍVEIS DE ENSINO foi mencionada pontualmente, algumas vezes ainda como reafirmação de resoluções anteriores. Mas a partir de 2014 praticamente desapareceu dos debates e resoluções do Sindicato.

É interessante mostrar o que aparece nas resoluções do 38º Congresso, em que foi derrotada a tentativa de se aprovar um texto que incluía a UNIVERSALIZAÇÃO EM TODOS OS NÍVEIS e buscava trazer o debate de toda a Educação, para os fóruns do ANDES-SN, como segue:

Proposta (**não aprovada no Plenário**) de novo item, TR 6, aprovada no grupo 7 (votação no Grupo: 24 a favor/0 contra/1 abstenção): *"O ANDES-SN deve resgatar o acúmulo e a sua contribuição para os setores da educação que vão além do ensino superior e que estão evidentemente imbricados. O sindicato voltará a abordar e aprofundar o debate, junto à sua base, bem como encaminhar propostas sobre todo o conjunto de políticas educacionais, incluindo o ensino fundamental e médio. As bandeiras a universalização, de uma educação pública, gratuita, laica e de qualidade em todos os níveis deverão ser trabalhadas em todos os espaços do sindicato. A educação em todos os níveis, além do ensino superior será pauta de debate e aprofundamento pelo GTPE, com encaminhamentos que sejam capilarizados na base docentes e que não se restrinjam a transferir este debate para os fóruns mais amplos de educação".*

A partir daí, os relatórios dos Congressos seguintes não mencionam mais o tema.

A Educação em todos os níveis, vista de maneira integrada e indissociável saiu da pauta e dos debates. A elucidação e discussão sobre os efeitos da antinomia universalização x focalização intraclasse de políticas públicas nunca foram enfrentadas. A exclusão do termo UNIVERSALIZAÇÃO EM TODOS OS NÍVEIS DA EDUCAÇÃO de nossa pauta de lutas não foi explicitada e nem debatida com a profundidade necessária.

Também parece que o debate permanente sobre todos os níveis de ensino ainda não foi percebido pelo sindicato como necessário e fundamental para se discutir inclusão e permanência; e de como os diferentes níveis estão imbricados. Além de focar (e precedendo) o ensino superior, é preciso aprofundar a discussão sobre como operam as forças do capital e os mecanismos de exclusão da classe trabalhadora nos demais níveis de ensino. Como exemplo, temos a Reforma do Ensino Médio já repercutindo negativamente na educação superior, em especial nos cursos de licenciatura, e o protagonismo do debate sendo assumido pelos empresários do ensino.

Esse protagonismo precisa ser reassumido pelo GTPE, pelos demais fóruns do Sindicato e voltar a ser uma bandeira de luta do Andes-Sn.

TR - 69

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o ANDES-SN promova um seminário, em 2024, com o tema: Políticas Universais x Políticas Focais intraclasse – o significado e as consequências para a Classe Trabalhadora.
2. O ANDES-SN deve resgatar o acúmulo e a sua contribuição para os setores da educação que vão além do ensino superior e que estão evidentemente imbricados. O sindicato voltará a abordar e aprofundar o debate, junto à sua base, bem como encaminhar propostas sobre todo o conjunto de políticas educacionais, incluindo a educação infantil, o ensino fundamental e médio. As bandeiras da universalização, de uma educação

pública, gratuita, laica e de qualidade em todos os níveis deverão ser discutidas e trabalhadas em todos os espaços do sindicato. A educação em todos os níveis, além do ensino superior será pauta nos debates e o conteúdo aprofundado pelo GTPE, com encaminhamentos que possam ser capilarizados na base docente. O ANDES-SN não pode ficar restrito à transferência deste debate para os fóruns mais amplos de educação. Precisa reassumir esse protagonismo histórico.

TEXTO 70

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s Ailton Cotrim Prates (ADUFAL), Alberto Handfas (ADUNIFESP), Alexandre Curtiss (ADUFES), Amália Catharina Santos Cruz (AdUNEB), Ana Lúcia Pereira (ADUNIFESP), Andréa Emilia Marques Stingenhen (APUFPR), Andrea Sampaio (ADUR), Antônio Joaquim Rodrigues (ADUFPB), Arlen Beltrão (APUR), Ascísio Pereira (SEDUFMS), Azamor Cirne de Azevedo Filho (ADUFPB), Benedito Gomes dos Santos Filho (ADUFRA), Benerval Santos (ADUFU), Belkis Souza Bandeira (SEDUFMS), Cássia Hack (Sindufap), Celi Nelza Zulke Taffarel (APUB/BA), Célia Rocha Calvo (ADUFU), Cláudio Eduardo Félix dos Santos (ADUSB), Clovis Piáu (AdUNEB), David Romão (APUR), Dimas Neves (ADUNEMAT), Domingos Sávio da Cunha Garcia (ADUNEMAT), Edilene Toledo (ADUNIFESP), Eduardo Jorge Souza da Silva (AdUFERPE), Elaine Lourenço (ADUNIFESP), Eleonora Ziller (ADUFRJ), Eliene Novaes Rocha (ADUnB), Elisa Guaraná de Castro (ADUR), Erika Suruagy (AdUFERPE), Everaldo de Oliveira Andrade (Adusp), Eunice Lea de Moraes (ADUFPA), Fábio Venturini (ADUNIFESP), Fernando José de Paula Cunha (ADUPB), Flávio Dantas Albuquerque Melo (ADUFAL), Frederico Costa (SINDUECE), Gabriel Gualhanone Nemirovsky (ADUFMS), Geverson Grzeszczeszyn (ADUNICENTRO), Giovane Mota (ADUFPA), Iraíldes Correia (ADUFAL), Isabelle Meunier (AdUFERPE), Janne Freitas (Adupe), Jader Muniz (ADUFAC), Jailton Lira (ADUFAL), Jocimar Lomba Albanex (ADUEMS), John Kennedy Ferreira (APRUMA), José Arlen Beltrão (APUR), José Eudes Baima Bezerra (SINDUECE), José Eugenio de Jesus Cardoso Graúdo (ApesJF), José Tarcísio de Lima (ADUFLA), Juanito Vieira (ApesJF), Julio Cezar Zorzenon da Costa (ADUNIFESP), Lenúcia Moura (SINDUECE), Leonardo da Rocha Botega (SEDUFMS), Liane de Souza Weber (SEDUFMS), Lilian Fatima Barnisa Marinho (AdUNEB) Lisleandra Machado (ApesJF), Lenucia Moura (SINDUECE), Letícia Squeff (ADUNIFESP), Lucas Mendes Ferreira (APESJF), Lucila Pesce (ADUNIFESP), Luigi Biondi (ADUNIFESP), Luis Antonio Pasquetti (ADUnB), Luiz do Nascimento Carvalho (ADCAC/AD), Luiz Felipe Silva (ADUNIFEI), Magno Almeida Pinheiro (ADUFMS), Márcia Morschbacher (SEDUFMS), Maria Caramex Carlotto (ADUFABC), Maria do Rosário Barbato (APUBH), Maria Jaqueline de Grammont (ADUFSJ), Maria Onete Lopes Ferreira (Aduff), Marina de Gusmão Mendonça (ADUNIFESP), Mariuza Aparecida Camillo Guimaraes (ADUFMS), Marize Carvalho (APUB/BA), Marlene Menezes (ADUFMAT), Martin-Léon-Jacques Ibáñez de Novion (ADUnB), Mayra Goulart da Silva (ADUFRJ), Melina Silva Alves (ADUPB), Michel Costa (ADUERN), Nicole Louise Macedo Teles de Pontes (AdUFERPE), Nides Raimunda Pitombo Leite (ADUNIFESP), Noêmia Moura (ADUFDOURADOS), Paulo José Riela Tranzilo (ADUFS), Pedro Silva (SINDUECE), Pere Petit (ADUFPA), Rogério Añez (ADUNEMAT), Sandra Lira (ADUFAL), Sarah Muck Vieira (ApesJF), Serginei Liberato (ADUFERPE), Silma do Carmo Nunes (ADUFU), Sonia Tomasoni (AdUNEB), Silvina Liliana Carrizo (ApesJF), Sylvia Helena Souza da Silva Batista (ADUNIFESP), Tarcísio Augusto Alves da Silva (ADUFERPE), Teresinha Weiller (SEDUFMS), Tiago Fávero de Oliveira (ApesJF).

A CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO 2024-2034

TEXTO DE APOIO

O golpe orquestrado por setores do Governo e do Parlamento nacional, que atendeu aos interesses internacionais, culminou no impedimento da presidente Dilma Rousseff, em 2016, e consequente Ascensão do vice, Michel Temer, à presidência da República, o Fórum Nacional de Educação passou por um processo de desmonte na sua constituição,

privilegiando organizações da iniciativa privada e excluindo os movimentos sociais, populares e científicos. Em resposta, aqueles movimentos entenderam que o Fórum deveria representar a educação cidadã preconizada pela Constituição Federal - para todos, pública, gratuita, laica e de qualidade social - e se retiraram da composição.

Entretanto, o Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024) precisava ser efetivado, acompanhado e avaliado sistematicamente, conforme previsão na Lei 13.005/2014, para este fim a sociedade civil, excluída do espaço institucional, se organizou e criou o Fórum Nacional Popular de Educação (FNPE), em 2017. O FNPE envidou esforços para garantir a continuidade do debate amplo e democrático acerca da educação, realizando em 2018 a Conferência Nacional Popular de Educação (CONAPE), em Belo Horizonte.

Mantido o procedimento antidemocrático com a eleição de Bolsonaro, que recrudescu ainda mais a ausência de diálogo, ampliando a imposição de uma política excludente, discriminatória, racista, machista, misógina, homofóbica, baseada no fundamentalismo religioso, o FNPE ampliou a sua base e promoveu encontros e debates permanentes nos espaços sociais e educacionais.

Em 2020, mais uma vez, as organizações sociais e populares, lideradas pelo FNPE, realizaram conferências municipais, intermunicipais, estaduais e nacional. Em 2022, a Conferência Nacional Popular de Educação (CONAPE) aconteceu em Natal/RN e teve ampla participação, oferecendo para a sociedade um projeto de educação voltada para a formação crítica, com base em conhecimentos científicos, com vistas a transformação da sociedade.

Com a eleição de Lula em 2022, após o sombrio período golpista, acendeu-se a luz da esperança de retomada de um projeto de educação soberano, democrático e popular. A organização do Fórum Nacional de Educação foi retomada com representações do campo social, popular e científico e durante o ano de 2023 foram realizadas as conferências municipais, intermunicipais e estaduais, com a convocação de uma Conferência Nacional de Educação Extraordinária para os dias 28, 29 e 30 de janeiro de 2024.

A eleição e posse de Lula em 2023 trouxe um novo alento, mas isto não significou uma imediata retomada do projeto democrático e popular. A ascensão da extrema direita ao governo do país deixou graves sequelas. Promoveu um levante de ideias nazifascistas que já se pensava superadas com os movimentos pós segunda guerra mundial, mas que ressurgiram com muita força evidenciando que não bastava eleger um governo de esquerda, sobretudo, quando o Parlamento eleito tem ampla maioria entre defensores de ideias conservadoras e fundamentalistas centradas na oligarquia eurocêntrica, machista, eugenista, homofóbica e comprometida com os interesses de setores internacionais embora de se diga nacionalista.

Nesta conjuntura de disputa de projeto de sociedade e de educação, entendemos e defendemos a realização das conferências de educação desde a sua primeira versão em 2010, e assim nos mantivemos quando o governo golpista tentou de todas as formas implementar um projeto dual de educação, educação para a elite e educação para a classe trabalhadora, que amplia a desigualdade social entre as classes sociais, como ficou evidente na Reforma do Ensino Médio do governo Temer, por meio da Lei nº 13.415/2017.

Desde o golpe de 2016 e a necessidade de criação do Fórum Nacional Popular de Educação, temos trazido para as instâncias de decisão do ANDES a necessidade de participação de nosso sindicato nacional no FNPE. Entretanto, há uma grande resistência

das forças que compõem a atual direção em fazê-lo, sob diversas argumentações, que entendemos não se fazem necessárias neste texto.

No 41º Congresso do ANDES SN, realizado em Rio Branco/Acre em 2023, conseguimos aprovar uma resolução congressual em que o ANDES-SN participaria do Fórum Nacional de Educação como convidado. Infelizmente, esta participação não se deu de forma preponderante, não houve mobilização para participação nas conferências locais e na conferência nacional, exceto, por iniciativa das ADs que entenderam que o projeto de educação, que defendemos, deve ser defendido em todos os espaços, pois será a partir de nossas vozes que faremos chegar aos mais longínquos lugares as nossas ideias de educação pública, gratuita, laica e socialmente referenciada. Acreditamos que essa defesa nunca foi tão necessária quanto às vésperas da aprovação do Plano Nacional de Educação 2024-2034.

Com base no exposto e considerando a necessidade de formulação das políticas públicas, que visem a redução da desigualdade social e que promovam o desenvolvimento social e econômico do país, apontamos que é necessário lutar de forma efetiva pela revogação da Revogação da Lei nº 13.415/2017, que definiu o denominado “Novo Ensino Médio”; pela revogação da Resolução CNE/CP nº 2/2017, que aprovou a Base Nacional Comum Curricular e suas consequências nefastas em todas etapas e modalidades da Educação Básica (BNCC da Educação Infantil ao Ensino Médio) e na formação inicial e continuada de professores (BNC da formação de professores da Educação Básica); pela imediata recomposição do Conselho Nacional de Educação (CNE) com a inclusão dos movimentos sociais, populares e científicos e a retirada dos representantes dos setores privados (sistemas de ensino, ONGs e fundações), que respondem ao capital nacional e internacional e que vêm impondo a lógica empresarial privatista como política pública para educação brasileira; fazer valer de verdade o Piso Salarial Nacional da Educação Básica, sem distorção de carreiras, bem como a definição de um piso nacional salarial para a educação superior.

Entre tantas demandas em defesa da educação brasileira que serão travadas com o Congresso Nacional para a garantia de um Plano Nacional de Educação democrático e popular para o próximo decênio, entendemos que o Fórum Nacional de Educação é um dos espaços por excelência para as lutas que se apresentam como emergentes na atual conjuntura.

TR – 70

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Imediata incorporação do ANDES SN ao Fórum Nacional de Educação.

TEXTO 71

Contribuição dos sindicalizados: Adilson Aquino Silveira Júnior (ADUFEPE), Alessandro Teixeira Nóbrega (ADUERN), Evaristo Colmán Duarte (SINDIPROL/ADUDEL), Fernando César Paulino Pereira (ADCAC), Gisele Cardoso Costa (ADUA), Maria das Graças de Araújo (ADUNIR), Raphael Góes Furtado (ADUFES), Soraia de Carvalho (ADUFEPE), Valdir Anhucci (SINDUNESPAR) e Valdeci Luiz Fontoura dos Santos (ADUFMS - Três Lagoas).

ELEITORALISMO E GOVERNISMO SÃO OS MAIORES OBSTÁCULOS À LUTA PELA REVOGAÇÃO DO NOVO ENSINO MÉDIO E CONTRA OS CORTES NA EDUCAÇÃO

Romper com a canalização das lutas para o terreno institucional. Enfrentar a crise da educação com os métodos da ação direta e o programa da estatização da rede privada e criação de um único sistema de ensino público, gratuito, laico, vinculado à produção social e sob o controle dos que estudam e trabalham

TEXTO DE APOIO

Introdução

O primeiro ano do governo burguês de Lula/Alckmin foi de continuidade aos ataques à educação pública, avanço da privatização e subordinação aos planos do capital financeiro. É preciso chamar as coisas pelo nome. Não foi uma “contradição” ou um “limite” do governo, conforme caracteriza a diretoria do ANDES-SN, trata-se de uma trajetória coerente de um governo burguês de frente ampla, encabeçado por um partido, o PT, que já demonstrou em mandatos anteriores seus compromissos com o capital financeiro, o que se reflete na política educacional. A falsa surpresa com os rumos de continuidade do governo serve apenas para acobertar a capitulação ao governismo e o papel das direções sindicais, inclusive a do ANDES-SN, em alimentar ilusões em conquistas junto ao governo. Não se trata de ingenuidade, mas sim de uma máscara para a política dos partidos que dirigem o sindicato, com destaque para o PSOL, que integram o governo, junto com vários politiquinhos de direita que sustentaram o golpe de 2016 e os governos Temer e Bolsonaro. Essa caracterização ajuda a compreender, também, porque as lutas pela revogação do Novo Ensino Médio (NEM), que chegaram a ganhar as ruas no primeiro quadrimestre de 2023, foram completamente desmontadas na sequência. Mais do que isso, uma caracterização precisa do governo e dos entraves postos pelo governismo no meio sindical servem de alerta para evitar as armadilhas que estarão postas no direcionamento das energias do movimento para o terreno institucional e parlamentar, tendo as disputas em torno do novo Plano Nacional de Educação como um cenário para essa canalização e neutralização das lutas nas ruas, com independência de classe.

Os elementos conjunturais que envolvem a crise da Educação Básica e do Ensino Superior, no Brasil, só podem ser compreendidos, efetivamente, em unidade com a análise sobre os rumos do capitalismo em sua fase imperialista e o papel do Brasil na divisão internacional do trabalho. O Brasil se constitui como um país de economia

combinada, cujo papel na economia mundial é prioritariamente de exportador de matérias primas. O grau de industrialização alcançado não é capaz de reverter essa característica, e, ano após ano, esse setor perde peso na economia nacional, conforme se vê no fechamento de fábricas. A voracidade imperialista na busca por minérios para suprir a chamada indústria 4.0 e a mercantilização e desnacionalização dos territórios e serviços sociais acentua a ofensiva de desregulamentação das relações trabalhistas e amplia o abismo entre o trabalho e o conhecimento escolar e científico. Essa raiz econômica determina que, do ponto de vista da burguesia, não se exige de grande parte da força de trabalho sequer os requisitos mínimos de instrução e escolarização, como a alfabetização plena e domínio das quatro operações matemáticas. Está mais do que comprovado que a burguesia no Brasil é incapaz de resolver tarefas democráticas mínimas, tais como a erradicação do analfabetismo, o acesso e a permanência universal, mesmo em nível de Educação Básica. Não é obra do acaso que, se somados, o analfabetismo funcional e o analfabetismo absoluto atingem juntos 36% da força de trabalho no Brasil, ou em números absolutos 41 milhões de trabalhadores.

Portanto, a dinâmica ininterrupta de destruição da Educação brasileira está intimamente ligada às respostas burguesas à crise econômica, com escalada da Guerra Comercial entre EUA e China e avanço das tendências bélicas, com guerras na África, no Leste Europeu, tensões militares na Ásia e na América Latina, bem como um acelerado transcurso de decomposição social, política, econômica e ambiental. É a partir da compreensão desse quadro que caracterizamos os diversos ataques que os governos estaduais e o Governo Lula-Alckmin fazem contra a Educação no Brasil.

Lutar para valer pela revogação integral do NEM

Proposto no Governo Dilma, aprovado no Governo Temer, implementado no Governo Bolsonaro e mantido pelo Governo Lula-Alckmin, o NEM é a correspondência mais direta entre a retirada de direitos trabalhistas e a construção de uma Educação precária. Afinal, na medida em que o desemprego e o subemprego galopam livremente, a burguesia e seus governos lacaios tentam esvaziar a escola dos conteúdos científicos para em seu lugar inculcar entre os jovens a ideologia do “empreendedor de si mesmo”. Essa ideologia é necessária para mascarar os inúmeros trabalhos degradantes que se espalham no país, tais como entregadores e motoristas de aplicativos, vendedores ambulantes, garimpeiros, trabalhadores contratados via CNPJ, etc. Se depender dos planos da burguesia, parte significativa da juventude, principalmente não-brancas (indígena e negra), nem mesmo chegará à vida adulta, será exterminada nas disputas entre facções da burguesia narcotraficante, miliciana e pela violência policial. Para os que conseguirem ser operários industriais, a incorporação da tecnologia na indústria, além de expulsar força de trabalho, também separa mais radicalmente as forças intelectuais da produção em relação à força de trabalho. Aprofunda-se a separação entre teoria e prática. O NEM é o tipo de formação destinada ao trabalhador precário e desprotegido, esmagado pelos efeitos da reforma trabalhista, previdenciária e da lei da terceirização.

Nada se salva na proposta do NEM. A promessa de tornar a escola mais atrativa não tem amparo na realidade. Os itinerários correspondem a um esvaziamento de conteúdo das disciplinas. A escolha é uma farsa. O Ensino em Tempo Integral é torturante para os que permanecem, voltados ao disciplinamento ou à obtenção de melhores resultados nos rankings de avaliação escolar. Ao mesmo tempo, o jovem trabalhador é expulso da escola por não conseguir conciliar os estudos com sua jornada extenuante de trabalho. Para os

professores, exige-se dar aulas que nada têm a ver com sua formação. Formação esta, em grande medida, já precarizada, realizada majoritariamente a distância.

O governo burguês de Frente Ampla de Lula/Alckmin encontra-se comprometido até a medula com os propósitos do NEM. No entanto, seus ataques vão além da manutenção dessa medida. Desde que o governo burguês de Frente Ampla assumiu o poder, o Ministério da Educação (MEC) sofreu um corte de R\$ 564 milhões, sendo que mais de 70% dos cortes de recursos foram no Nível Básico, incluindo áreas importantes para a alfabetização de crianças e transporte escolar. Da mesma forma, o governo dá continuidade à política privatista. O avanço da mercantilização da Educação Básica tem suas particularidades, uma vez que a pobreza da imensa maioria das crianças e adolescentes inviabiliza a via da cobrança de mensalidades, levando as corporações a acoosarem a rede pública em busca de negócios em torno da oferta de apostilas, plataformas e sistemas de gestão. Sob a pandemia, aprofundou-se o avanço do ensino a distância, abrindo mercados para as grandes empresas de tecnologia. Os acordos do governo Lula/Alckmin com o grupo Lemann fazem com que as corporações que mercantilizam e parasitam a Educação abocanhem fatias enormes do orçamento e comandem as decisões do Estado em relação à “conectividade” dos estudantes. O discurso democratizante já mal encobre o privatismo e estímulo ao EaD.

Balanco das lutas em defesa da educação pública e pela revogação do NEM

O acesso à educação pública, gratuita, laica e vinculada à produção social constitui uma reivindicação da classe operária desde seus primeiros passos como classe consciente de seus próprios interesses e constitui parte da luta pela preservação da vida da juventude, pelo desenvolvimento das forças produtivas e de todas as potencialidades humanas.

Ao longo da história do Brasil, a luta em defesa da Educação nunca conseguiu se dar sob a direção da classe operária, sendo conduzida por setores das classes médias, cuja expectativa se dava em torno do convencimento de alas progressistas da burguesia para promover a modernização e expansão da rede de ensino. A construção de um outro projeto de educação, que seja parte de um projeto de sociedade antagônico ao da burguesia, ainda é uma tarefa a ser enfrentada pelas classes dominadas. Mesmo sem empunhar tal projeto de forma consciente, a juventude se revolta e se levanta contra a destruição da escola pública, a exemplo da onda de ocupações em São Paulo (2015) e no país (2016). As ocupações de 2016, contra a reforma do Ensino Médio, PEC do Teto dos Gastos e o projeto Escola Sem Partido impulsionaram as ocupações e greves nos institutos federais e universidades. Na sequência, o descontentamento das massas estudantis com as medidas do governo foi direcionado ao terreno institucional, é exemplar o chamado da UBES a “ocupar as urnas”. O movimento sindical trilhou o mesmo caminho, com a tática de “sangrar” o governo com finalidades eleitoreiras, no fim das contas, quem pagou com seu sangue foram os explorados e os governos extremamente impopulares de Temer e Bolsonaro conseguiram concluir seus mandatos, deixando um rastro de mortes, destruição de empregos e direitos. A implementação do NEM se deu sem que o movimento sindical coordenasse a luta contra sua implementação. Todas as energias foram direcionadas ao objetivo de eleger Lula. Os comitês e ações nos locais de estudo e moradia, nunca erguidos para defender os direitos, se multiplicaram sob o impulso eleitoreiro.

A posse do novo Ministro da Educação, Camilo Santana, em 01 de janeiro de 2023, evidenciou a relação das entidades estudantis com o Estado, o broche de ministro foi afixado na lapela do paletó de Camilo Santana pelas presidentas da União Nacional dos

Estudantes (UNE) e UBES e o ANDES-SN estava presente na solenidade. Simbologias a parte, o novo governo se comprometeu a dar continuidade à implementação do NEM. Em resposta, a UBES convocou, no dia 15 de Março de 2023, um primeiro dia nacional de lutas pela revogação e um Segundo Dia Nacional pela Revogação do NEM e por Paz nas Escolas para o dia 19 de abril. A Confederação Nacional de Trabalhadores da Educação (CNTE) aprovou o dia 26 de abril como dia de Greve Nacional da Educação pela aplicação do reajuste do piso salarial inicial e na carreira para os/as profissionais da educação e pela revogação do NEM. Sob pressão, o Ministro da Educação anunciou a suspensão por 60 dias do cronograma de implementação do NEM e informou que realizaria uma consulta pública. A atuação da comunidade universitária e suas entidades representativas foi inexpressiva.

Na sequência, a UBES não convocou mais atos de rua, e privilegiou os espaços institucionais. No dia 26 de Maio, o MEC realizou o 1º Encontro Nacional dos Estudantes, com a participação de 150 jovens de todos os estados da federação. Desde então, a UBES tem defendido a "construção da Conferência Nacional de Educação, a CONAE, para a criação de uma nova Lei pro Ensino Médio brasileiro e a construção do Novo Plano Nacional de Educação". A diretoria do ANDES-SN tem se apresentado, em seus materiais de propaganda como "um dos pilares da resistência" contra o NEM, porém, quando vemos as ações impulsionadas, tratam-se de atos, em geral de diretores sindicais, em Brasília, e lives. Métodos completamente alheios às reais necessidades de mobilização por meio de comitês e assembleias, envolvendo as comunidades escolares e universitárias. A ausência da luta com os métodos da ação direta permitiu a implementação do NEM e tem permitido que o governo e o Congresso Nacional consolidem esse ataque, preservando os fundamentos e diretrizes do NEM. O ódio de estudantes professores ao NEM não tem encontrado as vias para se potencializar, pois a fragmentação das lutas e canalização para o terreno institucional são as formas como as direções sindicais e estudantis colaboram com o governo, mesmo que mantenham a crítica ao NEM e outras medidas.

A paralisia é ainda mais evidente diante da manutenção do orçamento estrangulado e dos cortes na educação promovidos pelo novo governo. Na UFC, estudantes que protestaram contra os cortes na presença do Ministro da Educação Camilo Santana, na posse do novo reitor, foram vaiados e chamados de "fascistas" pelos governistas.

Resposta proletária à crise da Educação

Para derrubar o NEM e os cortes orçamentários é urgente constituir os comitês de lutas que envolvam toda a comunidade nas escolas, universidades e institutos federais. A luta pela revogação do NEM, contra os cortes na Educação Básica e Ensino Superior deve ocorrer em unidade com a defesa do fim do EaD e expropriação de todas as empresas que exploram esse lucrativo negócio. A luta contra a mercantilização da Educação Básica é parte do combate à privatização do ensino em todos os níveis. A Frente Única Andes-SN Classista (integrada pela Corrente Proletária na Educação-CPE/POR e Aliança Revolucionária dos Trabalhadores-ART) defende a estatização, sem indenização da rede privada de ensino e constituição de um sistema único, público, gratuito e sob o controle dos que estudam e trabalham. Nem os militares, nem as igrejas, nem as ONGs, nem os capitalistas e seu Estado devem controlar a educação. Seus rumos devem ser definidos pelos que fazem parte do processo: comunidade escolar e comunidade universitária, por meio de um governo tripartite de estudantes, técnico-administrativos e professores, com base nas assembleias escolares e universitárias, com voto universal.

A defesa da vinculação da escola com a produção social implica na defesa de que todo jovem possa estudar e trabalhar, com jornada compatível com os estudos e remuneração de acordo com suas necessidades. Há uma imensa parcela da juventude que nem estuda e nem trabalha. A destruição de forças produtivas se encarna na destruição física e mental dos jovens.

Certamente essas bandeiras que respondem aos problemas do Ensino Médio se chocam com a propriedade privada dos meios de produção, somente com a socialização será possível colocar a riqueza produzida pela humanidade a serviço do desenvolvimento de todas as potencialidades humanas. Essas bandeiras se confrontam com o capital financeiro e a opressão do imperialismo sobre a nação semicolonial, o que se manifesta com suas receitas de "austeridade", favorecimento ao parasitismo da dívida pública e às corporações monopolistas de educação e tecnologia.

É necessário construir as oposições sindicais e estudantis nas entidades da educação. Toda ilusão de que reformas progressivas são possíveis torna-se um fator a mais para retardar a conquista da independência de classe por parte da classe operária e demais explorados. Desvia as massas de seus instintos de revolta e de seus métodos próprios, com greves, paralisações e ocupações, para o terreno do Estado burguês. Uma nova educação só pode ser fruto de uma nova sociedade. Dependerá de uma revolução social.

Rejeitar as armadilhas da canalização das lutas para o Plano Nacional de Educação

O PNE em vigor (Lei nº 13.005/2014) chega ao seu fim em 2024. Essa modalidade de plano foi prevista na Constituição de 1988 e regulamentada na LDB de 1996. Em 1997, o Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública promoveu o II Congresso Nacional da Educação (CONED), com a participação da CUT, MST, Andes, CNTE e outros sindicatos da área da educação, entidades estudantis, prefeituras e instituições de ensino. Nesse congresso, aprovou-se o chamado “PNE da sociedade brasileira” com um programa de reformas educacionais, baseado na premissa de que bastaria cumprir a CF88 que os problemas da realidade educacional brasileira seriam resolvidos, tratava-se de um problema de “vontade política”. Apesar de ser apresentado ainda hoje como um projeto de educação a ser almejado, é importante demarcar que o PNE da sociedade brasileira traz o programa do PT antes de alcançar a Presidência da República. Ainda que seja mais avançado do que o programa efetivamente posto em prática, tal programa reformista assentava-se na defesa da coexistência entre o sistema público e o sistema privado, desde que fosse garantido um “padrão unitário de qualidade” entre as instituições públicas e privadas. Assim, propõe um Sistema Nacional de Educação que integre as redes federal, estaduais e municipais, públicas e privadas e admite as parcerias público-privadas. O programa de reformas defendia 10% do PIB para a Educação e metas como a ampliação do acesso ao ensino superior para 40% dos jovens. Apesar de denunciar o EaD, procurava disciplinar sua aplicação, justificada em alguns casos. Apenas em 2001, FHC aprovou um PNE e mesmo suas limitadas metas de financiamento e acesso não foram cumpridas. Pois apesar de todo o peso dado às entidades na elaboração de um “projeto alternativo” de educação e na proposição das emendas legislativas, os governos são completamente livres para descumprir tais metas, sem nenhuma consequência.

Sob o governo Lula, iniciou-se a gestação de um novo PNE, inclusive com a convocatória da Conferência Nacional de Educação (Conae). Coerente com a submissão do governo ao capital financeiro e às corporações educacionais, o PT inovou em trazer para dentro do plano as metas da coalizão empresarial Todos Pela Educação. Diante disso, enquanto

as direções sindicais e estudantis alinhadas ao governo petista aderiram ao programa do PNE privatista, revestido com o discurso democratizante, outros setores, que se opunham ao governo impulsionaram as lutas contra o REUNI, denunciaram os ataques, porém, opondo ao programa do PT no governo, o programa do PT antes do ingresso no governo, com seu reformismo limitado e impotente. O PNE 2014-2024 foi aprovado no governo Dilma Rousseff e concluirá sem que as limitadas metas de financiamento e acesso sejam efetivamente cumpridas, sem nenhuma consequência para os governantes. Afinal, para a burguesia e seus governos, apenas as metas fiscais são sagradas para que se honre com a dívida pública.

Essa trajetória serve de alerta. É preciso romper com o programa de coexistência entre o ensino público e privado. A existência da rede privada condiciona a destruição da rede pública, sob o imperativo da abertura de novos campos para a valorização do capital. Não há margem para dúvidas de que qualquer plano saído do Governo Lula/Alckmin será subordinado aos interesses do capital. Não se enfrenta essa dura realidade com a ilusão das reformas, mas sim desmascarando que a burguesia, no Brasil, sempre foi e será impotente para resolver as tarefas democráticas do âmbito da educação, como o fim do analfabetismo e acesso universal a todos os níveis de ensino. Não há margem para reformas. Por isso, a unidade das comunidades escolares e universitárias é urgente e fundamental. Porém, não para ser canalizada para o estreito terreno parlamentar de aprovação do PNE, mas sim para definir seus planos de lutas, com atenção não apenas para as bandeiras, mas também para os métodos. A experiência dos Encontros Nacionais de Educação (ENE), por fora das entidades então governistas não serviu, infelizmente para impulsionar as lutas. Os encontros não eram deliberativos, juntavam trabalhadores da educação e estudantes de vários níveis, mas para referendar cartas aprovadas pelas cúpulas. A realização de um novo Encontro Nacional de Educação ou evento equivalente deve se dar por meio da eleição de delegados ligados às assembleias de base, com o mandato de aprovar um verdadeiro plano de lutas.

TR - 71

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que as seções sindicais criem comitês de luta em suas bases, abertos a todas entidades e pessoas que queiram lutar, para organizar a luta direta pela revogação integral do Novo Ensino Médio (NEM), das contrarreformas trabalhista e previdenciária e da Lei da Terceirização.
2. Que o ANDES-SN combata a canalização das lutas para o terreno institucional, defendendo os métodos da ação direta em seus pronunciamentos, articulações e materiais de divulgação.
3. Que o ANDES-SN envide esforços para o chamado de um novo Encontro Nacional de Educação, com delegados eleitos em assembleias de base, deliberativo, com a pauta da aprovação de um plano nacional de lutas da educação.
4. Combater o avanço do EaD com a defesa da expropriação de todas as empresas que exploram o Ensino à Distância.
5. Lutar contra a mercantilização da Educação com a defesa da estatização, sem indenização, da rede privada de ensino e constituição de um sistema único, público, gratuito e sob o controle dos que estudam e trabalham.

6. Que o ANDES-SN defenda a substituição da burocracia universitária pelo governo tripartite (de estudantes, professores e técnico-administrativos) subordinado à Assembleia Geral Universitária, que delibera pelo voto universal.
7. Defender a vinculação da escola com a produção social, unindo a teoria e a prática;
8. Defender que todo jovem possa estudar e trabalhar, com jornada compatível com os estudos e remuneração de acordo com suas necessidades.

TEXTO 72

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s: Alcides Pontes Remijo (Ufg), Alexandre Barba (Aduff), Aline Faé Stocco (Adufvjm), Ana Cristina Albuquerque (Sindiprol/Aduel), Anderson Deo (Adunesp), Atenágoras Oliveira Duarte (Adufpe), Bianca Novaes de Mello (Aduff), Bruno Souza Bechara Maxta (Apubh), , Caio Martins (Adufrj), Camila Leite Oliver (Aduneb), Carla Daniel Sartor (Adunirio), Carlos Augusto Aguilar Júnior (Aduff), César Maranhão (Adufrj), Cláudia Lúcia da Costa (Ufcat), Cleusa Santos (Adufrj), David Albuquerque de Menezes (Sinduece), Douglas Ribeiro Barboza (Aduff), Eduardo Serra (Adufrj), Elza Peixoto (Apub- Ufba), Fabio Bezerra (Sindcefet-Mg), Fernanda Scholnick (Asduerj), Fernando Leitão Rocha Junior (Adufvjm), Fernando Medeiros (Adufal), Fernando Santos (Ufj), Filipe Boechat (Adufrj), Gustavo Miranda (Aprofurg), Hilbeth Parente Azikri de Deus (Sindutf-Pr), Isabella Vitória Castilho Pimentel Pedroso (Aduff), Ivna Nunes (Adufmat), Janaynna de Moura Ferraz (Adurn), Jaqueline Botelho (Aduff), , João Paulo Chaib (Sindcefet), , Juliana Bohnen Guimarães (Aduemg), Juliane Larsen (Sesunila), Júlio César Pereira Monerat (Apes), Kate Lane Costa de Paiva (Aduff), Katia Melo (Adufal), Kathiúça Bertollo (Adufop), Leandro Cristino Pereira (Sindcefet), Leandro Rocha (Aduveg), Leonardo Santos (Adufnt), Leonardo Segura Moraes (Adufu), Leonardo Silva Andrada (Apes), Leônidas de Santana Marques (Adufal), Lucas Gama Lima (Adufal), Manoel Estêvão Cavalcante da Cunha (Adufac), Marcelo “Russo” Ferreira (Adufpa), Marcelo Hungaro (Adunb), Márcia Lemos (Adusb), Marcos Botelho (Adufrj), Maria de Fátima Almeida (Asduerj), Matheus Kuchenbecker (Adufvjm), Mauricio Silva (Sesduft), Mauro Iasi (Adufrj), Michael Melo Bocádio (Sinduece), Milton Pinheiro (Aduneb), Moisés Lobão (Adufac), Osvaldo Maciel (Adufal), Otávio Cabral (Adufal), Pablo Lima (Apubh), Paulo Roberto Felix dos Santos (Adufs), Rafael Vieira Teixeira (Adufes), Raquel Brito (Adufnt), Raquel de Azevedo (Adufu), Renato Domingues Fialho Martins (Adcefet-RJ), Roberto Silva de Oliveira (Adusb), Robson Pereira Calça (Aduff), Rodolfo Sanches (Sindiprol/Aduel), Rodrigo Bichoff (Sindiprol/Aduel), Rodrigo Castelo (Adunirio), Roger Domenech Colacios (Sesduem), Rogério Giuliano Gimenez (Sesunila), Rogério Massarotto (Sesduem), Rosalve Lucas Marcelino (Adusb), Rubens Ragone (Apesjf), Saulo Henrique Souza Silva (Adufs), Sócrates Oliveira Menezes (Adusb), Sofia Manzano (Adusb), Solange Struwka (Adunir-Ssind), Thais Godoi Souza (Sesduem), Tarcila Mantovan Atolini (Adufvjm), Thiago Fanelli Ferraiol (Sesduem), Túlio Lopes (Aduemg), Victor Neves de Souza (Adufes), Vinicius Correia Santos (Adusb), Walcyr de Oliveira Barros (Adufrj), Wellington Augusto Silva (Adur-Rj) e Wladimir Nunes Pinheiro (Adufpb).

AMPLIAR E FORTALECER A CONEDEP, E CONSTRUIR E ENRAIZAR O IV ENE NA PERSPECTIVA DA REORGANIZAÇÃO DA CLASSE E DA UNIVERSIDADE POPULAR

A única luta que se perde é aquela que se abandona.

Carlos Marighella (1911 - 1969)

TEXTO DE APOIO

O I ENE (Encontro Nacional de Educação) aconteceu no ano de 2014, no Rio de Janeiro, e o II ENE no ano de 2016, na cidade de Brasília. Esses eventos foram desdobramentos das lutas dos movimentos sociais e sindicais do campo da educação pela destinação de

10% do PIB para a educação pública, já!, que promoveram um plebiscito no ano de 2011 e protagonizaram as lutas pelo novo PNE.

O ponto de partida para as lutas pelo novo PNE foi o *Plano Nacional de Educação – Proposta da Sociedade Brasileira* do ano de 1997, que indicou metas para a universalização do direito de todos à educação com um investimento público da ordem de 10% do PIB nacional. Porém, no ano de 2001, o Congresso Nacional aprovou o PNE, destinando 7% do PIB, que, mesmo rebaixado em relação ao investimento indicado anteriormente, foi vetado pelo governo de Fernando Henrique Cardoso. O veto foi também mantido pelo governo posterior, de Lula da Silva. Esse processo inaugurou um novo ciclo de lutas pelo novo PNE, que foi finalmente aprovado em 2014 pelo Congresso e sancionado pelo governo da presidente Dilma, que estabeleceu como meta a ser alcançada, em 2024, os 10% do PIB para a educação, ainda que com uma orientação privatizadora, já que o financiamento não é destinado exclusivamente para a educação pública, além de estar atrelado aos *royalties* do petróleo.

O II ENE foi realizado entre os dias 16 a 18 de junho em Brasília-DF, precedido de 20 etapas estaduais preparatórias e diversas outras etapas locais ou municipais. Organizado pelo *Comitê Nacional em Defesa dos 10% do PIB para a Educação Pública Já!*, o II ENE teve a participação de aproximadamente 2 mil pessoas que acompanharam a programação e as atividades na Universidade de Brasília (UnB).

Uma das deliberações do II ENE foi a transformação do Comitê Nacional em Coordenação Nacional de Entidades em Defesa da Educação Pública e Gratuita (CONEDEP) com a função de organizar as atividades do próximo período relativas à construção do Projeto Classista e Democrático de Educação, bem como encaminhar um calendário de ações unificadas nacionalmente em defesa da educação pública e gratuita.

Vale lembrar que o II ENE prestou uma homenagem ao Professor Márcio Antônio de Oliveira, militante do ANDES-SN, falecido no dia 13 de maio de 2016, importante referência na luta em defesa da educação pública e dos direitos dos trabalhadores. A ele foi dedicado o II ENE.

O III ENE, convocado e organizado pela CONEDEP, aconteceu nos dias 12, 13 e 14 de abril de 2019 na UnB. Mesmo com todas as dificuldades de organização, mobilização e formulação política que se evidenciaram ao longo do processo de preparação e durante a realização do encontro, foi um evento importante na perspectiva de conservar o legado de lutas pela educação pública e popular, avançar na formulação de um projeto democrático e classista de educação em tempos de hegemonia neoliberal e conservadorismo moral, e de reorganização da classe trabalhadora. Sem dúvida, a CONEDEP tem ainda um longo caminho a percorrer para se afirmar como alternativa para o conjunto das entidades ligadas às lutas pela educação pública e gratuita.

Com base a avaliação desse evento, o 39º Congresso do ANDES-SN aprovou “*Discutir na CONEDEP a necessidade de mudanças no ENE, especialmente nas seguintes dimensões: (a) metodologia do evento; (b) articulação entre etapas preparatórias e encontro nacional; (c) critérios de participação nas etapas preparatórias e na etapa nacional; e (d) ampliação e fortalecimento da CONEDEP, inclusive convidando as entidades que constroem o FNPE*”.

Ainda nesse Congresso, a categoria definiu outras deliberações que apontavam a continuidade dos esforços do ANDES-SN para a rearticulação da CONEDEP e construção do IV ENE, tais como:

3. Envidar esforços de construção de espaços de unidade na ação, em especial: Frente Nacional Escola Sem Mordada, **Coordenação Nacional das Entidades em Defesa da Educação Pública e Gratuita (CONEDEP)**, CSP-Conlutas, Fórum Sindical, Popular e de Juventudes de luta pelos direitos e pelas liberdades democráticas e setor de entidades nacionais da educação.

4. Discutir na **CONEDEP** a necessidade de mudanças no **ENE**, especialmente nas seguintes dimensões: (a) metodologia do evento; (b) articulação entre etapas preparatórias e encontro nacional; (c) critérios de participação nas etapas preparatórias e na etapa nacional; e (d) ampliação e fortalecimento da **CONEDEP**, inclusive convidando as entidades que constroem o FNPE.

8. Envidar esforços para que a **CONEDEP** defina o Tema Central do **IV ENE**, e elabore um Texto Base contendo os objetivos, os eixos com suas concepções teóricas e políticas, a metodologia, a dinâmica, a forma de participação, a proposta de data de realização do **IV ENE**.

9. Fortalecer as lutas unitárias em defesa da educação pública em todos os estados incentivando as Seções Sindicais a participarem ou impulsionar a criação das Coordenações Estaduais em Defesa da Educação Pública e Gratuita (**COEDEPE**) ou similares articuladas à **CONEDEP** e ao processo de construção do **IV ENE**.

11. Produzir um número da Revista Universidade e Sociedade, para o segundo semestre de 2020, sobre Políticas Educacionais, incluindo artigos sobre: Future-se, escolas cívico militares, ensino domiciliar, BNC da formação de professore(a)s, políticas educacionais de inclusão, papel do **ENE** na defesa da educação pública, gratuita e laica, e da educação inclusiva

Compreendemos que, naquele momento, a categoria mesmo identificando os desafios postos na rearticulação da **CONEDEP** e da construção do **IV ENE**, entendia tais espaços e processo como centrais para ação política do **ANDES-SN** no que tange à luta por uma educação na perspectiva da classe trabalhadora. Isso também pode ser percebido no apontamento da resolução que indicava o estímulo à criação das Coordenações Estaduais em Defesa da Educação Pública e Gratuita (**COEDEPE**), como forma de enraizar esse processo nas bases do sindicato.

Sabemos que a pandemia não possibilitou que essas e muitas outras tarefas do nosso sindicato fossem completadas diante das dificuldades de manutenção de uma dinâmica perene das reuniões da **CONEDEP** e a impossibilidade de construção de espaços e encontros presenciais, marcos históricos das construções dos encontros nacionais de educação e suas etapas locais e regionais.

Já na retomada dos eventos presenciais do **ANDES-SN**, nossa categoria permaneceu apontando a **CONEDEP** e a construção do **ENE** como caminhos para enfrentarmos os novos e velhos desafios da educação brasileira. No 40º Congresso, em Porto Alegre (março de 2022), primeiro evento nacional presencial pós-pandemia, o tema não aparece, pois não houve tempo para o debate das resoluções referentes à política educacional do nosso sindicato naquele evento.

Entretanto, na sequência, em todos os eventos deliberativos do nosso sindicato, a categoria reafirmou a necessidade de dar continuidade à rearticulação de um espaço e processos que fortaleçam a perspectiva classista de educação, através da **CONEDEP**, das **COEDEPES** e do **ENE**.

No 65º **CONAD**, em julho de 2022, deliberou-se por

"Propor à Coordenação Nacional das Entidades em Defesa da Educação Pública e Gratuita (**CONEDep**) um calendário de debates e seminários para analisar e denunciar os aspectos nocivos da plataformização da educação e seu correlato fundamental, o ensino híbrido, o uso de plataformas digitais privadas, a ampliação do ensino híbrido, ensino remoto, uso de softwares privados, que abrem às "big techs" o "mercado" da Educação Pública e ferem a autonomia universitária e liberdade de cátedra."

Já no 41º Congresso, em fevereiro de 2023, os delegados de base apontaram a necessidade de se

"Rearticular a Coordenação Nacional das Entidades em Defesa da Educação Pública (**CONEDep**) e os fóruns, comissões e coordenações estaduais, com vistas à realização dos encontros preparatórios regionais para concretizar o **IV Encontro Nacional de Educação**".

Por fim, no último evento deliberativo de nosso sindicato, o 66º Conad, realizado em julho de 2023, já sob condução da atual diretoria do ANDES-SN, foram aprovadas as seguintes resoluções:

12. Rearticular a **CONEDep** para a realização, no segundo semestre de 2023, de reuniões visando a definição do Tema Central do **IV ENE**.

13. Fortalecer as lutas unitárias em defesa da educação pública em todos os estados, incentivando as seções sindicais a participar ou impulsionar a criação de Coordenações Estaduais em Defesa da Educação Pública Gratuita (**COEDep**) ou similares articuladas à **CONEDep** e ao processo de construção do **IV ENE**.

Já se passaram 10 anos deste último PNE e 2024 é o ano da aprovação do novo PNE para a próxima década, para o qual foram mobilizadas conferências municipais e estaduais da CONAE, além, é claro, da sua etapa nacional, ocorrida em Brasília entre os dias 28 e 30 de janeiro, com o tema do "*Plano Nacional de Educação 2024-2034: Política de Estado para garantia da educação como direito humano com justiça social e desenvolvimento socioambiental sustentável*".

A etapa nacional da CONAE aprovou o texto-base para a elaboração do novo PNE, indicando, inclusive, a necessidade de revogação do Novo Ensino Médio, a revogação da Base Nacional Comum Curricular e da BNC Formação, além de reiterar a bandeira do investimento de 10% do PIB em educação. Temos plena consciência dos limites de um espaço como a CONAE, construído a partir de uma iniciativa governamental, e operando, em grande medida, sem incômodos ao governo de coalizão Lula-Alckmin. É especialmente notável a timidez das propostas de construção de um PNE que, de maneira alguma, nos coloca em condições de avançar na direção de uma educação pública realmente popular e que esteja livre das amarras privatistas impostas por essa coalizão burguesa, que hoje é quem escolhe a música nas políticas do MEC. Cabe lembrar que a proposta aprovada pela CONAE deve ser ainda piorada pelo Congresso Nacional que historicamente tem representado os interesses da burguesia e que nesse momento possui a somatória das pautas reacionárias articuladas pela extrema direita. Não haverá efetivação das conquistas apresentadas pelas bandeiras classistas levantadas na CONAE sem muita luta organizada da classe nessa direção.

Entendemos que, diante de novos elementos da conjuntura nacional e da necessidade de intensificar este ciclo de lutas em defesa da educação pública, a **CONEDep** precisa se reorganizar para incorporar novas entidades com grande poder de mobilização popular, sem descaracterizar seus fundamentos, referenciados no *Plano nacional de educação* -

Proposta de sociedade brasileira, nem seus objetivos de construir um projeto democrática e classista de educação.

Além da continuidade dos esforços do ANDES-SN para novas reuniões em âmbito nacional, é necessário que, desde já, as seções sindicais e secretarias regionais sejam estimuladas a ampliar os diálogos com as demais entidades e movimentos da educação nos estados e municípios. Como parte desse processo, poderíamos pensar numa plenária que envolvesse entidades nacionais, estaduais e locais para animar essa retomada das lutas da educação. Já temos boas experiências com as lutas contra o NEM e podemos trazer outros movimentos e pautas que têm surgido.

O ENE, enquanto espaço classista e de construção de unidade na luta do setor da educação, tem potencial de ser um dos caminhos da nossa classe que contribua na construção de um Encontro Nacional da Classe Trabalhadora (Enclat) como parte da sua reorganização unitária e classista.

Finalmente, entendemos que seria muito importante enriquecer o debate programático da educação pública, gratuita, laica, de qualidade, com uma elaboração sobre a educação e a universidade popular. Trata-se de um debate aparentemente novo, mas que constitui pauta histórica da luta pela educação, em especial na América Latina, na perspectiva da democratização do acesso e permanência aos estudos universitários para a juventude trabalhadora. E que assume, hoje, outras bandeiras centrais à luta de classes, como a defesa das políticas de cotas sociais e raciais tanto para discentes como para docentes na graduação e na pós-graduação, de mudanças nos currículos para integrar o debate sobre as lutas contra as opressões (de gênero, étnico-raciais, LGBT-fóbicas, e capacitistas), além das lutas anti-colonialistas e anti-imperialistas, no sentido de construção de uma nova direção ético-política para a educação, ancorada nos interesses históricos dos povos e dos/as trabalhadores/as.

(...)

O ódio será substituído por amor,

Solidariedade de classe e união.

Nas escolas teremos mais arte,

Enquanto se reduz a avaliação,

A estética, do currículo fará parte

E os sentimentos vistos com valor.(..)

Trecho do cordel de José Alex Soares Santos (Sinduece), Vencer o devaneio com esperança (2022)

“Com a esperança de que possa senti-lo. Porque entre nós comunistas existe a ternura e o encanto, e a persistência de derrotar o capitalismo.”

Em memória do nosso eterno camarada Alex Santos, comunista, professor, poeta, um ser humano sensível, comprometido com a revolução brasileira e com a defesa irrestrita de uma educação e cultura popular para o nosso povo trabalhador.

Alex Santos, presente!

TR - 72

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o ANDES-SN dê continuidade ao processo de reorganização e ampliação da CONEDEP, reforçando a sugestão de convite às entidades sindicais, sociais e estudantis que historicamente têm participado nesta construção e àquelas do campo classista que possam se somar a esse esforço de unidade;
2. Que o ANDES-SN intensifique as ações para fortalecer as lutas unitárias em defesa da educação pública em todos os estados, incentivando as seções sindicais a participar ou impulsionar a criação de Coordenações Estaduais em Defesa da Educação Pública Gratuita (COEDEP), ou similares, articuladas à CONEDEP e ao processo de construção do IV ENE.
3. Que o ANDES-SN indique para a CONEDEP a construção do IV ENE como uma das iniciativas estratégicas para a reorganização da classe trabalhadora e da luta da juventude;
4. Que o ANDES-SN indique, no processo de construção do IV ENE, que se amplie o debate sobre políticas educacionais, incorporando a questão da educação popular e da universidade popular.
5. Que o ANDES-SN proponha no âmbito da CONEDEP um calendário de construção do IV ENE que aponte o segundo semestre de 2024 para as etapas locais e estaduais e o primeiro semestre de 2025 para a etapa nacional.

TEMA IV – QUESTÕES ORGANIZATIVAS E FINANCEIRAS

TEXTO 36

Diretoria do ANDES-SN

ACRÉSCIMO AO TR 36 - HOMOLOGAÇÕES DE CONSTITUIÇÃO DE SEÇÕES SINDICAIS E REINCORPORAÇÃO.

TR – 36

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

3. ALTERAÇÃO REGIMENTAL

3.1 Em consonância com o art. 15 do estatuto do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior e de acordo com a documentação apresentada, o 42º CONGRESSO do ANDES-SN manifesta-se favoravelmente à aprovação das alterações verificadas no Regimento **da Associação dos Docentes da Universidade Federal do Espírito Santo Seção Sindical do Sindicato Nacional das Instituições de Ensino Superior – ADUFES-S.SIND.**

TEXTO 47

Contribuição da Assembleia Geral da Adcefet-rj e das/os sindicalizadas/os Valena Ribeiro Garcia Ramos (Adcefet-rj) e Rômulo de Souza Castro (Adcefet-rj).

SUBSTITUIR O TEXTO 47 PUBLICADO NO CADERNO DE TEXTOS PELA NOVA VERSÃO ENVIADA PELO(A)S PROPONENTES.

PROPOSTA DE FINANCIAMENTO DO NÚCLEO JURÍDICO POPULAR ESPERANÇA GARCIA E BENJAMIM MOTA (NEB) AO ANDES/SN: POR UMA POLÍTICA DE SOLIDARIEDADE DE CLASSE.

TEXTO DE APOIO

1) Proponente da Proposta: Quem somos?

O Núcleo Jurídico Popular Esperança Garcia e Benjamim Mota (NEB) é uma organização criada para prestar orientação e assessoria jurídica e política as/os trabalhadoras/es autônomas/os, informais, periféricas/os, pobres, pretas/os e indígenas do estado do Rio de Janeiro. A formação do NEB foi uma iniciativa do Sindicato Geral Autônomo do Rio de Janeiro, filiado a Federação das Organizações Sindicalistas Revolucionárias do Brasil. (SIGA-RJ/FOB), em parceria com a Associação dos Docentes do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (ADCEFET/RJ), filiada ao Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES/SN), e o Sindicato dos Servidores do Colégio Pedro II (SINDSCOPE), filiado ao Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica (SINASEFE).

O NEB foi fundado em 28 de setembro de 2022 decorrente da experiência de luta de trinta e cinco trabalhadoras terceirizadas da limpeza do CEFET/RJ. No meio deste mesmo ano, após licitação para escolha de nova prestadora de serviços de limpeza, as trabalhadoras terceirizadas, em sua maioria mulheres pretas periféricas, empobrecidas e com baixa escolaridade, foram demitidas sem o pagamento das verbas rescisórias. Diante disto, começaram a se organizar politicamente para reverter a situação, com o apoio do Sindicato Geral Autônomo (SIGA-RJ) e da ADCEFET-RJ que estruturam um auxílio jurídico com a contratação de advogados.

Desta iniciativa que o NEB foi idealizado e hoje completa um ano de existência atuando em vários casos. Fora a garantia do pagamento das multas rescisórias das demitidas do CEFET/RJ, destacamos, dentre os casos, o da trabalhadora de aplicativo Adelline Costa Toledo, de 34 anos, vítima de agressão por um cliente durante a entrega em um pedido na Tijuca, na Zona Norte do Rio, em 14 de fevereiro de 2023. O NEB também iniciou

uma campanha publicitária nas redes sociais para combater as agressões dirigidas aos trabalhadores de App, bem como a divulgação de uma cartilha com orientações de como proceder nestes casos. As demandas de orientação incluem também os trabalhadores de bares e restaurantes e supermercados, destacando, por exemplo, as informações sobre rescisão de contrato e verbas rescisórias de direito, o saque extraordinário do FGTS e o pagamento de gorjetas para o cálculo dos benefícios trabalhistas. Ademais, vem acompanhando diversas demandas de trabalhadores terceirizados do Colégio Pedro II, como, as dos trabalhadores do setor de manutenção predial acerca do pagamento de periculosidade aos eletricitas; chegou a impetrar ação judicial em favor de uma trabalhadora terceirizada, em contexto de assédio moral; e, por fim, reverteu o mandato de despejo de uma trabalhadora aposentada que atuava como zeladora e morava no colégio, realizando uma audiência de conciliação. Quanto às trabalhadoras demitidas do CEFET/RJ, o núcleo ainda acompanha juridicamente o não pagamento da multa prevista na Consolidação das Leis Trabalhistas decorrente da demora na quitação das verbas rescisórias, além da necessidade de regularizar a declaração RAIS, que acabou por prejudicar o pagamento do abono salarial de parcela dessas trabalhadoras. Na época, fora a garantia da lisura da rescisão trabalhista, conseguiu a reversão da demissão de uma trabalhadora grávida que estava entre as 35 pessoas demitidas.

Além das ações de orientação jurídica, o NEB organiza eventos de formação política sobre assédio moral e sexual e direitos e benefícios trabalhistas, bem como campanhas sobre os mesmos temas nas redes sociais. Mais recentemente, vem estruturando ações tanto de promoção ao associativismo com os movimentos de luta pela moradia, quanto de combate ao racismo e contra o encarceramento em massa do povo preto. Por fim, em um ano de existência, foram realizados diversos atendimentos que relatam uma série de violações aos direitos trabalhistas e o problema do assédio moral, escancarando a precarização do trabalho no âmbito da terceirização.

2) Em que consiste os nossos objetivos e ações?

Nossos objetivos gerais estão estruturados em três frentes de atuação:

- 1) Na garantia dos direitos sociais e trabalhistas e no combate ao assédio moral e sexual no ambiente de trabalho;
- 2) Na orientação política e jurídica para criação e legalização de associações representativas e cooperativas de consumo, crédito e produção; e

3) Nosso público-alvo:

O nosso público-alvo é a classe trabalhadora mais precarizada que apresenta um recorte de raça e gênero, sendo composta basicamente por trabalhadoras pobres, pretas e “mestiças”, indígenas e periféricas. Quanto às ocupações, na maioria das vezes, são trabalhadoras/es terceirizadas/os dos setores de limpeza, manutenção, vigilância, administrativo e bandeirão das redes de ensino privada e pública ou de outros órgãos públicos. Também trabalhadoras/es informais e autônomas/os, como entregadores de aplicativos, camelôs, ambulantes, ou ainda, trabalhadoras/es do setor do comércio (lojas, mercados, bares, restaurantes).

4) Por que se justifica a existência de um núcleo de assessoria jurídica popular como o Núcleo Esperança Garcia e Benjamin Motta?

A crise de acumulação do capital no final dos anos 1970 e o aumento global do salário, decorrentes das lutas sindicais por melhores condições de trabalho e das políticas de bem-estar social, vistas como antídoto para as formas disruptivas dos conflitos de classe, levaram a reestruturação produtiva do modo de produção capitalista e a remodelação do Estado a partir de uma agenda neoliberal. As políticas de desmonte dos direitos sociais e da rede estatal de proteção social, associada à retirada e a flexibilização das relações de trabalho, produziram consequências importantes para o mundo do trabalho. Neste sentido, destacam-se o desemprego estrutural, a automação e informatização de processos produtivos acompanhada da extinção de um conjunto maior de ocupações, a fragmentação da classe trabalhadora, hoje dividida entre uma massa de trabalhadores precários, temporários ou informais, e uma pequena parcela de trabalhadores com altos salários e qualificação, dentre outros efeitos nefastos. Contexto este que expõe inúmeros desafios cotidianos para garantir a sobrevivência que vão do enfrentamento tanto da pobreza quanto do desemprego estrutural que tornam os empregos cada vez mais escassos e as relações de trabalho mais flexível, até as dificuldades organizativas da luta pela garantia dos direitos.

Assim sendo, aumentam os trabalhos por conta própria ou informais, como também as formas mais precarizadas que podem ser exemplificadas a partir das terceirizações, da informalidade, ou mesmo do mascaramento dos vínculos de trabalho através da imposição da contratação de trabalhadores como microempreendedores individuais (MEI). De acordo com o IBGE/PNAD, no Brasil a informalidade atingiu em 2022 um recorde em números absolutos de 38,8 milhões de trabalhadores. Ao passo que, a média anual de trabalhadores sem carteira de trabalho assinada foi de 12,9 milhões. Considerando que a população ocupada, neste ano, correspondia a 98 milhões de pessoas, pode-se concluir que quase a metade dos trabalhadores brasileiros estão em situação de trabalho sem vínculos formais, excluídos das redes estatais de proteção social e do trabalhador. Somados ao fato de que, geralmente, não estão representados em organizações de classe que possam encaminhar suas demandas trabalhistas. Tudo isto indica um quadro de precarização das condições e relações de trabalho cada vez maior. Mesmo os trabalhadores precários que possuem vínculos de trabalho estão diante de situações de desrespeito dos direitos trabalhistas e benefícios, sem contar com as formas de violação dos seus direitos políticos, através de práticas antissindicais e da sujeição às formas de assédios morais e sexuais, constantes no ambiente de trabalho, e praticadas por gestores diretos e patrões.

Somados a tudo isto, a pandemia agravou tais consequências para as classes trabalhadoras, aumentando ainda mais o desemprego e o trabalho precário e informal, como também avançando na retirada de direitos trabalhistas e no rebaixamento dos salários. Fora o aumento da pobreza e da insegurança alimentar. As/os trabalhadoras/as precarizadas, alvo das ações do NEB, foram os mais atingidos pela pandemia da COVID-19, tanto em termos de mortes diretas, quanto de perda de trabalho e renda, sendo submetidos a piora nas condições de vida. Ainda que, proporcionalmente, menos engajados em atividades associativas e políticas, as primeiras paralisações e greves durante e pós-pandemia foram promovidas por aquela fração da classe trabalhadora, tornando este contexto importante para a realização de ações que venham a instrumentalizar as lutas sociais e fomentar o associativismo.

Reforçando, neste sentido, a importância do NEB como instrumento político para o enfrentamento das consequências ocasionadas pelas transformações atuais no mundo do trabalho, na medida que pode ser capaz de promover a organização e luta da classe

trabalhadora, hoje tão heterogênea e desigual nas condições de trabalho e salariais. Mas também, fragmentada por conta de vínculos sociais e de confiança mais fluidos e transitórios que impactam nas possibilidades de organizações e resistências coletivas, provocando uma crise no sindicalismo, que até agora não apresentou saídas organizativas efetivas para lidar com essas novas relações do mundo do trabalho, enfrentando suas formas de exploração.

Por fim, a luta por melhores condições de vida e de trabalho estão articuladas com o racismo estrutural e o patriarcado, que impõem práticas de Estado e formas de opressão, exclusão e genocídio, presentes na sociedade brasileira. Não há como pensar ações, tais como aquelas que são propostas pelo NEB, sem considerar que uma maioria da classe trabalhadora se encontra submetida às piores condições de vida e trabalho no Brasil, e que nunca estiveram de fato em contextos laborativos estáveis e inclusivos. Principalmente, para os homens e mulheres pretas e indígenas. Além disso, mesmo os setores mais estabilizados vêm passando por processos de flexibilização das relações de trabalho, precarização e intensificação do trabalho e, como consequência, perdendo direitos trabalhistas, o que demanda respostas e saída dos sindicalismos.

5) Como o NEB desenvolve as suas ações?

O NEB estrutura suas ações a partir: a) **uma política de orientação jurídica** realizando plantões de atendimento e promoção de ações judiciais ou extrajudiciais; b) **uma política de formação e organização coletiva** através da promoção de eventos e de rodas de conversas com movimentos sociais e em espaços laborativos; c) **uma política de comunicação** que se realiza por meio da promoção de campanhas publicitárias em seus canais de comunicação; d) **uma política de pesquisa social**, desenvolvendo levantamentos sobre as transformações atuais no mundo do trabalho e acerca do encarceramento em massa, sistema prisional e violações dos direitos humanos.

6) Resultados Esperados para 2024

Indicamos, em nosso planejamento, alcançar os resultados abaixo:

- 1) Ampliar o atendimento jurídico no campo do direito trabalhista e de promoção dos direitos humanos e justiça criminal.
- 2) Divulgar e ampliar os canais de comunicação do NEB, bem como a capacidade de produção e veiculação de cartilhas e materiais audiovisuais sobre direitos trabalhistas, combate ao assédio moral e sexual, associativismo e cooperativismo e outros.
- 3) Contribuir para a formação de associações representativas e cooperativas de consumo, crédito e produção, de acordo com as demandas sinalizadas pelas trabalhadoras próximas aos sindicatos que coordenam o NEB ou pelos movimentos sociais parceiros.
- 4) Aprimorar as pesquisas sobre as transformações atuais no mundo do trabalho e classe trabalhadora hoje, bem como iniciar os levantamentos sobre o encarceramento em massa, sistema prisional e violações dos direitos humanos, em articulação com universidades, instituições de pesquisas e pesquisadores destes campos temático, assim subsidiar e estruturar melhor nossas ações.
- 5) Ampliar nossas articulações com os setores mais precarizados da classe trabalhadora, das entidades e organizações sindicais e movimentos sociais.

7) Nossa equipe:

1) **Coordenação:** Rômulo de S. Castro (Sociólogo, ADCEFET/RJ, SIGA/FOB e Campos - Centro de assessoria aos movimentos sociais e sindicais - Campos), Selmo N. da Silva (sociólogo, SINDSCOPE e SIGA/FOB); Valena R.G. Ramos (Antropóloga, ADCEFET/RJ e Campos - Centro de assessoria aos movimentos sociais e sindicais); Ítalo P. Aguiar (Advogado do sindicato estadual dos profissionais da Educação do Estado do RJ - SEPE e Conselheiro Estadual da OAB/RJ (triênios 2019/2021 e 2022/2024) e foi nomeado Secretário-geral da Comissão de Direitos Humanos e Assistência Judiciária da entidade; Hugo G. Ottati de Menezes (Advogado do sindicato estadual dos profissionais da Educação do Estado do RJ – SEPE).

2) **Jurídico:** plantões e acompanhamento jurídico desenvolvido pelos advogados coordenadores.

3) **Divulgação:** produção audiovisual desenvolvida por Caio L. Amorim, jornalista da ADCEFET/RJ.

4) **Articulação social:** formação de rede e articulações políticas. Arlete I. dos Santos, Antropóloga; Marcello de M. Coutinho, Sociólogo; Lucas Gomes (entregador, estudante e integrante da Ocupação João Cândido)

5) **Pesquisa social:** levantamento socioeconômico e cultural desenvolvido pelos cientistas sociais do NEB com apoio de dois bolsistas de Iniciação científica do CP2 e um de extensão ensino médio do CEFET/RJ e um voluntário: Rayssa Miranda, Lorena Nascimento, Giovanna de Oliveira e Leonardo Galardo.

TR – 47

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1 - Apoiar financeiramente as ações de orientação política e jurídica do Núcleo Jurídico Popular Esperança Garcia e Benjamim Mota (NEB), atualmente coordenado pelos sindicatos ADCEFET/RJ, SINDSCOPE e SIGA/FOB, e que foi fundado em 2022 para atuar na defesa dos direitos trabalhistas das (os) trabalhadoras (es) terceirizadas (os) que atuam nas instituições estaduais e federais de ensino e contra as práticas de assédio sexual e moral, com a quantia mensal de três mil reais (R\$ 3.000,00) por mês, totalizando um valor de trinta e seis mil anual, a ser destinada ao pagamento dos honorários dos advogados e pessoal de apoio, visando ampliar as ações de atendimento, os canais de divulgação e a elaboração de cartilhas e campanhas sobre os direitos trabalhistas e o assédio sexual e moral.

CONTINUIDADE DA PARCERIA COM A EDITORA EXPRESSÃO POPULAR

TEXTO DE APOIO

Em 2020, durante o 39º Congresso do ANDES-SN, como parte de um conjunto de ações voltadas para a comemoração dos 40 anos de existência do ANDES-SN, decidimos criar um convênio com a Editora Expressão Popular para publicar livros que discutissem questões de educação, universidade, feminismo, sindicalismo, racismo, economia política e outros temas importantes para a formação política de nossa categoria, assim como a publicação de documentos históricos como as cartas produzidas durante os Congressos e Conad.

A escolha da Expressão Popular resultou das preocupações editoriais da casa, a disposição com publicações do campo crítico e o alinhamento com perspectivas comuns às defendidas historicamente pelo nosso Sindicato Nacional.

A parceria foi muito importante e contribuiu para a publicação dos seguintes livros:

- Karl Marx e Friedrich Engels – História, natureza, trabalho e educação
- Karl Marx e Friedrich Engels – Cartas sobre o Capital
- Florestan Fernandes – Universidade Brasileira: reforma ou revolução?
- Florestan Fernandes – Movimento Socialista e partidos políticos
- Florestan Fernandes – O desafio educacional
- Leandro Konder – A questão da ideologia
- Claudio Katz – A teoria da dependência 50 anos depois
- Clóvis Moura – Quilombos: Resistência ao escravismo
- Maria Yedda Linhares e Francisco Carlos Teixeira da Silva – Terra Prometida: Uma história da questão agrária no Brasil
- Shirley Langer – A revolução de Anita
- Rachel Holmes – Elanor Marx: uma vida
- Ben Fine e Alfredo Saad Filho – Dicionário de Economia Política
- Theotonio dos Santos – Evolução Histórica do Brasil: Da Colônia à crise da “Nova República”

O balanço quanto à publicação destes livros ensejou, inclusive, que diversas Seções Sindicais também encampassem convênios de natureza assemelhada, para publicação pontual de livros ou mesmo para a contínua parceria com vistas editoriais.

Considerando a enorme difusão dos livros de grande relevância para o pensamento crítico e ação transformadora, e a contribuição da parceria com a Editora Expressão Popular para a formação política de diversos(as) ativistas por todo o país, a diretoria do ANDES-SN propõe a continuidade da parceria.

TR – 73

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o ANDES-SN, dê continuidade ao convênio com a Editora Expressão Popular, e publique 12 livros de clássicos que discutiram as questões de educação, universidade feminismo, racismo e antirracismo, sindicalismo e economia política com tiragem de 500 exemplares de cada edição.



Diretoria do ANDES-SN

DOAÇÃO EM FAVOR DO SINDICATO ESTADUAL DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO (SEPE-RJ)

TEXTO DE APOIO

A Diretoria do Andes-SN manifesta seu total apoio e solidariedade ao Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio de Janeiro (SEPE-RJ) diante do recente ataque ao seu direito constitucional de realizar greves em defesa da valorização da carreira e melhores condições de trabalho para os profissionais da educação. No último dia 31 de janeiro a Diretoria do Andes-SN recebeu a solicitação do SEPE-RJ de ajuda financeira emergencial.

Diante da decisão definitiva do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJRJ) que impõe ao SEPE-RJ o pagamento, até o dia 15 de fevereiro de 2024, de uma multa de mais de R\$ 800 mil pela greve ocorrida em 2016, que durou 80 dias, uma greve defensiva pelo cumprimento do Piso Salarial Profissional Nacional e pelo descongelamento do Plano de Cargos e Salários (Lei 1614/90) uma conquista histórica da categoria que foi a principal bandeira de luta dos profissionais da educação do estado do Rio de Janeiro desde a década de 1980.

Esta decisão além de um ataque frontal à categoria, expressa o cerceamento do legítimo direito de greve da categoria. Acreditamos que a atuação do TJRJ é mais um exemplo de tentativa de repressão ao exercício do direito constitucional dos trabalhadores.

Em virtude dessa situação emergencial e em solidariedade a(o)s companheiro(a)s do SEPE-RJ, no dia 9 de fevereiro de 2024, a Diretoria do Andes-SN, deliberou em *ad referendum* do 42º Congresso, uma doação no valor de 30 mil reais ao SEPE-RJ, considerando o prazo de 15 dias para o pagamento da multa (até 15/02/2024), para evitar as sanções jurídicas, como por exemplo, bloqueio das contas do(a)s dirigentes do sindicato. Entendemos que este gesto é fundamental para auxiliar o sindicato a enfrentar os desafios financeiros decorrentes da penalização imposta pelo TJRJ.

Reafirmamos o compromisso do Andes-SN em defender os direitos do(a) s trabalhadores da educação e repudiamos veementemente qualquer ação que busque minar a luta legítima por melhores condições de trabalho e valorização das carreiras dos profissionais da educação do Rio de Janeiro. Acreditamos na importância da união e solidariedade entre os sindicatos para resistir aos ataques constantes aos direitos dos trabalhadores e da extrema direita.

A Diretoria do Andes-SN permanece vigilante e em prontidão para tomar as medidas necessárias em defesa dos princípios democráticos e dos direitos fundamentais do(a)s trabalhadore(a)s.

TR - 74

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o ANDES-SN e suas seções sindicais realizem ações de solidariedade ao SEPE-RJ em sua luta contra a criminalização do direito de lutar;
2. Dentre as ações de solidariedade, que seja aprovada a decisão, *ad referendum*, de emprestar ou doar R\$ 30.000,00 (trinta mil reais) em favor do SEPE-RJ, com o fim emergencial e em solidariedade aos(às) companheiros(as) do sindicato, no intuito de evitar punições severas aos(às) dirigentes do SEPE-RJ por parte da justiça do Rio de Janeiro.

GRUPOS DE TRABALHO NO ANDES/SN: POR UMA PARTICIPAÇÃO DE FATO DEMOCRÁTICA! LEGITIMAÇÃO DE REUNIÕES E ENCONTROS REMOTOS E HÍBRIDOS, JÁ!

TEXTO DE APOIO

O ANDES/SN, ao longo da sua existência, tem se constituído em um espaço de luta pela conquista e manutenção de direitos em torno da categoria docente. Essa luta tem se estendido por outras frentes de resistências que se relacionam direta ou indiretamente com a educação pública, a exemplo do reconhecimento das desigualdades sociais, das mudanças climáticas, da fragmentação da carreira docente e dos riscos da própria existência do serviço público. Para que possamos agir diante dos desafios da contemporaneidade, é preciso conhecimento, reflexão e participação.

Os grupos de trabalho no Andes surgiram com o propósito de partilhar as adversidades dos distintos contextos educacionais; ressignificar os conhecimentos científicos; além de planejar, avaliar e propor caminhos no enfrentamento para conquista da educação pública, gratuita e socialmente referenciada, são eles: GTPE - Política Educacional; GTSSA - Seguridade Social / Assuntos de Aposentadoria; GT Verbas – Verbas; GT Carreira – Carreiras; GTCeT - Ciência e Tecnologia; GTPAUA - Política Agrária, Urbana e Ambiental; GTPFS - Política de Formação Sindical; GTHMD - História do Movimento Docente; GT Fundações – Fundações; GTCA - Comunicação e Arte e GTPCEGDS - Políticas de Classe para as Questões Étnico-raciais, de Gênero e Diversidade Sexual.

Além desses grupos, outros têm sido criados internamente nas IFES, visando atender suas demandas internas, a curto, médio e longo prazo, assim como compartilhar com outras Associações docentes (ADs) as experiências que podem ser comuns, já que a luta se faz com diálogo, estratégias, enfrentamento, resiliência e união.

Um forte aliado a favor do Andes/SN são as novas tecnologias, que, quando bem geridas, podem se transformar em instrumentos de luta contra a extrema direita e os nichos neoliberais. É certo que cada vez mais as Instituições Federais de Educação (IFES) e o mundo têm intensificado a forma de comunicação por via remota e híbrida. Considerando o Brasil, um país continental, é legítimo e urgente que busquemos agilizar as ações, difundir conhecimentos e tomar decisões alinhadas à luta docente. Estas ações fazem parte da estratégia política de qualquer sindicato e o Andes/SN não pode permanecer atrás dos motes corporativos que utilizam intensamente as mídias digitais para tecer seus ataques e dissolver o movimento docente.

Em consulta ao site do Andes/SN, em 2023, as 27 unidades federativas somam mais de 100 ADs em seus territórios. Há, portanto, um grande desafio! Buscar ouvir e dialogar com cada docente sindicalizado (a), considerando suas singularidades, além de atuar junto à Base visando aproximar os (as) docentes ainda não filiados ao sindicato.

Nesse sentido, podemos nos perguntar: Por que muitos dos nossos pares ingressos recentemente no serviço público, ou mesmo os mais antigos, ainda não identificam no

Sindicato um espaço legítimo de luta e diálogo, a fim de exigir do Estado o provimento de um ambiente de trabalho docente digno e com condições para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa, da extensão e da gestão?

As temáticas tratadas pelos Grupos de Trabalho, reuniões e encontros do Andes/SN são diversas e necessárias, portanto, é imprescindível a participação contínua dos sindicalizados (as) ativos (as), aposentados (as) e em situação temporária ou permanente de acompanhamento e cuidado com a família, pois fazem parte da vida cotidiana docente. Todo esse processo de inclusão deve ser considerado, sem prejuízo dos encontros presenciais que guardam sua potência.

O Andes/SN só se consolida como um espaço de luta do movimento docente se houver participação de todes, portanto, urge o reconhecimento legítimo e legal do uso tecnológico a favor do movimento sindical docente, de modo a promover aproximações, coesão e sobretudo, democracia.

TR - 75

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA

1. O ANDES-SN deve consultar às Bases para a formalização do uso efetivo de tecnologias remotas e híbridas para realização de reuniões de Grupos de Trabalho, Reuniões de setor e encontros que proporcionem a inclusão de todes os sindicalizados(as).

TEXTO 76

Contribuição do(a)s sindicalizado(a)s do SindIFsuldeminas: Bruno Ferreira Alves, Camila Guedes Codogno, Cleiton Hipólito Alves, Júlio César da Silva, Lícia Frezza Pisa, Mariana Eliane Teixeira, Rildo Borges Duarte, Rodrigo Cardoso Soares de Araújo, Thomaz Alvisi de Oliveira, Wendell Lopes de Azevedo Braulio.

APOIO ÀS SEÇÕES SINDICAIS COM MENOS DE 50 FILIADOS

TEXTO DE APOIO

Nas últimas duas décadas, o país passou por um expressivo processo de ampliação de cursos de ensino superior. Contribuiu para isso a expansão das universidades federais e a criação dos Institutos Federais que permitiram um grande avanço na oferta de educação de qualidade nas cidades do interior do país. Ainda que esse crescimento do ensino superior federal não tenha ocorrido sem intercorrências e desafios, foi notável a ampliação no número de campi das instituições e, é claro, no número global de alunos que chegaram a este nível de formação acadêmica.

Neste movimento, o ANDES-SN ampliou sua atuação acompanhando o crescimento do número de campi das universidades e institutos federais com o surgimento de novas seções sindicais em nascentes instituições. Se por um lado, a militância sindical no campo da educação superior tem tido a ocasião singular de capilarizar sua atuação para rincões do país onde não se fazia presente até o início deste século, por outro lado, este processo tem sido marcado por grandes dificuldades e a instabilidade de novas seções sindicais que sobrevivem na permanente ameaça de minguaem.

Diante deste cenário, cabe fazermos algumas perguntas. É interessante para o ANDES-SN ampliar seu número de seções sindicais? O sindicato tem prestado o devido apoio a estas novas seções? Quais as maiores dificuldades para as consolidar e como o ANDES-SN pode melhor contribuir para isso?

Respondendo a primeira indagação, causaria espanto se algum militante do sindicato julgasse não ser relevante a interiorização de nosso sindicato. Parece óbvia a importância em ampliar a formação sindical dos docentes das instituições de ensino superior e, com isso, fortalecer politicamente o sindicato. Além disso, importa observar, que a maior capilaridade de nosso sindicato possibilita avançarmos de forma contundente em nossa perspectiva classista, na medida em que o sindicato passa a estabelecer relações com outros movimentos sociais, sindicatos e coletivos que atuam em menores localidades, onde o ANDES-SN não chegava antes deste século.

Partindo, portanto, da premissa da relevância da ampliação das margens de atuação do sindicato para além dos grandes centros urbanos onde ele já se fazia presente, cabe refletir sobre o que temos feito para auxiliar as novas seções sindicais. Toda a seção sindical nascente de nosso sindicato recebe um aporte financeiro na ordem de R\$20.000,00 para que possa iniciar uma estruturação mínima. Há, ainda, a política de apoio às seções sindicais com menos de 200 filiados que, entre outras ações, financiam os custos de transporte de seus representantes em encontros setoriais, CONAD, Congresso etc.

Ainda que as seções sindicais com menos de 200 filiados de fato precisam desse suporte para se fazer presente nas ações deflagradas por nosso sindicato, as demandas de seções com três dígitos no número de filiados são distintas daquelas das seções com apenas algumas dezenas de filiados. As nascentes seções sindicais, com menos de 50 filiados, encontram-se, geralmente, em delicadíssima situação financeira, pois o que arrecadam é insuficiente para manter uma sede, contratar funcionários e custear o básico da militância cotidiana que se espera de uma seção sindical de luta. 20% da arrecadação dessas seções sindicais representa muitas vezes, valor inferior à R\$1.000,00, valor com o qual essas seções sindicais poderiam fazer contratações/aquisições diversas, mas que muitas vezes deixam de fazer para repassar ao ANDES-SN. A soma desses valores, referentes à contribuição de todas as seções sindicais com menos de 50 filiados, é relevante efetivamente para o orçamento do ANDES-SN, o qual dispõe apenas em seu Fundo Único, uma quantia superior a R\$15.000.000,00?

Diante deste cenário, entendendo a importância da interiorização do ANDES-SN no território brasileiro numa perspectiva classista, há muito a se avançar no apoio às seções sindicais com menos de 50 filiados. Este Texto de Resolução aponta alguns caminhos nessa direção.

TR – 76

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Estabelecer uma comissão nacional permanente para acompanhar e apoiar as novas seções sindicais com menos de 50 filiados, fornecendo assessorias jurídica, contábil e de comunicação;
2. Desobrigar as seções sindicais a fazerem quaisquer repasses financeiros ao ANDES-SN enquanto não atingirem número maior do que 50 filiados adimplentes;
3. O ANDES-SN deve arcar com custos de transporte, hospedagem e diárias para que os representantes das seções sindicais com menos de 50 filiados adimplentes possam participar do CONAD, das reuniões setoriais e de Grupos de Trabalho;
4. O ANDES-SN deve arcar com custos de transporte, hospedagem e diárias para que as seções sindicais com menos de 50 filiados adimplentes possam participar dos Congressos Nacionais com até dois delegados (um da diretoria e outro da base) e até dois observadores (um da diretoria e outro da base);
5. As Seções Sindicais com menos de 50 filiados adimplentes serão desobrigadas de participar do rateio dos custos para realização dos Congressos Nacionais do ANDES-SN.

TEXTO 77

Contribuição dos(as) sindicalizados(as) Adriano Severo Figueiró (SEDUFMS); Albany Mendonça (APUR.); Aloízio Soares (ASPUV); Ana Lucia B. Faria (SINDCEFET/MG); Angela M. Soares Ferreira (ASPUV); Angelica Lovatto (ADUNESP); Angelo Antonio Abrantes (ADUNESP); Antônio Cláudio M. Costa (ADUFU); Antônio Luis de Andrade – Tato (ADUNESP); Antônio José Mahye (ADUR-RJ); Célia Otranto (ADUR-RJ); Dayse dos Santos (ADUNESP); Fábila Heluy Caram (SINDCEFET/MG); Fabiane Costas (SEDUFMS); Fábio Ocada (ADUNESP); Francisco Vitória (ADUFPel); Gabriel Muñoz (ADUFU); Igor Morici (SINDCEFET/MG); Janete Luzia Leite (ADUFRJ); José Domingues G. Filho (ADUFMAT); Juliana de Segadas Vianna (ADUR-RJ); Luís Mauro Magalhães (ADUR-RJ); Milton Vieira do Prado Júnior (ADUNESP); Monica Pirozi (ASPUV); Oneize Amoras de Araújo (ADUFS); Rosimê Meguins (ADUFPA); Samuel França Alves (SINDCEFET/MG); Sueli Guadalupe (ADUNESP); Zenilde Moreira (ADUFERPE).

QUESTÕES DA DIRETORIA DO ANDES-SN, ORGANIZAÇÃO SINDICAL E RESPEITO A ESTRUTURA SINDICAL

TEXTO DE APOIO

Desde a sua fundação, o Andes-SN teve várias Diretorias. Era um orgulho dizermos que, à exceção da Diretoria 1998/2000, todas as Diretorias primaram pelo cumprimento do Estatuto do Sindicato; pelo esmero na organização dos Cadernos de Textos de Congressos e Conad; pela interação e respeito às bases do sindicato e suas decisões; pelo companheirismo e apoio às lutas de outros Sindicatos e organizações populares combativos e classistas. Desta forma, as diversas Diretorias foram muito admiradas nas bases. O Sindicato honrava-se por sua autonomia e independência em relação aos partidos políticos, aos Governos e aos Reitores de plantão devido aos seus princípios e valores classistas, entendendo que as nossas lutas não se restringem às nossas pautas específicas,

pois elas vão muito além destas e estão inseridas num contexto maior de combate ao capitalismo.

Na contramão de todo este legado, vivemos um momento em que as quatro últimas (incluindo-se a atual) Diretorias do Andes-SN só recorrem ao Estatuto do Sindicato quando este converge com suas conveniências. Um dos exemplos mais gritantes (e denunciado por nós à época) foi o caso da recondução da antepenúltima para a penúltima Diretoria, quando os trâmites eleitorais previstos em nosso Estatuto foram totalmente ignorados, a fim de que o grupo que hegemoniza politicamente o Andes-SN se mantivesse na direção por mais um ano. A presença da última Presidente do Andes-SN na abertura do Congresso, estando oficialmente licenciada, é outro exemplo.

O que se tem visto nas três últimas gestões – e de maneira mais explícita na atual Diretoria – é não só o desrespeito crescente ao Estatuto, como também a demolição paulatina da nossa estrutura sindical de base, afetando medularmente os princípios de nossa organização sindical. O desprezo desta Diretoria ao sindicalizado tem sido flagrante, notadamente quanto ao tratamento dispensado àqueles que manifestam posições políticas e/ou sindicais divergentes das dela. Artifícios e pressupostos identitários e até a falta de argumentos têm sido usados como forma de exclusão de sindicalizados. Os exemplos são muitos, e aqui elencaremos apenas alguns:

- 1) expulsão de um sindicalizado da ADUFMAT em tempo recorde e em rito sumário.
- 2) imposição de retratação pública de um sindicalizado da APES-JF por este haver solicitado que uma sindicalizada da ADUFF se desculpassem pela fala hostil, desrespeitosa e ofensiva (para sermos elegantes) sobre os mais de 200 sindicalizados que subscreveram um Texto de Conjuntura que continha críticas a Diretoria. Uma manobra inversiva da pior espécie.
- 3) negativa peremptória da Diretoria em enviar a gravação da Plenária de Conjuntura do 40º Congresso a duas Seções Sindicais (Aspuv e Adufra) que a solicitaram, pois esta comprovaria a conduta absolutamente imprópria da sindicalizada da ADUFF e da Diretoria do Andes-SN.
- 4) exclusão do direito de voto de vários sindicalizados via Regionais na última eleição, e permissão para outros em igual situação, mas que levariam votos para a situação.
- 5) tratamento dispensado pela plenária, com apoio da Diretoria, a um sindicalizado da Apur no 41º Congresso, em Rio Branco (Acre) por um discurso que não “agradou”. A Presidente da Mesa (hoje componente do “Grupo dos 11” da Diretoria) condicionou a fala deste sindicalizado em réplica a saber seu conteúdo antecipadamente.
- 6) o impedimento de um ex-Presidente do Sindicato de participar, como convidado, no 40º Congresso do Andes-SN.

Todas estas ocorrências foram por nós denunciadas seguidamente e estão fartamente documentadas.

Outra questão diz respeito à “nova” Metodologia de Trabalho, bem como dos Textos de Conjuntura, dos Textos de Apoio e Textos de Resolução que constam do Cadernos de Textos do 42º Congresso do Andes-SN, nos quais pode-se perceber com clareza a concepção sindical predominante na maioria dos Textos propostos pela Diretoria do Andes-SN.

Senão, vejamos: no primeiro parágrafo da Metodologia de Trabalho (página 15 do Caderno de Texto) está escrito; “O Congresso do ANDES-SN tem como tarefa maior definir posicionamentos políticos estratégicos e aprovar o Plano de Lutas anual do

Sindicato, a partir das discussões e decisões das assembleias gerais dos docentes frente a temas que estão relacionados diretamente ao trabalho docente e suas reivindicações.” Percebe-se aqui que o caráter classista da Diretoria fica apenas na retórica, porque as lutas e a unidade de lutas conjuntas com os demais segmentos de lutas sociais ficam relegadas a um segundo plano.

O ultraje aos delegados e observadores de base também pode ser perceptível quando se trata dos grupos mistos e das plenárias, conforme consta na Metodologia de trabalho (página 15 do Caderno de Texto)

O prazo exíguo para apresentação de textos representa outra afronta às bases do Sindicato, pois somente a Diretoria pode elaborar os seus textos no exíguo prazo estipulado entre a chamada para o Congresso e a data limite para envio de Textos para constar no Caderno, muito distante temporalmente do Congresso. A base organizada precisa de mais tempo para debater temas e propor textos para o Congresso. Numa era da tecnologia avançada, num máximo de 48 horas, com diretores competentes, é possível organizar o Caderno de Textos para o Congresso. O que se pretende com isso não é apenas uma questão de desconsideração às bases, mas uma clara concepção sindical de sindicato de cúpula. Observem que a quantidade de textos com relação às lutas representa 50,0% dos textos que constam do caderno da Diretoria, e apenas 50% são dos sindicalizados (textos de apoio 12, 13, 20, 22, 24, 29, 31 32, 34 e 35 da Diretoria e textos 14, 15, 16, 17, 25, 26, 27, 28, 30 e 33 dos sindicalizados). Os textos propostos pela Diretoria são produto de discussões de GT ou Setor? Destaca-se aqui que há algum tempo havia muitos textos de Diretoria, mas em sua maioria construídos a partir das discussões de representantes da base em GT e em Reuniões dos Setores e a quantidade nunca foi num percentual tão elevado.

Além disso, esta distância temporal entre o limite de envio textos para o Caderno prejudica muito a análise mais detalhada das mudanças conjunturais importantes, a exemplo do que ocorreu no apagar das luzes do ano passado, quando o Governo Lula, temendo uma greve forte dos servidores públicos, alterou a Lei de Greve. Nada justifica a abertura de prazo para encaminhamento de Textos de Apoio e Resolução para um caderno em anexo, mas com a exclusão de novos Textos de Conjuntura.

Há uma confusão sobre o que é ação do Sindicato e plano de lutas. Exemplos: política de formação sindical não é plano de lutas – é ação; organização de eventos não é plano de lutas – é ação. O texto “*Hip Hop e as universidades públicas*” não pode ser considerado plano de lutas. A construção das pautas reivindicatórias das questões específicas da categoria para as Federais e Estaduais é ação do Sindicato, mas não constitui plano de lutas, e sim ação sindical, pois no plano de lutas deve constar apenas lutar pelo avanço das negociações das pautas.

Além disso, os planos de luta devem estar inseridos num contexto maior das contrarreformas, de reversão das privatizações já realizadas e do impedimento de novas privatizações, das políticas econômicas dos atuais governos (federal e estaduais) e daí por diante. Há algum tempo o Sindicato tinha páginas exclusivas nos cadernos de texto dos Congressos para as lutas a serem implementados ou empreendidas no ano após o Congresso.

Para encerrar este texto, mas não o debate das questões aqui levantadas, é importante ressaltar um dos maiores equívocos intencionais da atual Diretoria qual seja, o de se esconder atrás das pautas identitárias para escamotear o debate político.

O Andes-SN, nas suas diretorias classistas pretéritas, em momento algum transigiu na luta contra todas as formas de assédio (moral e sexual), contra o machismo, o sexismo, o racismo, o capacitismo, a LGTBTfobia, o etarismo, o sionismo e qualquer outra forma de discriminação – questões presentes permanentemente em nossos debates, lutas e denúncias. Desta forma, nunca as Diretorias precisaram se esconder atrás das bandeiras dos movimentos organizados para combater e exigir respeito a estas causas (que ele assume como suas) para escamotear o debate político e a falta de clareza do papel de dirigentes que não estão cumprindo o seu mandato sindical com competência.

Assim, de maneira intencionalmente confusa, a Diretoria, conforme consta no item V do Art 7º do Regimento do 42º Congresso, instaura um simulacro da Inquisição com a instalação da Comissão de Enfrentamento ao Assédio. Isto representa uma ameaça não velada à liberdade do livre debate político, posto que, em geral, é utilizado desfigurando-se completamente seu sentido, uma vez que é desprovido de critérios e fundamentos. Talvez a sanha punitivista leve a Diretoria a ignorar (é-nos penoso pensar que professores desconheçam verdadeiramente) no que constitui o *Assédio*. É sobejamente conhecido na literatura especializada e na legislação⁸ – nacional e internacional – que o assédio moral se constitui em condutas abusivas exaradas por meio de palavras, comportamentos, atos, gestos, escritos que podem trazer danos à personalidade, à dignidade ou à integridade física ou psíquica de uma pessoa; e é necessário que a conduta seja *reiterada e prolongada no tempo*, com a *intenção* de desestabilizar emocionalmente a vítima. Episódios isolados podem até caracterizar dano moral, mas não necessariamente configuram assédio moral. Quando utilizado como uma “denúncia vazia”, isto é, sem comprovação alguma e fora dos parâmetros cientificamente estipulados, fica óbvia a intenção de seu uso como intimidação, coação e punição de desafetos.

Este tipo de ação constrange, impede ou inviabiliza a inscrição de muitos militantes para se inserirem no debate ou participarem das discussões. Isto não cabe em Congressos ou instâncias de discussão de nenhum Sindicato sensato e sério. Esta pode ser uma das causas do afastamento das bases das Assembleias de suas Seções Sindicais. Há clamores de professores na base de que os Congressos e Conad do Andes-SN são só para alguns que podem falar nos eventos e que os demais participantes não passam de meros espectadores.

TR - 77

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que se retire o inciso V do Art. 7º existente na proposta de Regimento dos próximos Congressos e Conad.
2. Abrir uma discussão no GT Políticas de Classe para as Questões Étnico-raciais, de Gênero e Diversidade Sexual e no GT Política de Formação Sindical sobre o que é assédio moral com vistas a elaboração de Texto de Resolução no próximo Conad.
3. Nos próximos Congresso, o prazo limite para envio de textos para o Caderno de Textos do Congresso seja no máximo de 30 dias antes da data do início do Congresso.

⁸ Para um conhecimento sério e científico, ver: CASSITO, Maria Grazia *et al.* (2004); HIRIGOYEN, Marie-France (2006); BRASIL, Ministério da Saúde (2009); BARRETO, Margarida Maria Silveira (2011, 2013); FREIRE, Paula Ariane (2011); LEITE, Janete Luzia (2011, 2017); COSTA, Isabelle Cristinne Pinto de *et al.* (2014); Lei nº 3921, de 23 de agosto de 2002; Lei nº 12.250, de 9 de fevereiro de 2006; <https://www.gov.br/cgu/pt-br/centrais-de-conteudo/campanhas/integridade-publica/assedio-moral-e-sexual>,

TEXTO 78

Contribuições dos sindicalizados: Adilson Aquino Silveira Júnior (ADUFEPE), Alessandro Teixeira Nóbrega (ADUERN), Evaristo Colmán Duarte (SINDIPROL/ADUEL), Fernando César Paulino Pereira (ADCAC), Gisele Cardoso Costa (ADUA), Maria das Graças de Araújo (ADUNIR), Raphael Góes Furtado (ADUFES), Soraia de Carvalho (ADUFEPE), Valdir Anhucci (SINDUNESPAR) e Valdeci Luiz Fontoura dos Santos (ADUFMS - Três Lagoas).

O ELEFANTE ESTÁ NA SALA E NÃO PODE SER IGNORADO. É PRECISO MUDAR URGENTEMENTE AS REGRAS DE ELEIÇÃO DA DIRETORIA DO ANDES-SN.

TEXTO DE APOIO

Por diversas vezes e, pelo menos, há mais de uma década, diversos setores da base de nosso sindicato têm apontado a distorção entre a composição da diretoria do Andes-SN e o desejo de sua base. Diretorias eleitas com pouco mais da metade dos votos ficavam com 100% da composição. Grupos minoritários, mas com expressão na base ficavam completamente excluídos. Das entidades nacionais dos SPFs, o Andes é a única a adotar esse critério arcaico e excludente. Mas, nas palavras da burocracia dirigente, isso é uma virtude do Andes. Por causa desse monolitismo, ele seria “a única entidade que funciona”.

Mas, nas últimas eleições, finalmente aconteceu: o bode na sala virou um elefante e por mais que a burocracia tente tergiversar, os números não mentem: a maioria da base queria outra direção do Andes, votou contra a atual diretoria. Seguem os dados:

Número de Eleitore(a)s: 64.914		
Total de Votantes	16.351	25,19% dos eleitores
Votos na Chapa 1	7.058	43,17%
Votos na Chapa 2	2.253	13,78%
Votos na Chapa 3	6.763	41,36%
Votos em Branco	103	0,63%
Votos Nulos	174	1,06%

Fonte: Site do ANDES-SN, atualizado em 19 de maio de 2023, às 14h15

No último Conad tomou posse, portanto, uma diretoria 100% composta por uma chapa rejeitada pela maioria da base.

Essa distorção precisa acabar. E não é a única: a diretoria do Andes, com paquidérmicos 83 membros, tem 72 dos seus cargos nas Secretarias Regionais. Por óbvio, essas secretarias regionais deveriam ser representativas das regionais, mas, como são eleitas nacionalmente, não raro a secretaria regional é ocupada por dirigentes com pouca ou nenhuma representatividade naquela base, enfraquecendo sobremaneira sua intervenção real. Não são raros os casos em que a articulação das ADs da região para campanhas

salariais, greves, etc. se dá totalmente por fora das instâncias das regionais do Andes. Se, ao contrário do processo superestrutural vigente, cada secretaria regional fosse eleita por sua base local, as mesmas seriam muito mais representativas da realidade da base em que estão inseridas e que deveriam ajudar a organizar.

Por fim, as distorções se repetem até na eleição de delegados. Como não há critério estabelecido nacionalmente (e nem localmente), tudo fica a critério do casuísmo do grupo majoritário da ocasião. Muitas vezes o critério é "todos votam em todos", de forma que um grupo que tenha uma única pessoa a mais do que seus concorrentes na assembleia pode simplesmente levar todos os delegados e observadores, repetindo a mesma dinâmica distorcida e antidemocrática da composição da diretoria nacional.

Esses temas são fundamentais. Democracia operária é um princípio sem o qual um sindicato classista não pode funcionar corretamente. Não adianta gritar que "o Andes é pela base" e ser "eleito" contra a vontade da maioria da base... Ou impor secretarias que não representam a base. Ou ainda excluir da participação como delegados de inúmeros militantes, que representam parte importante da base, com critérios tanto política como matematicamente ridículos.

Sabemos que esse tema mexe profundamente com as suscetibilidades da burocracia dirigente do Andes e seus dogmas (mal chamados de "princípios do Andes") e que a mesma tentará (novamente) desqualificar a importância desse debate e excluir sumariamente a discussão, desde os grupos de trabalho. Sabemos que apelarão a frases feitas como "a diretoria é meramente executiva", que servem de recurso retórico, frente a uma audiência já exausta pelas intermináveis e pouco objetivas discussões, quando esse tema surge, já no último dia dos prolixos Congressos do nosso sindicato.

Por isso mesmo, para garantir que se consiga pautar a sério tema tão importante é que propomos uma discussão de mais fôlego, que se (re)inicie a discussão no Congresso de Fortaleza, mas que esse seja um ponto da pauta do próximo Conad, para que a base da categoria tenha a oportunidade de conhecer e se aprofundar nesse debate ao longo do ano, para que no próximo Congresso se delibere, com uma discussão qualificada e não com silenciamentos sumários, sobre tema tão importante.

Apresentamos nossa proposta de mudança estatutária, no entanto, desde já:

1) Substituição do artigo 55, que estabelece que a chapa eleita majoritariamente tomará posse de todos os cargos. Em seu lugar propomos: a diretoria será composta pelas chapas que disputaram a eleição, seguindo o critério de proporcionalidade qualificada e direta na base. A saber, multiplica-se o percentual de votos obtidos por cada chapa (excluídos votos brancos e nulos) pelo número de cargos na direção. A cada chapa cabem, imediatamente os números inteiros de diretores obtiverem com esse processo. Os demais cargos serão distribuídos entre as chapas conforme a magnitude das frações obtidas. A chapa que obtiver a maior fração, ficará com o primeiro cargo sobrando, a que tiver a segunda fração o segundo cargo sobrando e assim sucessivamente, até o fim dos cargos sobrando. Definida a quantidade de cargos a que cada chapa terá direito, segue-se à escolha dos cargos na diretoria pelas chapas. A chapa mais votada escolhe primeiro, seguida pela segunda e assim sucessivamente. As rodadas se seguem e, quando uma chapa encerrar a quantidade de cargos a que tem direito, ficará de fora das rodadas subsequentes.

2) Ainda no artigo 55: As secretarias regionais serão eleitas em chapa separada daquela em que serão eleitos os 13 cargos dos blocos da presidência, tesouraria e secretaria. Para a eleição de cada secretaria regional votarão apenas os associados da base diretamente

ligada à mesma e serão adotados os mesmos critérios de proporcionalidade qualificada e direta na base.

3) Alteração dos artigos 17 e 25, com a inclusão da seguinte cláusula “Nas eleições de delegados e observadores para o Congresso (respectivamente, para o Conad) do Andes, valerá também o critério da proporcionalidade qualificada e direta na base, com chapas inscritas na assembleia de eleição dos mesmos”.

TR - 78

O 42º CONGRESSO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que se garanta um amplo debate nas bases do Sindicato Nacional sobre majoritariedade e proporcionalidade (o que é proporcionalidade qualificada, o que é proporcionalidade direta na base) e como se devem eleger as secretarias regionais e como deve ser a eleição de delegados e observadores para Congressos e Conads.
2. Pautar a discussão sobre mudanças nas regras eleitorais da Diretoria do Andes-SN no 67º Conad, e deliberar no 43º Congresso.